

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	BISCHOFÉ_101.7
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém recortes de jornais, páginas e notas sobre Bispos no Brasil. Total de páginas: 119
Dia/ Mês/Ano	1989-1990
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, entre os anos 1989-1990, sobre os Bispos no Brasil e a comunidade eclesiástica da Igreja Católica.
Palavras-Chave	Igreja; Católica; Arcebispo; Bispo.
Notas explicativas	A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”. Lista das páginas em língua estrangeira: 08 e 80.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



CEDIM – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM

Av. Governador Roberto Silveira S/N - CEP: 26020-740 - Centro - Nova Iguaçu-RJ

70

Bibliothek

BISCHÖFFE

1989-90

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 101.7

Bibliothek

02.10.10

Bibliothek
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

CEED

IM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 101.7

Bibliothek

03 10 10

Dom Lucas não vai a procissão

SALVADOR - O arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, mudou de idéia e não vai participar, hoje, da procissão marítima do Nosso Senhor dos Navegantes, na Baía de Todos os Santos, repetindo a atitude que tomou em 1 de janeiro de '88, quando se negou a participar do cortejo. O Primaz justificou a decisão argumentando que as festas populares estão descaracterizadas e que "os aditivos profanos" vêm suplantando até mesmo a origem religiosa dessas comemorações.

A procissão dos Navegantes terá mais de mil embarcações, de todos os tipos e tamanhos, que acompanharão a imagem do Senhor dos Navegantes, na galeota "Gratidão do Povo". A galeota parte da rampa do Mercado Modelo, vai ao Porto da Barra e depois à praia da Boa Viagem, onde, uma mistura de fé e Carnaval, o povo recebe a imagem e a conduz até a igreja da Boa Viagem, enquanto no largo o trio elétrico anima a multidão.

Dom Lucas entende que isto não tem nada a ver com religião, mas fiéis discordam do arcebispo, lembrando que o seu antecessor, dom Avelar Brandão Vilela, participou durante 15 anos da procissão. "Até o espírito da baianidade da festa tem se transformado em simples folguedos, que, por sua vez, se tomaram pretextos para atos e delitos, como a bebida, a violência. Dom Lucas, observou que dom Avelar rompeu com a tradição, participando da procissão, mas que ele apesar de respeitar a decisão do seu antecessor, não irá à festa.

Diário de Pernambuco, 1/1/89

Arcebispo da PB ameaçado

6811189
de Pernambuco 1/1/89

JOÃO PESSOA - Numa entrevista ao jornal "O Norte", desta capital (Cadeia Associada), o arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires, confirmou que vem recebendo ameaças por seu trabalho em defesa dos agricultores pobres, mas não as teme, absolutamente. Dom José é um dos três religiosos paraibanos que constam da lista de 300 pessoas ameaçadas de morte publicada pelo jornal "Folha de São Paulo". Os dois outros religiosos são o bispo de Campina Grande, dom Luís Gonzaga Fernandes, e o arcebispo auxiliar sediado em Guarabira, dom Marcelo Carvalheira, que também vem recebendo ameaças de toda sorte, por causa da Ação Pastoral na mediação de conflitos de terra na Paraíba.

"Não dou a menor importância a essas ameaças - disse dom José ao confirmar as ameaças - não temo nada. Há coisas mais importantes do que pensar nessas ameaças ou possíveis ameaças. Sou um cidadão comum e dirijo o meu carro normalmente. Transito pelas ruas da cidade, sem me preocupar com isto, porque o mais importante é o meu trabalho."

A lista publicada há três dias pela Folha de São Paulo inclui entre outras pessoas aquelas que apóiam a reforma agrária, não apenas bispos, mas também padres, pastores, sindicalistas e lavradores de todos os Estados brasileiros, os quais se dedicam à causa dos lavradores e dos trabalhadores rurais.

71189 FLR

Luciano Mendes de Almeida

Ação pela Cidadania

No dia 4 de janeiro, em São Paulo, na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, várias entidades assumiram em comum a missão de defender e promover os direitos do cidadão, zelando em especial pelo cumprimento da lei.

O principal objetivo da iniciativa é de assegurar a atuação da própria sociedade civil, principalmente quando é chamada a intervir em casos urgentes que requerem a pronta colaboração das entidades.

A Ação pela Cidadania respeita a identidade e o trabalho das várias instituições que já representam, com mérito, a sociedade civil. A novidade está na articulação de esforços em vista de uma atuação mais eficaz.

A necessidade desta iniciativa solidária fica patente diante da sensação de impotência frente às centenas de assassinatos e violência no campo. É inadmissível que a sociedade se omita, quando são divulgadas listas de cidadãos ameaçados de morte. O pior é que o assassinato se verifica e, na maioria dos casos, os mandantes ficam impunes. O caso recente da morte brutal de

Francisco Mendes vem alertar com veemência a sociedade civil para que se mobilize, de modo organizado e permanente em defesa da vida e pelo cumprimento da lei. Não é mais possível aceitar que inocentes sejam eliminados pela violência de grupos armados que abusam da força e desrespeitam a lei, infelizmente não sem cumplicidade e omissão de autoridades locais. Compareceram ao ato, convocados pelo senador Severo Gomes, no dia 4 de janeiro, membros do Congresso, como o senador Fernando Henrique Cardoso, deputado Fábio Feldmann e José Genoíno. A sessão presidida pelo dr. Márcio Thomaz Bastos, da OAB, contou com a presença da Comissão Teotônio Vilela, da CUT, da Comissão Justiça e Paz, de empresários, de órgãos da imprensa e de vários representantes de organizações para a defesa dos direitos humanos.

Após o lançamento da proposta usaram da palavra dr. Paulo Sérgio Pinheiro, dr. Dalmo Dallari, dr. Glauco de Moraes, jornalista Janio de Freitas, deputados e participantes que vieram trazer adesão pessoal e de suas associações.

A Ação pela Cidadania se propõe, como primeiras tarefas, acompanhar a apuração da morte de Francisco Mendes, a defesa dos yanomami e das populações indígenas, e a salvaguarda dos ameaçados de morte, especialmente no campo.

Desejamos dar inteiro apoio a esta tomada de posição da sociedade civil no desejo de contribuir para observância da lei, o respeito à vida e as garantias da cidadania. A iniciativa recente poderá ser de enorme valor, na medida em que outros grupos e associações vierem somar sua adesão em defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana. O anseio pela democracia deve incluir a crescente participação da sociedade civil na busca de novas formas para assumir com eficácia o dever de promover o bem comum.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.



D. Moacyr Grechi, de Rio Branco (AC), que concedeu entrevista em São Paulo

Para bispo, investigação precisa ser ampliada

Da Reportagem Local

O bispo de Rio Branco (AC), d. Moacyr Grechi, disse ontem em São Paulo que o assassinato do sindicalista Chico Mendes, de Xapuri (AC), morto a tiros em 22 de dezembro último, "não se reduz a um caso de vingança familiar e sua apuração não pode ficar limitada à família Alves" (que está sob suspeita policial de envolvimento na morte de Mendes e teve alguns de seus membros presos no Acre).

A caminho de Santa Catarina, onde descansará durante alguns dias com os seus familiares, d. Moacyr, que foi ameaçado de morte por seu apoio à reforma agrária, está recebendo proteção de agentes policiais designados pelo diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, delegado Romeu Tuma.

Na opinião de d. Moacyr, as investigações sobre o caso Mendes "devem ser estendidas a todos os responsáveis pela criação de um clima de violência no Acre". Sobre a sua inclusão entre as pessoas ameaçadas de morte, d. Moacyr afirmou ter tomado conhecimento de mais duas ameaças contra sua vida. Numa reunião de "um certo partido" — não quis dizer o nome, alegando a segurança de sua fonte —, sua eliminação teria sido decidida "por estar atrapalhando os produtores rurais".

D. Moacyr disse que, no Natal passado, além de ter recebido o telefonema (já divulgado) de um pistoleiro, que lhe contou ter sido contratado para matá-lo, ouviu a confissão de uma pessoa que tomou conhecimento de um plano para "executá-lo".

9/11/89 OSP



D. Avelar, lição de vida e esperança

O Cardeal Primaz do Brasil e Arcebispo de Salvador, na Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela, faleceu dia 19 do mês passado de câncer no estômago. Foram meses de luta contra a doença, que ele aceitou com resignação e coragem. Dom Avelar, no entanto, deixou transparecer,

em seus últimos dias, a fé e a coragem que o moveram por toda a vida. Entre suas mensagens, duas se destacam: o poema que fez ao "velho amigo", o estômago, e a oração aos enfermos, onde afirma que "Deus é o médico dos médicos". Página 10.

NY-7-89 F17

Luciano Mendes de Almeida

Respeito à vida

Entre as formas de violência que mais afligem a população está o acidente de trânsito. Nas estradas e ruas das grandes cidades encontra-se uma das causas de maior mortalidade no país. Acrescentamos a isso o número enorme de pessoas que perdem parentes e amigos e os que permanecem inválidos por toda a vida.

A questão de fundo é o respeito à vida própria e alheia.

Há situações que nos fazem sofrer, mas que escapam a nosso controle como furacões, terremotos e enchentes. Mas, no caso dos acidentes de trânsito é possível evitar desastres por um esforço conjunto para corrigir abusos. Não é, portanto, nem cristão, nem razoável continuar colocando em risco tantas vidas preciosas quando está a nosso alcance garantir maior segurança no trânsito.

Todos devemos nos empenhar para modificar esta situação calamitosa.

1) O primeiro trabalho a ser realizado é de educação cívica para cumprimento das leis. Desde a escola a criança precisa ser auxiliada para conhecer e respeitar as leis de trânsito. O rádio e a televisão poderiam ampliar em nível nacional campanhas. Torna-se indispensável controlar as condições físicas e psíquicas dos que são autorizados a guiar, zelando, também, nos serviços públicos pelos horários de trabalho e descanso dos motoristas.

2) Outra área que requer especial atenção é a da manutenção de carros e conservação de estradas. Tenho tido oportunidade de percorrer vários Estados do Brasil. Percebe-se o abandono de muitas estradas. Durante meses, em alguns lugares, a pista permanece estreita por desabamento, causando contínuos desastres. Eis uma tarefa urgente para a administração do Estado e da União.

3) A diminuição de desastres implica ainda a mudança de comportamento por parte dos motoristas para assegurar a obediência a sinais, limites de velocidade e lugares de estacionamento. Nas estradas, um dos maiores perigos está no acúmulo de caminhões. Não raro estas viaturas pesadas alcançam velocidade excessiva e forçam, a todo custo, passagem entre carros cheios de passageiros. Famílias inteiras morrem, vítimas destas colisões.

4) As condições subjetivas prejudicam a normalidade do trânsito. A dependência alcoólica e o esgotamento nervoso aumentam a insegurança e diminuem os reflexos. O clima de instabilidade no país favorece o nervosismo. Há ainda o medo de assaltos que leva as pessoas a violar sinais e a negar socorro na estrada.

Continuam morrendo mais pessoas no trânsito do que na guerra. Nas últimas semanas fui testemunha de vários acidentes. Houve desobediência à sinalização. Houve imprudência e excesso de velocidade. Estes desastres deviam ter sido evitados.

A violência no trânsito reflete o descaso que se difundiu na sociedade sobre o valor da vida humana. O acatamento e respeito que devemos à Lei de Deus nos obriga a "não matar" e zelar pela vida do próximo como pela própria vida. O esforço conjunto para obedecer às leis de trânsito é, no fundo, um ato de amor.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

Begegnet



Die Kirche hat sich sehr für die Landreform eingesetzt, damit sie in die neue brasilianische Verfassung aufgenommen wird. Aber die Großgrundbesitzer haben eine starke Lobby dagegen gebildet. So ist nichts daraus geworden.“ Die Armen, die Ungerechtigkeit, die Hilfe für die Menschen in Lateinamerika und die Freude und Lebenskraft der Kirche dort: das sind immer wieder die Themen der Gespräche, die der Franziskanerpater und Bischof von Ilhéus/Bahia im Nordosten Brasiliens, **Walfredo Tepe**, in diesen Tagen führt. Zusammen mit Vertretern von Adveniat bereist er im Vorfeld der diesjährigen Adveniatkollekte die bundesdeutschen Bistümer. Und der inzwischen 70jährige Sohn eines Münsteraner Seilermeisters hat viel zu erzählen.

1930 ging er an das Gymnasium im Franziskanerkolleg in Bardel. 1935 trat er in den Orden ein. Als die Nationalsozialisten das Kolleg schließen wollten, siedelte er mit 59 weiteren Novizen nach Bahia über. Es folgten Studium, Priesterweihe und Seelsorge. 1967 wurde er Weihbischof von Salvador, 1972 Bischof von Ilhéus. Seine Diözese sei ganz typisch brasilianisch. „Viele haben sehr wenig, und wenige haben viel.“ Was kann die Kirche da tun? „Eine unserer Aufgaben ist die Bewußtseinsbildung. Die Unterdrückten können den Kopf hochtragen, denn ihre Befreiung (ein anderes Wort für Erlösung) naht. Sie können durch das Wort Gottes Gemeinschaft bilden, die sich den Unterdrückern entgegenstellt. Immer häufiger mit Erfolg.“

Und Adveniat? „Wir haben durch Adveniat und Misereor eine Brücke zur Kirche in der Bundesrepublik bekommen. Es ist ein Geben und Nehmen. Wir in Brasilien sind keine Allmosenempfänger.“ Besonders wichtig ist es Bischof Alfredo, etwas von der Fröhlichkeit des Glaubens, wie er bei ihm zu Hause gelebt wird, in die deutsche „Wohlstandskirche“ zu bringen. „weil die das braucht“.

tc/Foto: Secker

Bispo aposentado cria 'telebênção' para atender os fiéis pelo telefone

DERMI AZEVEDO
Da Reportagem Local

A partir de meia-noite de 1º de fevereiro próximo, as bênçãos de São Francisco e de Santo Antônio serão ministradas pelo telefone, via Embratel, às pessoas interessadas em todo o Brasil, pelo bispo aposentado de Teófilo Ottoni (MG), d. Quirino Adolfo Schmitz, franciscano, que mora atualmente em Curitiba (PR). As bênçãos serão oferecidas através do telefone (041) 200-2323, pertencente a d. Quirino, que utilizará o dinheiro de sua aposentadoria pelo INPS para cobrir as despesas de divulgação do novo serviço. Os interessados nas bênçãos pagarão os impulsos telefônicos.

Numa primeira etapa, d. Quirino dará as bênçãos de Santo Antônio e de São Francisco, as mais populares

da Igreja Católica, cada uma com a duração média de um minuto. Numa segunda etapa, o bispo ampliará o elenco de bênçãos e orações, recorrendo aos textos oficiais utilizados nas comunidades cristãs.

Segundo d. Quirino, "o telefone ocupa um dos primeiros lugares entre os meios de comunicação" e a bênção "é o serviço pastoral mais cobrado dos ministros da Igreja".

Para o bispo de Campo Limpo, zona sul paulistana, d. Fernando Penteado, "uma palavra boa é sempre importante na vida, atuando como uma semente". Acrescentou que "são positivas iniciativas como esta para ajudar o homem a se encontrar com Deus e com os irmãos".

Com a "telebênção", d. Quirino pretende participar da Campanha da Fraternidade/1989, realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do

Brasil (CNBB), com o slogan "Comunicação para a verdade e a paz". Sua intenção é, também, contribuir para evitar a procura das "casas da bênção", mantidas por grupos pentecostais ou que utilizam a religião para fins de lucro.

Para divulgar a "telebênção", a Editora Vozes, de Petrópolis (RJ), preparou um cartaz que será afixado nas igrejas de todo o país, assim como nas vitrines das livrarias católicas.

Além da bênção dada às pessoas que telefonarem, d. Quirino pretende, também, fazer o chamado "louvor a Deus pelas coisas", utilizando, por exemplo, esta oração: "Bendito sejas, Senhor Deus do Universo, pelo pão e pelo vinho, que recebemos de vossa bondade, frutos da terra e do trabalho do homem, que agora vos apresentamos".

A PRÉVIA DA ESCOLHA DO CANDIDATO A AL

PMDB escolhe Ivo, mas não atrai a oposição e nem mantém sua unidade

CdP 26/11/89

O deputado Antônio Ivo de Meireiros (PMDB) foi escolhido, ontem, em votação secreta, para disputar a presidência da Assembleia Legislativa nas eleições que acontecerão no próximo dia 1º de fevereiro. A escolha foi feita durante reunião presidida pelo governador Tarcísio Burity, no Palácio da Redenção, que contou com a participação de 20 deputados integrantes das bancadas do PMDB, PMB, PSB, PFL e PL.

Burity fez questão de frisar que não tinha candidato à Presidência da

Assembleia e que não vai interferir na eleição da Mesa, da mesma forma como não interferiu nessa prévia. Logo após a reunião, o deputado Antônio Ivo informou que a nova Mesa da Assembleia será eclética, com a participação de todos os deputados indicados pelos vários partidos da Casa. A candidatura do parlamentar peemedebista, entretanto, pode ser inviabilizada, tendo em vista um acordo entre a bancada do PMDB e o bloco da oposição para eleição da Mesa eclética. Segundo o deputado Efraim Moraes, as

bancadas opositoras não aceitarão o nome de Antônio Ivo, porque este sempre ficou fora das negociações que vinham sendo mantidas em torno da eleição de 1º de fevereiro. As oposições - PFL, PDS e PDT - se reúnem hoje para examinar o resultado da prévia promovida no Palácio da Redenção, segundo informou o deputado Nilo Feitosa, acrescentando que pessoalmente preferia o nome do deputado Ramalho Leite para administrar a Assembleia Legislativa. **Página 2 e coluna de Nonato Guedes na Página 3.**

Tio de suspeito de Crime de Gurugi:



Severino: "pode ocorrer outra morte"

Frade pode morrer também se liderar invasão de terras

O frade franciscano Anastácio Ribeiro está sendo ameaçado de morte por familiares de José Alves de Sena Filho (Zequinha), principal suspeito da morte do agricultor José Avelino, fato ocorrido no dia 29 de dezembro de 1988 na Comunidade Gurugi 2, município do Conde. A ameaça ao frade partiu ontem de um tio de Zequinha, Severino Mariano de Sena, que esteve na redação do CORREIO e disse que "se o padre Anastácio continuar liderando a comunidade na invasão de terras, vai acontecer outra morte em Gurugi". Embora Severino Mariano tenha ameaçado frei Anastácio, disse que o religioso é quem vem ameaçando Zequinha (seu Sobrinho). **Página 6.**

Feb. 81, DH
D. José Maria Pires

não teme ameaças de morte

O arcebispo da Paraíba, d. José Maria Pires, confirmou à imprensa que vem recebendo ameaças por seu trabalho em defesa dos agricultores pobres. "Mas não as temo, absolutamente", frisou o arcebispo conhecido internacionalmente por sua luta em favor dos pobres e negros, mais especificamente. "Não dou a menor importância a essas ameaças. Não temo nada. Há coisas mais importantes do que pensar nessas ameaças. Sou um cidadão comum e dirijo meu carro normalmente. Transito pelas ruas sem me preocupar com isto, pois o mais importante é o meu trabalho".



O cardeal dom Eugênio Sales

No Rio, o serviço não é procurado

Da Reportagem Local

O Rio de Janeiro foi a primeira cidade a ter o aborto regulamentado, nos casos previstos pela legislação federal. Apesar dos protestos do cardeal Eugênio Sales, arcebispo da cidade, o ex-prefeito Saturnino Braga assinou, em julho de 1987, a lei que garante assistência gratuita do município em casos de gravidez que envolva risco de vida ou de estupro. Mas, até hoje, apenas uma mulher —cuja gravidez resultou de estupro pelo pai— invocou esse direito, segundo a assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Saúde.

De acordo com a lei 6.849, sancionada por Saturnino, as unidades hospitalares responsáveis pela realização do aborto são o Instituto da Mulher Fernando Magalhães, em São Cristóvão (zona norte) —que atende especificamente os casos de gravidez que resultam de estupro—, e a Maternidade Municipal Herculano Pinheiro, em Madureira (zona norte).

A operação deve ser precedida de avaliação feita por junta médica. Em caso de estupro, a lei exige que a gestante tenha registro policial da ocorrência e laudo pericial do Instituto Médico Legal (IML). Já não é necessária a aprovação de juiz, como ocorria anteriormente —em processos tão demorados que a autorização só era concedida quando a gravidez estava avançada demais para permitir uma intervenção segura.

O desconhecimento da lei por parte da população é uma das hipóteses formuladas pela diretora do Instituto da Mulher, Lucinda Maria Ciuffo, para explicar o fato de as mulheres não utilizarem os benefícios a quem têm direito. A lei municipal carioca assegura ao médico o direito de se recusar a fazer o aborto, com base no código de ética médica.

Cristãos, a postos!

11-3-89
P.000

No acompanhamento inteligente e ativo das atividades constituintes, dever e direito de todo cidadão, impõe-se-nos uma visão lúcida e, antes dela, uma razoável competência, se quisermos colaborar na elaboração correta e atualizada da nossa Magna Carta Estadual.

Importa conhecer o que lhe cabe de competência específica nos termos da Lei Fundamental Maior e com a necessária sabedoria ajustar às peculiaridades do nosso Ceará o que nos resta de legislável para o progresso e verdadeiro desenvolvimento e bem-estar do nosso povo. Falei em peculiaridades. Melhor teria dito necessidades, tal o estado em que ainda nos encontramos. Em todas essas situações, num país em que a lei até hoje tem sido outorgada ao povo e não por ele nem por seus verdadeiros representantes elaborada, estamos agora diante de uma perspectiva diferente: agora o povo simples, o homem do povo, começa a conquistar o direito de fazer ouvir a sua voz e os seus apelos no próprio Plenário das nossas Casas Legislativas. Assim, do que antes se confiava a re-



DOM EDMILSON
DA CRUZ

Bispo auxiliar

presentantes que mais representavam interesses pessoais ou de certas classes privilegiadas, algo de melhor já se vai podendo esperar, mais compatível com a verdadeira realidade nacional e estadual. Para falar mais certo, a própria realidade municipal poderá ser, de agora em diante, mais contemplada, apesar dos "lobbies" e das pressões fisiologistas que ainda estertoram seus pesados esgares.

Por tudo isto devemos estar atentos e entrar em ação. Parcela importantíssima, para não dizer quase totalidade da população quer do Brasil, quer do Ceará, ninguém mais do que nós cristãos nos temos identificado com a pátria ao longo da sua história. Ninguém, melhor do que o Evangelho, plasmou a alma da nossa gente. Sem favor, portanto, compete-nos o direito, mais do que o direito a obrigação, o compromisso de colaborar com o que nos for possível neste esforço nobilitante e indispensável de formulação de uma nova Lei Fundamental à altura da nossa situação de hoje. Uma religião que é "mestra de humanidade" não poderia escusar-se de omissão, se por desgraça a tal missão se recusasse.

Ainda está na hora de apresentar propostas.

Como procedemos em relação à Constituição Federal, acompanhemos agora bem de perto a elaboração da nova Constituição do nosso Estado.

(*) Dom Edmilson da Cruz é bispo auxiliar da Arquidiocese de Fortaleza

A pedido de d. Eugênio, Manchete deixará de exibir clip de Madonna

Da Reportagem Local*

A Rede Manchete deixará de exibir o vídeo de "Like a Prayer" (Como uma Oração), da cantora norte-americana Madonna, por intervenção direta do cardeal-arcebispo do Rio, d. Eugênio Sales. O cardeal-arcebispo do Rio considerou o vídeo "ofensivo", segundo o assessor de imprensa da arquidiocese do Rio, Adionel Carlos, 48.

D. Eugênio assistiu à primeira exibição do clip no Brasil no "Programa de Domingo" da Rede Manchete, no último domingo.

Ele enviou na última segunda-feira um telegrama ao ministro da Justiça Oscar Dias Corrêa e ao secretário-geral do ministério das Comunicações, Rômulo Villar Furtado, em que exige a proibição do vídeo "visando preservar o respeito

ao culto religioso".

O ministro da Justiça disse ontem que não solicitou a censura do clip. Segundo ele, enquanto não for regulamentada a nova lei sobre censura, o ministério nada pode fazer. O ministro disse que recebeu um telex, cujo autor ele preferiu não revelar, solicitando a proibição. Dias Corrêa enviou o mesmo texto à direção da Rede Manchete para apreciação.

O pedido é baseado no artigo 5º, inciso 6º da Constituição. Segundo o inciso, "é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias".

D. Eugênio Sales ligou na última segunda-feira para o proprietário da Rede Manchete e seu amigo pessoal, Adolpho Bloch. Ele afirmou a d.

Eugênio que lamentava o ocorrido e que o clip não voltaria a ser exibido.

Procurado ontem às 19h30 pela Folha, Adolpho Bloch e Jayme Monjardim Matarazzo, diretor artístico da emissora e responsável pela veiculação do clip, estavam em reunião e não podiam ser interrompidos, segundo a secretária da diretoria da Manchete.

Há duas semanas o clip de Madonna foi censurado na Itália. O veto foi suspenso no último fim-de-semana. No vídeo, ela aparece dançando com um bailarino negro, que antes era mostrado como a estátua de um santo, dentro de uma igreja e em frente de cruzes em chamas. Na cena considerada mais ousada, Madonna dorme em um banco de igreja e sonha que é beijada pelo santo.

*Colaborou o Sursul de Brasília

A atitude do arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Sales, solicitando à rede Manchete de televisão que deixasse de exibir um "clip" que considerou atentatório à religião católica, demonstra claramente o zelo minucioso e a estreiteza de certas posições da Igreja no que tange, respectivamente, à defesa da liturgia e à liberdade de expressão.

Naturalmente, não se pode criticar um prelado pelo inconformismo que venha a manifestar face a determinadas concepções artísticas que, no seu entender, agridam a religião. Poderia desaconselhar os fiéis a que vissem o filme, excomungar os que o defendessem —estaria agindo dentro dos limites da liderança espiritual que lhe foi conferida pela Igreja e que é aceita pelos que praticam a fé católica.

O recurso de que se utilizou o arcebispo, entretanto, extravasa este comportamento para revelar-se não só como nostalgia de uma censura prévia extinta pela nova Constituição, mas quase como uma tentativa, infelizmente bem-sucedida, de privatizá-la —passe o termo— a serviço de convicções religiosas que não necessariamente são compartilhadas por todo o público da emissora. Que se diria se alguma autoridade eclesiástica solicitasse a uma empresa jornalística ou a uma editora que abolisse determinada citação à obra de Diderot ou à de Voltaire, por exemplo, por conterem pesados elementos de anticlericalismo? Neste caso, coube à empresa solicitada decidir, segundo critérios que não cumpre avaliar.

É com preocupação, contudo, que se vê uma escalada de pressões que, a pretexto de "proteger" esta ou aquela fé religiosa, terminam cerceando o direito do público a tomar contato com produções artísticas —qualquer que seja, aliás, sua qualidade intrínseca— pela simples razão de nelas se ter identificado um caráter iconoclasta. Mais uma vez, é como se a religião retrocedesse a um estado em que, não mais uma questão de foro íntimo, fosse considerada como uma espécie de bem público, que interessa proteger a qualquer custo, mesmo que uma parcela da população a ela se mostrar indiferente —ou, embora professando a fé, não se sinta subjetivamente chocada pelo enfoque utilizado em uma obra específica.

A CNBB —que se notabiliza por pressões deste gênero, e que, no caso do "clip" de Madonna, interferiu junto à rede Globo para censurá-lo— e o arcebispo do Rio de Janeiro, que já manifestou, algo ridiculamente, seu desacordo face ao teor de um desfile carnavalesco, vão assumindo, assim, um

papel de censores indiretos, que a rigor não conheceriam limites estabelecidos: pode-se esperar, com efeito, que a cada iniciativa bem-sucedida cresçam os seus pruridos de anatemizar trechos de novela, expurgar cenas de filme ou negar o "imprimatur" a alguma notícia de jornal. Como se a defesa dos valores religiosos dependesse, infantilmente, de censurar-se o que em tese os atinge, e não do sentido próprio, autêntico e legítimo que possam ter ou readquirir na sociedade atual.

À postura regressiva das autoridades eclesiásticas e à reverência obsequiosa de determinados meios de comunicação, soma-se o comportamento ancilar e submisso do ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa, que "encaminhou" à direção da TV Manchete um documento, cuja autoria se nega a revelar, contendo uma pretensa fundamentação jurídica para a investida censória da Igreja.

Não é preciso ser constitucionalista —muito menos ex-ministro do Supremo Tribunal— para notar a clamorosa fragilidade dos argumentos utilizados a favor da interdição. Invocou-se o artigo V, inciso 6º, da nova Constituição, o qual se limita a assegurar a liberdade de crença e de consciência, garantindo, "na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias."

Toma-se, num raciocínio claramente falacioso, uma produção artística como se fosse um fato real. A argumentação é tão fraca que se presta a uma contestação jocosa. Se a cantora norte-americana Madonna tivesse irrompido num ofício religioso realizado na diocese do Rio de Janeiro, perturbando-o com o som de guitarras elétricas e passos lascivos de "rock", certamente teria sido infringida a disposição constitucional —de qualquer modo, ainda a ser regulamentada por lei.

Não foi isto o que aconteceu; tratava-se de um "video-clip", que pode abalar a sensibilidade de alguns, mas não cerceia ninguém em sua liberdade religiosa, muito menos profana algum templo brasileiro. O ministro, sem solicitar formalmente uma censura, enviou o extravagante documento à direção da rede Manchete, numa útil inocência jurídica. Já se notou, neste espaço, o conteúdo de implícita ameaça de que se revestiram os julgamentos ministeriais a respeito da moralidade, certamente duvidosa, de algumas transmissões do Carnaval carioca. Oscar Corrêa apresentou, recentemente, um projeto que, buscando regulamentar as programações de rádio e TV, terminava reintroduzindo a censura, expressamente proibida na nova Constituição.

Tem-se, assim, um ministro da Justiça que, com maior ou menor sofisticação e subterfúgio, debate-se contra uma Constituição democrática; uma Igreja que insiste em tutelar a população; emissoras de TV dependentes do Estado, tímidas em defender sua própria autonomia. A luta pela liberdade de expressão não parece, assim, encerrada com a promulgação da nova Carta. Recomeça contra aqueles que, num campo escorregadio de negações e sofismas, arrogam-se a missão de tutelar os cidadãos adultos sobre aquilo que devam assistir ou não; autoritarismo por certo mais sutil, mas igualmente injustificável e odioso.

11.03.88, S

Arquidiocese do Rio dá abrigo a testemunhas ameaçadas de morte

27-3-88 Fup

Da Sucursal do Rio

Banco de Dados

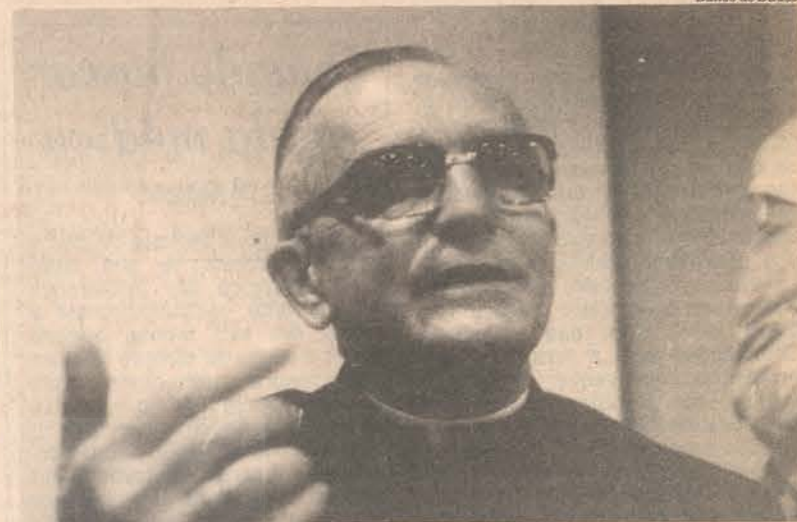
Entre janeiro e março deste ano o secretário de Polícia Civil do Rio, Hélio Saboya, já precisou recorrer três vezes ao cardeal Eugênio Salles para que a Arquidiocese guardasse testemunhas de crimes ameaçadas de morte por seus próprios policiais. Saboya disse que mantém com a Arquidiocese um "convênio informal" para estes casos e que, somente no ano passado, enviou dez pessoas sob risco de vida para a Arquidiocese, cujos nomes apenas ele e outros dois funcionários da Secretaria têm conhecimento. Os locais onde as pessoas são guardadas são do conhecimento apenas da Arquidiocese.

São os "subterrâneos da liberdade", na gíria dos perseguidos. Abriam, hoje, além de uma família de quatro pessoas enviada por Saboya, 80 refugiados políticos, 40 dos quais fugidos do regime de Pinochet, no Chile. O restante dos refugiados, é composto de iranianos, angolanos, paraguaios e até dissidentes políticos do Sri-Lanka, no extremo Sul da Índia.

Segundo d. Eugênio Salles, a estrutura que dá assistência a esse grupo "tem de ser mantida em sigilo", justamente porque as pessoas correm risco de vida: "Nós aqui não citamos nomes e endereços".

O contato do secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, é com o advogado de d. Eugênio, Antonio Passos. "Faço a triagem dos casos e, em regra prefiro não saber para onde as pessoas são mandadas. A Polícia recorre à Igreja, porque não tem verba nem locais apropriados para garantir a vida dessas pessoas que estão sob ameaça", afirmou Saboya.

O coordenador da Fundação Caritas, Cândido Feliciano da Ponte Neto, 40, é o encarregado de lidar com os refugiados. Ele fala que desde 1971 recebe refugiados políticos. "Nos anos 70, durante a pior fase do regime militar argentino, um dos endereços mais conhecidos



D. Eugênio Salles, segundo Saboya, tem um "convênio informal" com a polícia

nas prisões portenhas era o da casa de dom Eugênio na rua da Glória 446 (zona Sul)", disse Cândido Neto. Nesta época o Brasil também vivia sob regime militar. Mas a Arquidiocese não era importunada.

Em 1981, Cândido Neto participou pessoalmente de uma operação de resgate de um guerrilheiro argentino, que entrou clandestinamente no Brasil e era procurado pela Interpol. Ele furou o cerco da Interpol, usando seu próprio carro para trazer o argentino até a casa de dom Eugênio e, no dia seguinte, fez com que deixasse o Brasil.

Os chilenos Gabriel Canihuante, jornalista, 35, e José Valentim Palácios Vilches, metalúrgico, 30, são dois dos refugiados que foram ajudados pela Arquidiocese e hoje já conseguem estudar e trabalhar livremente. Canihuante deixou o Chile depois de cumprir dois anos de prisão por pertencer ao Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR). Conseguiu, através da Arquidiocese, uma bolsa de estudos para cursar jornalismo na PUC-RJ e trabalha atualmente na agência de notícias IPS.

O operário metalúrgico José Palácios foi dirigente sindical e membro do Partido Comunista Chileno (PCC). Em abril de 1987 veio para o Brasil com visto de turista, depois que seu irmão foi preso por militares. Nessa época recebeu ameaças da Ação Chilena Anticomunista (ACHA). Casado atualmente com a professora Maria Helena Moreira Alves, 40, irmã do ex-deputado Márcio Moreira Alves, Palácios está fazendo um curso na Riotur para poder trabalhar como guia turístico no Rio. Ele deixou três filhos no Chile. "Sinto saudades, mas tenho muito medo de voltar ao meu país", disse.

D. Eugênio de Araujo Salles é considerado um conservador pela comunidade católica. No ano passado ele discordou do encaminhamento dado à Campanha da Fraternidade, que enfocou a questão do negro no Brasil, e promoveu uma campanha com slogan próprio. O arcebispo discordou da autocrítica feita pela Igreja quanto à legitimização da escravidão no Brasil e preferiu enfatizar, em sua campanha, a tese da integração racial.

Dom Eugenio: Igreja não nasce das bases

Ao celebrar a Missa Solene da Páscoa, ontem de manhã, na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, em Copacabana, o Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Eugenio Sales, afirmou, durante a homilia, que a Igreja fundada por Jesus Cristo não nasce das bases.

— Não somos nós que fazemos a Igreja — afirmou, antes de acrescentar: — Outras igrejas poderão agradar mais às mentalidades da época ou às correntes de opinião pública, mas estas não são a Igreja fundamentada por Jesus Cristo.

Após a missa, Dom Eugenio disse que achou oportuno recordar o tema porque, no Brasil, tem se falado muito sobre isto. Lembrando que "a Igreja não é uma democracia" e que existe uma hierarquia dentro da instituição, o Cardeal explicou que as decisões do Papa não dependem da vontade das bases. Disse ainda que não estava se referindo à Teologia da Libertação — segundo ele, a teoria é útil e necessária quando se refere à libertação do pecado e de tudo aquilo que é injusto —, mas à vertente marxista da Teologia da Libertação.

Esta foi a primeira vez que o Cardeal Dom Eugenio Sales celebrou a Missa Solene da Páscoa na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana. A Igreja foi escolhida para a celebração porque suas localização e disposição de instalações permitirem uma boa transmissão pela TV (a ce-

rimônia foi transmitida ao vivo pela TVE para mais de mil municípios brasileiros). A missa, concelebrada pelo Monsenhor Abílio Ferreira da Nova e pelo padre Rejean Saint-Pierre, foi acompanhada por um coral de 35 pessoas regido pelo maestro Valdecir Farias e por cerca de 1,2 mil pessoas que lotaram a Paróquia.

Como é característico nas missas solenes da Páscoa, o Cardeal Dom Eugenio Sales aspergiu água benta ao som do cântico "Irmão sol, irmã lua", logo após o canto de entrada e a saudação. Terminada a missa, Dom Eugenio lamentou que o sentimento vivo de alegria da Páscoa, segundo ele, presente nas pessoas que assistiram à missa na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, não pôde ser compartilhado por uma parcela maior da população.

— Infelizmente algumas pessoas decidiram transformar a alegria da Páscoa na alegria de um passeio, de um recreio — disse.

Na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, na Avenida Chile, no Centro, cerca de 900 pessoas assistiram, ontem de manhã, à Missa Solene da Páscoa celebrada pelo Bispo Auxiliar e Vigário Geral do Rio de Janeiro, Dom Romeu Brigenti, e concelebrada pelos Monsenhores Ivo Calliari e Guilherme Schubert, e o Cônego Abílio Vasconcelos, membros do Cabido Metropolitano.

Arquidiocese do Rio dá abrigo a testemunhas ameaçadas de morte

27 - 3 - 1979 Ph^o

Da Sucursal do Rio

Banco de Dados

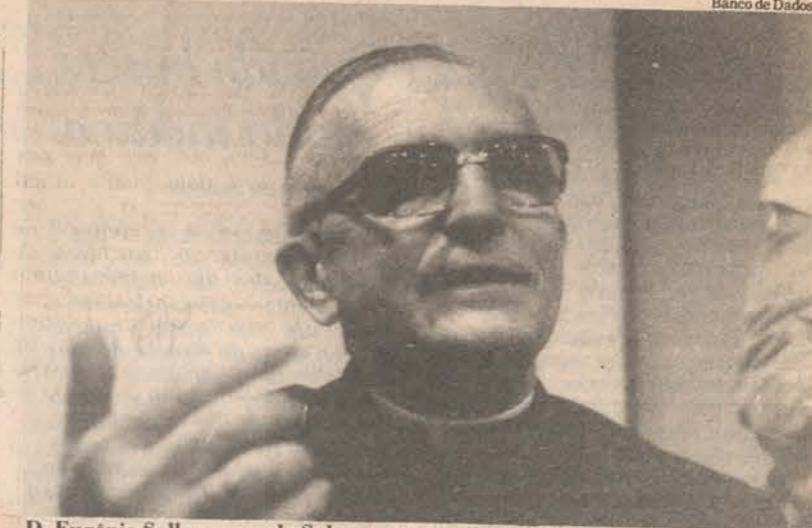
Entre janeiro e março deste ano o secretário de Polícia Civil do Rio, Hélio Saboya, já precisou recorrer três vezes ao cardeal Eugênio Salles para que a Arquidiocese guardasse testemunhas de crimes ameaçadas de morte por seus próprios policiais. Saboya disse que mantém com a Arquidiocese um "convênio informal" para estes casos e que, somente no ano passado, enviou dez pessoas sob risco de vida para a Arquidiocese, cujos nomes apenas ele e outros dois funcionários da Secretaria têm conhecimento. Os locais onde as pessoas são guardadas são do conhecimento apenas da Arquidiocese.

São os "subterrâneos da liberdade", na gíria dos perseguidos. Abriam, hoje, além de uma família de quatro pessoas enviada por Saboya, 80 refugiados políticos, 40 dos quais fugidos do regime de Pinochet, no Chile. O restante dos refugiados, é composto de iranianos, angolanos, paraguaios e até dissidentes políticos do Sri-Lanka, no extremo Sul da Índia.

Segundo d. Eugênio Salles, a estrutura que dá assistência a esse grupo "tem de ser mantida em sigilo", justamente porque as pessoas correm risco de vida: "Nós aqui não citamos nomes e endereços".

O contato do secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, é com o advogado de d. Eugênio, Antonio Passos. "Faço a triagem dos casos e, em regra prefiro não saber para onde as pessoas são mandadas. A Polícia recorre à Igreja, porque não tem verba nem locais apropriados para garantir a vida dessas pessoas que estão sob ameaça", afirmou Saboya.

O coordenador da Fundação Caritas, Cândido Feliciano da Ponte Neto, 40, é o encarregado de lidar com os refugiados. Ele fala que desde 1971 recebe refugiados políticos. "Nos anos 70, durante a pior fase do regime militar argentino, um dos endereços mais conhecidos



D. Eugênio Salles, segundo Saboya, tem um "convênio informal" com a polícia

nas prisões portenhas era o da casa de dom Eugênio na rua da Glória 446 (zona Sul)", disse Cândido Neto. Nesta época o Brasil também vivia sob regime militar. Mas a Arquidiocese não era importunada.

Em 1981, Cândido Neto participou pessoalmente de uma operação de resgate de um guerrilheiro argentino, que entrou clandestinamente no Brasil e era procurado pela Interpol. Ele furou o cerco da Interpol, usando seu próprio carro para trazer o argentino até a casa de dom Eugênio e, no dia seguinte, fez com que deixasse o Brasil.

Os chilenos Gabriel Canihuante, jornalista, 35, e José Valentim Palácios Vilches, metalúrgico, 30, são dois dos refugiados que foram ajudados pela Arquidiocese e hoje já conseguem estudar e trabalhar livremente. Canihuante deixou o Chile depois de cumprir dois anos de prisão por pertencer ao Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR). Conseguiu, através da Arquidiocese, uma bolsa de estudos para cursar jornalismo na PUC-RJ e trabalha atualmente na agência de notícias IPS.

O operário metalúrgico José Palácios foi dirigente sindical e membro do Partido Comunista Chileno (PCC). Em abril de 1987 veio para o Brasil com visto de turista, depois que seu irmão foi preso por militares. Nessa época recebeu ameaças da Ação Chilena Anticomunista (ACHA). Casado atualmente com a professora Maria Helena Moreira Alves, 40, irmã do ex-deputado Márcio Moreira Alves, Palácios está fazendo um curso na Riotur para poder trabalhar como guia turístico no Rio. Ele deixou três filhos no Chile. "Sinto saudades, mas tenho muito medo de voltar ao meu país", disse.

D. Eugênio de Araujo Salles é considerado um conservador pela comunidade católica. No ano passado ele discordou do encaminhamento dado à Campanha da Fraternidade, que enfocou a questão do negro no Brasil, e promoveu uma campanha com slogan próprio. O arcebispo discordou da autocritica feita pela Igreja quanto à legitimização da escravidão no Brasil e preferiu enfatizar, em sua campanha, a tese da integração racial.

CEED

LOCAL

diocese

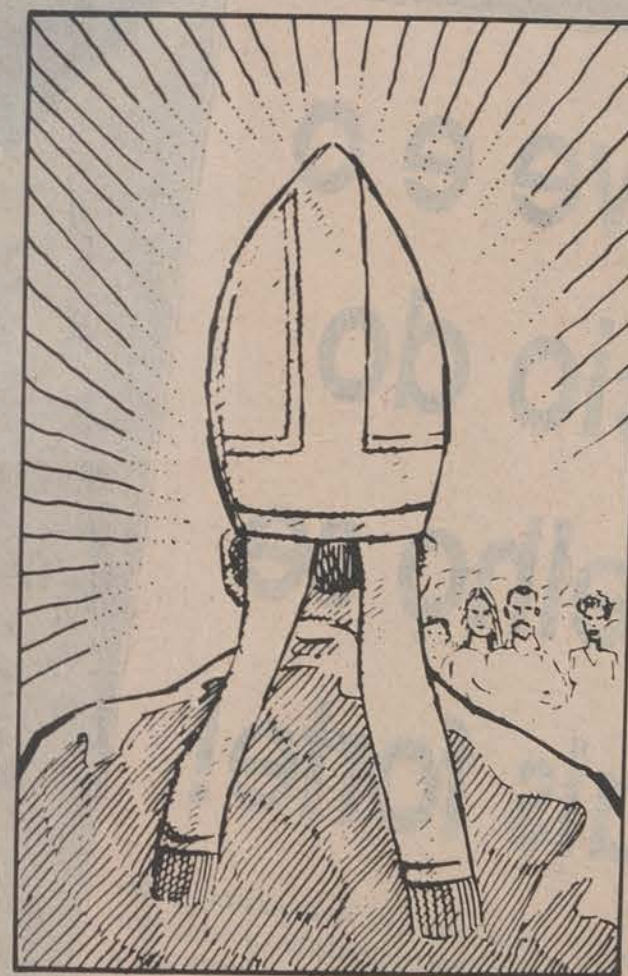
DIOCESES

Dom Fernando visita a

Santo Amaro

Pela primeira vez, após sua nomeação, dom Fernando Antonio Figueiredo visitará a nova diocese de Santo Amaro, nos próximos dias 3 e 4, onde cumprirá o seguinte programa: dia 3, encontros com dom Gaspar e com a comissão que prepara a posse; à tarde, juntamente com os coordenadores, visita o território da diocese. Às 20h, reunião com o Conselho de Pastoral. Dia 4, das 9 às 12h, reunião com os padres e consagradas, em seguida almoça com os seminaristas na Casa de Formação, Cidade Dutra. Às 14h30, reunião com o Conselho de Presbíteros. "Desejamos que após este primeiro encontro com seus diocesanos, dom Fernando comece a se sentir em sua família. Todos queremos caminhar juntos, unidos à toda a Igreja do Brasil, especialmente agora às vésperas da 27ª Assembléia Geral da CNBB", expressa a comissão que prepara a posse do bispo.

Posse do bispo - Dom Fernando Antonio Figueiredo tomará posse da nova diocese de Santo Amaro no dia 27 de maio, às 19h00, na Igreja Catedral de Santo Amaro, Largo 13 de Maio. Maiores detalhes sobre a posse e a inauguração da diocese de Santo Amaro serão fornecidos nos próximos dias, através da equipe organizadora da recepção.



Crisma e Formação - No próximo dia 9, das 8h30 às 17h, no Colégio Villeneuve, Jardim Prudência, haverá uma assembléia sobre

a prioridade Formação, focalizando o sacramento da crisma e suas implicações na vida pastoral da Igreja em Santo Amaro. A assembleia contará com a presença de dois crismandos de cada grupo de preparação e de todos os catequistas de crisma das mesmas comunidades.

Na carta que dom Gaspar escreveu aos párocos e catequistas com data de 10 deste mês, ele pede que estes motivem a participação dos jovens e catequistas e que os próprios padres participem, na medida do possível, da assembleia. Dom Gaspar, que estará participando da 27ª Assembleia da CNBB, virá para a assembleia de Santo Amaro, pretendendo trazer dom Fernando Figueiredo para conhecer os participantes.

Plantão - Irmã Toninha, assistente social, dá plantão todas as terças-feiras, das 14h às 17h na cúria diocesana (avenida Sargento Geraldo Santana, 901). Ela está à disposição das obras sociais de Santo Amaro pra resolver dúvidas sobre o trabalho social e para combinar possíveis visitas.

Projeto Bororé - O que já foi feito, como está caminhando e dificuldades que se enfrentam? Tudo isso você poderá conhecer às quintas-feiras, das 14h às 17h, com o representante do Projeto Bororé, na cúria diocesana.



ESPECIAL

31/3/1989



Fotos: Douglas Mansur



Dom Luciano preside pela segunda vez a Assembleia da CNBB, que será aberta no dia 5 no Convento de Itaici.

Em assembleia, bispos estudarão a nova ordem institucional.

Radiergummis, Groschen, Hanusen, ...
he, Fahrräder?

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realiza de 5 a 14 de abril, em Itaici, município de Indaiatuba, a sua 27ª Assembleia Geral no novo auditório, que será inaugurado por dom Hélder Pessoa Câmara, arcebispo emérito de Olinda e Recife. A sociedade, com novos valores éticos a serem implantados consta como assunto principal que cerca de 300 bispos estarão debatendo em Vila Kostka. Ao término da assembleia serão promulgados dois documentos sobre as "Exigências éticas de uma nova ordem institucional" e "Por um novo impulso da vida litúrgica".

Não é de hoje que a Igreja vem dando a sua colaboração diante da situação do Brasil, declarou dom Antonio Celso Queiroz, secretário-geral da CNBB e bispo auxiliar do Ipiranga, a O SÃO PAULO. Em 1977, a 15ª Assembleia dos bispos publicou "Exigências cristãs de uma ordem política". Já o Conselho Permanente da Conferência Episcopal aprovou, em 29 de agosto de 1981, o documento "Reflexão cristã sobre a conjuntura política", e mais recentemente, por ocasião da eleição e instalação do Congresso Nacional Constituinte, os bispos divulgaram "Por uma nova ordem constitucional", em 1986.

Em 1977 os bispos afirmavam que "em outros momentos difíceis temos nos pronunciado. Também agora julgamos dever pronunciar-nos, enunciando prin-

cípios éticos e cristãos que possam facilitar e orientar o encaminhamento de soluções cristãs para problemas que preocupam o nosso País".

Na opinião de dom Antonio Celso, "a Igreja tem procurado nos grandes momentos se pronunciar mais profundamente. É por isso que no decorrer do ano passado, por várias vezes, a Assembleia, o Conselho Permanente ou pelo menos a presidência da CNBB ou a Comissão Episcopal de Pastoral (CEP) fizeram declarações sobre o momento nacional".

Segundo o bispo, a Igreja vem se manifestando há anos a respeito da situação do país, através de duas modalidades principalmente. A primeira, orientando os cristãos a participar e a segunda através de documentos ou declarações oficiais, como aconteceu, por exemplo, quando veio o anúncio da elaboração da nova Constituição. "Nesse ano - disse dom Celso - refletimos que não era o caso de fazermos uma pequenina declaração, mas de darmos uma colaboração maior. Então, o tema da Assembleia de 1986 foi 'Por uma nova ordem constitucional' e o documento publicado, uma espécie de carta de princípios pelos quais os cristãos deveriam lutar na elaboração da nova Constituição".

Dom Celso lamenta que muitas das reivindicações das emendas populares não conseguiram ser incluídas na nova Constituição, "porque a sociedade brasileira está corroída por dentro, em certos valores", e cita os casos mais ex-

tremos como a reforma da defesa da vida, proibição do aborto.

A Igreja também se pronunciou sobre a corrupção no ano passado, "aquela que favorece". Para o secretário-geral da CNBB "tudo isso deixou a sociedade brasileira, independentemente da lei escrita, muito longe da Constituição anterior. A Constituição nova, estava em seus valores mais profundos". Foi por isso mesmo quando o Conselho Permanente da CNBB debateu o tema da Assembleia, "os bispos acharam que a Igreja pode dar agora uma hora ainda de dar uma contribuição nessa linha". Dom Celso afirma haver uma diferença entre o institucional e o constitucional. O constitucional é uma ordem portante porque é da Constituição, o institucional é da sociedade. "A grande colaboração que a Igreja pode dar agora é saber o que são realmente os valores, que pelos quais a sociedade deve lutar para e para realizar, desde grandes valores como a defesa da vida até valores como o da integridade do homem público".

Dom Celso Queiroz pergunta que interesses devem prevalecer os corporativos ou os da sociedade? E ele explica: "Estamos tentando a uma sociedade de valores, onde os médicos se reúnem para ver quais são seus interesses e os professores se reúnem e os quais são seus interesses e o jogo jogado às traças".

A Assembleia dos bispos irá tratar também, dentro da agenda global das "Exigências

Padres apresentam instrumento de trabalho

A Comissão Nacional do Clero (CNC) apresentará aos bispos o "Instrumento de Trabalho para o 3º Encontro Nacional dos Presbíteros". Trata-se de um subsídio impresso com seis capítulos que prepara o encontro dos presbíteros de outubro (17 a 22) deste ano.

A Presidência da CNC, na apresentação do folheto, afirma que "nós, presbíteros, temos um espaço muito valioso, conquistado, em especial nestes últimos 20 anos, pela Comissão Nacional do Clero, que é o Encontro Nacional de Presbíteros".

Os novos desafios, dentro de um contexto sócio-econômico-político-cultural são analisados pelo subsídio que, no contexto eclesial, afirma que "muitos presbíteros experimentam perplexos, hoje, forte resistência da Instituição às mudanças necessárias, e tendências cada vez mais acentuadas de fechamento e autoritarismo eclesiástico, em contraposição ao espírito de colegialidade e participação suscitado no Vaticano II, e assumido pela Igreja latino-americana em Medellín e Puebla".

O subsídio adverte que no amplo e complexo contexto do mundo e da Igreja estão os maiores desafios, e termina o item com a seguinte interrogação: "Face às tensões da conjuntura eclesial, como você sente a caminhada da Igreja do Brasil e seu futuro?"

Os encontros de presbíteros são realizados cada dois anos. O primeiro versou sobre "O presbítero na Igreja, Povo de Deus, servidora do mundo". O segundo foi dedicado à pessoa do presbítero, e o terceiro tem o seguinte tema: "Ministério e fraternidade na vida e ministério dos presbíteros, promovendo formas e condições para a comunhão e participação".

cas de uma nova ordem social", a vida política: "O que deve pautar a vida política? É a troca de favores, o compadrismo, o empreguismo, no fundo a corrupção, a impunidade?", indaga o bispo.

Para dom Antonio Celso, um dos grandes capítulos será o Poder Judiciário, "que no Brasil, por tradição, é considerado um poder legalista, que não busca o que é justo, mas o que é legalismo. A lei é sempre interpretada do lado do mais forte". A ordem jurídica do Brasil, na opinião do secretário da CNBB, "é feita para não funcionar ou funcionar só na lei escrita, com uma interpretação sempre restritiva do texto da lei. O judiciário não é para fazer justiça, mas para fazer cumprir uma lei que já é feita falhamente".

A Assembleia Geral da CNBB procurará, de acordo com o seu secretário-geral, refletir sobre a ordem institucional, procurando valores que devem ser implantados na educação da população, "defendidos pela sociedade, gritados em praça pública, assim como se poderia imaginar uma sociedade em defesa do verde, uma sociedade em defesa da integridade jurídica...".

Dom Celso diz que a Igreja quer oferecer uma reflexão sobre tudo isso, um subsídio para "essa nova sociedade brasileira que a gente almeja e que está custando para nascer, uma sociedade economicamente justa, politicamente adulta e moralmente digna". Dom Celso conclui afirmando que já há um texto elaborado, distribuído aos bispos para análise.



3-1/3189 151

Diocese intensifica preparativos para a vinda do novo bispo

São Miguel

A nova diocese de São Miguel está se preparando para a vinda de seu bispo, dom Fernando Legal, o que vem em nome do Senhor! Em carta enviada a dom Angélico Sândalo Bernardino, dom Fernando Legal, à certa altura, afirma: "De minha parte, quero única e exclusivamente servir os irmãos que me estão sendo confiados, sem nenhuma outra preocupação. Que todos me ajudem a conhecer a realidade que me espera e que quero amar até o sangue, se preciso for, e para a qual quero ser o pastor segundo o coração de Cristo".

Pastoral da Saúde - A Equipe de Pastoral da Saúde está promovendo neste sábado, das 14 às 17h, na Casa de Encontros São Miguel, palestra com frei Gorgulho e Ana Flora. Durante a reunião, que versará sobre a "Unção dos enfermos: teologia e pastoral", além da reflexão teológico-pastoral, será celebrado o sacramento da Unção dos Enfermos para as pessoas em condições de recebê-lo.

A Pastoral da Saúde está desenvolvendo também, intensamente, seu projeto de implantação de postos alternativos de saúde, experiência popular avançada no campo da saúde comunitária.

Apoio aos trabalhadores -

Representantes de trabalhadores da roça, acampados em diversas localidades do interior do Estado de São Paulo, estão visitando nossas comunidades, em busca de apoio à sua causa. Diante da gravíssima situação da terra que se acumula nas mãos de poucos, enquanto os trabalhadores não têm terra para plantar, para edificar sua habitação, esta solidariedade se torna urgente. Na próxima quinta-feira, integrantes do Movimento dos Sem Terra de São Miguel, irmanados a outros vindos de todos os recantos de São Paulo, estarão se reunindo às 19h30, no salão da Igreja Santa Cecília, para ampla discussão a respeito de eficaz apoio aos trabalhadores do campo em sua luta pacífica pela conquista da terra.

Conselho Presbiteral - No próximo dia 4, terça-feira, na Casa de Formação em Ermelino Matarazzo, acontecerá a reunião mensal do Conselho Presbiteral. O encontro terá início às 9h, com o Conselho debatendo diversos temas referentes à programação que envolve a vida e ministério dos presbíteros, no corrente ano. A partir das 11h, os presbíteros que integram as comunidades do setor Ermelino Matarazzo marcarão presença na reunião, conversando com os conselheiros sobre diversos aspectos de sua vida e ministério. A reunião terá seu término com almoço de confraternização, na própria Casa de Formação dos futuros presbíteros.

Cardoso e Plínio Sampaio defendem frente progressista

NILSON DE OLIVEIRA
Enviado especial a Campinas

814189 FSP

Em momentos diferentes durante o encerramento do projeto "Brasil Século 21", o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) e o senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP)



defenderam a formação de uma frente "democrática, progressista e moderna" —constituída pelo PT, PSDB e PDT— como a única saída possível para a consolidação da democracia e a superação da crise sócio-econômica. Ambos participaram do painel "Sociedade e Política no Brasil do Futuro".

Plínio Sampaio, ao encerrar sua exposição, afirmou que "uma virada democrática" só será possível se for "costurada a unidade entre o pólo democrático, progressista e moderno para superar o modelo político-econômico de 64". Para o deputado, isso representa uma aliança entre PT, PSDB e PDT. "Nenhuma dessas forças sabe que não dá prá 'virar' sozinha, mesmo que ganhe as eleições", afirmou. O deputado é membro da coordenação política da campanha do virtual candidato do PT à sucessão presidencial, Luis Inácio Lula da Silva.

O flerte entre PT e PSDB já se prenunciava na chegada do senador Fernando Henrique. Ele afirmou que "logo mais, a aliança entre do PSDB com o PT vai ser necessária e imprescindível". Como coordenador do painel, não perdeu a oportunidade de elogiar o deputado ao apresentá-lo: "Plínio é hoje um dos melhores tecelões da nossa política."

Os dois concordam que a estratégia para a formação desta frente política passa pela discussão de "formas de convergência". No primeiro turno da disputa presidencial, diz Cardoso, "os partidos devem fazer suas campanhas apresentando suas posições de forma explícita". "Devem competir, mas dentro dos parâmetros que vão nortear a formação do pólo democrático", disse Sampaio. Para o senador, as farpas trocadas entre o PT e o PDT "são muito ruins" para este processo.

D. Luciano alerta contra

FOLHA DE S. PAULO

'escalada da violência' no Rio

Do enviado especial a Itaiçi

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, fez um apelo à sociedade civil brasileira contra a violência e o tráfico de drogas, em entrevista coletiva ontem às 16h, no convento de Itaiçi, município de Indaiatuba (99 km a noroeste de São Paulo), onde se realiza a 27ª assembleia geral do episcopado brasileiro. D. Luciano disse que a Igreja "está triste" diante da escalada de violência

urbana no Rio de Janeiro, com uma média diária de 17 assassinatos nas últimas semanas. "Nenhum de nós aceita que a violência cresça de modo tão rápido, de modo tão brutal", afirmou o arcebispo de Mariana (MG).

Perguntado sobre "o que faz crescer a violência", d. Luciano respondeu que "a cultura da violência cresce por sua própria lógica", acrescentando que os atos violentos "geram desespero na sociedade, dando a entender que tudo só se

resolve com base na força física". Em sua opinião, para inverter esse quadro "é urgente investir mais em educação e na garantia de melhores condições de vida para os empobrecidos". Para d. Luciano, "a mudança de mentalidade deve atingir, também, a justiça e a polícia". Ele destacou ainda que o Brasil "precisa concretizar várias exigências éticas, ligadas ao perdão, à compreensão, ao diálogo e ao estreitamento de laços entre todos os cidadãos."

Sobre o lançamento da candidatura do cardeal arcebispo de São Paulo, d. Evaristo Arns, ao Prêmio Nobel da Paz deste ano, ontem à noite na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, pelo Nobel da Paz/1980, o argentino Adolfo Pérez Esquivel, d. Luciano afirmou que a concessão do prêmio a d. Paulo "responderia a uma vida marcada pelo testemunho", já que ele "sempre lutou contra a injustiça, nos momentos mais difíceis da vida do país, através de métodos pacíficos e da firmeza permanente."

(Dermi Azevedo)



Esta é a imagem do Rio que a agência de notícias "AFP" está divulgando para o exterior, retratando a violência da cidade

Polícia prende oito

Da Sucursal do Rio

Policiais da Delegacia de Vigilância da Zona Oeste do Rio prenderam, na madrugada de ontem, oito homens acusados de matar pouco antes, na praia da Brisa, em Sepetiba (no litoral sul do município), um desconhecido de 25 anos presumíveis. Segundo o delegado Juarez Lisboa, os presos integram um grupo de extermínio que atua na região. Até o fim da tarde, nenhum deles confessara a participação em outros assassinatos.

Os oito homens estavam divididos em três carros quando foram abordados pela polícia. Com eles, havia quatro revólveres, facas e punhais sujos de sangue. Próximo, os policiais encontraram o cadáver, jogado em um bueiro. Dois dos acusados pertencem à Aeronáutica: o sargento José Ricardo Pereira Ribeiro e o

soldado Edmilson da Silva Pinto.

Mais 17 pessoas foram assassinadas ontem no Grande Rio, elevando para 146 o número de mortos em oito dias.

Além do crime em Sepetiba, aconteceram dois assassinatos em Bangu (zona norte), quatro em Nova Iguaçu (município a 30 km do centro do Rio), dois em Guadalupe (zona norte), três em Itaboraí (município a 50 km do Rio), dois em Duque de Caxias (Baixada Fluminense), um em Realengo (zona norte), um em Ramos (zona norte), um na Pavuna (zona norte), e um em Itaguaí (município a 60 km do Rio).

Em Realengo, policiais militares mataram a tiros um homem negro, aparentando 20 anos, acusado de traficar drogas. Ao lado do cadáver, a polícia afirma ter encontrado 17 trouxinhas de maconha, 17 papelotes de cocaína e um revólver calibre 38.

22/4/89 FM

Luciano Mendes de Almeida

Pela vida do Líbano

São 15 anos de violência e sofrimento no Líbano.

Esta terra, considerada antes modelo de convivência pacífica entre grupos culturais e religiosos diferentes, veio se transformando, aos poucos, em lugar de tensões e conflitos até a morte. É certo que a longa permanência de milícias armadas no interior do Líbano e as lutas dos últimos anos deixaram profundas feridas na atual geração. Mas, é igualmente verdade que, ainda hoje, os libaneses acreditam na possibilidade de superarem as divisões e se reconciliarem, reencontrando com rapidez, a sabedoria secular que permitiu, numa democracia pluralista, viverem, em fraternidade, maronistas e drusos, melquitas e armenos, sunitas e xiitas, e tantos outros grupos.

O grande problema, no entanto, não são os libaneses, mas a lenta e progressiva asfixia, causada pelas tropas estrangeiras, que ocupam mais de 80% do território. A situação que prometia se resolver com a eleição do sucessor de Gemayel, deteriorou-se ainda mais com o duplo governo e as injunções externas da Síria e Israel. Nestes últimos meses os encontros armados, o bombardeio absurdo de cinco mil tiros de canhão ao dia, a destruição de hospitais, a morte de inocentes, estão levando Beirut, e as restantes áreas, ao caos, pela falta de víveres e pelo terror, que se apodera da população.

A palavra firme do santo padre e seus veementes apelos aliam-se a outras vozes corajosas, clamando pelo diálogo, pela paz e liberdade. No entanto, diante da triste realidade, o que causa espanto é a insensibilidade da maior parte do mundo. A França e outros países enviaram víveres e remédios. O apoio dado até agora, é insuficiente. Os anseios humanitários de alguns países ficam paralisados por interesses escusos e alianças políticas suspeitas.

Não podemos assistir, atônitos, a cruel agonia de um país que tem direito de viver. O Líbano não pode desaparecer. Estamos no século da Declaração dos Direitos Humanos e do desarmamento. É indispensável e urgente a união de todos para suprir a grave omissão desses 15 anos e obter das Nações Unidas uma intervenção eficaz, que faça cessar imediatamente o conflito, crie o diálogo entre as partes e assegure a recuperação do território libanês. A paz no Médio Oriente não pode ser obtida pela brutal eliminação do Líbano. A paz é fruto da Justiça e respeito o direito fundamental — a liberdade dos povos.

Que fazer? Nesta suprema angústia voltemo-nos para Deus, pedindo, com insistência que desarme os corações, uma, no perdão, muçulmanos e cristãos, apague a ânsia de vingança, cure as feridas e faça renascer a fraternidade.

É preciso, também, agir por meio dos governos das nações de maior influência. Papel importante é o da Liga Árabe junto à Síria, e dos países ocidentais no diálogo com Israel.

Está em questão o futuro da humanidade. Não se trata, somente de constatar quanto a paz fica prejudicada, quando, em algum continente, lutam países e facções. Há algo mais. O futuro da humanidade está em perigo, porque estamos incinerando valores indispensáveis para a sobrevivência digna entre os povos. Não podemos acreditar na solidariedade e convivência fraterna e, ao mesmo tempo, deixar cair os braços, com displicência, e assistir a destruição do Líbano.

Ainda é tempo de unir nossos esforços. É grande no Brasil a comunidade descendente de libaneses. São sete milhões. É dever do Brasil, com sua competente tradição diplomática, através do Conselho de Segurança da ONU, conchamar todas as nações para uma atuação urgente pela vida do Líbano.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

Bispos brasileiros irão visitar o papa em 1990

24 APR. 1989

FIL

Da Reportagem Local

Os 376 bispos católicos do Brasil viajarão a Roma no próximo ano para o cumprimento da obrigação canônica da visita "ad limina apostolorum" ("ao limiar dos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo") que o episcopado é obrigado a realizar ao papa de cinco em cinco anos. A última visita coletiva foi realizada em 1985. Os primeiros detalhes da viagem episcopal ao Vaticano foram debatidos com a Cúria Romana, na semana passada, pelo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida.

A principal diferença da visita episcopal de 1990 para a de 1985 é a de que, no próximo ano, as viagens serão feitas em conjunto, pelos bispos, organizados nos quinze se-

cretariados regionais da CNBB. Os únicos meses em que não serão programadas viagens a Roma serão julho —por causa das férias de verão europeias— e outubro, quando será realizado, no Vaticano, o sínodo mundial dos bispos sobre a formação sacerdotal. Cada grupo de prelados brasileiros, na visita "ad limina", terá aproximadamente 30 bispos.

Até o final deste ano, cada bispo brasileiro deverá preparar um relatório quinquenal das atividades de suas dioceses e arquidioceses a ser encaminhado à Cúria Romana e a ser debatido pessoalmente, com os funcionários do governo central da Igreja, em 1990. Como o episcopado brasileiro estará em Roma no próximo ano, é provável que a segunda visita do papa João Paulo 2º ao Brasil seja em 1991.

Fernando Santos

ENCONTRO COM O PASTOR

28-4-84 O&P



Dom Francisco Vieira, 1º bispo de Osasco.

Meus amigos, católicos, cristãos, homens que buscam a Deus e que seguem a consciência na procura da verdade e do bem: conheci dom Francisco muito antes de encontrá-lo. Seu tio frei Roque fora meu confrade e amigo no Convento de Santo Antonio, Largo da Carioca, Rio. Homem fiel esse frei Roque! E sábio. Preferia eu ficar meia hora a ouvi-lo do que queimar as pestanas sobre um livro francês. O orgulho de frei Roque era a profissão de marceneiro, a terrinha, mas e n primeiro lugar a família. Assim fiquei sabendo tudo a respeito do irmão Manuel Joaquim, também marceneiro e pai do padre Francisco e de do na Maria da Glória, mãe.

Frei Roque sabia que o sobrinho entrara cedo no Seminarinho de Monsenhor Pavésio; depois se submetera a educação austera e compreensiva dos padres premonstratenses em Pirapora (SP).

Frei Roque gostava de citar que o sobrinho não só tocava na banda - trombone e pistão - num seminário próximo à cidade de seu patrono São Roque, mas que lá também fora ecônomo e professor, depois de ordenado padre em 1952. "A marcenaria ensina a economizar até os retalhos da madeira", acrescentava o frade. "Meu sobrinho pode ir longe, porque sabe construir, sem muito gastar".

De fato, no Seminário Maior o reitor monsenhor Vicente Zioni fez dele, ainda aluno, o prefeito e substituto para tarefas difíceis. Não o mandou porém estudar em Roma, apesar de bom de nota nas ciências e bom no canto nas notas do coral.

Um dia, frei Roque Vieira chega com a notícia: "Sabe o senhor? O senhor cardeal Motta promoveu o padre Francisco, meu sobrinho, pra pároco de São Pedro!".

Quanto então lhe valeu o fato de ter sido ecônomo - sempre malabarista, com os poucos recursos - do Seminário de Aparecida e São Roque! O padre Francisco aproveitou o dom de administrador e a oficina do pai marceneiro, para dar a São Paulo um de seus belos templos. O adjetivo "belo" não explica bem o que o padre Francisco fazia. Tinha que ser funcional e muito sólido. Do jeito da família Vieira, que imigrara para o Brasil no início da década de 30.

Ao vir a São Paulo, não me custou identificar o sobrinho de frei Roque, o padre Francisco Manuel Vieira.

Em 1970, na primeiríssima reunião para a eleição de vigário episcopal da Região Leste de São Paulo, concentrou praticamente todos os votos em sua pessoa. Os padres mal sabiam quanta alegria estavam causando ao arcebispo recém-eleito. De 1970 a 1975, passamos "por mares nunca dantes navegados", procelas e horrores, que ainda buscam novo Camões ou um Vieira de velha estirpe.

Foram horas incertas e escuras, marcadas pelo bom senso, a fidelidade e a coragem do Conselho de Presbíteros e dos vigários episcopais. Hoje, podemos afirmar, sem exagero, que nos cinco anos monsenhor Vieira sempre somou, construiu e consolidou. Afinal, edificou a amizade com o arcebispo e os padres, a ponto de podermos enfrentar, unidos e bem unidos, o período mais agitado das prisões, torturas, sequestros e assassinatos clandestinos.

Quando o Papa Paulo VI, em 1974, deu sinal verde para iniciarmos a pastoral planejada para a megalópole, dom Francisco foi o primeiro a entrar no Colégio dos quatros novos bispos, ordenados

em 25 de janeiro de 1975.

Além de assumir a promissora Região Episcopal de Osasco, iria coordenar, em favor de toda a cidade de São Paulo, a Pastoral Familiar. Também aqui não lhe faltava experiência. Conhecia São Roque e sempre cuidara da família, em seu pastoreio.

Quando os bispos de São Paulo, colegialmente responsáveis pela cidade - na proposta do Papa Paulo VI - chegaram ao número quase perfeito de onze, dom Francisco começou a ser cogitado como procurador geral da Mitra. Sua experiência de administrador se afirmou. Recebeu pois a tarefa, a pedido expresso dos dez colegas-bispos.

Numa das primeiras reuniões com o Conselho Administrativo da Mitra - composto só de leigos - ouviu, paciente, a observação: "Mas assim também não dá! Em vez de administrar bens, nós só administramos misérias e problemas!" Apesar disso, foram construídos os seminários para filósofos e teólogos, a biblioteca e o arquivo, além de centenas de centros comunitários. Nunca faltou, nem sobrou dinheiro. Não paramos um só mês, porque a ordem de dom Francisco era categórica: "Toca pra frente!".

Meus amigos: os padres antigos e novos de São Paulo fizeram história. Parte dela foi escrita pelo notável literato e arcebispo dom Duarte Leopoldo e Silva. O mais deve estar bem anotado no céu.

Dom Francisco Manuel Vieira, 1º bispo de Osasco, sempre fez e fará parte de nossa família, mesmo dedicando dons e talentos à nova diocese que, ao ser criada, nos envolve em sua caminhada.

Pai Nosso ...

Paulo Evaristo,
CARDEAL ARNS

Bispo anula casamentos

28/14/82 My
Diocese de Campos não reconhece celebração de padre conservador

CAMPOS, RJ — A diocese de Campos declarou nulos todos os casamentos religiosos feitos pelos 27 padres tradicionalistas das regiões Norte e Noroeste do Estado do Rio. Reacendeu-se assim a fogueira para alimentar uma briga interna na Igreja Católica iniciada em 1981, quando o bispo Carlos Alberto Navarro substituiu na diocese o tradicionalista dom Antônio de Castro Mayer.

“Os matrimônios assistidos pelos padres que se autodenominam tradicionalistas são nulos de pleno direito e os noivos que pensam que assim se casaram são considerados pela Igreja Católica Apostólica Romana como amasiados, e não esposo e esposa, diante de Deus”, declarou o chanceler do bispo, monsenhor Joaquim Ferreira Sobrinho.

O padre Fernando Areas Rifan, atual líder da ala tradicionalista, afirmou que não levará em conta a proibição e continuará realizando casamentos nos velhos moldes, que incluem cerimônia em latim e proibição de se entrar na igreja com roupa decotada ou sem mangas e vestido ou saia de comprimento acima dos joelhos.

Cerca de 40 casamentos são realizados mensalmente pelos padres tradicionalistas no Norte e Noroeste do Estado, praticamente os últimos redutos dos que condenam os rumos tomados pela Igreja após o Concílio Vaticano II. A maioria dessas cerimônias acontece na Capela de Nossa Senhora de Fátima, no bairro Parque Leo-

poldina, em Campos, onde o padre Rifan tem suas bases.

O padre garante que está protegido pelo cânone 1.116 do novo Código de Direito Canônico, segundo o qual qualquer padre pode assistir a um casamento de noivos que tenham um “grave incômodo” para procurar um padre oficialmente autorizado.

“Ora”, diz ele, “os perigos para a fé oferecidos pelo progressismo são considerados pelos noivos tradicionalistas muito mais do que um grave incômodo.”

Em 1981, logo que assumiu a diocese de Campos, o bispo Carlos Alberto Navarro afastou diversos padres que seguiam os moldes considerados reacionários pelos progressistas da Igreja. Alguns, entretanto, deixaram a paróquia mas continuaram à frente de seus seguidores.

É o caso dos padres José Olavo Pires Trindade, de Miracema; Eduardo Ataíde e José Paulo Vieira, de Santo Antônio de Pádua; Francisco Apoliano e José Ronaldo de Menezes, de Bom Jesus do Itabapoana; Ovidio Simon, Jonas dos Santos Lisboa e Manoel Macedo de Farias, de São Fidélis; Alfredo Gualandi, de Porciúncula; José Moacir Peçanha, de Natividade; Geraldo Gualandi, de Itaperuna; Antônio Alves de Siqueira e Elcio Murucci, de Varre-Sai; Edmundo Delgado Gutiérrez, de Cambuci; Antônio Paulo da Silva, de Italva; Davi Fracisquini, de Cardoso Moreira; Gervásio Gobato, de Laje de Muriaé; José Eduardo Pereira, de São João da Barra; Hélio Marcos Rosa, de Ururai, e Licínio Rangel, Benigno de Brito Costa, Henrique Conrado Fischer, Emanuel Possidente, José Onofre de Abreu e José Gualandi, de Campos.

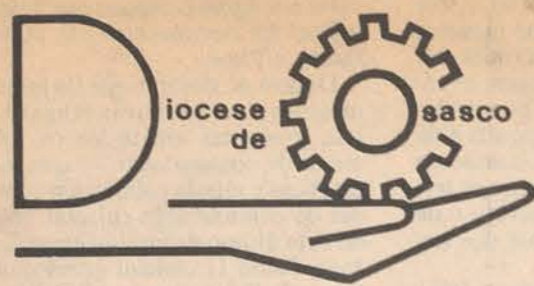
ESPECIAL

O SÃO PAULO
5 a 11 de maio de 1989

Osasco ganha uma diocese no Dia do Trabalhador

Fotos: Dougl





Diocese de Osasco



O dia 1º de maio para Osasco e mais dez cidades que constituem uma nova diocese do Estado de São Paulo teve uma característica especial. As quatro horas da tarde do Dia do Trabalhador mais de três mil pessoas chegaram em romaria e lotaram a Matriz Santo Antônio de Osasco, agora Catedral Santo Antônio. Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, todos os seus bispos auxiliares, vários bispos do interior de São Paulo e dezenas de sacerdotes, seminaristas e religiosos chegaram a Osasco para a celebração de instalação da nova diocese e a posse de seu primeiro bispo, dom Francisco Manuel

Vieira.

A celebração teve uma característica bem brasileira. Um conjunto musical animou os presentes num ritmo contagiante de samba, fazendo toda a plateia vibrar e participar. O clima era de festa. Certamente pela primeira vez o primeiro bispo diocesano, o próprio dom Francisco, fez anos e o pastor e amigo de infância de Osasco. Entre os pontos de entusiasmo não era o mesmo clima de divisão da arquidiocese.

O padre Elídio Mantovani, de Barueri, leu o documento de instalação da nova diocese e a posse do primeiro bispo. O documento foi enviado

núncio apostólico, dom Carlo Furno. A bula da Santa Sé (documento oficial da Igreja) ainda não foi enviada pelo Vaticano.

Durante a homilia, dom Paulo, dialogando com o povo, afirmou que dom Francisco vai continuar fazendo o que já está fazendo há anos em Osasco. A missão do bispo, disse dom Paulo, é tripla: cuidar do pão da Palavra, do pão da Eucaristia e do pão do corpo (saúde, educação e moradia).

No momento da apresentação das oferendas os trabalhadores levaram para o altar os seus instrumentos de trabalho. Operários, jovens estudantes, negros, profis-

sionais da saúde, enquanto levavam as oferendas para o altar, repetiam com o povo: "Todos esses trabalhadores recebem o mais baixo salário do mundo".

Os sacerdotes, que a partir daquela cerimônia estão incardinados na nova diocese, diante do bispo e de todo o povo, renovaram o compromisso sacerdotal dizendo: "Queremos caminhar com o povo de Deus, procurando unir o povo em comunidades, participando de suas alegrias e angústias, assumindo suas lutas e defendendo os seus direitos".

Um momento de grande emoção da posse de dom Francisco aconteceu quando a sua mãe, Ma-

ria da Glória dos Santos-Vieira, de 87 anos, foi abraçar o filho e beijar-lhe a mão de pastor.

Ao final da festiva celebração dom Francisco Vieira deu sua mensagem como primeiro bispo da Diocese de Osasco. Agradeceu a todos, em especial a dom Paulo, assumindo as suas prioridades. Osasco, disse dom Francisco, sente a responsabilidade de crescer na expressão eclesial da comunhão e participação. "Comunhão com a Igreja do Brasil, fazendo-se, com todas as Igrejas deste país, mais uma a lutar em defesa dos direitos dos pobres, dos operários, dos negros e dos índios".

Dom Francisco já tem mais responsabilidades

Durante a instalação da Diocese de Osasco, dom Francisco Manuel Vieira, seu primeiro bispo diocesano, concedeu entrevista exclusiva a O SÃO PAULO, em que fala que as prioridades e as preocupações continuarão as mesmas mas a responsabilidade é maior. Ele afirma ainda que quer continuar caminhando junto com a Arquidiocese de São Paulo, pois o povo de sua diocese trabalha e, praticamente, vive em São Paulo.

O que muda na vida do bispo dom Francisco, uma vez instalada a Diocese de Osasco?

Não muda muito. Aumenta a responsabilidade. As prioridades e as preocupações continuarão as mesmas. As alegrias serão mais intensas porque vou estar sempre ao lado deste povo com muito amor.

Há muito sofrimento, grandes dificuldades em Osasco?

O povo sofre muito. Aqui há muitas carências, muitas dificuldades. Isso magoa o coração do pastor, ainda mais quando ele se sente representante de Deus, diante do Papa, por esta porção. Com dom Paulo e os outros bispos a gente repartia esses sofrimentos, repartia as alegrias. Agora dá uma sensação de que a cruz se torna mais pesada e eu preciso carregar e espero que a solidariedade dos meus irmãos bispos, dos sacerdotes e principalmente do povo consciente por esta necessidade de renovação me auxilie a carregar esta cruz.

A celebração da sua posse foi marcada por muita alegria e entusiasmo por parte do povo. Como o senhor acolheu tudo isso?

Isto é uma demonstração da simplicidade do povo. O povo ama a Igreja. O povo deposita muita confiança na Igreja e em seus pastores. É preciso que nós não decepcionemos este povo e nos façamos verdadeiramente comprometidos com a sorte dele.

Há algum risco ou receio de sua parte de que a Diocese de Osasco fique isolada de São Paulo?

Não tenho nenhum receio. O povo que vive na Diocese de Osasco trabalha em São Paulo e vive em São Paulo. Todos os trabalhadores tomam o trem e vão para São Paulo. Lá recebem de dom Paulo uma mensagem de esperança e vem cá junto às famílias acalentados pela esperança. Por isto sinto-me tranquilo. Vamos continuar caminhando juntos.

Trabalho atinge 10 municípios

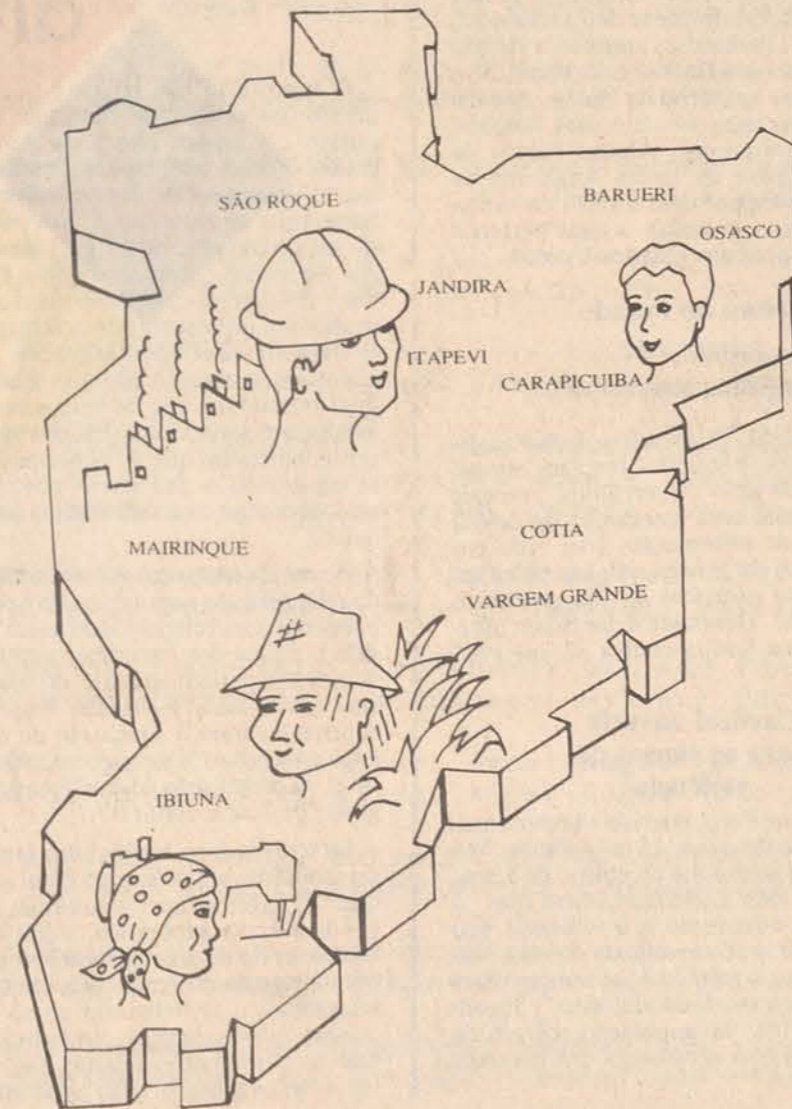
A Diocese de Osasco compreende 10 municípios da Grande São Paulo: Osasco, Carapicuíba, Barueri, Jandira, Itapevi, Cotia, Vargem Grande Paulista, São Roque, Mairinque e Ibiúna.

Num espaço geográfico de 2.416 quilômetros quadrados residem aproximadamente 1.650.000 habitantes, atendidos por 43 paróquias, 224 centros comunitários, três escolas católicas, nove residências de religiosos e 30 casas de religiosas.

A Diocese de Osasco conta com 90 sacerdotes: 44 do clero diocesano e 46 pertencentes a novíssimas congregações. As religiosas são de 24 congregações, sendo três de vida contemplativa. Somam no total 294.

Além do seminário diocesano ou Casa de Formação São José, encontram-se na diocese mais quatro casas com a mesma finalidade.

Atualmente, a Diocese de Osasco está dividida em seis setores pastorais: dois em Osasco (Bonfim e Santo Antônio); um em Carapicuíba; outro em Barueri, abrangendo os municípios de Barueri, Jandira e Itapevi; outro em Cotia, atingindo os municípios de Cotia e Vargem Grande Paulista; e outro em São Roque, para o município de São Roque, Mairinque e Ibiúna, também chamado de setor rural.



DIOCESES

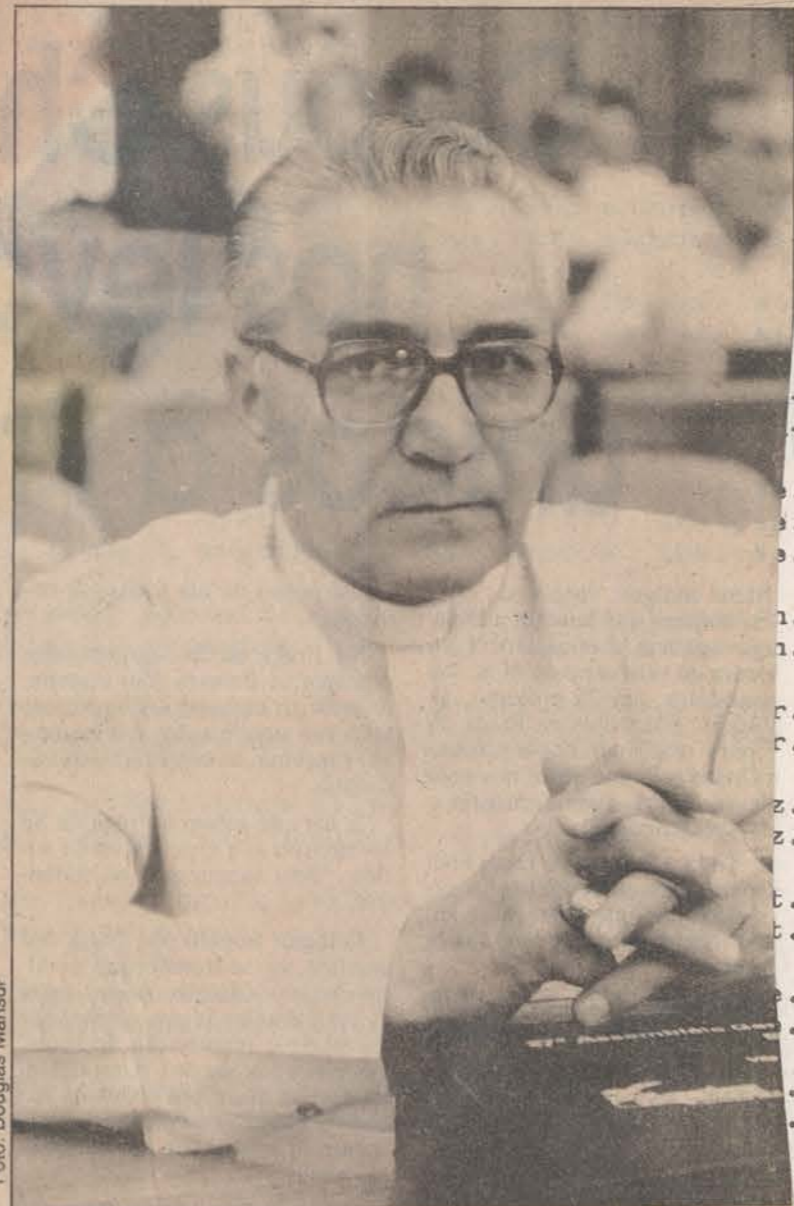
Dom Emílio toma posse no dia 4

Campo Limpo

Dom Emílio Pignoli, bispo da recém-criada Diocese de Campo Limpo, tomará posse no dia 4 de junho, às 15h30, no ginásio de esportes da prefeitura do município de Taboão da Serra, situado à rua São Francisco, no Jardim Helena. Para chegar ao local, vindo da direção de Pinheiros, tomar a BR-116 e seguir até a altura da Vila Iasi, fazer retorno pela própria BR e seguir até a Casa da Pamonha, entrar na rua São Francisco e seguir até o ginásio.

A celebração de instalação da nova diocese será presidida por dom Paulo Evaristo Arns, que dará a posse a dom Emílio. O tema da missa será o Bom Pastor. No início haverá uma acolhida a dom Paulo, que durante tantos anos marcou a caminhada do povo da Região. Logo após a leitura dos documentos da criação da diocese e nomeação do novo bispo, o cardeal entregará o báculo, oferecido por um grupo de Mogi das Cruzes, a dom Emílio. Os padres, irmãs e agentes de pastoral leigos farão, logo em seguida, o compromisso com a nova diocese, renovando-se no empenho e dedicação à causa do povo de Deus nas comunidades. Prevê-se que, além dos conselhos paroquiais e comunitários e do povo da própria diocese, virão 15 ônibus de Mogi das Cruzes para prestigiar dom Emílio Pignoli.

Dez anos de caminhada - O aniversário da Região Episcopal de Itapeperica da Serra será comemorada no dia 28 próximo com uma romaria até o ginásio de esportes



Dom Emílio Pignoli será empossado por dom Paulo

Foto: Douglas Mansur

do município de Itapeperica, como ocorreu no ano passado, reunindo aproximadamente 10 mil pessoas.

As comunidades do setor M' Boi Mirim se encontrarão na praça do Jardim Angela e o setor Campo Limpo, no Largo de Campo Limpo, às 8h. Simultaneamente rezarão o primeiro mistério do terço e em seguida sairão em caminhada, juntando-se os dois grupos no terreno do mutirão "Povo em Ação", no Parque Fernanda. A terceira parada, às 10h, será na entrada do Jardim Santo Eduardo, com as comunidades do setor Embu.

Os romeiros continuarão o percurso pela estrada de Itapeperica, parando às 11h perto do posto de gasolina do Valo Velho e encontrando-se com as comunidades da Paróquia São Francisco de Assis, e depois, às 12h, em frente à fábrica Itamasa, município de Itapeperica. Em cada uma dessas paradas será rezado um mistério do terço, celebrando Maria, a mãe dos caminhantes. O lanche comunitário será por volta das 13h, nas proximidades de uma bica e depois todos se encaminharão para o ginásio.

A celebração, presidida por dom Fernando Penteado, foi preparada pelos diversos setores e recordará os sinais de vida desses 10 anos de Região, as dificuldades e os desafios. Também expressará a gratidão do povo para dom Fernando que nesses 10 anos conquistou junto essa história, conquistando o carinho e a simpatia de todas as comunidades e agentes de pastoral.

Assembleia trata

São Miguel

Foi programada para este domingo, dia 14, a Assembleia Diocesana na qual merecerá destaque a participação na construção da sociedade justa e fraterna, que constitui um dos eixos prioritários da diocese da zona leste. Da assembleia, com início marcado para as 14h, participarão leigos engajados em lutas pela justiça social, agentes da pastoral, membros das equipes diocesanas, seminaristas, religiosas e padres.

Setor São Miguel - Neste sába-

do, dia 20, a partir das 15h, estarão reunidos os conselheiros do setor para dar encaminhamento às festas juninas e ao lazer comunitário. A reunião terá lugar na Paróquia Santa Luzia, em Vila Jacui.

Animação Pastoral - Os integrantes do Conselho do Setor Cangaíba se reúnem na quarta-feira, dia 18, às 20h30, na Paróquia Bom Jesus. O assunto em pauta, animação da vida e da pastoral daquele setor, será apresentado pelo padre Lício Vale e equipe de coordenação.

Novos ministros - Novos minis-

rá questão social

tros receberão o mandato no próximo dia 20, nas cerimônias que terão início às 20h, na Igreja Santa Etelvina, área Sagrada Família, em Guaianazes.

Pastoral da Moradia - A Equipe de Formação da Pastoral da Moradia vai se reunir, dia 20, às 20h, no setor Guaianazes para encaminhar importantes decisões relativas à formação dos seus militantes.

Secretariado de Pastoral - O Secretariado Diocesano de Pastoral se reúne, nesta sexta-feira, dia 19, das 18 às 22h, para tratar da assembleia da Pastoral da Juventude e encaminhar a elaboração do documento pastoral da Diocese. A reunião será na Casa de Encontros, em São Miguel.

Show beneficente - A Paróquia Nossa Senhora do Belo Ramo, da Praça Dom Duarte Leopoldo e Silva, na Vila Matilde, promove, neste domingo, dia 21, a partir das 14h, o "Show da Alegria", com a participação do grupo "Reis da Alegria". Diversas outras atrações, como apresentação de grupos de palhaços, brincadeiras e músicas ao vivo, alegrarão a festa, cujo ingresso está sendo vendido ao preço de 50 centavos.

Semana de estudos - A semana de estudos, com duração de três noites, teve participação intensa de pessoas que, depois do trabalho, foram até a igreja verde para ouvir as exposições dos padres Alfredinho, Rui e Neno, principais expositores da semana. Foi marcante o testemunho de vida do padre Alfredinho, que falou sobre o Servo Sofredor, referindo-se ao povo sofrido de São Paulo e do Nordeste. Padre Rui Melati realçou os mártires e os que dão a vida pelos irmãos. Já o padre Neno forneceu elementos para uma maior e melhor comunicação na Igreja entre pessoas e grupos.

Dom Gaspar se despede de Santo Amaro

Santo Amaro

A despedida de dom Antônio Gaspar teve lugar na celebração da Eucaristia por ele presidida, no último dia 12, na Igreja Nossa Senhora do Sabará. Dom Gaspar esteve à fente da então Região Episcopal Santo Amaro durante pouco mais de seis anos, da qual "foi pastor dedicado e fiel desta porção do povo de Deus", conforme foi manifestado na celebração de despedida.

"Vocês são muito bons — disse o bispo —, porque falaram que fiz muito mais do que talvez deveria ter feito; agradeço a cada um porque o que pude realizar nesta Igreja foi principalmente pela ajuda que tive de cada um de vocês". Dom Gaspar pediu desculpas pelos mal-entendidos ou erros e disse que em algumas situações precisou tomar atitudes difíceis, que acarretaram descontentamentos. Ele espera, porém, ser compreendido no tempo certo. O bispo insistiu que o acolhimento de dom Fernando Antônio seja pleno, e que todos tomem consciência de que o "bispo, a partir de 27 de maio, é dom Fernando Antônio Figueiredo" e que ele (dom Gaspar) faz questão de deixar esta diocese o melhor preparada possível para a continuidade dos trabalhos pastorais, com o novo bispo que instalará a diocese.

No ofertório foi a vez dos setores, representantes das CEBs e o Instituto de Teologia que, através de símbolos expressaram seus agradecimentos ao bispo. Dom Gaspar se despediu de todos manifestando o desejo de que a amizade continue e que fiquem as boas lembranças entre ele e o povo de Santo Amaro. Um grande bolo e muitos pratinhos, música e encontros pessoais marcaram a confraternização preparada pela diocese com a ajuda especial dos paroquianos de Sabará.

Semana de estudos - A semana de estudos, com duração de três noites, teve participação intensa de pessoas que, depois do trabalho, foram até a igreja verde para ouvir as exposições dos padres Alfredinho, Rui e Neno, principais expositores da semana. Foi marcante o testemunho de vida do padre Alfredinho, que falou sobre o Servo Sofredor, referindo-se ao povo sofrido de São Paulo e do Nordeste. Padre Rui Melati realçou os mártires e os que dão a vida pelos irmãos. Já o padre Neno forneceu elementos para uma maior e melhor comunicação na Igreja entre pessoas e grupos.

Conselho de Pastoral - O Conselho Diocesano de Pastoral se reúne no dia 23, às 19h30, na cúria diocesana.

Corpus Christi - Santo Amaro vai celebrar a festa de Corpus Christi em conjunto com a Arquidiocese de São Paulo, na Praça da Sé, no dia 25.

Pastoral Vocacional - Os jovens que participam do encontro mensal de acompanhamento vocacional se reúnem no dia 20, às 15h, na Cidade Dutra.

Inauguração - A comissão de comunicação faz ampla divulgação da instalação da diocese, no dia 27, através de cartas, cartazes e folhetos.

Encontro com d. Eugênio supera 'preconceitos recíprocos', diz Freire

Da Sucursal do Rio

O candidato do PCB à Presidência da República, deputado Roberto Freire (PE), disse ontem que seu encontro com o cardeal-arcebispo do Rio, D. Eugênio Salles, serviu para superar "uma série de preconceitos recíprocos". "Quisemos criar um fato histórico. Foi a primeira vez que um dirigente comunista encontrou-se oficialmente com um membro da alta hierarquia da Igreja", disse Freire, referindo-se à motivação que o levou a conversar por meia-hora com o cardeal, que não quis conversar com os jornalistas.

Freire estava acompanhado da mãe, Lourdes, 76, e da mulher, Leticia, que disseram ser católicas e pediram para conhecer o cardeal. "Ninguém foi mais comunista do que Cristo", respondeu Leticia, ao

ser perguntada como convivia com a ideologia do marido. Na mesma entrevista que elogiou a Igreja por seu "papel importante no processo de redemocratização do país", Freire criticou o virtual candidato do PT à Presidência, Luís Inácio Lula da Silva, pelas críticas ao pacto anti-terror defendido pelo PCB. "É um equívoco do Lula", afirmou o candidato do PCB.

Durante o encontro, realizado no edifício João Paulo 2º, na Glória (zona sul do Rio), o candidato do PCB entregou um documento em defesa do pacto ao cardeal, mas negou que tenha pedido apoio porque a Igreja já tem uma posição contra o terror. Freire disse que sua intenção foi a de encontrar-se com um representante da Igreja, sem preocupar-se com qualquer divisão interna na instituição. O candidato do

PCB respondeu desta forma ao ser indagado se concordava com os que consideravam D. Eugênio Salles um líder da ala conservadora da Igreja.

"Nós acabamos por descobrir que temos amigos comuns", disse Freire. Entre estes "amigos", citou Sebastião Paixão, que também participou do encontro. Segundo Freire, Paixão foi preso político nos anos 70 e após permanecer longo tempo incomunicável só pode receber visitas graças à intermediação de D. Eugênio.

Freire não confirmou encontro que teria hoje com o cardeal-primaz do Brasil, D. Lucas Moreira Neves, mas afirmou que pretende reunir-se com outras lideranças da Igreja. Segundo ele, deverá encontrar-se em breve com dirigentes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Igreja inicia atos para canonizar madre do Rio

Da Sucursal do Rio

Banco de Dados

Com missa solene rezada ontem de manhã no Convento de Santa Teresa, em Santa Teresa (zona central do Rio), pelo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Sales, a Igreja Católica comemorou a abertura do Inquérito Oficial Diocesano para a canonização da madre carioca Maria José de Jesus, que morreu em 1959, aos 77 anos. Participou da cerimônia o enviado especial do Vaticano para a análise do processo, frei Simeão da Sagrada Família.

Filha do historiador Capistrano de Abreu, madre Maria José de Jesus (nascida Honorina de Abreu) deixou o Convento de Santa Teresa, onde viveu em clausura durante 48 anos, de 1911 a 1959, apenas três vezes. Duas saídas foram motivadas por doença e a terceira, para participar da fundação do convento das Carmelitas Servas dos Pobres, em Teresópolis (a 91 km do Rio).

Em dez dias, frei Simeão voltará para o Vaticano com o pedido formal à Santa Sé para abertura da causa de beatificação e canonização. Com ele, seguirá o material para os primeiros estudos sobre a intenção da Arquidiocese do Rio. Para o inquérito local foi designado frei Patrício Sciadini, provincial das Carmelitas Descalças do Sudeste Brasileiro, ordem à qual pertencia a madre Maria José de Jesus.

Frei Patrício Sciadini disse após a missa que já recolheu cerca de mil cartas que a religiosa escreveu para companheiros da Igreja e parentes, além de poesias. Mas a divulgação do material foi proibida por frei Simeão, que alegou a necessidade de sigilo durante a fase de estudos. D. Eugênio Sales disse não ter detalhes sobre possíveis milagres praticados por madre Maria José.

O inquérito local, segundo frei Simeão, deverá durar dois anos. Preparado o processo, os documentos serão encaminhados para a avaliação da Congregação dos Santos de Roma. A palavra final sobre a



O cardeal-arcebispo Eugênio Sales

beatificação e canonização da madre Maria José de Jesus caberá ao papa. Não há previsão de tempo para uma resposta definitiva.

Dos pedidos encaminhados pela Igreja Católica do Brasil ao Vaticano para a beatificação e canonização de religiosos, apenas um foi atendido até agora, e assim mesmo parcialmente. Em julho de 1980, o papa João Paulo 2º, que estava no Brasil, tornou bem-aventurado (beato) o padre jesuíta José de Anchieta, natural das Ilhas Canárias, no oceano Atlântico (pertencente à Espanha), mas que manteve ação religiosa no Brasil, no século 16. O processo de santificação de Anchieta ainda não chegou ao fim.

Para o Vaticano beatificar um religioso, é necessária prova de pelo menos dois milagres, que são examinados em Roma, na Itália, por uma comissão de médicos designada pela Santa Sé. É considerado milagre o evento para o qual os médicos concluem não haver explicação científica e que tenha surgido em resposta a uma oração. A canonização só é concretizada após a prova de um segundo milagre.

Igreja inicia atos para canonizar madre do Rio

Da Sucursal do Rio

Com missa solene rezada ontem de manhã no Convento de Santa Teresa, em Santa Teresa (zona central do Rio), pelo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Sales, a Igreja Católica comemorou a abertura do Inquérito Oficial Diocesano para a canonização da madre carioca Maria José de Jesus, que morreu em 1959, aos 77 anos. Participou da cerimônia o enviado especial do Vaticano para a análise do processo, frei Simeão da Sagrada Família.

Filha do historiador Capistrano de Abreu, madre Maria José de Jesus (nascida Honorina de Abreu) deixou o Convento de Santa Teresa, onde viveu em clausura durante 48 anos, de 1911 a 1959, apenas três vezes. Duas saídas foram motivadas por doença e a terceira, para participar da fundação do convento das Carmelitas Servas dos Pobres, em Teresópolis (a 91 km do Rio).

Em dez dias, frei Simeão voltará para o Vaticano com o pedido formal à Santa Sé para abertura da causa de beatificação e canonização. Com ele, seguirá o material para os primeiros estudos sobre a intenção da Arquidiocese do Rio. Para o inquérito local foi designado frei Patrício Sciadini, provincial das Carmelitas Descalças do Sudeste Brasileiro, ordem à qual pertencia a madre Maria José de Jesus.

Frei Patrício Sciadini disse após a missa que já recolheu cerca de mil cartas que a religiosa escreveu para companheiros da Igreja e parentes, além de poesias. Mas a divulgação do material foi proibida por frei Simeão, que alegou a necessidade de sigilo durante a fase de estudos. D. Eugênio Sales disse não ter detalhes sobre possíveis milagres praticados por madre Maria José.

O inquérito local, segundo frei Simeão, deverá durar dois anos. Preparado o processo, os documentos serão encaminhados para a avaliação da Congregação dos Santos de Roma. A palavra final sobre a



O cardeal-arcebispo Eugênio Sales

beatificação e canonização da madre Maria José de Jesus caberá ao papa. Não há previsão de tempo para uma resposta definitiva.

Dos pedidos encaminhados pela Igreja Católica do Brasil ao Vaticano para a beatificação e canonização de religiosos, apenas um foi atendido até agora, e assim mesmo parcialmente. Em julho de 1980, o papa João Paulo 2º, que estava no Brasil, tornou bem-aventurado (beato) o padre jesuíta José de Anchieta, natural das Ilhas Canárias, no oceano Atlântico (pertencente à Espanha), mas que manteve ação religiosa no Brasil, no século 16. O processo de santificação de Anchieta ainda não chegou ao fim.

Para o Vaticano beatificar um religioso, é necessária prova de pelo menos dois milagres, que são examinados em Roma, na Itália, por uma comissão de médicos designada pela Santa Sé. É considerado milagre o evento para o qual os médicos concluem não haver explicação científica e que tenha surgido em resposta a uma oração. A canonização só é concretizada após a prova de um segundo milagre.

Dom Fernando assume São Miguel

São Miguel

Dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo da ex-Região São Miguel desde 1974, despediu-se da diocese da Zona Leste no domingo, dia 14, durante uma assembléia diocesana de pastoral. A partir do dia 28 dom Angélico estará na nova região episcopal criada na Arquidiocese de São Paulo, com o nome de Freguesia do Ó, Brasilândia ou outro a ser definido em assembléia no dia 18 de junho.

A dom Angélico sucede na nova Diocese de São Miguel, criada por decreto do Papa em 15 de março, dom Fernando Legal, até então bispo de Limeira, interior de São Paulo.

A posse e instalação da Diocese

de São Miguel acontece no domingo, 28, com a presença de dom Paulo Evaristo Arns. As cerimônias, na Catedral São Miguel Arcanjo, terão início às 15h.

Numa área de 196 quilômetros quadrados, São Miguel conta com uma população de cerca de 2,5 milhões de habitantes. As 52 paróquias da diocese são atendidas por mais de 80 sacerdotes, entre diocesanos e membros de congregações religiosas. Dom Fernando Legal será bispo de uma diocese que tem mais de 150 capelas ou centros comunitários e a Basílica Nossa Senhora da Penha. Nos últimos cinco anos (até 1987) foram ordenados 18 sacerdotes. São Miguel conta também com um Instituto de Teologia, uma casa de encontros e um centro de comunicação, chamado Cemi.

2615189 OSP



Foto: Douglas Mansur

São Miguel acolhe dom Fernando e agradece a dom Angélico

Dom Serafim: desde a infância, o amor pelo futebol e a dedicação à Igreja J. da O.
28-5-82

Arcebispo afirma que sua vida não é marcada de grandes coisas, mas de um monte de alegrias

Na tradição e nas Sagradas Escrituras, o pastor é aquele que guarda, alimenta e conduz o rebanho. Vive com ele a experiência da caminhada nos verdes pastos. As ovelhas são dóceis e silenciosas. No mundo moderno, a missão do pastor é mais difícil. As ovelhas humanas não são dóceis e nem silenciosas. E o pastor sabe de sua missão, do alimento que pode dar às suas ovelhas. Mas se sabe frágil e humano como elas. Pastor e ovelhas são da mesma natureza. E o Senhor de tudo e de todos os diferenciou pela missão, pelo serviço. O pastor é o que deve servir mais: "Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós, seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo. Desse modo, o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt, 20, 25-28).

No serviço da Arquidiocese de Belo Horizonte, o Pastor Serafim Fernandes de Araújo serve há mais de 30 anos. Mineiro de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, foi criado em Itamarandiba. Ordenado sacerdote em Roma, na Catedral de São João Latrão, há 40 anos, dez anos mais tarde, com apenas 34 anos de idade, tornou-se bispo, recebendo da Igreja em Diamantina o cajado do Pastor. Foi a 7 de maio de 1959. Duas semanas depois seguiu para Belo Horizonte, onde atuou como bispo-auxiliar, até 1982, quando foi promovido ao Arcebispado. Na Capital

pequenas e diárias mineira, sua principal atividade foi na implantação e consolidação da Universidade Católica, hoje patrimônio da educação mineira, onde foi reitor por 21 anos.

Querido por muitos, contestado em suas posições por alguns que o identificam como um bispo moderado, dom Serafim se afirma mineiro, guardador de "valores importantes e fundamentais".

Mas como é o arcebispo de Belo Horizonte por si mesmo?

Quem é este Pastor? Que alimento ele quer dar ao seu rebanho? Como ele vê os 3 milhões e meio de habitantes da Capital mineira? O que o alegra? O que o angustia?

Dom Serafim, como é ser bispo? Como o senhor se sente como bispo?

Ah... bispo é algo além da gente, é além do tamanho da gente. O bispo é sinal, é sacramento da unidade da Igreja local, do povo de Deus que se reúne e que é Igreja. O bispo é objeto de fé e nesta função entra algo realmente além do humano. Entra o mistério. O pastor é chamado a se colocar diante dos irmãos como alguém que carrega o lado humano e o sobrenatural juntos.

Como surgiu sua vocação sacerdotal?

Aos oito anos eu senti vontade de ser padre, pela primeira vez. Isso aconteceu em Itamarandiba, no Vale do Jequitinhonha, onde eu morava. Ali, naquela cidade pequena, a Igreja representava muito na vida das pessoas, da comunidade. O padre da cidade era já velho e, visto com os olhos de hoje, seria considerado como alguém que estava fora da realidade local, dos problemas da época. Mas, dentro da Igreja, nas celebrações, a gente se aproximava dele e ele era como um guia. Um conselheiro espiritual muito querido. Creio que ele marcou bastante minha infância. Além disso, a fé era algo central na vida de nossa família. Eu me lembro que, bem junto à porta de nossa casa, do lado de dentro, havia uma espécie de cabide grande, onde todos os irmãos pendurávamos as roupas de ir à missa no domingo. A gente acordava cedo, vestia a roupa melhor e ia para a

missa. Depois voltava para casa, trocava de roupa, deixava no cabide e só então podia tomar café e sair para brincar.

O que significava este cabide?

Significava um pouco o respeito pelo sagrado, pelo mistério. A gente vestia a roupa de ir à missa e, de certa forma, se vestia por dentro. A gente se preparava para participar de um momento especial, o mistério da missa. Era o sentido do sagrado que já se manifestava para uma criança.

Como foi sua infância? Quantos irmãos o senhor tinha?

Bem, somos 14 irmãos. A gente brincava muito, com coisas simples. Fabricava carrinho com caixa velha e roda de cabaca. Fazia boizinho de chuchu, inventava um curral, enfim, brincava com as coisas que faziam parte da vida dos grandes. E tinha o circo. Ah... quando chegava o circo, a meninada ficava louca. Todo mundo saía correndo pela rua atrás do palhaço. "Hoje tem marmelada? Hoje tem goiabada?", essas coisas. Depois, o palhaço marcava com tinta a cara dos meninos que o seguiam e, assim, eles poderiam entrar de graça no circo, à noite. Eu ficava muito frustrado porque a minha mãe era muito rigorosa e nunca me deixou correr atrás do palhaço. Na minha família a gente vivia com muita dignidade, mas com poucos recursos. Havia fartura em casa, mas sem sobras. Meu pai trabalhava muito. Ele era dentista-prático e vivia viajando, atendendo ao povo da região. Quando eu fiz 11 anos, eu escrevi uma carta ao meu pai, dizendo a ele que queria entrar para o seminário.

E o futebol? O senhor jogava futebol?

Claro! Sempre gostei de futebol. Quando criança eu jogava muito e gostava de qualquer posição, menos de goleiro. Mas no seminário eu acabei virando goleiro e fui parar na seleção do seminário de Diamantina. Em Roma, onde estudei mais tarde, joguei como beque central.

Dom Serafim não perdeu sua paixão pelo futebol. E guarda este lado um pouco de menino, encantado com o futebol. Durante a entrevista, pedi para beber água e fui à copa do Palácio Cristo Rei. Era quase meia-dia e a mesa estava posta para o almoço. Tudo simples e igual. Havia quatro pratos com talheres e um copo em cada um. Um deles tinha um copo diferente. Um copão grande com o escudo do Atlético. Descobri, de repente, onde se senta o arcebispo e o "menino Serafim".

E o Atlético? Como o senhor se tornou este grande torcedor?



Ser bispo é algo além do nosso tamanho

□ Foi em 37, por aí. Primeiro eu fui botafoguense. É que havia um amigo que estudou com os padres lazaristas, que tinham uma casa na Rua General Severiano, ao lado do campo do Botafogo, no Rio. E ele me conquistou para o Botafogo. Depois veio o Atlético. Mas hoje sou mais atleticano do que botafoguense.

□ O senhor se lembra do Atlético daquela época?

□ Acho que sim. (Pára um pouco, pensa e responde). O time era Kafunga, Evandro e Quim; Zezé, Lola e Bala; Selado, Bazoni, Guará, Nicola e Resende. Posso ter trocado um ou outro nome. Mas o time da época, final dos anos 30, era este. O Guará era fantástico!

□ É interessante o senhor falar assim com tanta alegria do Atlético. Muitos vêem o bispo como um homem fechado. O futebol é coisa aberta, bem do povo.

□ Sempre tive muita afinidade com o povo, com as coisas populares. Muitos me vêem como alguém fechado de quem é difícil se aproximar. Mas não sou nada disso. Gosto mesmo é das coisas simples, da vida do povo simples, como o povo de minha região, o Vale do Jequitinhonha. Tenho um coração muito sensível e me emociono com facilidade. Gosto muito das crianças e sempre temos facilidade de aproximação.

□ Qual é a grande alegria de ser bispo?

□ Não posso falar de uma grande alegria. Minha vida não é marcada de grandes coisas, mas de um monte de alegrias pequenas e diárias. Essas coisas seriam a grande alegria do bispo. Gosto de aproveitar cada pedacinho bom da vida de bispo. Do encontro com as pessoas. Gosto de me encontrar e de atender às pessoas. Você me fez lembrar de um fato: uma vez, na Paróquia de Camargos, uma velhinha chegou perto de mim e, num ímpeto carinhoso, dei-lhe um abraço. Conversei com outras pessoas e vi, mais tarde, a velhinha chorando num canto. Fui perguntar o que havia. E ela me respondeu: estou muito emocionada, porque o se-

nhor foi a primeira pessoa que me abraçou na vida. Isto me tocou profundamente. E descobri o quanto é carente o nosso povo.

□ Mas, dom Serafim, o poder de ser arcebispo, o poder temporal, isto não cria uma distância, não afasta o pastor do povo?

□ Não penso assim. Sinceramente, não me considero melhor do que ninguém. Deus me deu este dom. Sinto-me assim. E, por isso, tenho um grande respeito pelas pessoas, pela opinião do outro. Se alguém me diz algo, é porque deve ser verdade dele. É eu respeito. Nunca pedi a ninguém para ficar em nenhum lugar. Se um padre chega aqui e diz que quer sair, que quer deixar sua paróquia, eu respeito e aceito. Não peço a ninguém para ficar.

□ Mas há sempre aquele que acusa o arcebispo de autoritário. Como o senhor sente isto?

□ Muitas vezes, isto decorre da problemática da própria pessoa. E é mais fácil acusar o outro do que mudar a si próprio. Não sou autoritário e acho que este é um preconceito de alguns. Todos têm preconceitos. Eu também tenho os meus. Mas a gente tem que lutar muito contra os preconceitos. Se a gente consegue eliminar o preconceito, o diálogo surge mais fácil. A gente aceita o outro e se aceita melhor.

□ Dê-nos um exemplo de preconceito.

□ É o caso da posição de progressista e conservador. Isto é preconceito. Muitas vezes um progressista é autoritário e o conservador liberal, e vice-versa. O que realmente importa e que deve estar acima do preconceito é o sentido da unidade e da comunhão na Igreja, que devem ser mantidos a qualquer custo. As divergências não significam ruptura. Significam só modos diferentes de ver a realidade. E aí está nossa riqueza. A diversidade na Igreja é tão importante que basta olharmos para a Santíssima Trindade: são três pessoas distintas num único Deus.

□ Como o senhor analisa os conflitos que a Igreja vive por causa das idéias diferentes? Agora mesmo surgiu um documento de teólogos da Europa — a "Carta de Colônia" — que discute e questiona o papel do bispo e até do Papa. O Vaticano e os bispos reagiram.

□ Não tenho medo de idéias. Só as idéias, colocadas claramente, nos ajudam a aprender. O que me dá medo é a falta de comunhão. Tudo bem que cada um pense diferente. Mas que pense em comunhão, é o que importa. É preciso que todos descubram melhor o respeito pelas pessoas e pelas idéias que elas professam. Em comunhão, é claro. As posições também são, muitas vezes, fruto de contexto. Há bispos e padres que são vistos como conservadores mas que, se colocados em outro contexto, diante de outra realidade e de outra interpelação do povo a quem ele deve servir, seriam considerados avançados, radicais. Eu acho que se eu estivesse trabalhando no Morro do Papagaio (fa-

vela) seria criticado por muitos que me considerariam avançado demais, radical. O importante é a coerência interna de cada um. E a percepção que o pastor deve ter do seu contexto. O povo de Belo Horizonte não é um povo de radicalismos. É um povo que guarda valores que são importantes e fundamentais.

□ Tais valores são vistos como valores mineiros. O senhor é mineiro assim?

□ É, eu me sinto muito mineiro. Diria mais: recebi a graça de ser mineiro. Descobri isto nos oito anos que participei do Conselho Federal de Educação. E as pessoas ali me viam como mineiro, mais do que como bispo, já que eu estava na função de reitor da PUC. Como presidente do Conselho, creio que os outros teriam me mantido no cargo por muito tempo, por seis anos até. Mas eu não quis.

□ O que é difícil no ser bispo?

□ É viver o sagrado com a consciência da secularidade da mensagem de Cristo. Difícil é harmonizar os conflitos, administrar o espaço das idéias de cada um, das diferentes maneiras de se ver a missão de evangelizar. Difícil é acolher de verdade a todos. Difícil, difícil mesmo, é ser parâmetro da vontade de Deus para o povo.

□ O que o bispo, o pastor Serafim, diria para o seu povo e para a sua Igreja, muitas vezes em conflito?

□ Que a Igreja é comunhão. Que é importante o diálogo com a caridade fraterna, cristã. Quem quer ser dono da verdade, dentro da Igreja e no meio dos homens, perde o sentido maior, da fraternidade e da comunhão.

□ O que angustia o arcebispo de Belo Horizonte?

□ O desafio de ter três milhões e meio de pessoas para evangelizar e não ver como conseguir isso. O desafio de levar Cristo a cada um, ao coração de cada pessoa. Cristo como princípio de vida, de decisão e de comportamento. O que me angustia muito nesta tarefa é a falta de instrumental para isto, em mim mesmo. Minha fragilidade como homem para uma tarefa que é sobrenatural, que é missão sagrada.

□ E como o senhor entende este "evangelizar"?

□ Como levar o Cristo a todos. A Igreja ajuda na construção de uma sociedade nova. E o problema social importa aí. É impossível a tarefa de evangelizar sem que se considere a pessoa em sua situação. Não há evangelização sem respeito aos direitos humanos, sem justiça. Não há evangelização que não considere o homem como um todo, ser biológico e espiritual. Não há evangelização sem Cristo.

□ Como o senhor se sente vendo tanta gente nas ruas, entregues ao relento? Crianças dormindo nas calçadas, no frio e na chuva, muitas vezes a poucos passos de uma Igreja cercada de grades e de portas fechadas?

□ Sinto aí o problema da miséria e do pecado na gente. Como é difícil a gente viver a coerência maior, total. É a miséria do pecado. Rezo muito e luto pela conversão. A conversão da própria Igreja, que amo profundamente, e, antes de tudo, minha conversão pessoal. A coerência é mais fácil para o cristão que vive pobre nos meios dos pobres. Estes são mais coerentes do que a gente. Sinto a angústia da incoerência e a necessidade da conversão. Lembro-me aqui de um pensamento de Daniellou, um jesuíta que foi cardeal na França, que dizia: "O cristão é um pagão que se converte a cada dia." Toda esta problemática está ligada à vivência íntima da fé, à conversão mesmo. Daí ser problema alguém se sentir dono da verdade na Igreja. Tenho medo daqueles que se apresentam como perfeitos na Igreja. Temos todos que re-



Eu recebi a graça de ser mineiro

conhecer a graça de Deus em nós e, ao lado disso, nossa fragilidade humana. O mundo dos homens, de suas organizações é complicado e nem sempre coerente como deveria ser. Vale lembrar também o exemplo de São Francisco. Também ele viveu a angústia da incoerência da organização humana. Ele, santo, radical em sua coerência com o Evangelho, sofreu a angústia de ver a organização de sua ordem, em muitos pontos diferentes de seu projeto pessoal, que era o próprio Evangelho.

□ No sentido da humildade, sua origem, o Vale do Jequitinhonha, tem muita importância, não?

□ Sim. O homem deve ser sempre humilde. O Vale é uma região muito pobre. E, ao mesmo tempo, muito rica: é uma região tão humana, tão deusa de valores humanos e cristãos! É um povo até contraditório: absolutamente pobre e, ao mesmo tempo, rico interiormente e muito inteligente. O Vale do Jequitinhonha é o seu conjunto. Como Itamarandiba, que em língua indígena quer dizer conjunto de pedras pequenas. O poeta Fernando Brant tomou o nome Itamarandiba e fez uma música para o Milton Nascimento que diz "Itamarandiba, pedra miúda rolando sem vida, como é miúda e quase sem vida a vida do povo que mora no Vale". E pequena, é miúda sim. Mas como é grande o meu Vale!



No dia em que completou 30 anos de episcopado, dom Serafim foi abraçado pelos fiéis

2-6-89 m

Opi

Implodir a Igreja?

Dom José Fernandes Veloso

É o que parece pretender a conjugação de tantos pronunciamentos e artigos em jornais e revistas, de autoria de sacerdotes, religiosos e leigos, como que apostados em ferir pontos essenciais da doutrina e da vida da Igreja Católica. E a cada dia com maior frequência, para escândalo e dano dos fiéis.

A técnica de implodir edifícios, em vez de assestar violentos golpes de fora, distribui pelo prédio pequenas cargas de dinamite, calculadamente dosadas, de modo que, detonadas simultaneamente, façam o edifício desabar para dentro, sobre si mesmo.

De modo semelhante, os ataques frontais à Igreja são hoje menos frequentes do que as cargas demolidoras contra a doutrina e a disciplina da Igreja, repetidas e disseminadas por toda parte. Simultaneamente detonadas, a minam por dentro, procurando abalá-la e levá-la àquela "autodemolição" já denunciada por Paulo VI.

Estarrecidos e quase incrédulos, vemos em nossos dias multiplicarem-se tais ataques à Igreja, a partir de seus próprios membros, corroendo colunas essenciais de sua doutrina e estrutura, para fazê-la ruir. Selecionamos por hoje dois exemplos recentes:

1. Conhecida revista católica ilustrou sua capa de abril com a figura de Jesus Cristo na cruz, cortada pelo desenho de uma fita cinematográfica, em que se anunciam dois artigos explosivos de suas páginas: *Os filmes sobre Cristo e Maria e Muito obrigado, Martin Scorsese*. Com leves e quase imperceptíveis restrições, os dois artigos aprovam os filmes reconhecidamente blasfemos *Je vous salue, Marie* e *A última tentação de Cristo*. Jesus Cristo confirmou a Pilatos que é Rei (Lc. 23, 3), mas não no sentido terreno; e a liturgia celebra essa realeza explicando no prefácio da missa de Cristo-Rei que é um "reino da verdade e da vida, reino da santidade e da graça, reino da justiça, do amor e da paz". O primeiro articulista, porém, na ânsia de reduzir o sobrenatural ao político-ideológico, elogia o filme de Scorsese por "conceber um Cristo *nem rei dos reis... nem divindade... mas por excelência o anti-herói humanista, pleno de dúvidas e incertezas*". Convenhamos em que negar a divindade de Cristo, e reduzir sua missão de Redentor à de ambíguo "anti-herói humanista", não é só blasfêmia; é tentar destruir pelos alicerces a própria Igreja fundada por Jesus Cristo Filho de Deus.

O segundo articulista do mesmo número da citada revista agradece repetidamente a Martin Scorsese ter produzido o filme blasfemo, e qualifica de "idiotas" as publicações de protesto contra a blasfêmia de *A última tentação de Cristo*. E acrescenta: "Scorsese é um católico compenetrado", "Scorsese fez um favor à Igreja". Com isto incute-se que as idéias demolidoras do filme seriam católicas e expostas por católicos — uma autêntica implosão a partir de dentro, uma "autodemolição".

2. Conhecido matutino paulista publicou artigo de um colaborador, criticando o telegrama de solidariedade ao papa, enviado pelo presidente da CNBB no início da última Assembléia de Itaici. O articulista derrama sua bilis contra o papa e a Santa Sé, dizendo que "permanece em todo o corpo eclesialístico o princípio do *poder irresponsável e da obediência irrefletida*". E acrescenta que o Direito Canônico não se coaduna com "aquele tipo de sociedade que Jesus chamava o Reino de Deus". Criticando a autoridade do papa, vai solapando o alicerce visível (ainda que apenas "vicário") da Igreja de Cristo: "Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" (Mt. 16, 18). Lamenta que "teologicamente as autoridades eclesialísticas falharam na compreensão de que o sucessor de Pedro não tem um primado de jurisdição", e que "os canonistas romanos até hoje não chegaram a compreender o que os juristas ingleses entenderam perfeitamente desde fins do século 17".

O que é de realmente lamentar é que o articulista não tenha chegado a compreender o que os cristãos sabem desde os primeiros séculos, isto é: a distinção entre a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens (Santo Agostinho), entre a sociedade civil organizada pelos homens e a sociedade sobrenatural instituída por Cristo. É de lamentar que, à revelia do próprio Cristo, o articulista se arroge o poder de determinar que o papa governe a Igreja "à semelhança do monarca britânico" (sic!).

Não é de admirar que alguém de fora da Igreja lance tal petardo contra ela. O que causa estranheza é que uma "Agência Ecumênica de Notícias", no mesmo boletim em que transcreve aquela diatribe contra a constituição da Igreja, solenemente reafirmada no último concílio, atribua a um bispo do Brasil a afirmação de que "pelo menos 50 bispos teriam gostado do artigo do jurista"... Trata-se evidentemente de um bárbaro equívoco ou ambigüidade. Talvez alguém tenha gostado do estilo literário, mas gostar do conteúdo do artigo, das idéias nele expressas, nem pensar. Um só bispo que apoiasse tal artigo se colocaria em grave e radical oposição ao Vaticano II. A constituição *dogmática Lumen Gentium*, o documento fundamental do concílio, exclui essa possibilidade em relação não só a um bispo ou sacerdote, mas a qualquer membro fiel da Igreja. Quanto mais 50 bispos!

Difundir que bispos apóiam os erros dogmáticos do infeliz artigo só serve para confundir os leitores, podendo levar fiéis menos avisados a perfilhá-los. Entra-se assim no processo de tentar minar a Igreja por dentro.

As várias táticas de destruir a Igreja por dentro não são novas: o próprio Cristo nos preveniu com a parábola do inimigo que, sub-repticiamente, na calada da noite, semeia o joio no meio do trigo (Mt. 13, 25); São Paulo nos alertou em várias de suas epístolas, e São Pedro comparou esses deturpadores da doutrina de Cristo a um "leão que ruge procurando a quem devorar" (I Pd. 5, 8). Em nossos dias, Paulo VI, reconhecendo que *a fumaça de Satanás já penetrara na Igreja por algumas frestas* (29-VI-1972), denunciou os "fermentos de infidelidade ao Espírito Santo que, aqui e além, se encontram na Igreja em nossos dias, e que tentam infelizmente miná-la por dentro" (8-XII-1974). Procura-se implodir a Igreja a partir de seu interior; jamais o conseguiram tantos heresiarcas, a maioria já esquecida pela História. Nem hoje nem amanhã conseguirão implodi-la: "As portas do inferno jamais prevalecerão contra ela" (Mt. 16, 18).

Dom José Fernandes Veloso é bispo de Petrópolis, RJ

5-6-89 FM

Dispo toma posse e pede pela unidade da Igreja

Da Reportagem Local

Um apelo à unidade da Igreja "nas questões essenciais" foi feito ontem, às 16h, pelo primeiro bispo da nova diocese paulistana de Campo Limpo, d. Emilio Pignoli, em seu discurso de posse. D. Emilio definiu como "essenciais" a manutenção "do depósito da fé em Jesus Cristo" e a observância do objetivo geral da atuação da Igreja no Brasil, baseado na "evangelização libertadora". Ele defendeu, na ação pastoral, uma "diversidade de métodos".

A posse de d. Emilio teve a presença de quinze bispos e de

cerca de 5 mil católicos que lotaram o ginásio de esportes de Taboão da Serra (município a 15 km a sudoeste de São Paulo).

No início da cerimônia, o cardeal d. Paulo Evaristo Arns foi homenageado pelo padre Guido Picolli. "É impossível esta região esquecer o que foi semeado e tomar outros caminhos", disse o padre Picolli.

A diocese de Campo Limpo ocupa uma área de 4.560 km², em seis municípios, com uma população de 1.330 mil habitantes. A diocese tem 30 paróquias, 205 centros comunitários, 24 padres, 280 freiras e 61 religiosos.



“Sejamos um

Foi isso o que pediu dom Emilio Pignoli ao tomar

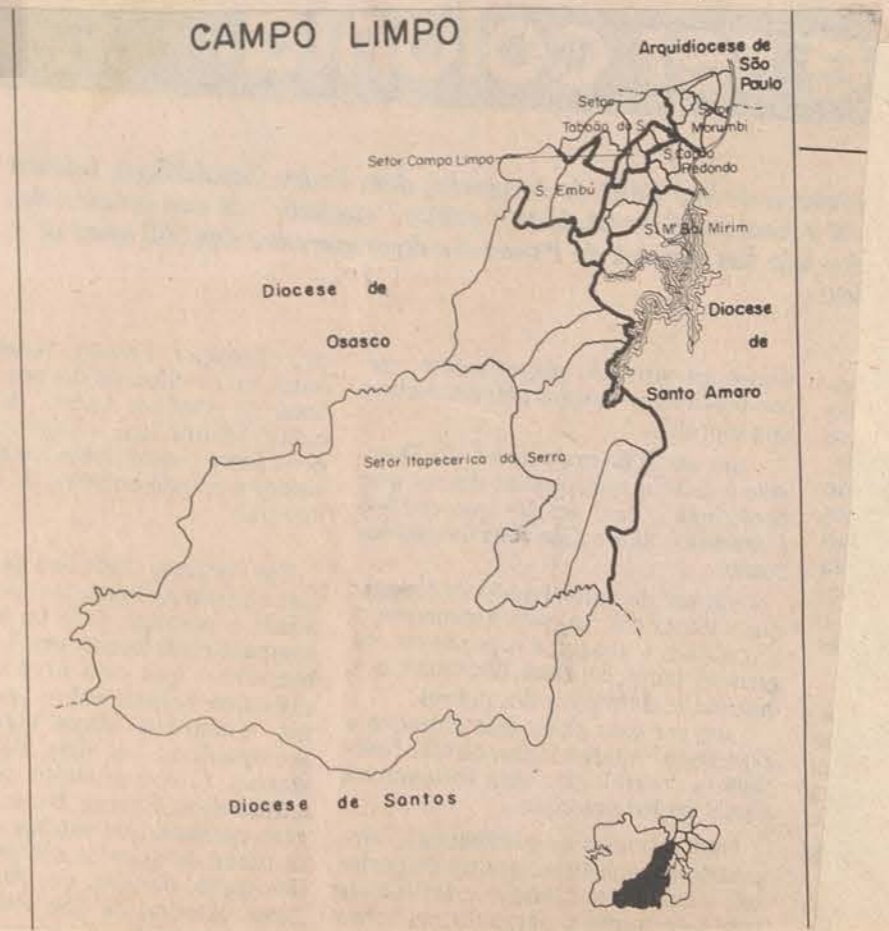
SPECIAL

O SÃO PAULO
9 a 15 de junho de 1989

campo limpo”

posse como primeiro bispo da Diocese de Campo Limpo

CEED



“O pólo de convergência de nossa ação pastoral deve ser o objetivo geral da Igreja no Brasil. Que sejamos um ‘campo limpo’”. Com estas palavras, dom Emilio Pignoli iniciou os seus trabalhos como bispo da nova Diocese de Campo Limpo, em cerimônia de posse realizada no último domingo, dia 4, no ginásio municipal de esportes de Taboão da Serra. Dom Paulo Evaristo Arns entregou-lhe o anel de bispo, símbolo do compromisso com a Igreja e com o povo, e o báculo, símbolo do pastor, confiando-lhe o novo rebanho que vive os mais angustiantes problemas de toda a Grande São Paulo, como moradia, saúde, educação, violência. Quatro mil fiéis das mais de 200 comunidades da diocese e uma caravana de 40 ônibus da Diocese de Mogi das Cruzes lotaram o ginásio de esportes, transformado num grande templo de oração por mais de duas horas de celebração. Vários bispos do Regional Sul I, padres, seminaristas e religiosas foram rezar e dar as boas-vindas ao novo bispo de Campo Limpo, designado pela Santa Sé em decreto pontifício de 15 de março último. A maioria do clero local demonstrou a sua insatisfação com o processo utilizado pelo Vaticano na divisão da Arquidiocese paulistana, mas acolheu com fé e esperança a chegada do novo bispo.



Foto: Douglas Mansur

As comunidades de Campo Limpo entregaram a dom Emilio uma casa, símbolo da luta pela moradia.

O Ginásio Municipal de Esportes de Taboão da Serra tornou-se, no último domingo, dia 4, um templo abrigando quatro mil fiéis da nova Diocese de Campo Limpo que foram celebrar a posse do seu novo bispo, dom Emilio Pignoli. Uma caravana de 40 ônibus da Diocese de Mogi das Cruzes, interior de São Paulo - onde dom Emilio prestou seus serviços pastorais - veio entregar o seu pastor para o novo rebanho. Só de Mogi das Cruzes eram cerca de mil pessoas e mais de 40 sacerdotes.

“Dom Emilio Pignoli, as portas de Campo Limpo estão abertas para recebê-lo”. Com estes dizeres numa enorme faixa colocada no centro do ginásio a população das mais de 300 comunidades de Campo Limpo acolheu o seu novo pastor. No domingo anterior, num outro ginásio de esportes, o municipal de Itapeverica da Serra, as comunidades se despediram de dom Fernando Penteado, que há dez anos era o bispo da ex-Região de Itapeverica. No ginásio, 12 mil pessoas, como noticiou O SÃO PAULO, em sua última edição, se fizeram presentes. Lá esteve também o bispo de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, que já foi bispo auxiliar de São Paulo. Naquela oportunidade dom Mauro, durante o seu sermão afirmou que “não há renovação na Igreja através de decretos, é só através do serviço e da fraternidade que ela se renova”.

Estavam presentes na cerimônia de posse os bispos da arquidiocese, os padres de Campo Limpo, seminaristas e religiosas; da cidade de Claraval, Mato Grosso, se fez presente o abade beneditino dom Carmelo e também o bispo de Franca dom Diógenes Silva Matos. Dom Paulo Evaristo Arns, o metropolitano de São Paulo, presidiu a primeira parte da celebração em que entregou o báculo de pastor a dom Emilio, confiando-lhe o pastoreio de uma das mais carentes áreas de São Paulo onde se encontra os mais graves problemas sociais.

Faixas, cartazes, sanfona, pandeiros, atabaques, palmas, aclamações, deram um colorido de festa à celebração e ao mesmo tempo externavam o dinamismo dos dez anos de caminhada tendo à frente a simplicidade de dom Fernando Penteado. Foi exatamente este o roteiro da homilia de dom Paulo, que ressaltou pontos importantes da caminhada pastoral da nova diocese e suas prioridades, e pediu a todos unidade no trabalho em todas as comunidades com os padres, as religiosas, os leigos junto ao bispo.

O padre Guido Piccoli, o mais antigo da Região, leu o documento pontifício que cria, da província metropolitana de São Paulo, a nova Diocese de Campo Limpo e,

foi lido também outro documento em que anunciava a todo o povo a nomeação pelo Papa João Paulo II, de dom Emilio Pignoli como primeiro bispo da Diocese de Campo Limpo. Em seguida dom Emilio recebeu do povo de Mogi das Cruzes o anel que representa o compromisso do bispo com a Igreja e com o povo de Deus. Recebeu também o báculo das mãos de dom Paulo, como símbolo do pastor, que o conduziu até a cadeira principal do bispo para presidir a assembléia.

Os padres residentes na nova diocese e que, automaticamente

estão incardinados na diocese, isto é, são padres efetivos, comprometidos com a diocese, fizeram o seu compromisso sacerdotal e evangelizador de continuar trabalhando unidos ao seu novo bispo.

No momento do compromisso público os padres afirmaram: “Queremos caminhar com o povo, participando de suas alegrias e angústias, assumindo as suas lutas e defendendo os seus direitos”.

Ao final da animada celebração dom Emilio Pignoli com o báculo de pastor de um novo rebanho

leu a sua mensagem especial para o povo a ele confiado. Disse dom Emilio: “Que sejamos realmente um campo limpo para o trabalho de evangelização. Campo que acolhe a boa semente da Palavra de Deus e a faz frutificar. Limpo sem os espinhos das preocupações mundanas, a ilusão das riquezas, as múltiplas cobiças que a sufocam e a tornam infrutífera. A melhor preparação para este campo é o espírito de fé com que já nos acolhemos”.

Mais adiante o novo bispo disse que “a Região Sul da Grande São

Paulo tem realidades diversificadas. Exigirá também respostas evangélicas diversificadas. Terá, portanto — prosseguiu dom Pignoli — de ser uma Igreja aberta ao pluralismo das iniciativas pastorais, embora unida no essencial. O objetivo geral da ação pastoral da Igreja no Brasil deverá ser sempre o pólo de convergência de nossa ação diocesana”.

Dom Emilio fez ainda um forte apelo a todo o seu povo: “Ajudem-me, pois, amados filhos e irmãs, para que consiga realizar entre vós a união essencial, respeitando a diversidade dos dons e dos métodos”. E, ao final de sua mensagem ele emocionado agradeceu a dom Fernando e a dom Paulo dizendo: “Percebi, claramente, quanto bem tem feito a esta Região o meu caríssimo dom Fernando Penteado, que nestes últimos dez anos tem sido pastor incansável desta porção do povo de Deus. A dom Paulo e a dom Fernando a nossa gratidão mais profunda e a promessa de continuarmos tudo o que de bom foi semeado”. Ele concluiu: “De nossa parte tudo faremos, para que a criação das novas dioceses, em nada venha prejudicar a dinâmica da evangelização, nem a participação e a comunhão nos projetos comuns da grande metrópole e do nosso Regional Sul I da CNBB”.

Segundo o padre Guido Piccoli, o sacerdote mais antigo da Região, o clero, de maneira geral, reprovou o método usado para a divisão da arquidiocese, mas a maioria está acolhendo com fé o novo bispo. “A união — disse o padre Guido — vai superar as dificuldades. A caminhada será a mesma, vai depender dos leigos engajados e do clero”. Já o padre Jaime Crowe, do Conselho de Presbíteros (órgão que cuida da vida dos padres) é também contra o processo do Vaticano mas ele espera que o bispo continue a caminhada e, sobretudo, afirmou o padre Jaime — que ele escute o povo e acreditemos que dom Emilio tenha coisas novas para oferecer à diocese.

Muitas pessoas ainda não entenderam o que significa esta questão de diocese e a divisão da Arquidiocese de São Paulo. O que mais marcou o povo nas quatro novas dioceses foi a saída de seu bispo, aliás como ocorre também quando da transferência de um padre para outro lugar. “Com o tempo — explicou o padre Sérgio, vigário geral da Arquidiocese de São Paulo — as coisas irão se assentando e se tornando mais claras para todos. O importante é continuar trabalhando unidos em comunidade, sem deixar ‘a peteca’ cair”.

Organização das CEBs é o cartão de visita da nova diocese

A Diocese de Campo Limpo compreende a segunda maior área geográfica da Grande São Paulo. A maior é a Diocese de Osasco. São 4.560 quilômetros quadrados, abrangendo seis municípios, inclusive alguns bairros de São Paulo. São 1,33 milhão de habitantes espalhados pelos municípios de Taboão da Serra (130 mil), Embu-Guaçu (30 mil) e em bairros da cidade de São Paulo (800 mil).

A estrutura da diocese está organizada através de sete setores, que constituem cada a soma de várias paróquias; ao todo são 30

paróquias constituídas e mais nove em projeto; existem 205 centros comunitários em funcionamento; são 81 padres entre diocesanos e religiosos e mais 280 religiosas que prestam seus serviços pastorais à diocese.

A ex-Região de Itapeverica da Serra tornou-se conhecida, assim como a nova Diocese de São Miguel Paulista pela luta em relação a moradia, que se tornou uma das prioridades da Região. O avanço dos movimentos populares e o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base tiveram em Itapeverica marcas fortes para toda

a cidade de São Paulo.

Nos dez anos de caminhada, a preocupação de dom Fernando Pentead, do clero local e das lideranças leigas, foi exatamente a formação de novas Comunidades Eclesiais de Base por todos os cantos e os mais periféricos da Região. Atualmente são mais de duzentas comunidades espalhadas por toda a diocese. A formação de lideranças leigas e o apoio aos movimentos populares constituíram as dimensões de todo o trabalho pastoral desenvolvido na antiga Região de Itapeverica da Serra, agora Diocese de Campo Limpo.

As comunidades apresentam as prioridades

Durante a apresentação das oferendas (momento da missa onde se levam as ofertas para o altar) foram apresentadas vários símbolos das prioridades da Diocese de Campo Limpo. Primeiramente a Bíblia, os documentos do Concílio Vaticano II, de Medellín e de Puebla simbolizando a prioridade formação, que compreende toda a formação dos leigos em especial

de toda a diocese. Um menor apresentou um objeto artesanal representando a Pastoral do Menor, outra prioridade da diocese. Uma casa em miniatura também foi apresentada representando a moradia e os movimentos populares que devem ter o apoio irrestrito da diocese. E por fim foram apresentados o pão e o vinho como símbolos das mãos calejadas,

dos pés doloridos do povo sofrido. Tudo isto foi entregue a dom Emílio que acolheu e depositou sobre o altar. E ao som dos tocadores populares das comunidades a assembleia participou cantando e agitando os seus papéis: "aceita Senhor, nossa gente sofrida, oprimida, esquecida; aceita esta dor que machuca de mais".

Arcebispo acusa Brossard de omissão no caso Josimo

GOIÂNIA — O arcebispo de Goiânia Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, acusou em depoimento à Justiça federal o ex-ministro da Justiça Paulo Brossard de desatenção para com as denúncias feitas pela Igreja de que padre Josimo Tavares, assassinado em 1986, em Imperatriz, no Maranhão, corria risco de vida. A denúncia foi feita ontem à tarde durante a primeira audiência de instrução e julgamento da ação de ressarcimento por responsabilidade civil contra a União e o estado de Goiás, proposta em 1986 por Olinda Moraes Tavares, mãe de padre Josimo.

O arcebispo de Goiânia disse ao juiz federal da 4ª Vara, Gilson Barbosa dos Santos, que julgará a ação, que em 29 de abril de 1986, ou seja, 11 dias antes do assassinato do padre, que se deu no dia 10 de maio, ele esteve em Brasília, acompanhado de mais quatro bispos da região norte do antigo estado de Goiás, região conhecida como Bico do Papagaio, para pedir proteção ao padre Josimo e entregar um dossiê sobre a violência e os conflitos de terra na região. Dom Antônio disse que não conseguiu ser atendido pelo presidente Sarney, que estava em preparativos para uma viagem a Portugal, mas que o assessor da presidência Geraldo Moscardo recebeu a comitiva e os encaminhou ao Ministério da Justiça.

Dossiê — No Ministério, embora fosse

sabido que o ministro Paulo Brossard estava na Casa, Dom Antônio foi informado que ele estava viajando. Poucas horas depois o próprio ministro ligou para o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, e o chamou ao seu gabinete. Dom Luciano contou a Dom Antônio que ele próprio entregou o dossiê sobre os conflitos de terra na região e pediu proteção a padre Josimo, no que não foi atendido. Segundo Dom Antônio, Dom Luciano lhe contou que o ministro pedira a ele que avisasse o arcebispo de Goiás para procurar o governo do seu estado.

Dom Antônio tem toda a documentação dos pedidos de audiência. O arcebispo falou com o governador de Goiás na época, Onofre Quina, vice de Íris Resende, que assumira o posto do titular, mas não foi informado posteriormente de que Josimo tivesse recebido proteção policial. Também a mãe de Josimo, Dona Olinda, negou que o padre tenha recebido qualquer escolta. Dona Olinda morava com o filho, havia sete anos, desde que ele deixara o seminário e se ordenara padre. Viúva, ela já havia perdido a única filha, Ana Maria, 12 anos antes de perder o filho. Dona Olinda Tavares conta que era sustentada por padre Josimo, com o ordenado que ele recebia da Igreja.

Saída de d. Luciano foi à revelia, reconhece d. Paulo

Matuili Mavezo - 6.Mai.88

DERMI AZEVEDO
Do Reportagem Local

O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, 66, disse anteontem à noite, em entrevista no convento de Itaici, município de Indaiatuba (99 km a noroeste de São Paulo), onde participou da Assembléia Anual do Episcopado Paulista, que não foi consultado pelo Vaticano sobre a transferência do seu ex-bispo auxiliar e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, para a Arquidiocese de Mariana (MG), n.º..... último dia 6 de abril. Disse também achar que d. Luciano "tampouco foi consultado".

Essa notícia foi publicada pela Folha no último dia 5 de maio. D. Paulo afirmou, depois, que foi ouvido "várias vezes" sobre a saída de seu ex-bispo auxiliar, quando d. Luciano ainda era secretário-geral da CNBB (até abril do ano passado) e que, nesse período, o novo arcebispo de Mariana foi "nomeado" para diversas dioceses e arquidioceses brasileiras, o que nunca se concretizou.

D. Paulo acrescentou que fez todo o esforço eleitoral possível, na Assembléia Geral da CNBB, no ano passado, para que d. Luciano não fosse eleito para presidir a Conferência Episcopal e que fez campanha em favor de outro ex-bispo auxiliar de São Paulo, o atual arcebispo de Uberaba (MG), d. Benedito de Ulhoa Vieira. Afirmou que já percebia que, sendo escolhido para presidir a CNBB, d. Luciano dificilmente permaneceria em São Paulo porque, como bispo auxiliar, de acordo com o Código de Direito Canônico, não pode votar "nem mesmo em questões essenciais" nas assembleias do episcopado. "Na hora em que ele foi eleito, eu já fiquei sabendo que o perderia como meu auxiliar", afirmou d. Paulo.

Divisão

Sobre o tema da divisão da Arquidiocese de São Paulo em duas (Osasco e Itapeverica da Serra) ou quatro (Osasco, Itapeverica da Serra, São Miguel Paulista e Santo Amaro) dioceses autônomas —de acordo com projeto que tramita no Vaticano—, d. Paulo afirmou que "dependendo da maneira de fazer, com respeito às necessidades das comunidades de base e da população das regiões episcopais", uma reestruturação territorial da Arquidiocese paulistana "poderá ser indispensável, garantindo-se a unidade diante dos problemas urbanos que afetam a todos os habitantes". Mas destacou que qualquer decisão sobre este assunto só será tomada com base nos debates que o episcopado brasileiro e da Europa estão realizando, separadamente, sobre a presença da Igreja Católica nas grandes cidades. E que as conclusões desses debates não sairão "a curto ou a médio prazos".

O cardeal disse que, já em 1971, o papa Paulo 6º publicou documento sobre "a reestruturação pastoral das grandes metrópoles para que a evangelização fosse possível", repetindo esta posição noutro texto, publicado dois anos depois. Paulo 6º determinou também que d. Paulo visitasse algumas das maiores Arquidioceses do mundo (como Nova York, Chicago e Londres) e que preparasse um esboço de como deveria ser dividida a Arquidiocese de São Paulo, preservando uma só linha pastoral e garantindo os instrumentos de trabalho para isto. D. Paulo enviou o primeiro plano completo de divisão da Arquidiocese em 1978, prevendo a criação de oito regiões episcopais.

Cinco anos depois, já promulgado o novo Código de Direito Canônico, d. Paulo consultou João Paulo 2º se deveria continuar os estudos sobre a redivisão de São Paulo e obteve resposta positiva. No ano passado, veio de Roma a proposta de dividir a Arquidiocese em nove dioceses autônomas. O cardeal Arns disse que concordou em princípio com a proposta, desde que fosse mantida a unidade de trabalho e que as novas dioceses formassem uma província eclesial, continuando com os mesmos bispos auxiliares atuais. Já no início deste ano, voltou a receber comunicado do Vaticano, informando-lhe sobre estudos para a criação de quatro dioceses autônomas, num primeiro momento, e de mais cinco dioceses, depois. O passo seguinte foi a viagem de d. Paulo ao Vaticano (em abril último), seu encontro com o papa e com o prefeito da Congregação para os Bispos, cardeal Bernardin Gantin.

Vaticano pode emperrar sucessão

O Vaticano pode adiar indefinidamente a nomeação do bispo-auxiliar que sucederá a d. Luciano Mendes de Almeida na região episcopal Belém, zona leste paulistana, na Arquidiocese de São Paulo e pode, inclusive, deixar de nomear o sucessor. A Folha apurou que existem, no Vaticano, dezenas de pedidos feitos por bispos brasileiros para a nomeação de auxiliares, principalmente nos últimos dez anos, sem que, até agora, tenha saído qualquer decisão.

A última palavra sobre a nomeação de bispos é do papa, mas o processo dos candidatos passa por muitas instâncias burocráticas, desde a Nunciatura Apostólica (embaixada pontifícia) em cada país,

até a Congregação Vaticana para os Bispos, órgão da Cúria Romana.

O que é certo, porém, no caso da sucessão de d. Luciano em São Paulo, é que, se for escolhido um novo bispo-auxiliar, deverá ser um dos três nomes escolhidos, como candidatos à nomeação pelo colégio episcopal paulistano.

Essa lista está sendo examinada secretamente no Vaticano. Seria considerado um "gravíssimo precedente" na praxe de nomeações de bispos caso o papa desconsiderasse a proposta da arquidiocese paulistana. Além disso, como o bispo-auxiliar não está diretamente ligado a uma diocese —é considerado pela Igreja, como auxiliar do bispo diocesano. (DA)

10/6/88 FSP



D. Paulo Evaristo Arns, no Aeroporto de Cumbica, após retornar de Roma

16-6-89
JORNAL DO BRASIL

Oratório e laboratório

Dom Boaventura Kloppenburg, OFM

O erro mais difundido e funesto entre os cristãos é este: a separação entre fé e vida. O padre é facilmente acusado de ensinar uma coisa e viver outra. É o farisaísmo, a hipocrisia, o fingimento. Uma coisa é saber e ensinar; outra coisa é fazer e viver. Se só pudesse ensinar quem vivesse o que ensina, teríamos grande falta de professores. É mais fácil conhecer as vantagens e belezas de uma virtude que vivê-las. Não custa saber que a caridade é a rainha das virtudes, nem é difícil pregar as riquezas do amor cristão; mas praticar a caridade e vivê-la todos os dias, exige uma santidade em grau heróico. E os heróis são poucos.

O problema, porém, não é só daqueles que ensinam a fé cristã. Idêntica questão surge também para os que a professam. E quem a professa? Todos os que se dizem cristãos! Eis, porém, o que pode acontecer entre eles:

Professam crer em Deus e vivem como se Deus não existisse.

Afirmam a imortalidade da alma e atuam como se nada esperassem depois da morte.

Sustentam o primado do espírito e vivem como materialistas.

Declaram crer em Jesus, mas de seus ensinamentos só aceitam o que lhes interessa.

Atestam ser católicos e não cumprem suas obrigações mínimas.

Aceitam a indissolubilidade do matrimônio e vivem como bigamos.

Exaltam o amor ao próximo e exploram seus subordinados.

Condenam a mentira e enganam sem escrúpulos.

Rejeitam o assassinato e praticam ou favorecem o aborto.

Reprovam o roubo e se apoderam do que não lhes pertence.

Condenam a adúltera e dormem com a amante.

Apóiam campanhas contra a pornografia e adquirem material obsceno.

Louvam a piedade e não rezam uma oração.

Acumulam fortunas e deixam o pobre na miséria.

Alegrem-se em banquetes quando outros morrem de fome.

Têm habitação sobrando ao lado de gente sem teto.

Possuem extensas propriedades agrícolas e permanecem insensíveis diante dos que não têm terra.

Estava com vontade de gritar: hipócritas! Mas aí de mim! Não quero continuar a objurgação. Estaria acusando-me a mim mesmo. Também tenho essa incoerência em minha vida. E quem não a tem? Atire a primeira pedra! Tudo isso faz parte da condição humana. Este reconhecimento, porém, não justifica que não se faça nada para sair do fingimento. Devemos ajudar-nos uns aos ou-

tros para superar a fácil instalação da contradição em nossa vida. A Exortação *Christifideles laici*, quando nos pede a unidade de vida, retoma no nº 59 uma das páginas mais veementes do Concílio Vaticano II: o nº 43 da *Gaudium et spes*, que culmina com esta denúncia: "O divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana deve ser tido entre os mais graves erros de nosso tempo."

É a separação entre oratório e laboratório.

A nova evangelização exigida pelo mundo secularizado deve reencontrar a síntese vital entre os postulados do Evangelho e os deveres cotidianos ou a unidade entre fé e vida. Em nossa única existência não pode haver duas vidas paralelas ou até contraditórias: uma do cristão, outra do profissional. Devemos aprender a unificar nossa vida cristã e nossa vida secular na família, no trabalho, nas relações sociais, no empenho político, etc. A vida concreta de cada qual, de acordo com sua profissão, é o lugar histórico único no qual se revela e se realiza a vida cristã, isto é: a caridade de Jesus Cristo, para a glória do Pai e ao serviço dos irmãos. Por isso nos diz a Exortação pontificia (nº 59): "Toda a atividade, toda a situação, todo o empenho concreto, como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação na família e na educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade na esfera da cultura são ocasiões providenciais de um contínuo exercício da fé, da esperança e da caridade."

Dizia São Paulo aos colossenses: "Tudo o que fizerdes de palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus, o Pai" (3,17). Esta unidade de vida é de enorme importância, particularmente para os fiéis leigos. Pois eles devem santificar-se precisamente na normal vida profissional e social. O Concílio Vaticano II definiu a vida dos fiéis leigos justamente a partir de sua índole social: "É específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem em todos e em cada um dos trabalhos do mundo e nas condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como que tecida. Lá são chamados por Deus para que, exercendo seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, a modo de fermento, de dentro, contribuam para a santificação do mundo" (*Lumen gentium*, nº 31; texto comentado pela Exortação no nº 15).

"Chegou a hora de nos lançarmos numa nova evangelização", anuncia o nº 34 da Exortação. O indiferentismo, o secularismo e o ateísmo colocaram faixas inteiras da população numa espécie de civilização pós-cristã. Precisam de uma nova evangelização, capaz de refazer o tecido cristão da sociedade. Só o conseguiremos se antes for refeito o tecido cristão das próprias comunidades cristãs e da inteira vida individual dos fiéis cristãos, ultrapassando em si mesmos a ruptura entre oratório e laboratório.

Dom Boaventura Kloppenburg, OFM, bispo de Novo Hamburgo, RS, é doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé

IGREJA EM SÃO PAULO

23/6/89

Regiões

Dom Décio se despede e dom Gaspar assume

Sé

A Região Sé viveu no último domingo, às 18 h, na catedral de São Paulo um momento muito marcante em sua caminhada. Um grande número de fiéis, padres, religiosos, seminaristas e agentes de pastoral agradeceram a Deus pelos dez anos de ministério de dom Décio junto à Região Sé. Dom Décio presidiu a liturgia da palavra e na homilia agradeceu tudo o que pôde ser feito nesses dez anos e alertou a Região para o tempo novo que começa com um novo bispo também. Neste momento dom Décio acolheu dom Gaspar com um abraço.

Dom Gaspar, após a homilia de dom Décio assumiu a celebração e presidiu a liturgia eucarís-

tica precedida por uma procissão das ofertas carregada de gestos simbólicos. A frente, dez menores abandonados que têm sua residência nos baixos do viaduto Dom Pedro II, com faixas e cartazes clamando pela vida. Em seguida uma religiosa apresentou um texto do projeto de inserção dos religiosos na Igreja. Um catequista e um catequisando levaram o manual da catequese significando todo o esforço pastoral da Região nesta área. O Conselho Regional de Pastoral da Região Sé estava maciçamente presente.

Dom Gaspar concluiu a missa afirmando: "Venho para caminhar com vocês como um irmão a mais que quer ajudar nesta importante caminhada".

Pastoral de Cortiços

A Pastoral de Cortiços e Áreas Carentes da Região Sé realizou no dia 18 passado, seu 2º Encontro de Agentes, na creche dom Gastão, no Jardim da Luz, com a presença de 26 agentes de pastoral.

Cada setor (Cerqueira Cesar, Pari, Catedral e Santa Cecília) trouxe seus estudos em cartazes e dinâmicas. Assim deu para perceber que a criatividade no trabalho junto aos moradores de cortiço é um elemento fundamental no processo de conscientização. O conteúdo do estudo se baseava no folheto "História da Sociedade". Dois grupos falaram sobre o surgimento do capitalismo em substituição ao feudalismo; o funcionamento da exploração capitalista e seu desenvolvimento monopolista e financeiro. Um outro grupo trouxe um resumo da luta dos trabalhadores desde o século passado até os dias de hoje. Esta última apresentação foi feita usando-se técnica de fantoches.

Com a assessoria do economista Francisco Funcia relacionou-se o "mercado habitacional" com o sistema capitalista. Percebeu-se que sem um estudo aprofundado da questão não é possível uma ampla e eficaz ação junto à realidade dos cortiços.

A presença de dom Antonio Gaspar também se constituiu num momento forte do encontro.



Dom Décio despediu-se da Região Sé, assumida por dom Gaspar.

O clero se recicla

Santana

O clero da Região Santana participará de mais uma reciclagem mensal. Desta vez o assunto será liturgia, a partir do documento 43 da CNBB sobre o assunto. Os encontros serão realizados nos dias 27, 28 e 30 de junho às 9 h no salão da paróquia de Santana. O padre Gozzi estará orientando os estudos. O último encontro será no dia 30 sexta-feira e não no dia 29, 5ª feira, devido à assembleia da Venerável Irmandade de São Pedro da qual todos os padres devem participar. Para a reciclagem os padres devem levar o Documento 43 lido e refletido.

Óbolo de São Pedro - No dia 2 de julho, quando será celebrada a festa de São Pedro e São Paulo todas as paróquias farão coleta especial a fim de dar sua contribuição ao Santo Padre para ajudar nas catástrofes internacionais. É o óbolo de São Pedro pedido anualmente a todas as comunidades.

Curso bíblico - De 3 a 7 de julho, das 20 às 22 h, será dado um curso bíblico no salão da Igreja de Sant'Ana. A aceitação e a concorrência de participantes nos anos anteriores fará com que também neste ano o curso seja altamente valorizado.

Ecossinodo - A Equipe de Cristãos Leigos teve um dia de encontro para estudo do documento sinodal "Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo", no domingo 18 de junho. Os participantes puderam sentir a importância desse documento para o leigo. Um novo encontro ficou marcado para o dia 24 de setembro, no salão da paróquia de Sant'Ana.

Pastoral da moradia - A questão da moradia foi tratada em um encontro realizado no domingo,

dia 18, com a presença do administrador regional de Santana, doutor Lauro. Novo encontro acontecerá no dia 7 de julho às 20 h.

Frente missionária - Um novo encontro para encaminhamento da implantação dos grupos de reflexão está marcado para o dia 25 de junho na paróquia de Nossa Senhora de Fátima da Vila Sabrina - Setor Vila Medeiros.

Direitos humanos - A equipe regional dos direitos humanos convidou os interessados para participarem da tarde de formação do dia 2 de julho a partir das 14h,

no salão da paróquia de Sant'Ana tendo como orador dom Paulo Evaristo. A equipe se reunirá no dia 25 às 15h para ultimar os preparativos.

Lei orgânica - Teve início o trabalho de elaboração da Lei Orgânica Municipal. Os painéis estão abertos ao público todas as terças-feiras às 20h no auditório Oscar Pedroso Horta. No mês de julho estarão sendo discutidas as questões tratadas atualmente na Constituinte estadual e que interferem na autonomia do município.

CEBs é tema de curso

Belém

A Região Belém está promovendo um curso para as lideranças das CEBs.

O curso terá assessoria do Pe. José Marins e equipe. Será no Centro Pastoral São José, dias 22 e 23 de julho, das 8 às 17 h. Os temas serão: Identidade das CEBs diante dos atuais desafios da nossa Igreja e o papel das CEBs na atual conjuntura sócio, econômica, política e ideológica. As vagas para esses dois dias são limitadas, porém, nos dias 24 e 25, a partir das

20h, no Centro Pastoral São José haverá palestras e debates assessorados pelo Pe. José Marins e será aberto para todas as membros de CEBs e de grupos de rua.

Os jovens e a política

Os coordenadores dos grupos de jovens e Crisma do Setor Sapopemba se encontrarão no dia 2 de julho, das 14 às 18h, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. O teor desse encontro será o de avaliar a caminhada e o engajamento dos jovens na pastoral intra e extra eclesial. Outro tema a ser trabalhado com os jovens será o voto aos 16 anos.

Dom Possamai denuncia projeto de colonização sem aval do Congresso

O Banco Mundial está financiando discriminadamente o Pólo Noroeste, um megaprojeto levado avante pelo governo federal, sem consulta ao Congresso Nacional, que prevê a colonização de Roraima e Mato Grosso. O projeto prevê, entre outros, construção de uma usina hidrelétrica em Ji-Paraná (RO), que invadirá 11 mil hectares de terras indígenas e alagará terras cultivadas por migrantes. A denúncia é de dom Antonio Possamai, bispo da diocese de Ji-Paraná e responsável pela Pastoral dos Migrantes da CNBB. Natural de Ascuta, em Santa Catarina, dom Antonio, 60 anos, há seis meses em Rondônia, viajou na semana passada para a Suíça, para participar do encontro anual da CCIM (Comissão Católica Internacional dos Migrantes). Antes, ele concedeu uma entrevista a SAO PAULO onde fala das migrações para o Noroeste do país e da destruição da região.

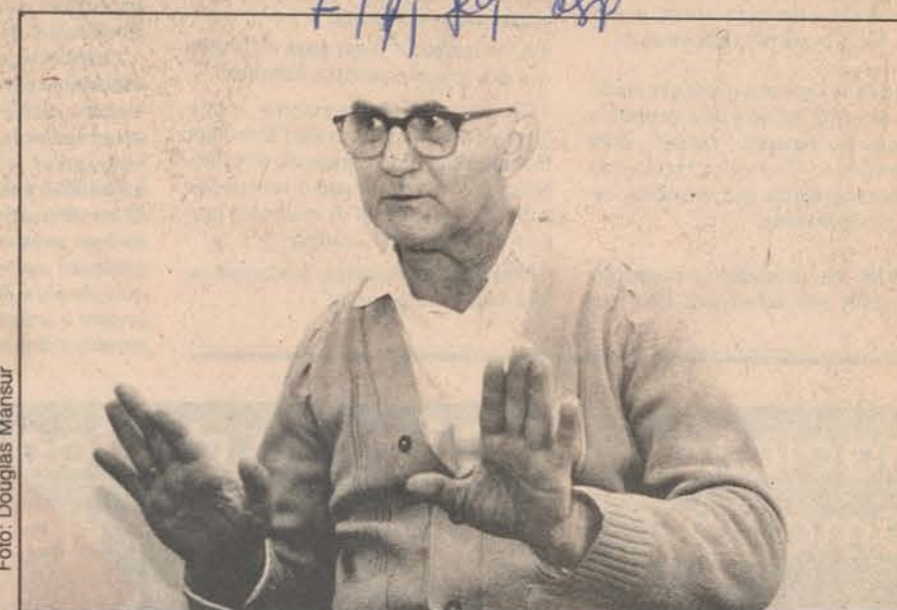


Foto: Douglas Mansur

Dom Possamai: "É inútil falar de reforma agrária sem política agrícola".

Como o senhor vê o projeto Pólo Noroeste, do governo federal?

O Pólo Noroeste é o braço brasileiro do Banco Mundial, que pretende a colonização de Roraima e Mato Grosso. O projeto vem com o dinheiro do Banco Mundial e foi asfaltada a BR 364 - que une a cidade de Porto Velho - , que se desenvolveu o programa de levar migrantes para o Noroeste e que se construiu usinas termoeletricas na região.

Mas qual é o grande problema causado pela implantação do Pólo Noroeste?

Agora se está na fase de implantação da usina hidroelétrica de Ji-Paraná, que invadirá 11 mil hectares de terras indígenas (Gaviões e Araras) e irá tirar terras de dois mil pequenos proprietários. A instalação dessa hidroelétrica irá submergir 20% da cidade de Ji-Paraná e parte dos municípios de Jacu e Presi-

dente Médici. Tudo isso foi planejado sem consulta à população, sem ao menos ter passado pelo Congresso Nacional.

De onde estão partindo os protestos contra a instalação da usina?

De uma comissão composta pela CPT, Conselho Indígena Missionário e índios e brancos, que estão lutando não contra a geração de energia e sim contra o método utilizado.

Essas denúncias chegaram ao Banco Mundial?

Não se pode afirmar com certeza. Todo o dinheiro vindo do Banco Mundial, lá em Rondônia, é mantido em segredo. Mas parece que o Banco Mundial não está disposto a apoiar com tanta facilidade o projeto, parece que não está muito disposto a seguir adiante.

O que a diocese de Ji-Paraná propõe a esses migrantes?

Tentamos mostrar aos migrantes as causas que o levaram a sair de suas terras. É necessário fixar o homem ao solo e isso se consegue tanto com a conscientização da conquista da terra como fazendo um trabalho de assistência técnica agrícola. A diocese tem diversos agrônomos liberados para visitar as comunidades, auxiliando os trabalhadores tanto tecnicamente como na sua organização. Por isso motivamos o sindicalismo autêntico e as associações de comercialização de produtos.

Além da reforma agrária, o que falta na região?

É inútil falar em reforma agrária se junto com ela não for promovida uma política agrícola. O povo chegou ao limite de sua resistência e hoje, mais do que terra, está reivindicando o máximo de justiça social.

organizada. Não foi criada infraestrutura com estradas, sistemas de saúde e educação, assistência técnica agrícola para receber estes trabalhadores.

Essa população encontrou terra para cultivar?

A colonização, pelo menos em Rondônia, ficou nas mãos do Incra. As melhores terras estão nas mãos dos latifundiários e o migrante acabou ficando com pequenos lotes. Dai o surgimento de conflitos, apesar de ainda existir muita terra na região.

Como se comportam os migrantes frente às terras indígenas?

Houve avanço do migrante e principalmente do latifúndio sobre as terras indígenas. Isso aconteceu também em relação às terras dos seringueiros. Atualmente os conflitos diminuíram mas eles certamente voltarão pois tem trabalhador que está esperando terra há 10, 15 anos.

Julgamento de envolvido na morte do padre Ramin é adiado para agosto

Foi adiado para setembro o julgamento do terceiro pistoleiro e envolvido no assassinato do padre Ezequiel Ramin, ocorrido a 24 de julho de 1985, no município de Aripuana, Mato Grosso. O advogado Daniel Cabral Gadelha, que está trabalhando na defesa de Nagib Alves de Almeida, 53, acusado de contratar os pistoleiros que mataram o sacerdote, apresentou à Justiça o próprio atestado de saúde, alegando estar com problemas cardíacos, o que impediria sua atuação no tribunal do júri. O julgamento foi instalado no fórum de Cuiabá e ao réu questionou-se se aceitava a alegação de seu advogado de defesa, o que implicaria em permanecer preso por pelo menos mais três meses, caso não seja condenado.

Nagib, em seu depoimento — tomado durante as fases do inquérito policial e do processo judicial — afirmou ter contratado os pistoleiros apenas "para ajudarem na derrubada das matas", argumento negado pelos dois pistoleiros já presos. No primeiro julgamento, realizado a 15 de março de 88, Deulézio Gonçalves Fraga e Altamiro Flauzino, que assassinaram padre Ezequiel, foram condenados a 24 e 25 anos de prisão, respectivamente. Nagib havia sido preso com os dois pistoleiros, mas conseguiu responder ao processo em liberdade. Na data marcada, entretanto, não compareceu, o que motivou a decretação de sua prisão preventiva. Está preso desde março.

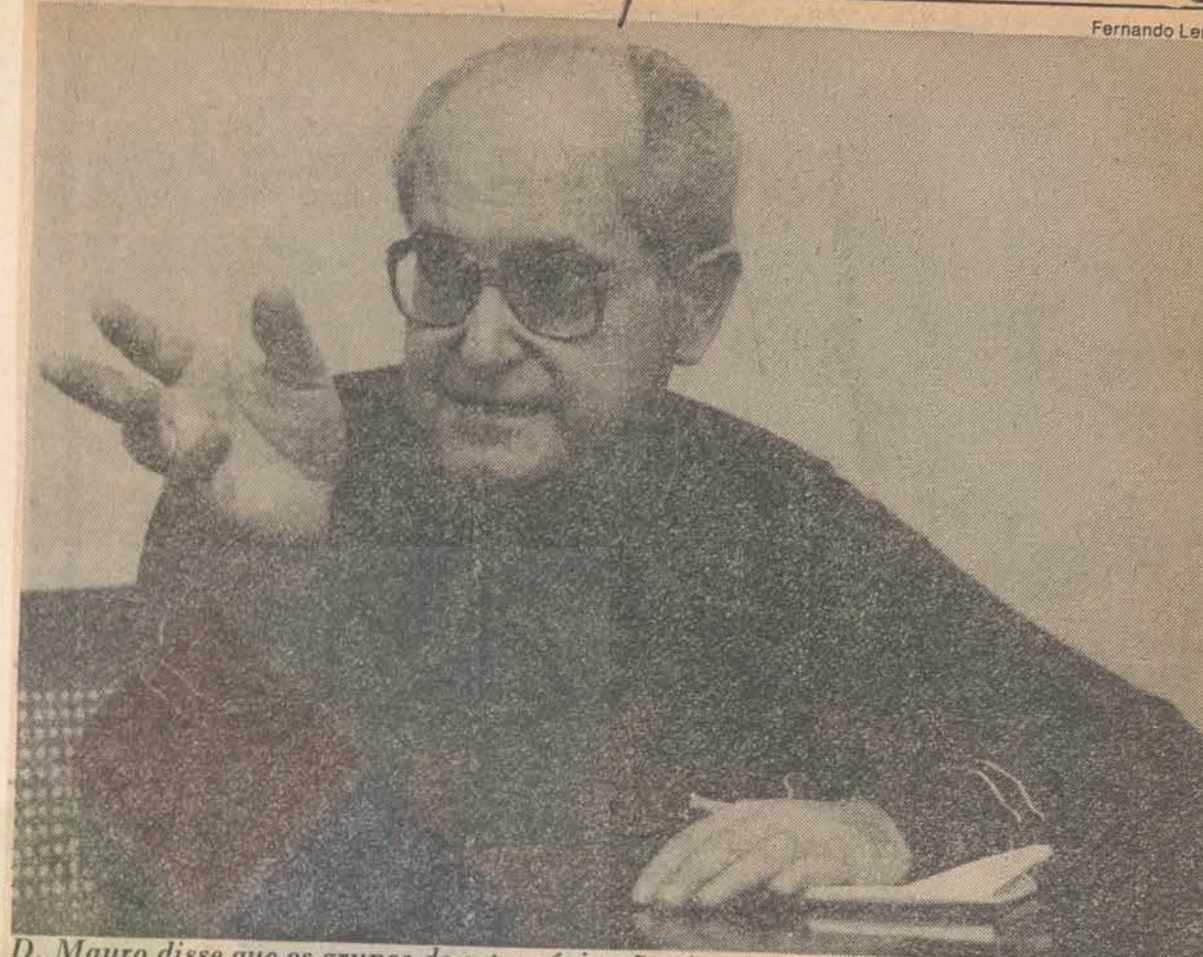
Mulheres boicotam marca de calcinha cuja fábrica humilha as funcionárias

Um boicote feminino nacional foi deflagrado no dia 1º contra os produtos de lingerie fabricados pela De Millus. O anti-slogan ao consumo é "De Millus feito com terror" e justifica-se pelos momentos vexatórios a que vinham sendo submetidas diariamente as mais de duas mil trabalhadoras das duas unidades de produção existentes no Rio de Janeiro. Antes do término do expediente ela eram, pelo menos, obrigadas a revistas tendo de suspender ou tirar as blusas e calças, além de tirar os calçados.

Munidas de mandado judicial, membros do Conselho Estadual de Defesa da Mulher, lideradas por Branca Mo-

reira Alves e acompanhadas pelas representantes da OAB, Comba Marques Porto, ainda puderam ver a revista que foi interrompida, mas presenciada também pela delegada adjunta da 22ª DP, Jocelen Thiago.

Na parte da manhã, entretanto, durante manifestação pública, as operárias da De Millus foram proibidas de saírem à rua e tiveram reduzido seu horário de almoço. A "justificativa" declarada mais tarde pelo diretor Marcilio Lemos foi de que as trabalhadoras haviam recebido o salário e podiam ser assaltadas pelos manifestantes. As pessoas presentes ao ato eram basicamente feministas, sindicalistas e jornalistas.



D. Mauro disse que os grupos de extermínio não vêem os menores como seres humanos

Bispo de Caxias denuncia que está sendo ameaçado de morte

O bispo de Duque de Caxias, Dom Mauro Morelli, denunciou ontem que vem recebendo ameaças de morte desde a madrugada de quinta-feira, quando um homem de voz cavernosa e usando palavras telefonou para sua casa, avisando que ele seria "eliminado" por fazer a defesa de menores delinquentes da Baixada. Na manhã e tarde do mesmo dia, o homem voltou a ligar para a Diocese, repetindo a ameaça. Os últimos telefonemas foram atendidos por pessoas que trabalham na Catedral de Santo Antônio de Pádua. O da madrugada foi atendido pela irmã do bispo.

Dom Mauro responsabilizou o diretor do Departamento de Polícia da Baixada Fluminense, Henrique Pinheiro Alves, pelas ameaças. Segundo ele, com suas declarações à imprensa, Henrique praticamente autorizou os grupos de extermínio a atentarem contra sua vida. "Esse cidadão, que foi promovido para esse cargo há apenas alguns meses, está dando sinal verde aos grupos de extermínio para me atacarem. Se me acontecer alguma coisa, responsabilizo a ele e a

pessoa que o nomeou, o governador Moreira Franco", disse o bispo.

Em entrevista à revista francesa *L'Express*, publicada também pela *Isto É* em fevereiro último, Henrique Pinheiro Alves, então delegado titular da 59ª DP (Caxias), foi questionado sobre a existência de cemitérios clandestinos na Baixada. "São os comunistas do bispado que espalham essa mentiras. Esse Dom Mauro Morelli que continue a fazer amor com suas ovelhas. Mas ele que se cale", disse o policial, que se refere a Dom Mauro como "babaca".

Para Dom Mauro, quando o diretor do Departamento de Polícia da Baixada declara à imprensa que "neste país não há crianças e sim monstros", deixa claro o seu pensamento em relação aos grupos de extermínio de menores, contra os quais o bispo vem lutando. "O que ele chama de monstros são, na minha concepção de ser humano, vítimas da sociedade. Nesse momento de agonia política que estamos vivendo, são os menores os que mais sofrem. É preciso que seja respeitada a cidadania dessas crianças, sejam elas negras, brancas ou amarelas."

O bispo disse ainda que não se justifica que, num município como Caxias, faltem vagas na rede escolar para 50 mil crianças. "Essas crianças vão acabar ficando pela rua, sem ocupação. Não é exterminando crianças que lhes damos condições para ser gente. É oferecendo educação, saúde e meios para levarem uma vida decente. Com suas ações, essas pessoas que formam os grupos de extermínio revelam que elas é que não são gente", afirmou Dom Mauro.

Dom Mauro Morelli enviou mensagem à CNBB, comunicando as ameaças de que foi vítima, e uma equipe da Diocese de Caxias registrou queixa na 59ª DP. O bispo também comunicou o fato ao prefeito Hidelkel de Freitas, que prometeu tomar providências. Ele pediu ainda um esquema de segurança às autoridades para o 7º Encontro de Comunidades Eclesiais de Base, que se realizará de amanhã a sexta-feira na Baixada. De acordo com Dom Mauro, as ameaças advertiam "que alguma coisa horrível poderia acontecer durante o encontro".

U-7-89 17

Delegado nega ter xingado bispo

D. Mauro diz que Saboya deveria agir como Nilo

O diretor do Departamento de Polícia da Baixada Fluminense, delegado Henrique Pinheiro Alves, não quer brigas com a Igreja. Denunciado pelo bispo de Duque de Caxias (RJ), Dom Mauro Morelli, como responsável pelas ameaças de morte que o religioso teria recebido na semana passada, o delegado disse que nunca fez as declarações publicadas pela revista Isto É — com base nas quais teriam surgido as ameaças.

A revista transcreve declarações do então delegado da 59ª DP (Caxias) publicadas pela L'Express (da França), em que Henrique Alves teria se referido ao bispo como "um babaca" e classificado de "mentiras que os comunistas do bispado espalham" fatos como a existência de cemitérios clandestinos na

Baixada graças a grupos de extermínio. O delegado nega essas declarações: "D. Mauro é uma pessoa digna de respeito e que nunca me fez mal."

O bispo fez questão de frisar que nunca afirmou que o delegado o ameaçou de morte. "Eu apenas o responsabilizei pelo que pudesse me acontecer a partir das declarações a ele atribuídas e publicadas na revista Isto É, declarações que, repito, considero um sinal verde para que grupos de extermínio calem o bispo ou outras pessoas", afirmou. Nestas "outras pessoas" o bispo inclui Volmer do Nascimento, agente de Pastoral do Menor e autor de dossiê que acusa a polícia de ter matado alguns menores e que, ainda segundo D. Mauro, "continua recebendo telefonemas anônimos com ameaças de morte".

Por causa do 7º Encontro Nacional das Comunidades Eclesiais de Base, que se instalou ontem em Caxias, o bispo disse não poderia comparecer à Secretaria da Polícia Civil: "Se for preciso, posso ir nem que seja à noite". Mas fez a

ressalva: "Se o secretário tem tanto respeito por mim como diz ter, podia fazer como seu antecessor e amigo comum, o doutor Nilo Batista: me telefonou dando solidariedade". E arrematou: "Eu é que tinha que ser procurado pelo doutor Hélio Saboya".

Saboya — O secretário de Polícia Civil enviou telex à 59ª DP perguntando se as comunidades eclesiais da Baixada Fluminense, coordenadas pelo bispo Mauro Morelli, pediram segurança especial à Polícia Civil para o encontro das Comunidades de Base. Em resposta, a delegacia alegou que "não foi pedido qualquer esquema especial, visto que ficou acordado que a Polícia Militar faria o policiamento ostensivo, inclusive de trânsito. Quanto às ameaças que o bispo D. Morelli estaria sofrendo, não há qualquer registro nessa unidade policial", diz a nota.

Por determinação do secretário, o corregedor de Polícia, delegado Heraldo Gomes, fará hoje contato com D.

Morelli e pedirá que formalize, em hora e local que escolher, as acusações contra o delegado Henrique Pinheiro Alves. O bispo, porém, ainda antes de saber da determinação, já antecipou um gesto de boa vontade: "Retiro as críticas na hora em que o delegado tornar público que jamais fez as declarações assacadas contra mim", disse. "E até me solidarizo com ele se foi vítima de alguma declaração publicada em desacordo com a verdade de seu pensamento", completou.

O secretário Hélio Saboya garantiu: "Gosto muito de D. Morelli, mas esse tipo de procedimento por parte dele não me parece natural". O secretário acha que o bispo precisa ter dados concretos para fazer as acusações, que considerou "muito graves". "Quero entender a relação de causa e efeito entre essas acusações e apologia do crime, publicada na revista, que levou D. Morelli a acusar o delegado com tamanha gravidade, incluindo até mesmo rapto de crianças", disse Saboya.

Dom Cabral perde a tranquilidade

Religiosos não querem motéis como vizinhos

BELO HORIZONTE — Dois motéis tiram a calma do bairro Dom Cabral, na Zona Oeste, antes mesmo de começarem a funcionar. O bairro, que leva o nome de um dos primeiros bispos da cidade, concentra uma universidade católica (PUC-MG), dois seminários e várias casas de formação religiosa, além de um conjunto residencial. Os motéis estão sendo construídos em terreno da própria Igreja, segundo o arcebispo de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo, que entrou na Justiça para embargar a obra.

Dom Serafim alega que da área superior a 6 mil metros quadrados onde se constroem os motéis, cerca de 3 mil metros quadrados pertencem ao seminário Coração Eucarístico, uma das 25 casas religiosas existentes no bairro. Segundo o arcebispo, o seminário vendeu à Caixa Econômica Estadual no início desta década área de 3 mil 200 metros quadrados, levada a leilão em 1983. A construção dos motéis, que já aparecem no catá-

logo telefônico com os nomes Cavalão Branco e New Empire, na Avenida Vereador Cícero Ildefonso, ocupa no entanto mais 3 mil metros quadrados não vendidos à CEE.

"Aquele é a área de maior concentração de casas religiosas da cidade. Não está certo construir motéis ali", protesta dom Serafim, juntando à ilegalidade da construção um argumento moral. Segundo o diretor do Departamento de Fiscalização da Prefeitura, Adilson Cerqueira Soares, a obra seria ilegal. A pedido do vereador Antônio Pinheiro, do PSDB, ele mandou um fiscal verificar a construção. Este constatou, porém, que "há projeto aprovado e a lei de uso e ocupação do solo permite a construção de motéis no local".

O Seminário Coração Eucarístico, localizado a apenas 200 metros dos motéis, tenta na Justiça contestar a propriedade do terreno. O vereador Antônio Pinheiro, eleito com o apoio da Igreja Católica, defende o direito da comunidade decidir o tipo de vizinho que quer ter.

"O Dom Cabral é um bairro residencial sem qualquer tipo de comércio. A comunidade precisa de outros equipamentos ali", argumentou o vereador, que parti-

cipa de uma comissão integrada ainda por representantes da Igreja e da comunidade e que está disposta a resistir à construção dos motéis. Ele acha que a prefeitura poderá desapropriar o terreno, mas qualquer decisão deverá ser consequência da mobilização dos moradores do Dom Cabral. Outro integrante da comissão, o advogado Francisco Joaquim dos Santos, anunciou que prepara ação popular em defesa do direito de moradia.

"Vamos sofrer prejuízos de ordem moral e econômica. Nossos imóveis vão ser desvalorizados e ninguém quer morar atrás de motéis. Nem vou falar nos roubos, crimes e no consumo de drogas, comuns nesses locais", protesta Francisco.

Dispostos a impedir a construção dos motéis, os moradores do Dom Cabral mandaram confeccionar adesivos com os dizeres "Aqui não", sobre uma placa de trânsito proibido, ilustrados ainda pelo desenho de um prédio sobre o qual está a placa "Motel". Se a campanha não vingar, promete o advogado, moradores tornarão inviável o funcionamento dos motéis, fazendo vigília em frente aos seus portões.

○ Bispo denuncia ameaças de morte em encontro de comunidades no RJ

Da Sucursal do Rio

O bispo de Duque de Caxias (na Baixada Fluminense, a 20 km do Rio), d. Mauro Morelli, disse ontem que todas as pessoas que trabalham em defesa dos menores delinquentes da região, junto à diocese, têm sofrido ameaças de morte. A afirmação foi feita em entrevista durante a abertura do 7º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que reuniu religiosos de 18 países da América Latina e convidados da África, Europa e Estados Unidos.

Desde a semana passada, d. Mauro denuncia as ameaças que

tem recebido por telefone. O bispo chegou a declarar que suspeitava do diretor do Departamento de Polícia de Caxias, Henrique Alves, e foi incitado pelo secretário de Polícia Civil do Rio, Hélio Saboya, a formalizar a denúncia. O secretário entendeu que houve acusação de crime contra o delegado.

Para Nilo Batista, advogado de d. Mauro, a posição do secretário caracteriza um constrangimento ilegal. "É um paradoxo, pois foi ele (d. Mauro) o ameaçado", disse Nilo. Ele afirmou que recorrerá ao Tribunal de Justiça do Estado se o bispo for intimado a depor.

Para a abertura do encontro das CEBs, foi montado um forte esquema de segurança, com policiais civis e militares. Reunindo cerca de 3.500 pessoas, o encontro atraiu vários políticos do PT que, contudo, descartaram a vinculação político-partidária. A deputada federal Benedita da Silva disse que participava como militante pastoral da Assembléia de Deus. "Não posso fazer da Igreja um partido, e vice-versa."

Na entrada do Centro Esportivo Correa Meier, onde aconteceu o encontro, uma barraquinha vendia camisetas, adesivos, chaveiros, canetas do candidato Luis Inacio Lula da Silva.

12-7-81

D. Luciano analisa com teólogos a crise interna da Igreja Católica

Da Reportagem Local

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, analisou a crise interna da Igreja Católica com 120 teólogos e teólogas brasileiros, reunidos em Vitória (ES), durante a quinta assembléia geral da Sociedade Brasileira de Estudos Teológicos (Soter).

O presidente da CNBB afirmou aos teólogos que o papa João Paulo 2º "tem estima" pelo bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga e pelo teólogo Leonardo Boff. Mas deixou claro que existem dificul-

dades no relacionamento entre a Igreja no Brasil e a Cúria Romana.

D. Luciano Mendes de Almeida sugeriu, também, que os teólogos adotem "o espírito do apóstolo Paulo" que permaneceu dez anos em silêncio. A penalidade foi imposta pelos dirigentes da Igreja Católica nos primeiros tempos do Cristianismo.

As orientações romanas para os seminários católicos brasileiros serão transmitidas à CNBB a partir do próximo dia 17, em Brasília, durante quatro dias de reuniões presididas pelo cardeal William Baum, prefeito da Congregação vaticana para a Educa-

ção Religiosa.

Durante esse encontro, serão analisados os relatórios da inspeção feita aos seminários brasileiros, durante o segundo semestre do ano passado, por bispos designados pelo Vaticano.

Os teólogos brasileiros aprovaram uma carta às Comunidades Eclesiais de Base em que afirmam que "o mar da Igreja está agitado e o seu barco está sendo sacudido". Eles dizem, também, que as pressões contra o cardeal Arns e contra Casaldáliga "ameaçam a fraternidade entre os bispos".

Nossos "mártires"

21/7/81 m

Dom Boaventura Kloppenburg,
OFM *

A voluma-se nosso martirologio. Até o ecologista e líder sindical acriano Francisco (Chico) Mendes, assassinado nas vésperas do Natal de 1988, já entrou no rol dos nossos mártires. Determina o cânon 1.187 do Direito Canônico "So é lícito venerar mediante culto público aos servos de Deus que foram inscritos pela autoridade da Igreja no catálogo dos Santos ou dos Bem-Aventurados." Não obstante, tive que assistir calado a uma ladainha dos mártires latino-americanos, incluídos os brasileiros. Parece que basta que alguém morra por alguma causa nobre para encontrar lugar no martirologio.

O vocábulo "mártir" ou "martirio" ligado à morte violenta, teve sua origem na Igreja, como neologismo cristão. Vem do grego *martys* = testemunha, *martyrion* = testemunhar. Etimologicamente não tem nenhuma associação com a morte da testemunha. Uma das tarefas que o Senhor Jesus confiara aos discípulos era a de testemunhar (*martyria* sua missão messiânica, sua morte redentora e sua ressurreição justificadora. "Vós sois testemunhas (*martyres*, diz o original grego) disso" (Lc 24, 28). "Recebereis a força do alto e sereis minhas testemunhas (*martyres*) em Jerusalém, em toda Judéia e Samaria, e até os confins da Terra" (At 1, 8).

Mas o valente e destemido anúncio do Evangelho desencadeou logo situações conflituosas e perseguições. "Mandaram prender os apóstolos e lançaram-nos na cadeia pública" (At 5, 18). A associação entre o testemunho cristão e a morte por esta confissão foi para os apóstolos mais do que um vago pressentimento: tornou-se realidade, à qual se submeteram como condição inevitável para comprovar a autenticidade de seu testemunho. O próprio Jesus lhes profetizara tal sorte (cf Lc 21, 12-13; Mt 10, 24-25). A testemunha aceita a morte violenta como selo definitivo de seu testemunho. Mas nem todos os que confessaram a fé cristã padeceram por ela a morte infligida. Surgiu então uma distinção na terminologia: os que selaram sua confissão com a morte violenta passaram a ser chamados "mártires" os outros eram denominados "confessores". O primeiro escritor de língua latina a usar o vocábulo grego *martyris* para designar a "morte pela fé" foi Tertuliano, no segundo século, na obra *Exortação aos mártires*. Só a partir do século IV se fixou o significado da palavra "martirio" como testemunho selado pela morte violenta por ódio à fé cristã.

Em sua *Suma Teológica* (2ª parte da 2ª parte) dedica Santo Tomás a questão 124 ao martirio e discute a matéria em cinco artigos: no 1º mostra que o martirio deve ser um ato firme de adesão à verdade cristã; no 2º afirma que o martirio é um ato de fortaleza; no 3º manifesta ser o martirio a prova máxima de amor a Deus; no 4º ensina que na sua noção perfeita o martirio exige que se sofra a morte por Cristo; e no 5º indica que só a fé cristã é causa do martirio.

Mas o tratado clássico e mais autorizado sobre o martirio foi escrito pelo papa Bento XIV na monumental obra sobre os processos de beatificação e canonização, publicada em 1737. É o texto que até hoje orienta os processos da Igreja. No livro III dedica 12 capítulos à matéria e descreve minuciosamente as condições requeridas para o martirio. Para Bento XIV o martirio sempre implica a morte violenta do confessor da fé. Quem, por exemplo, morresse vítima das feridas recebidas por causa da fé mas que, para obter a palma do martirio, rejeitasse os cuidados médicos, não poderia ser declarado mártir (cap. XII). O perseguidor é considerado como tal só quando está animado pelo ódio à fé cristã ou a uma obra boa diretamente relacionada com a fé em Cristo. Muitas vezes será difícil comprovar esta conexão e nestes casos a Igreja deve abster-se de um pronunciamento sobre a autenticidade do martirio (cap. XII). Provocar o perseguidor antes do martirio pode ser um ato de presunção ou um meio de instigação à injustiça (cap. XIII). Caso haja resistência diante da morte, pode talvez dar-se o martirio segundo o juízo de Deus, mas não aos olhos da Igreja. Como nem sempre são claras as intenções do perseguido e do perseguidor, pode bem ser que em alguns casos haja verdadeiro martirio diante de Deus (*coram Deo*) mas não diante da Igreja (*coram Ecclesia*). Nestes casos não pode a Igreja reconhecer o martirio (cap. XVIII). Para que se possa falar de verdadeiro martirio não é suficiente que o perseguido tenha aceitado a morte para defender uma verdade de ordem natural ou um bem ético natural (reforma agrária, salário justo, direito à greve, proteção do meio ambiente etc.). Finalmente, Bento XIV pergunta se o título de mártir poderia ser dado aos que morrem em defesa de suas convicções heréticas ou cismáticas ou a alguém que é morto por motivo justo do ponto de vista católico. Este último caso concentra a atenção do papa: aqui, escreve ele, seria o caso de aplicar prudentemente a distinção entre o martirio *coram Deo* e o martirio *coram Ecclesia* (capítulos XIX-XII).

Em resumo, martirio é a consciente, livre e paciente aceitação da morte violenta infligida por um perseguidor em ódio à fé cristã.

Não é mártir em sentido próprio: quem é morto em estado inconsciente (por exemplo, a criança); ou contra sua vontade, protestando, gritando, odiando; ou quem morre numa luta, batalha ou guerra justa; ou quem é morto por engano; ou por um "motivo nobre" não diretamente ligado à confissão da fé cristã. Nestes casos usar-se-ia o vocábulo "mártir" em sentido analógico, insuficiente para ser oficialmente reconhecido para o culto público na Igreja.

Assim, pois, para que alguém possa ser comprovado como verdadeiro mártir, não basta ter sido um bom cristão e ter aderido aos ideais do socialismo, provocado as iras de capitalistas liberais e ter sido abatido por seus pistoleiros. Não reconheço os membros da UDR, se é que é mesmo verdade que matam ou man-

dam assassinar, como perseguidores em condições de produzir mártires em sentido próprio. Pelo que vejo, por enquanto nosso martirologio brasileiro só conhece mártires por analogia. Graças a Deus, não dispomos de perseguidores dispostos a matar por ódio à fé cristã.

* Bispo de Novo Hamburgo - RS, doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé.

D. Mauro Morelli ader

Da Sucursal do Rio

O bispo de Duque de Caxias (a 30 km do Rio), d. Mauro Morelli aderiu à campanha do candidato do PT à Presidência, Luis Inacio Lula da Silva, e deixou em aberto a possibilidade de aceitar um convite do partido para, futuramente, assumir um ministério. "Como membro da Igreja, não posso tomar partido. Como cidadão brasileiro devo aceitar qualquer proposta séria, que venha do povo", disse.



Segundo d. Mauro, o "PT nasceu da luta do povo e tem propostas sérias. Não voto em amigos, mas em ideologias", afirmou ontem na diocese de Caxias, ao receber o presidencial do PT para um almoço. O bispo disse ainda que "se o povo brasileiro for capaz de vencer a ilusão e mergulhar fundo nas grandes questões", ele, como cidadão, deve "colaborar com alegria".

A visita de Lula teve o mesmo status que a de um bispo, segundo d. Mauro Morelli, que decretou um meio-feriado para os funcionários da diocese. Junto com líderes sindicais da região, o bispo e Lula participaram de um almoço e, em seguida, foram visitar as favelas de Jardim Gramacho (localizada nas proximidades do vazadouro de lixo do município do Rio de Janeiro) e Ideal, ambas na periferia de Duque de Caxias. Lula afirmou que a indicação do nome de d. Mauro para ocupar um ministério, ainda indeterminado, dependerá da Igreja e dos partidos que formam a Frente Brasil Popular (PT, PSB e PC do B).

Representação contra Collor

Da Sucursal do Rio

O candidato do PT à Presidência da República, Luis Inacio Lula da Silva, disse ontem que os advogados do seu partido vão entrar, na próxima semana, com uma representação junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para que seja conhecida a fonte de recursos da campanha do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. "Quero saber qual é o marajá que está financiando o caçador de marajás", afirmou Lula, em Duque de Caxias (na Baixada Fluminense, a 30 km do Rio de Janeiro).

Segundo Lula, há muito tempo que ele não via cam

nha tão milionária. "Não pode ser que ele esteja usando só o dinheiro da mamãe. A opinião pública tem o direito de saber de onde estão vindo esses recursos", disse o candidato do PT.

Lula acrescentou que, no início do ano, quando ganhou de Roberto Teixeira —um simpatizante— 40 outdoors em todo o Brasil, defendendo a sua candidatura, chegou a receber um processo do PDT.

"Só na avenida Brasil (principal via de acesso ao Rio), o Collor tem mais do que isso. Já ouvi falar que em todo o país ele dispõe de cerca de 3.000 outdoors", disse Lula, durante visita à favela Jardim Gramacho.

O bispo de Caxias criticou o que chamou de "abuso do nome de Deus na campanha política" e também os líderes religiosos que estão "vendendo os votos de suas igrejas" a determinados candidatos. "Os problemas brasileiros não podem ser resolvidos com bênção de pastor, nem de padres, nem de bispo, nem do papa, nem mesmo de médico", afirmou. Para d. Mauro, "80% das doenças podem ser resolvidas com justiça e pão na mesa".

Lula passou o dia de ontem em campanha na Baixada Fluminense, reduto eleitoral do candidato do PDT à Presidência, Leonel Brizola. Pela manhã, andou pelas ruas do centro de Belfort Roxo, distrito de Nova Iguaçu (a 40 quilômetros do Rio), que tem um dos mais altos índices de criminalidade do Estado. Não foi vaiado nem aplaudido.

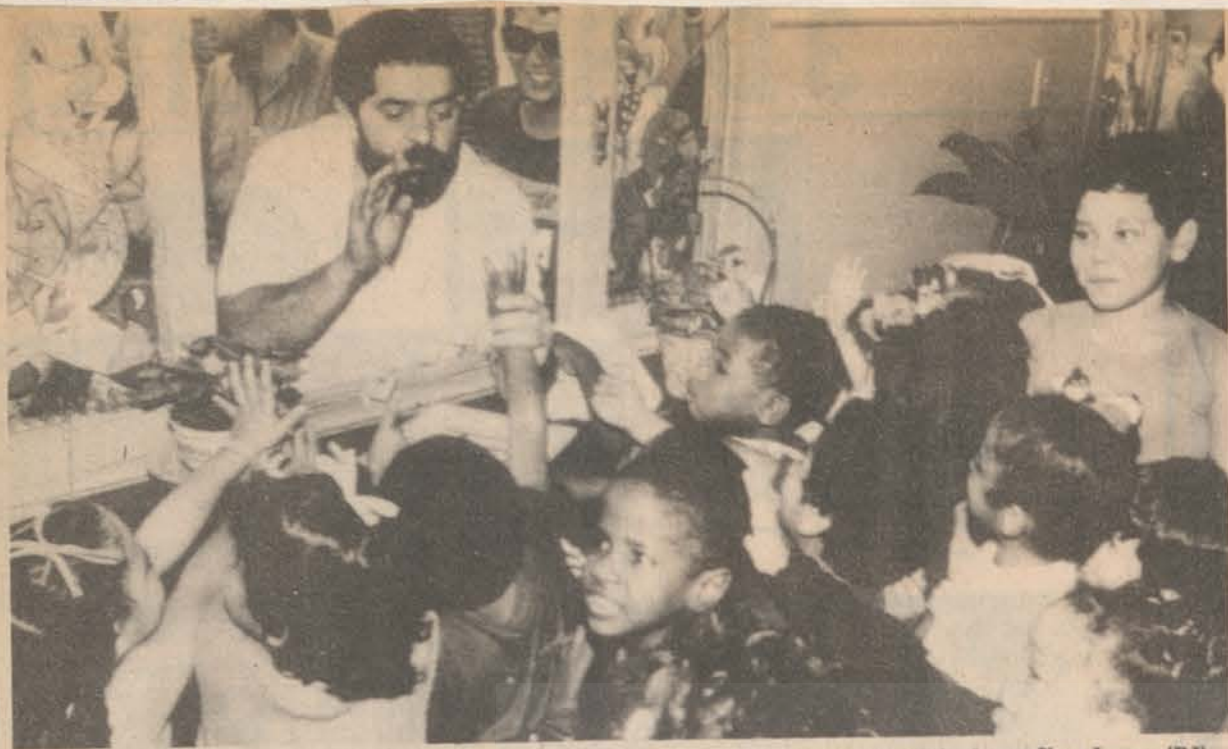
Durante a caminhada, foi cercado por moradores que faziam perguntas sobre suas propostas de governo e que reclamavam da falta de saneamento e segurança na região. Alguns simpatizantes de Leonel Brizola que vestiam camisetas com a imagem do candidato do PDT cumprimentaram Lula e explicaram que não iriam vaiá-lo porque contavam com o seu apoio a Brizola no segundo turno da eleição presidencial.

Hoje, o candidato do PT deve continuar a fazer campanha na Baixada Fluminense. Ele tem programados um passeio pelas ruas do centro de Duque de Caxias e um debate sobre a questão da mulher no Instituto de Educação Roberto Silveira, no mesmo município. No fim da tarde, deverá voltar para São Paulo.

DE S. PAULO

re à campanha de Lula

"O Dia"



O candidato do PT, Luis Inacio Lula da Silva, conversa com crianças durante uma caminhada por Nova Iguaçu (RJ)

Igreja não comenta posição de d. Mauro

Da Reportagem Local e Sucursais

Bispos da Igreja Católica evitaram ontem comentar a declaração de apoio do bispo de Duque de Caxias, dom Mauro Morelli, à candidatura de Lula, do Partido dos Trabalhadores.

O cardeal do Rio de Janeiro, dom Eugênio Salles, disse que "quanto à decisão de dom Mauro, não devo me manifestar pois se trata de um bispo e de uma decisão tomada na sua diocese".

Em São Paulo, o bispo dom Décio Pereira, da região de Belém (zona leste) afirmou que não podia comentar a decisão porque desconhecia a declaração de dom Mauro.

O bispo dom Francisco Vieira, de Osasco (Grande São Paulo),

também não quis comentar o assunto, mas afirmou que não pretende declarar o seu próprio voto nas eleições de novembro.

O bispo auxiliar da Sé (região central), dom José Túlio, disse que não sabia da declaração, mas que qualquer um é livre para dizer o que quer e que dom Mauro é responsável pelas suas decisões.

D. José Túlio afirmou que, como cidadão, tem o direito de se posicionar politicamente, mas que ainda não definiu em que votará para presidente. "Só com o correr do tempo é que vou me definir", disse.

O bispo auxiliar da arquidiocese de Florianópolis, dom Murilo Krieger, disse que é difícil distinguir o bispo do cidadão porque "para o povo é sempre o

bispo quem está falando". Ele afirmou que, como bispo, não deve se pronunciar politicamente, seguindo orientação do documento "Igreja, Comunhão e Missão", da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.

Já o bispo de Chapecó (630 km de Florianópolis), dom José Gomes, da linha progressista da Igreja, afirmou que a decisão fica a cargo da consciência de cada um. Ele disse acreditar que a posição de dom Mauro Morelli só é criticada porque ele falou em favor de Lula.

Para d. José, o mesmo não aconteceria se dom Mauro apoiasse outro candidato. Pessoalmente, no entanto, dom José afirmou que não vai se posicionar publicamente.

Jornal divulgará administração paulistana

Da Reportagem Local

A direção nacional do PT está convencida de que existe um bloqueio na imprensa que impede a divulgação correta dos feitos das administrações municipais petistas. Segundo este ponto de vista, o alvo principal do bloqueio é a Prefeitura de São Paulo, comandada por Luiza Erundina. Para reagir a esta situação, Erundina decidiu publicar um jornal quinzenal, com tiragem de meio milhão de exemplares.

A decisão foi tomada, de acordo com a versão oficial, para suprir a suposta falta de informações corretas e suficientes sobre o que a Prefeitura faz e os problemas que enfrenta.

Mas o jornal servirá também

de apoio à campanha presidencial do deputado Luis Inacio Lula da Silva, no maior colégio eleitoral municipal do Brasil.

A publicação não deverá fazer propaganda direta de Lula e nem da prefeita, mas visa reverter, antes de 15 de novembro, os baixos índices de aprovação à administração petista, constatados nas pesquisas de opinião. Esse índices prejudicam Lula.

O jornal terá oito páginas em formato tablóide (metade do tamanho de uma página da Folha) e será distribuído gratuitamente aos funcionários municipais (150 mil), aos usuários dos serviços da Prefeitura (100 mil), aos participantes de reuniões promovidas pela administração (150 mil) e aos militantes do PT (100 mil).

O secretário municipal de Comunicação e Imprensa, Perseu Abramo, diz que não está prevista a distribuição a filiados de outros partidos políticos, à exceção dos exemplares que serão enviados aos 53 vereadores da Capital e aos 84 deputados estaduais.

Ela declara que a Prefeitura não tem estrutura para entregá-los aos diretórios dos demais partidos.

A primeira edição do jornal —cujo nome ainda não foi escolhido— deve sair no final de agosto ou começo de setembro.

A Imprensa Oficial do Estado, que já faz o "Diário Oficial do Município", imprimirá o jornal, ao custo estimado de NCz\$ 30 mil por edição.

Roberto Jayme

UMA PLANTA RARA EM

Inquérito apurará ligação de policiais com ferros-velhos

O Secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, informou ontem que determinará abertura de inquérito administrativo para apurar o envolvimento de policiais com negócios em ferros-velhos. Ele ainda não havia tomado conhecimento da reportagem publicada na edição de ontem do GLOBO, segundo a qual os Detetives Carlos Gomes de Azevedo Rodrigues, Claudionor Mariath e Marco Antônio de Oliveira são sócios de Raymundo Pacheco do Nascimento, dono de um dos maiores ferros-velhos da Baixada Fluminense, no Km 13,5 da Rodovia Presidente Dutra. Saboya afirmou que policiais não podem participar deste tipo de sociedade e que, caso sejam comprovadas irregularidades no ferro-velho, os três podem ser expulsos da Polícia.

A idéia do Prefeito de São João de Meriti, José Amorim, de proibir o funcionamento no Município de ferros-velhos a partir do ano que vem foi considerada ótima pelo Secretário. O Prefeito quer também acabar com as casas de "flipperama" e com as "bocas de ouro".

— É claro que não podemos generalizar, mas, se todos os Prefeitos fizessem isto, muita coisa mudaria. Poderíamos adotar uma ação coordenada. Se não pegamos os infratores na área policial, vamos pegá-los na área fiscal — disse Saboya.

Os três policiais citados na reportagem da edição de ontem do GLOBO são sócios do Ferro-Velho São Sebastião. Raymundo, que já esteve envolvido em seis inquéritos policiais, inclusive por furto, tendo sido condenado num deles, é quem toma conta do negócio. O ferro-velho ocupa uma área de mais de dois mil metros quadrados e em seu pátio encontram-se amontoadas carcaças de todo tipo de automóveis nacionais, além de peças e acessórios, inclusive motores completos.



Foto de Vidal da Trindade

Dom Mauro Morelli e Hélio Saboya dão entrevista na Diocese de Cascas de Minas

Saboya visita Bispo ameaçado de morte

O Secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, se encontrou ontem com o Bispo da Diocese de Duque de Caxias, Dom Mauro Morelli, pela primeira vez depois que o religioso recebeu ameaças de morte, dias antes da realização do Encontro de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) naquele Município. Dom Mauro Morelli disse que foi ameaçado três vezes e reiterou que nunca responsabilizou por essas ameaças o Delegado Henrique Pinheiro Alves, Diretor do Departamento de Polícia da Baixada.

Saboya afirmou, por sua vez, que jamais cogitou de obrigar o Bispo de Duque de Caxias a depor na Corregedoria de Polícia Civil. O Secretário afirmou na ocasião das ameaças que o religioso iria ser convocado

para prestar depoimento, já que ele estaria acusando o Delegado Henrique Alves.

Dom Mauro Morelli dissera, antes da realização do encontro das Comunidades Eclesiais de Base, que o Delegado Henrique Alves estava dando sinal verde para a ação dos grupos de extermínio na Baixada Fluminense, com base em declarações prestadas pelo policial a uma revista. O Bispo de Duque de Caxias disse que parou de receber ameaças e que não precisa de proteção policial. Agradeceu a visita feita por Hélio Saboya, na sede da Diocese, e manifestou a crença de que salários mais altos e combate à corrupção são o caminho para uma boa atuação da Polícia.

Dom Austregésilo diz que miséria ameaça segurança

O bispo de Afogados da Ingazeira, dom Francisco Austregésilo, disse, na tarde de ontem, que "a miséria é a maior ameaça à segurança nacional e as Forças Armadas e todo o povo brasileiro são responsáveis pela segurança e, portanto, devem reverter esse quadro". Não se tratava de mais uma pregação do bispo, que é ligado à ala progressista da Igreja. O público era formado por 120 estagiários do Curso de Capacitação Política e Estratégica da Escola Superior de Guerra - ESG, que estão no Recife.

Na tarde de ontem dom Francisco Austregésilo participou de um painel sobre a questão rural em Pernambuco, onde também falaram o secretário de Agricultura do Estado, José Almino; o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (Fetape), José Rodrigues; e o presidente da Federação da Agricultura de Pernambuco, Pio Guerra Júnior. Pela manhã, os estudantes da ESG ouviram o secretário de Planejamento, Pedro Eugênio, que representou o governador, além dos secretários Tânia Baccalar e Cyro de Andrade Lima, da Fazenda e Saúde, respectivamente. Os debates foram realizados no Centro de Convenções.

Dom Francisco Austregésilo - sempre incisivo na defesa da reforma agrária - afirmou que é necessário descentralizar a terra a renda e o poder no Brasil e que se tal não acontecer não haverá verdadeira democracia.

Já o presidente da Federação da Agricultura negou que a concentração da terra seja a principal causa do êxodo rural. "Em todo o mundo existe uma tendência do homem em vir para os centros urbanos", explicou. Pio Guerra Júnior também defendeu o Proálcool, alegando que ele trouxe para o País uma sensível redução dos gastos com petróleo.

O secretário José Almino não concordou. Para ele, o programa incentivou os usineiros a aumentarem a área plantada com cana, dando mais corda à monocultura. Hoje - continuou - tudo isso está em crise pois o programa é artificial, os preços estabelecidos, também, sem falar que a Petrobrás adquire o álcool e o revende a um preço mais baixo.

Almino também falou sobre o trabalho que o Governo do Estado vem fazendo para conter a decadência da agricultura de Pernambuco e estimular a retomada do desenvolvimento agrícola.

D. de Pernambuco 3/18/89

CEB

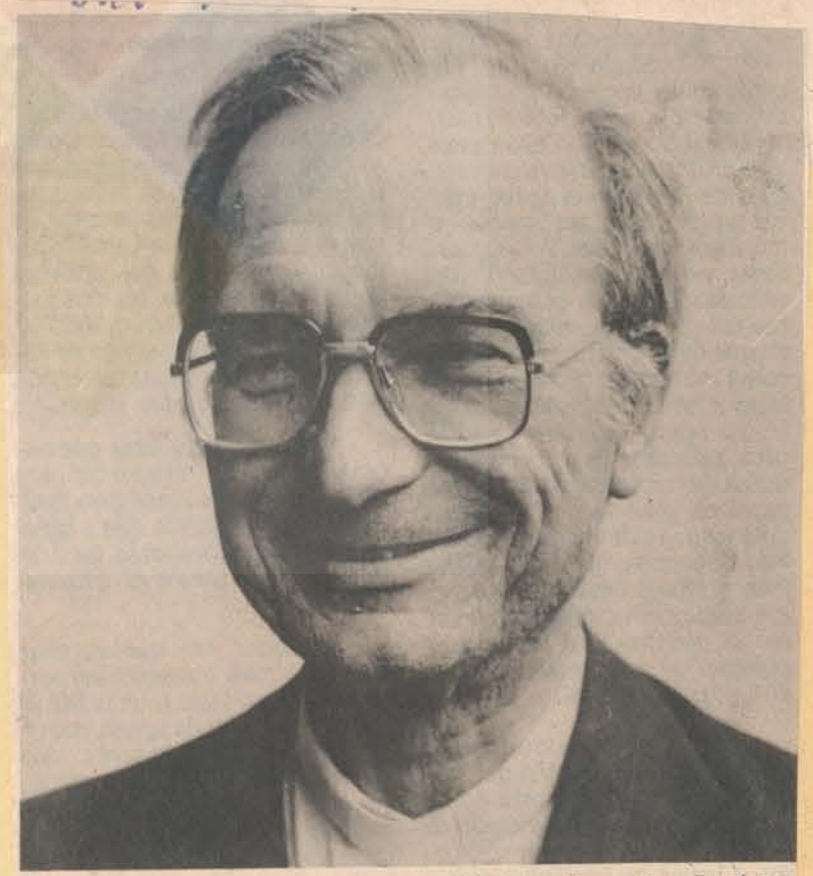
Dom Luciano alerta: já é hora do diálogo

Rodrigo Almeida

7/11/89 - 5-89

“Os valores e programas de candidatos e partidos que concorrem à sucessão presidencial precisam responder às justas aspirações do povo.” A afirmação é do arcebispo de Mariana e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida. Ele reafirmou que a Igreja não tem partido nem candidato, mas esclareceu que o cristão precisa escolher o candidato certo, “aquele que demonstra com sua atuação, no passado e no presente, o compromisso com os valores fundamentais da pessoa e o programa de governo que atenda às necessidades de transformação da realidade, em busca de valores maiores, da fraternidade, da solidariedade, os

valores reais do Evangelho.” Em entrevista exclusiva ao JORNAL DE OPINIÃO, dom Luciano analisa o quadro sucessório e a onda de violência que abalou o País nos últimos dias. Segundo o presidente da CNBB é preciso repudiar a violência, “pois ela impede o diálogo e faz crescer entre todos o clima emocional e o passionalismo”. Para superar as dificuldades que o Brasil vive neste momento e se chegar à democracia plena, dom Luciano recomenda a opção pelo diálogo, mas ressalta que existem requisitos básicos para isso. O primeiro deles é a melhoria da qualidade de vida do povo, pois “nesta realidade em que vivemos há poucas condições objetivas para o diálogo verdadeiro”. (Página 12)



A Igreja não tem partido nem candidato, afirma dom Luciano

26181 29 7/76

Participar com esperança

Luciano Mendes de Almeida

Reuniram-se, em Brasília, os membros do Conselho Permanente que acrescenta à Presidência e aos oito bispos da Comissão Pastoral os 15 bispos que representam os Regionais. Foram temas prioritários a Pastoral da Juventude e a análise da conjuntura nacional, tendo em vista a próxima eleição de novembro.

A propósito da situação do país, os bispos fizeram um apelo às comunidades, —Participar com esperança— alertando para três pontos urgentes:

1) É preciso consolidar o novo ordenamento jurídico, completando a transição democrática do país. Insistem, assim, na importância das leis complementares e ordinárias e nas novas Constituições dos Estados, para que torne possível aplicar a Constituição e vir ao encontro dos anseios do povo. Reafirmaram a esperança de que as comunidades locais participem ativamente, à luz do Evangelho, na elaboração das leis orgânicas dos municípios. É neste nível que se abre para o povo maior possibilidade de colaboração.

2) Vem, a seguir, a questão dos critérios para a escolha do futuro presidente. É dever de todos participar nas próximas eleições. "A Igreja não tem partido, nem indica candidato." Ela afirma, no entanto, os requisitos necessários a uma escolha correta. Citam os bispos as qualidades pessoais de coerência no testemunho de vida, competência, honestidade e garantia, à luz da vida passada, de prudência, firmeza e compromisso com as justas causas populares. O candidato deve ser capaz de promover,

sem violência, sem distúrbio, mas com coragem, a transformação profunda da inaceitável situação social do Brasil. O documento recorda quais são as principais exigências e clamores do povo, entre elas a política agrícola, que garanta a permanência do pequeno agricultor no campo, a execução da reforma agrária justa e eficaz, a distribuição social do solo urbano, a preservação do meio ambiente, o direito dos trabalhadores, as medidas quanto à dívida externa e o respeito à vida digna e à própria cultura das populações indígenas.

3) O último ponto refere-se à necessidade de o povo manter-se alerta, informado, mobilizado e organizado para exercer responsabilmente a cidadania e exigir a correta atuação das autoridades.

Com efeito, a democracia "consiste na simultânea realização da liberdade da pessoa humana e participação de todos nas decisões econômicas, políticas, sociais, culturais que dizem respeito a toda a sociedade" (Exigências éticas... n° 66).

Democracia não se confunde com permissividade moral. Mas para isso requer-se que todos colaborem na urgente tarefa da educação ou reeducação dos comportamentos individuais, familiares e sociais, hoje tão perigosamente deteriorados entre nós.

O pronunciamento termina alimentando a convicção de que, se isto acontecer, poderá o povo "com a graça de Deus, viver a Esperança Cristã, que não admite desânimo".

Diante da situação dramática do Líbano, os bispos decidiram convocar as comunidades para, no dia 17 de setembro, domingo, oferecerem a Deus preces pela plena liberdade e paz social neste país irmão. No mesmo sentido, enviaram carta ao presidente da República, solicitando, em nome do Brasil, gestões diplomáticas pelo imediato "cessar fogo" e saída das tropas de ocupação.

O pleno exercício da cidadania, no regime democrático que almejamos para o povo brasileiro, inclui a solidariedade fraterna para com os irmãos cuja dignidade é tão cruelmente desrespeitada.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

2-9-89 FMP

O município e a crise

Luciano Mendes de Almeida

No recente pronunciamento do Conselho Permanente da CNBB, lembraram os bispos a importância do município como lugar privilegiado de participação do povo na vida política. Isto vale, especialmente, para cidades menores e médias, nas quais a população conhece melhor os problemas locais e os representantes eleitos.

Abre-se, agora, o período para a discussão das leis orgânicas municipais e espera-se que os vereadores consigam encontrar os meios adequados para possibilitar efetiva colaboração dos municípios. É chegada a oportunidade de fazer que o corpo de leis seja adaptado às necessidades e costumes da população de cada região. Com o amadurecimento da responsabilidade cívica, aumenta, também, a exigência de participação mais ativa em promover o bem comum do próprio município.

É neste nível que alguns dos graves problemas do Brasil podem começar a ser resolvidos. O contato assíduo que tenho tido com as prefeituras de mais de 60 municípios em Minas Gerais vem confirmando a verdade dessa afirmação. Há lugares onde a comunidade local consegue se organizar e trabalhar em conjunto, com a participação do prefeito e de outras instâncias administrativas. Vão motivando a população, discutindo as questões e, aos poucos, encontram soluções para os desafios.

Assim, em Rio Casca, pequeno município de Minas Gerais, a conjugação de esforços da Prefeitura, paróquia e outras entidades está conseguindo realizar três tipos de obra de grande valor social: o centro de atendimento a crianças excepcionais, creches em áreas de pobreza e um amplo lar para idosos. A creche atual é provisória. A equipe médica entende-se bem com os educadores, que trabalham, em conjunto, no atendimento de 80 crianças. Apresentaram-me, com ufania, uma linda menina, sorridente e saudável, que meses antes, ao chegar, anêmica, parecia incapaz de sobreviver. Com forte apoio do pároco, a nova creche de 2 andares está quase terminada. A família vizinha cedeu um terreno para horta comunitária. Do outro lado, a senhora já idosa deixou a área livre de sua casa para recreação da meninada. Está inaugurado o centro para crianças excepcionais. Construído com esmero, ocupa lugar central na cidade. Mais afastado está o lar para idosos, em fase de acabamento, fruto da tenacidade de um grupo de abnegados. Quartos com banheiro, salas-de-estar, tudo planejado com simplicidade, bom gosto e amor, para oferecer ambiente digno aos anciãos inválidos, sem amparo familiar.

Em outros municípios da área, há experiências promissoras de assentamento de lavradores sem-terra, construção de casas populares em mutirão, melhoria de escolas e hospitais, hortas comunitárias, centro de recreação e cursos de formação profissionalizante para a juventude.

Essas realizações para serem bem-sucedidas requerem duas condições. A primeira consiste no interesse e participação da comunidade que, superando rivalidades locais entre partidos ou facções políticas, congrega as forças, em vista das iniciativas para o bem do povo. A segunda é que o município possa dispor de verba conveniente para essas promoções, com apoio de outros municípios vizinhos e do Estado sempre que o projeto necessitar.

Diante do sofrimento do povo, que precisa ter acesso ao trabalho e a condições dignas de vida, o município permanece na primeira instância de solução. As comunidades cristãs são chamadas, como expressão da própria fé e confiança em Deus, a dar exemplo de solidariedade e participação para o bem comum. Aos cristãos compete, conforme a palavra dos bispos, vencer o desânimo e a perplexidade, assumir a própria responsabilidade cívica e colaborar para que o Brasil supere, quanto antes, a sua crise.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.



O arcebispo d. José Maria Pires (PB)

519 18/09
TSP

Bispos progressistas debatem no NE decisão do papa

Da Redação

Cinco bispos de tendência "progressista" da Igreja Católica na região nordeste se reúnem hoje em Campina Grande (PB) para analisar a decisão do Vaticano de fechar o Instituto de Teologia do Recife (Iter) e o Seminário Regional do Nordeste (Serene). Os bispos d. José Maria Pires (João Pessoa), d. Luiz Fernando Gonzaga (Campina Grande), d. Marcelo Cavalheira (Guarabira), d. José Maria Freire (Mossoró) e d. Tiago Postman (Garanhuns) vão buscar solução para a situação dos seminaristas que estudam nos institutos e decidir uma forma de pedir explicações ao Vaticano sobre os critérios adotados.

Eles preparam também um novo encontro para a próxima semana, que discutirá a polémica surgida após telefonema de um representante do bispo de Belém, d. Vicente Zicco, que foi o representante designado pelo Vaticano para levantar a situação dos dois institutos.

No telefonema, dirigido ao coordenador da Conferência dos Religiosos de Recife, padre Humberto Plummer, d. Zicco informava estar surpreso com a decisão: "Como representante, ele deu um parecer altamente favorável às duas entidades e agora está preocupado com tudo isto, já que sua impressão positiva foi transmitida a bispos e padres, inclusive a mim", disse o padre Plummer. D. José Maria Pires disse que só soube do fechamento no sábado.



O presidente da CNBB, d. Luciano Mendes

D. Luciano vai intervir ^{7/9/89 Kp} para solucionar crise

Da Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes, disse ontem, em Belo Horizonte, que pretende se encontrar com o arcebispo de Olinda e Recife, d. José Cardoso Sobrinho, para tentar solucionar a crise desencadeada na arquidiocese de Pernambuco. D. Luciano disse também que vai tentar negociar com a Santa Sé e saber porque o Vaticano fechou o seminário regional. Mas afirmou que vai esperar o retorno de d. José do Vaticano antes de entrar em contato com a Santa Sé.

Segundo d. Luciano, a decisão do vaticano de fechar o Instituto de Teologia e o Seminário Regional do Nordeste "é um impasse e causou surpresa". O presidente da CNBB explicou que os bispos devem propor uma nova fórmula para levar adiante a formação dos seminaristas, e que essas reuniões já existem. "Evidentemente, a Santa Sé abrirá também a essa apresentação de novas fórmulas", disse. Sobre o afastamento do padre escocês Tiago Torlby do Engenho Pitanga, d. Luciano acha que deve haver entendimento entre o sacerdote e d. José, e considera d. Hélder Câmara uma pessoa "prudente".

D. José conclama políticos contra violência

15/9/89 O NORTE

A Assembleia Legislativa estadual recebeu ontem, a visita do Arcebispo da Arquidiocese da Paraíba, Dom José Maria Pires, que foi convidado para participar de uma sessão especial dedicada a um debate sobre a violência no Estado. A iniciativa da convocação da sessão partiu de uma comissão de parlamentares que se incorporaram ao movimento da sociedade civil denominada "Cruzada contra a violência", que vem realizando manifestações públicas contra a onda crescente de violência na Paraíba e pela punição dos culpados de crimes considerados bárbaros.

A sessão contou com a presença de um grande número de pessoas que se juntaram ao movimento liderado pelos familiares do médico José Bethâmio Filho, assassinado há um ano, e registrou o repúdio dos representantes do Poder Legislativo contra a impunidade do crime. "A Assembleia é um lugar privilegiado para que se discuta essa questão, já que no momento ela está tendo a missão de adaptar as leis aos anseios do povo que clama por justiça e pelo fim da violência de todos os gêneros", afirmou.

Os trabalhos foram iniciados às 14 h sob a direção do vice-presidente da Assembleia, deputado Péricles Vilhena (PMDB) que concedeu a palavra ao seu colega de legislativo, Carlos Candeia para que ele em nome da classe política (e dos médicos, já que Candeia também é médico), se pronun-

ciasse em nome do Poder Legislativo. "Nesse momento a classe política se incorpora à Cruzada contra a violência ao lado da classe médica para que seja mostrado à sociedade o nosso repúdio a esses crimes impunes que estão se registrando no nosso Estado", afirmou Candeia ao conceder a palavra ao Arcebispo da capital.

DOM JOSÉ

Citando constantemente passagens da Bíblia, Don José Maria Pires fez um veemente apelo para que a Justiça paraibana se empenhe em punir os culpados dos crimes em que no seu entender "toda a sociedade sabe quem são os culpados". O arcebispo citou como exemplos desses crimes a morte da líder camponesa Margarida Maria Alves, do lavrador Zé de Lela e do próprio médico José Bethâmio. "Esses crimes são o penhor que garante a motivação da nossa cruzada que, tenho certeza, que deve se espalhar para outros Estados para que possamos acabar com a violência", afirmou Don José.

O arcebispo da Paraíba defendeu em sua palestra uma prioridade absoluta para os crimes contra a vida e afirmou que a impunidade é um mal exemplo da Justiça dada à sociedade. "É de importância primordial que a Justiça dê absoluta prioridade aos crimes contra a vida humana para que não se possa assistir os processos que tratam de crimes absurdos, continuem mofando nas prateleiras da Justiça", disse.



O arcebispo da Paraíba participou, ontem, de sessão especial na Assembleia

Ladrões agridem bispo de Santos em assalto

Da sucursal de Santos

Quatro homens armados assaltaram a casa do bispo diocesano de Santos (65 km a sudeste de São Paulo), dom Davi Picão, da ala progressista da Igreja. O bispo, dois padres e mais cinco pessoas que estavam na casa foram agredidos com socos pelos assaltantes. O assalto durou duas horas, das 21h às 23h de terça-feira à noite. Os ladrões levaram US\$ 500 (NCz\$ 1,63 mil pelo câmbio oficial), NCz\$ 300,00 e aparelhos eletrônicos (rádio, gravador, vídeo e televisão).

Segundo Picão, os ladrões

pularam o muro e se esconderam no jardim à espera de que alguém entrasse ou saísse. Quando um funcionário saiu, eles o dominaram e invadiram a casa. O bispo afirmou que os homens estavam "visivelmente drogados" e gritavam por ouro e dólares.

Toda a casa foi vasculhada. Picão disse que as pessoas eram agredidas como intimidação. Os ladrões exigiram a abertura o cofre, onde havia peças de metal e objetos religiosos de prata, que não interessaram aos assaltantes. O assalto é o quarto deste ano contra religiosos em Santos. Em junho, a Cúria diocesana foi assaltada duas vezes.

FdSP 17.09.89

23. Sep. 1989 FLP

Escola Família

Luciano Mendes de Almeida

O preceito cristão da caridade inclui a cooperação do desenvolvimento integral da pessoa humana. Além do empenho constante pelo aprimoramento moral e religioso, temos que promover condições dignas de vida para a população empobrecida. Isso requer criatividade de soluções concretas que permitam, apesar das dificuldades, despertar sempre mais a esperança. Vale aqui a sabedoria do provérbio oriental: "É melhor acender uma vela do que blasfemar contra as trevas". Conheci de perto uma iniciativa que vale muitas velas acesas. Trata-se da Escola Família.

Nesta semana em Riacho de Santana, a sudoeste da Bahia, 15 grupos comemoravam 10 anos de fundação da Escola Família. Ali estavam mais de 2 mil representantes dos vários municípios vizinhos, num entrosamento fraterno e comunicativo. Passei horas felizes ao lado desse povo simples, ordeiro e trabalhador. De onde vem a alegria desses milhares de lavradores? A explicação está na experiência bem-sucedida da Escola Família. O mérito dessa escola especial está em alguns princípios e práticas de excepcional valor educativo. O princípio fundamental encontra-se em não desvincular o aluno do meio rural, do ambiente familiar e comunitário, graças à pedagogia da alternância, entre períodos passados na escola e outros na família. O segundo princípio é de valorizar a responsabilidade, a liberdade, a participação e cooperação voltada para o bem comum. Isso permite o exercício do trabalho de equipe e o surgimento de lideranças. Em terceiro lugar procura-se favorecer contato com a natureza, com a terra, ensinando a preservar o meio ambiente, florestas e rios, a conhecer as técnicas de plantio, os animais de criação e as plantas medicinais. O aluno é, aos poucos, iniciado ao trabalho racional, sabendo-se valer das práticas tradicionais e dos benefícios da tecnologia. A Escola Família preocupa-se muito em garantir os valores morais e religiosos, a coesão familiar e a vida de comunidade.

A metodologia inclui a participação da família. O aluno vem da roça; passa em cada mês um período interno na escola. Volta, a seguir, para a família. Leva para casa tarefas completas e questionário a ser discutido pelos pais e que, posteriormente, serão colocados em comum com colegas e monitores. O plano pedagógico inclui visitas e estágios para conhecer ambientes diferentes daqueles em que vive. Entra assim, em contato com cooperativas, laticínios, casas de comércio e pequenas indústrias. O currículo compreende as matérias indispensáveis ao reconhecimento oficial de 1º e 2º graus.

Os frutos do método são evidentes. Os filhos de lavradores permanecem enraizados na terra, adquirem vivência comunitária e conseguem mais facilmente concluir o curso. Alguns já pensam em 3º grau, em moldes semelhantes.

A Escola Família nasceu na França, há 50 anos. É fruto do zelo de um pároco de aldeia que lutava para adaptar a educação às condições dos jovens lavradores. Desenvolveu-se muito na África e alguns países da América Latina. No Brasil, sobressai a obra do Pe. Umberto Pietrogrande, Mepes, Movimento de Educação Promocional no Espírito Santo. Várias dioceses da Bahia contam hoje com Escola Família, reunidas na Aecofaba — Associação de Escolas Comunitárias da Família Agrícola da Bahia, de fundação do Pe. Aldo Lucchetta.

Está em previsão a abertura da Escola Família em Viçosa com a colaboração da Universidade Federal de Viçosa e o apoio do governo do Estado.

Os milhares de lavradores em Riacho de Santana agradeceram a Deus numa oração, feita de fé simples e forte os benefícios da Escola Família. Neste tempo de programas de licenciáveis e elaboração de leis municipais, aqui fica a proposta para que se multiplique a Escola Família no Brasil, em bem da dignidade do homem e da mulher do campo.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

7/10/89 KRP

Bispos acatam fechamento de institutos

Do correspondente em Maceió

Os bispos da Regional Nordeste 2 —Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas—, depois de dois dias de reunião, em Arapiraca (142 km de Maceió), divulgaram uma carta com o objetivo de por fim à questão do fechamento do Seminário Regional do Nordeste (Serene 2) e do Instituto de Teologia de Recife (Iter). Os arcebispos dos quatro Estados e mais 18 bispos anunciaram que acatam a decisão do Vaticano de fechar os dois institutos, a partir de dezembro, e que buscarão “novos rumos para a formação dos seminaristas”.

Ontem, o arcebispo de João Pessoa, dom José Maria Pires, anunciou que pretende reabrir o seminário de sua arquidiocese, talvez já no próximo ano. A previsão é que de 30 a 40 dos 100 seminaristas de Recife possam ser absorvidos. O arcebispo de Natal, d. Alair Vilar, disse que está estudando a ampliação do número de alunos no seminário daquela capital (27).

A nota é encerrada com uma frase em defesa a d. José Cardoso Sobrinho, arcebispo de Recife, “que vem sendo alvo de ataques caluniosos”. A nota não entra em detalhes. O texto, contudo, critica o trabalho da imprensa, segundo bispos que não quiseram se identificar.

Documento de bispos do NE será lido em missas

Da Redação

O arcebispo de Olinda e Recife (PE), d. José Cardoso Sobrinho, determinou a leitura obrigatória durante a celebração das missas do comunicado dos bispos nordestinos, no qual criticam a decisão do Vaticano de fechar o Seminário Regional do Nordeste (Serene 2) e o Instituto de Teologia de Recife (Iter).

Os dois institutos formam seminaristas com base na Teologia da Libertação. Segundo o Vaticano, eles não dão uma formação adequada aos futuros padres.

O Serene e o Iter devem ser

fechados até o final deste ano.

No documento, os representantes dos dois institutos fazem críticas a Cardoso Sobrinho por extinguir a Comissão Pastoral da Terra, impedir a Comissão de Justiça e Paz de utilizar o nome da arquidiocese e expulsar vários padres das áreas onde trabalhavam.

Em outra nota, publicada anteontem no jornais locais, os bispos afirmam que na reunião que manteve com d. Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, o papa João Paulo 2º demonstrou não estar bem informada a respeito da formação dada nos dois institutos.

Cultura em Floresta

Menino de onze anos, assisti, em 1964, à chegada a minha terra do seu terceiro bispo dom Francisco Xavier Nierhoff. Foi grande a festa. A cidadezinha sertaneja esperava, certamente, com a restauração do bispado, voltar aos tempos áureos do seu primeiro bispado e primeiro bispo, d. Augusto Alvaro da Silva - depois cardeal primaz do Brasil - que tanto elevou o nome de Floresta.

O novo bispo, entretanto, tinha uma visão um tanto diferente, alheia à cultura da terra dos tamarindos. Passados três anos, resolveu construir uma nova igreja, a sua Catedral. Poderia escolher um bom local, na parte moderna da cidade, mas achou melhor botar abaixo a então Matriz e, no seu lugar, construir um moderno templo, destoante com a arquitetura em volta.

Tinha eu quatorze anos de idade e assistia, perplexo, à demolição da Igreja Matriz de Floresta. Lá em cima, na torre, via homens descarregando suas pesadas marretas, com força, sobre as paredes erguidas com tanto sacrifício pelo povo florestano.

Lembro-me que, a cada dia, em desenho que fizera, ia assinalando as partes demolidas da linda Matriz do Senhor Bom Jesus dos Aflitos, cuja construção fora iniciada na década de 1860, com conclusão em 1897, cerca de trinta anos depois.

A imponente torre fora construída em 1946, também com a participação do povo. O senhor bispo não se contentou com isso. Cerca de vinte anos depois comprou e demoliu um dos chalés mais bonitos de Floresta - o "Chalé dos Rodrigues" - que ficava ao lado de sua suntuosa Catedral e que fora construído pelo padre Américo Vasco, por volta de 1902.

Floresta perde, a cada dia, seus prédios, sua cultura. E preciso que alguma coisa seja feita. Estou fazendo minha parte. Lançei, no dia 29 de setembro na Livraria Síntese, o livro "Floresta - Iconografia", onde, através de "bicos de pena", pretendo despertar o povo florestano, fazendo-o ver a necessidade de se preservar a memória e a cultura local. Além do mais, ainda este ano estará chegando a Floresta seu quarto bispo. Leonardo Ferraz Gominho - Recife

D. de Pernambuco 17/10/1897

Arcebispo criará grupo para estudar situação de empregados do Iter

RECIFE — O arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, vai criar um grupo de trabalho para estudar a situação dos 30 professores e funcionários do Instituto de Teologia do Recife (Iter), cujo fechamento, por ordem de Roma, acontecerá no fim do ano. A decisão foi comunicada pelo arcebispo a uma comissão formada por diretores, professores, alunos e funcionários do Iter que foi até o Palácio dos Mangueiros, sede da Cúria. Dom José Cardoso prometeu indenizar os funcionários, alguns com até 20 anos de casa, e contribuir para solucionar o problema dos professores, que deverão ser aproveitados no novo instituto a ser criado, em Olinda, a partir do próximo ano, sob orientação dos franciscanos.

O encontro, classificado pelo diretor do Iter, padre Cláudio Sartori, como "moderado e sem muitos resultados práticos", foi a primeira tentativa de diálogo entre as duas partes desde o início de setembro, quando a Congregação para a Educação Católica, órgão da cúpula da Igreja, determinou a extinção do Iter e do Seminário Regional Nordeste 2 (Serene). Há duas semanas, a direção do Instituto havia solicitado audiência, mas o arcebispo, alegando falta de tempo, adiou por duas vezes o encontro, que acabou ocorrendo segunda-feira.

Queixas — Apesar do clima amistoso da reunião, Dom José Cardoso aproveitou para se queixar dos setores progressistas da Igreja em Pernambuco e para afirmar que o fechamento das duas instituições era uma decisão irrevogável do Vaticano. Segundo ele, a decisão foi tomada com base em um relatório do arcebispo de Belém, Dom Vicente Joaquim Zico, designado visitador pela congregação, com a missão de avaliar o trabalho do Iter e Serene. Para o padre Cláudio Sartori, porém, o parecer de Dom Vicente Zico foi favorável ao regime aberto adotado pelo seminário e ao sistema de ensino do Iter.

— Sabemos que a congregação levou em conta documentos anexos preparados pelo arcebispo, aos quais nunca pudemos ter acesso — retrucou o padre Sartori, acrescentando: — O resultado é que saímos do encontro sem saber, realmente, porque o Iter fechou.

Dom José Cardoso disse ao grupo do Iter que vem sendo vítima de uma campanha de difamação organizada pelos setores progressistas. Referiu-se, com ênfase, ao dossiê *Faz escuro mas eu canto: risco e esperança no caminho da Igreja do Nordeste*, divulgado na semana passada pelo Iter e pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife. Considerado "unilateral e antievangélico" pelo arcebispo, o dossiê traz documentos e recortes de jornais mostrando as medidas tomadas por Dom José Cardoso à frente da Arquidiocese e acusando-o de desvirtuar o trabalho iniciado pelo seu antecessor, Dom Hélder Câmara.

— Em nenhum momento procuramos atacar o arcebispo pessoalmente, mas criticar uma postura de Igreja com a qual não concordamos — alegou padre Sartori. Como resposta, Dom José Cardoso entregou ao diretor do Iter vários recortes de jornais, com notícias favoráveis à linha adotada pela arquidiocese. Padre Sartori prometeu incluir essas notícias na 2ª edição do dossiê, que ainda não tem data de lançamento prevista.

10-9-88 — Natanael Guedes



D. José prometeu indenizar demitidos

Bispos querem maior ^{Fry} diálogo com Vaticano ^{26/11/82}

Da Sucursal de Recife

O arcebispo de João Pessoa (PB), d. José Maria Pires, reuniu-se ontem em Recife com bispos e religiosos para estudar a situação que envolve o fechamento do Semirário Regional do Nordeste (Serene-2) e do Instituto de Teologia do Recife (Iter). Os nove religiosos chegaram a um consenso de que é preciso manter um diálogo com a Santa Sé no Vaticano. O bispo de Palmares, d. Acácio Rodrigues, vai ficar encarregado de manter um contato telefônico com o secretário da Congregação Católica, padre José Saraiva Martins, entidade que

é sediada em Roma.

O bispo de Palmares, disse que esta reunião foi uma preparação para o Encontro dos Bispos do Nordeste 2, que será reliazada nos dias 4 e 5 de outubro em Arapiraca (AL). "Nestes contatos telefônicos que terei com o padre Saraiva Martins, minha principal preocupação será de saber os motivos que levaram a Santa Sé a fechar o Iter e Serene 2. Na carta enviada pela Congregação os motivos são vagos".

A carta dizia que as duas instituições —o Iter e o Serene 2— não oferecem condições para a formação intelectual de sacerdotes dos futuros padres.

Editoria de Arte

Bispo discute opção partidária do clero em PE

411189 DdP

PE

A notícia de que alguns padres pernambucanos estão apoiando a candidatura de Lula levou o auxiliar do arcebispo dom José Cardoso Sobrinho, dom João Terra, a fazer referências a um artigo assinado pelo cardeal arcebispo de Salvador (BA) dom Lucas Moreira, que trata da posição da Igreja sobre política, partidária, tirada do Concílio de Puebla.

No artigo, dom Lucas, cardeal-primaz do Brasil, cita documento assinalando que "os pastores se despojam de toda ideologia político-partidária que possa condicionar seus critérios e atitudes. E assim terão liberdade para evangelizar a política como Cristo, a partir de um Evangelho sem partidatismo nem ideologizações".

"Penso como dom Lucas em seu artigo", disse dom Terra polidamente. O cardeal primaz do Brasil afirma ainda que "construtor e guardião do seu rebanho, o pastor não pode enfeudar-se a opções partidárias que, por sua natureza, geram e nutrem divisões. Será seu papel nas horas em que as divisões se tornam mais devastadoras, procurar refazer a necessária liberdade interior".

O artigo também ressaltou que "um bispo não pode arrogar-se de suas opções político-partidárias, a assistência do Espírito Santo que tem para sua missão de mestre na doutrina e na transmissão da verdade revelada. Se agisse como investido de tal assistência estaria cometendo um abuso da autoridade episcopal".

Acentuou ainda que o pastor quando se empenha nas batalhas partidárias como pessoa privada, está no exercício do seu direito de cidadão. "Mas a experiência prova que nem os fiéis nem o público entendem isso, todos tomam como uma orientação do bispo, com a autoridade de sua posição e missão na Igreja, as palavras e gestos que ele pretende passar como estritamente pessoais".

O arcebispo dom José Cardoso Sobrinho, que é o presidente do Regional Nordeste II da CNBB,

composto dos estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Ceará, chegou ontem de Salvador (BA) e não deu declarações sobre o assunto.



Dom Terra: discrição

Desmonte dos progressistas foi articulado pelo Papa

O desmonte da ala progressista da Igreja Católica, que só agora começou a ser sentido na Arquidiocese de Olinda e Recife, com o descredenciamento da Comissão de Justiça e Paz e com o fechamento de dois seminários progressistas pelo arcebispo dom José Cardoso Sobrinho, a mando do Vaticano, começou a ser articulado em 1979 na Conferência Episcopal de Puebla (México) pelo papa João Paulo II, invertendo a orientação anterior do papa Paulo VI, nitidamente progressista, sedimentada na Conferência Episcopal de Medellín (Colômbia) em 1968.

O cientista político Francisco de Assis da Silva, da Universidade Federal de Pernambuco, que defendeu em setembro passado a tese de mestrado intitulada "a retórica do Catolicismo - Medellín e Puebla", captou no trabalho as mudanças pelas quais passou a Igreja Católica nos últimos 11 anos.

Segundo o pesquisador, o fato de o papa João Paulo II ser polonês, onde existe um dos núcleos mais conservadores da Igreja, e ter se submetido à burocracia do Vaticano, determinou o atual desmonte progressista. "Vivendo no regime comunista da Polônia, o papa João Paulo II pôde conhecer de perto os efeitos da retórica marxista, aplicada, posteriormente, pelos religiosos ligados à Teologia da Libertação", acrescenta.

No entender do cientista político, a partir da conferência episcopal de Puebla o papa começou a agir concretamente para neutralizar os progressistas, determinando tempos depois o afastamento dos sacerdotes da política partidária, substituindo bispos rebeldes por conservadores, como no caso do Recife, e punindo teólogos da

corrente, dissidente, como Leonardo Boff, um dos teóricos da Teologia da Libertação.

RETROCESSO

Por conta da atitude do papa, de acordo com o pesquisador, a Igreja Católica, pela ótica dos progressistas, vem retrocedendo na sua prática religiosa em três níveis: teológico, sociológico e ideológico.

Segundo Francisco de Assis da Silva, do ponto de vista teológico, a Igreja de João Paulo II está retornando a seu estado confessional, sacramental e dogmático, o que determina a perda da sua característica ecumênica e enfatiza o simbolismo dos sacramentos. Estas questões, de acordo com o estudioso, se sobrepõem ao discurso social e apegado à realidade, que vinha sendo praticada até agora pela ala progressista.

No entender do cientista político, do ponto de vista sociológico, a Igreja volta a se verticalizar em relação ao papa, recriando o "ultramontanismo", movimento centralizador do século XIX, o que gera o esvaziamento progressivo das conferências episcopais, a maior expressão da democracia interna da Igreja. "Vemos agora um retorno ao curialismo do Vaticano", completa Silva.

No nível ideológico, segundo o pesquisador, a Igreja Católica está sendo orientada para a sacralização da ordem, ou seja, o discurso crítico da realidade, explica ele, vem sendo substituído pela ênfase ao sagrado, afastando de vez os padres dos fiéis mais carentes. "A Igreja está deixando de ser uma agência de conscientização e educação crítica, para agir no sentido inverso, anestesiando consciências".

Cresce sacração de bis

A cada ano aumentam as sacrações de bispos estrangeiros em todo o País. O último deles foi escolhido no domingo passado, para ocupar a Diocese de Floresta, no Sertão de Pernambuco. É o polonês Zeslau Stanuła, que toma posse no próximo dia 19. Mas este não é um caso isolado, pois no Regional Nordeste II da CNBB existem dois outros bispos estrangeiros: dom Tiago Postma, de Garanhuns, que é holandês, e o alemão Constantino Luers, bispo de Penedo, em Alagoas. O próprio Zeslau vai substituir dom Francisco Xavier Nierhoff, que também é alemão e está se aposentando.

Enquanto alguns setores da Igreja do Nordeste se assustam com mais uma indicação de um religioso de outro País, o bispo auxiliar da Arquidiocese de Olinda e Recife, dom João Evangelista Martins Terra, disse, contudo, que isso não é mais novidade para ninguém. Porque no ano passado a CNBB consagrou dez novos bispos, e destes, apenas três eram brasileiros.

Um destes brasileiros, inclusive, foi ele próprio, além do outro auxiliar do arcebispo dom José Cardoso, dom Hilário Moser. É grande a incidência de alemães entre estes, uma vez que dos sete sagrados

no ano passado, quatro eram daquele País, exceção de um americano e dois italianos.

Mas o bispo auxiliar dom Terra acentou que estas sacrações não signifi-

cam um desinteresse dos padres brasileiros em conseguir um episcopado, ou qualquer plano de fechamento da Igreja, ao nomear estrangeiros. Quando indagado a respeito, ele

pos estrangeiros no País

disse que todos estes estrangeiros vieram para o Brasil muito jovens e eram em sua maioria missionários. Sem falar que todos já estavam no País há mais de 30 anos, "e portanto to-

talmente integrados à realidade das regiões para onde foram indicados".

Dom Terra, integrante da Comissão Episcopal da América Latina - Celam, onde faz parte da

sua comissão teológica, publicou este ano o livro "O Ministério Episcopal", já com experiências do seu trabalho como bispo, apesar de pouco tempo da data de sua sacração. Ele

chegou à Arquidiocese recentemente de um Congresso em Belo Horizonte, de preparação à 4ª Conferência do Celam, por ocasião do 5º centenário da Evangelização Americana.

D. du. P. 7111.89

Dom Eugenio abre a Feira da Providência no Riocentro

A XXIX Feira da Providência foi aberta ao meio-dia de ontem no Riocentro pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio Sales, durante cerimônia que contou com a participação do Vice-Governador do Estado, Francisco Amaral, e das Primeiras Damas do Estado, Celina Moreira Franco, e do Município, Célia Alencar, além de outras autoridades e dos organizadores do evento. O Governador Moreira Franco não compareceu à cerimônia porque estava gripado e o Prefeito Marcello Alencar só chegou no final. A Feira, cuja arrecadação será destinada ao Banco da Providência, vai até o próximo domingo, das 12h às 23h.

Antes de abrir oficialmente, e "em nome de Deus, a Feira, Dom Eugenio hasteou a Bandeira do Brasil ao som do Hino Nacional Brasileiro, executado pela Banda do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha, da Marinha. As bandeiras do Estado e do Município do Rio de Janeiro foram hasteadas pelas primeiras damas. As bandeiras dos 20 estados brasileiros (são 21 com o Rio) e dos 31 países participantes da Feira também foram hasteadas durante a cerimônia, que foi assistida pelo Secretário de Estado de Saúde, José Noronha, e de Polícia Civil, Hélio Saboya, além do Presidente do Banerj, Márcio Fortes.

Sempre acompanhado pela organizadora da Feira, Marina Araújo, Dom Eugenio Sales disse que a realização da XXIX Feira da Providência, cujo tema é "Semear bem para colher o melhor", é uma prova da bondade do povo carioca.

— A realização de mais esta feira é uma comprovação das grandes reservas de generosidade do povo carioca em meio a tantos problemas e sofrimento — comentou o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, entusiasmado com a realização do evento.

O entusiasmo do Cardeal era o

mesmo da Primeira Dama do Estado, Celina Moreira Franco, Coordenadora Geral da Barraca do Rio de Janeiro. Após explicar que o Governador Moreira Franco não pôde comparecer à cerimônia de abertura da Feira porque "estava de cama com a Tieta (gripe)", ela comentou a importância do evento para o Estado do Rio de Janeiro.

— O Estado sempre participou da Feira da Providência. Mas eu considero essa Feira uma das mais importantes porque, pela primeira vez, conseguimos reunir 40 municípios. Forçamos a reunião das esposas dos

Prefeitos para que todos os produtos do Estado fossem conhecidos. Essa reunião aconteceu independente de posições políticas e o resultado, é claro, foi excelente — disse a Primeira Dama. Ela circulou pela Feira, visitando os stands, acompanhada pelo Presidente do Banerj, Márcio Fortes.

Márcio, aliás, fez ontem sua primeira aparição pública depois que assumiu a Presidência do Banerj. Bastante descontraído, ele disse que vai disputar o Governo do Estado no próximo ano, se o pessoal do PMDB o achar competente.

— Não existem muitas resistências ao meu nome dentro do Partido e acho que irei concorrer. Diversos candidatos à Presidência da República estão dizendo que se perderem a eleição vão concorrer ao Governo do Estado. O Rio não precisa importar lideranças, ele já tem — disse o Presidente do Banerj.

Marina Araújo evitou fazer previsões sobre a arrecadação da Feira. A organizadora, que ofereceu um coquetel para as autoridades que compareceram à cerimônia de inauguração, disse apenas que a arrecadação da Feira de 1989 deve superar a do ano passado, que foi de NCZ\$ 1 milhão.

Perfumes franceses, os mais procurados

Desde as primeiras horas da manhã centenas de pessoas aglomeravam-se nas áreas externas do Riocentro. Após a abertura das roletas, a multidão correu para o interior do pavilhão, onde foi aberta oficialmente a XXIX Feira da Providência. A corrida era justificável, porque poucas vezes o carioca tem à sua disposição tantos produtos e atrações concentrados em um só local.

Entre os produtos mais procurados ontem estavam os perfumes franceses, cujos preços variavam entre NCZ\$ 50 e NCZ\$ 1,2 mil, exceto as miniaturas, que foram vendidas numa faixa entre NCZ\$ 5 e NCZ\$ 20 e esgotaram-se em menos de meia hora. A cerveja holandesa Heineken também teve uma boa saída, embora muitas pessoas tivessem considerado o preço nada refrescante: uma lata custava NCZ\$ 15, e a caixa com 24 unidades saía por NCZ\$ 330.

O litro do uísque Ballantines 12 anos foi vendido

por NCZ\$ 400 na barraca da Inglaterra, e a lata de 500 ml do azeite português Mondego saiu por NCZ\$ 20,00 na barraca de Portugal. Como nos anos anteriores, a barraca dos importados (que vende os produtos estrangeiros apreendidos pela Receita Federal por preços baixos) esgotou quase todo o seu estoque até 14h. Diversas barracas do setor internacional, no entanto, ficaram com prateleiras vazias porque a Alfândega custou a liberar alguns produtos. Na barraca do Chile, por exemplo, faltaram vinhos, que deverão ser vendidos hoje.

No setor nacional, os restaurantes foram os mais procurados. Afinal, muita gente aproveitou a Feira para matar a saudade da terra natal. A baiana Mônica Bruno, por exemplo, foi ao Riocentro para comer um autêntico acarajé, enquanto sua prima preferiu saborear uma geléia comprada na barraca do Rio de Janeiro.

Mas a Feira não vende só objetos. O futuro também pode ser conhecido, em troca de alguns cruzados, nos stands do Setor Jovem, através de computadores que fazem mapas astral, horóscopo e outras previsões. O lazer das crianças também está garantido. Elas poderão se divertir com os pôneis, cavalos, vacas e ovelhas da Fazendinha ou brincar no parque de diversões da área externa. Além das atrações normais, quem for à Feira hoje poderá assistir exposições de artes marciais (16h), shows de conjuntos musicais (a partir das 17h) e até a entrega de um troféu à apresentadora Angélica (às 20h).

Cerca de 600 homens estão cuidando da segurança interna dos visitantes da Feira permanentemente. Nas áreas externas o policiamento também foi reforçado, inclusive nos acessos ao Riocentro. A entrada da Feira custa NCZ\$ 3 e o estacionamento sai por NCZ\$ 10.



Foto de William de Moura

Diversos visitantes se concentram em frente à barraca da Bélgica, no Riocentro, para comprar as novidades

Vaticano estuda divisão da Diocese de Santo André

DERMI AZEVEDO

SÃO PAULO — A Diocese de Santo André, na Grande São Paulo, poderá ser dividida pelo Vaticano, dando origem à Diocese de São Bernardo do Campo e a uma arquidiocese sediada em Mogi das Cruzes ou em Santos. Dirigida pelo Bispo franciscano "progressista" Dom Cláudio Hummes, a Diocese de Santo André abrange os Municípios do ABC paulista e representa o principal reduto do PT e da Pastoral Operária no País. O nome mais citado para assumir a futura Diocese de São Bernardo é o do Bispo auxiliar de Olinda e Recife (PE), Dom João Evangelista Martins Terra, da corrente "conservadora".

Se efetivada, a divisão representará a segunda intervenção do Vaticano — em menos de um ano — na Igreja em São Paulo, reduzindo ainda mais a influência do Cardeal Arcebispo da Capital, Dom Paulo Evaristo Arns. Em março, o Papa João Paulo II dividiu a Arquidiocese de São Paulo, criando quatro novas dio-

ceses em Santo Amaro, São Miguel Paulista, Campo Limpo e Osasco.

Dom Cláudio Hummes poderá ficar com a nova arquidiocese, enquanto a nova Diocese — formada por São Bernardo do Campo e Diadema — seria entregue a Dom João Martins Terra. A Diocese de Santo André ficaria restrita aos Municípios de Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

Considerado o principal elo entre a Igreja e os sindicalistas do ABC, Dom Cláudio Hummes é companheiro do Cardeal Arns na Ordem dos Frades Menores (franciscanos). Amigo de Lula, Dom Cláudio teve uma destacada atuação, como mediador, nas greves dos metalúrgicos do ABC, há dez anos. "Progressista" moderado, Dom Cláudio mantém igualmente relações de amizade com o Papa.

Num de seus últimos encontros, o Papa recomendou-lhe que fizesse "todos os esforços possíveis" para evitar que o Brasil seja novamente submetido a um regime autoritário. De comportamento discreto, Dom Cláudio se mantém em silêncio diante dos rumores sobre uma possível divisão de sua diocese.

Bispo vira amigo de seu seqüestrador

SALVADOR — O Bispo de Juazeiro, Dom José Rodrigues, aceitou o convite de um dos dois homens que o seqüestraram, há quase três anos, e realizará o casamento do criminoso em dezembro. O seqüestrador, José Nogueira Bezerra, de 26 anos, é justamente o que ficou engarregado de manter o religioso horas seguidas sob a mira de uma pistola automática. A cerimônia ocorrerá na Penitenciária da Papuda, em Brasília, onde José está cumprindo pena.

Em 26 de dezembro de 1986, José e Argemiro Antônio da Silva realizaram um assalto, em Juazeiro, a 500 quilômetros de Salvador, fazendo cinco reféns. O Bispo tentou intermediar as negociações e acabou também seqüestrado. O caso acabou bem: os reféns foram soltos e os criminosos presos.

A amizade de Dom José com o seqüestrador começou quase um ano depois, em agosto de 1987, quando José Nogueira escreveu uma carta ao Bispo, dizendo-se arrependido. Logo depois, o religioso e seus dois seqüestradores voltaram a se ver,

quando o Bispo participou de um encontro da pastoral carcerária.

Os dois acabaram trocando cerca de 20 cartas. Numa delas, José Nogueira revelou que sua maior tristeza era ficar o tempo todo ocioso na prisão. "Ficar o dia todo sem fazer nada faz com que a cabeça da gente fique pensando bobagens", escreveu o criminoso.

— Está na Bíblia que o ócio é a mãe de todos os vícios — concorda o Bispo de Juazeiro.

Na última carta, em setembro, José afirmou que se sentiria muito honrado se o religioso realizasse seu casamento. O Bispo considera o decesso "um bom rapaz" e que o casamento o regenerará completamente. Para o religioso, "é a falta de uma família, de orientação e educação, que transforma as pessoas em criminosas".

— Se soubermos tocar no fundo de bondade que existe nos corações mais ruins, podemos transformar as pessoas. Assim aconteceu com o José Nogueira. Ele é um grande amigo.

Bispo da ala "conservadora" critica o apoio de religiosos a candidatos

Da Reportagem Local

O bispo de Novo Hamburgo (RS), d. Boaventura Kloppenburg, 70, um dos principais representantes da ala "conservadora" da Igreja Católica, criticou ontem, em entrevista à *Folha*, a atitude dos bispos considerados "progressistas" de manifestarem publicamente o apoio a candidatos e partidos políticos. Segundo Kloppenburg, havia um entendimento entre os bispos para que nenhum deles declarasse apoio a candidatos. "Se eles acharam que deviam negar esse entendimento, é um problema deles, e eu não posso negar-lhes esse

direito", afirmou.

Kloppenburg lembrou, entretanto, que a posição de bispos como d. Mauro Morelli, de Duque de Caxias (RJ), e d. José Rodrigues, de Juazeiro (BA), que declararam apoio a Lula, do PT, constitui um ato de indisciplina "porque contraria o Código de Direito Canônico, o qual pede para que não só os bispos, mas também os padres, não façam qualquer tipo de intervenção política partidária". O bispo gaúcho disse que o Vaticano não intervém diretamente nessas questões e não opinou sobre eventual punição aos religiosos.

Ele não revelou o seu voto,

mas deu a entender que votará hoje em Ulysses Guimarães (PMDB). A única pista dada por ele foi a de que "velho vota em velho". Perguntado se o "velho" seria Ulysses, não negou. Para d. Kloppenburg, as eleições de hoje "estão dando um show de democracia para o resto do mundo". Porém, o "excesso de democracia", em sua opinião, "permitiu o abuso indiscriminado pelos partidos comunistas, que usaram a campanha para tentar introduzir uma ideologia que não funciona no resto do mundo". Para o bispo, "eles falam aqui em democracia e lá fora usam a força".

D. Boaventura: Indisci

PORTO ALE-
GRE — Sem es-
conder que vota-
rá em Fernando
Collor de Mello,
o Bispo Dom
Boaventura
Kloppenburg,
um dos expoen-
tes da ala "conservadora" da Igreja
católica no Brasil, tem certeza de
que "se os padres e as Comunidades
Eclesiais de Base (CEBs) não tives-
sem feito campanha para Lula, quem
estaria no segundo turno seria o Bri-
zola". Um pouco desanimado diante
do que considera uma "indisciplina
dos religiosos diante das orientações
da Santa Sé", o Bispo de Novo Ham-
burgo — cidade da Região Metropolita-
na — também não tem dúvidas de
que o apoio das CEBs e de boa parte
da hierarquia católica vai se intensi-
ficar neste segundo turno:



D. Boaventura: "Não quero um ditador"

— Hoje em dia, qualquer um faz o
que quer. É a democracia. Ninguém
mais manda na Igreja, pelo menos é
o que parece — queixa-se.

Ainda assim, ele não tem dúvi-
da de quem será o próximo Presi-
dente da República. "É evidente que
o Collor deve ganhar", aposta. Ele
também é claro ao explicar os moti-
vos que o fazem rejeitar a candi-
datura da Frente Brasil Popular:

— Sou contra o Lula porque não
quero um ditador; não quero o so-
cialismo. O socialismo só funciona-

ria na república dos anjos, mas nós
vivemos numa república de homens
manchados pelo pecado original —
sintetiza o religioso.

Embora manifeste "respeito diante
dos conhecimentos teológicos" de
Dom Boaventura, o Frei Sérgio Gor-
gen, conhecido por sua militância
junto aos movimentos de agriculto-
res, entende que Collor não pode ser
apoiado por quem respeita os crité-
rios da Igreja:

— A Igreja não pode compactuar
com a injustiça e, dentro dos crité-
rios adotados para analisar as pro-
postas dos candidatos, somente ca-
biam Covas, Brizola e Lula e, até
certo, ponto Ulysses Guimarães.

O religioso concorda com Dom
Boaventura quando este diz que uma
orientação expressa abalaria a uni-
dade necessária ao trabalho pasto-
ral.

— Eu não digo do púlpito para
votar nesse ou naquele, mas se me
perguntam lá fora eu não escondo
minha opção como cidadão e elei-
tor — destaca.

Ele conta que, nas discussões pro-
movidas durante o primeiro turno,
os fiéis comentavam suas preferên-
cias sobre um dos três nomes prefer-
enciais e acrescentavam que, no se-
gundo turno, estariam juntos.
"Preservamos a unidade dentro do
Evangelho, mas respeitamos a liber-
dade individual", observa, acrescent-
ando que nunca escondeu sua prefer-
ência:

— Não sou militante político, sou
religioso e vou votar no Lula. Mas,
para provar que não há um alinhamento
automático com a posição
deste ou daquele candidato, basta
ver que o candidato da Frente Brasil
Popular não fez nem um terço dos
votos em relação ao número de pes-
soas que freqüentam as igrejas — ar-
gumenta.

Domingo, 26 de novembro de 1989

Polina impera na Igreja

Quem também raciocina assim é o
Cardeal Dom Vicente Scherer, ex-Ar-
cebispo da Capital, que entende ter
tido "mínima a influência de alguns
padres que, transgredindo as instru-
ções da Igreja, fizeram campanha em
favor de algum candidato". Dom Vi-
cente, também alinhado à ala con-
servadora, considera que foram
poucos os padres que manifestaram
simpatia por algum can dida-

— Isto pouco influenciou, felizmente,
porque o povo sabe que estes padres
vão contra a orientação da Igreja.
Embora tenha se reunido com Col-
lor na sexta-feira, Dom Vicente não
revela em quem votará. "Só vou me
manifestar na cédula", afirma.

Também não revela sua preferên-
cia o Bispo de Cruz Alta, a 368 qui-
lômetros da Capital, Dom Jacó Hil-
bert. Considerado "progressista",
Dom Jacó já foi chamado de subver-
sivo pela Direção da UDR, que não o
apoiava pela sua atuação nos conflí-
tos fundiários, muito comuns na sua
diocese.

— Sou a favor da reforma agrária.
Mas quem concluir por causa disso
para quem irá meu voto é responsá-
vel único pela interpretação.

Ele cita a expressiva votação de
Brizola no Estado para desmentir
que tenha sido grande a influência
dos padres na votação de Lula:

— Só um ou dois padres fizeram
campanha mesmo — assegura.

Deputado: 'Progressistas criaram o PPI'

BRASÍLIA — O Deputado Aloísio
Vasconcelos (PMDB-MG) fez uma
análise do desempenho dos candida-
tos à Presidência, no primeiro turno
das eleições, e atribuiu ao chamado
setor "progressista" da Igreja a
grande votação de Lula em Minas
Gerais.

Segundo ele, os integrantes desta
ala da Igreja criaram um verdadeiro
partido — que o parlamentar chama
de "Partido de Parte da Igreja (PPI)"
—, ao fazerem sem a preocupação de
qualquer disfarce, em sermões e ho-
milias, campanha para o candidato
da Frente Brasil Popular.

Aloísio afirma que é um parlamen-
tar moderno, parlamentarista e cató-
lico, mas disse não entender como
parte da Igreja possa apoiar de for-
ma tão ostensiva o candidato da
Frente, liderada pelo PT, "que du-
rante a Constituinte tentou evitar
que o nome de Deus aparecesse no
preâmbulo da nova Carta".

Em seu entender, esta facção da
Igreja está "andando na contramão
da História, já que na Polônia a Igre-
ja ajudou a quebrar o regime fecha-
do e na Letônia contribuiu para a
abertura".

Aloísio disse que em cidades pe-
quenas como Marmelópolis (na Ser-
ra da Mantiqueira), Bocaina de Mi-
nas (divisa com o Estado do Rio) e

Córrego Danta (Oeste do Estado)
houve intensa pregação da Igreja em
campanha favorável a Lula.

— Este trabalho intenso explica a
perda do segundo lugar pelo candi-
dato pedetista Leonel Brizola, a má
colocação do nosso candidato Uly-
sses Guimarães e a grande derrota no
Estado do candidato mineiro do PFL,
o ex-Vice-Presidente da República
Aureliano Chaves.

Para dar um exemplo do trabalho
dos "progressistas" da Igreja em fa-
vor de Lula, Aloísio contou que ele e
o Prefeito de Bocaina, Genésio Car-
valho (PMDB), ao entregarem uma
ambulância à comunidade, armaram
um palanque em frente à igreja ma-
triz da cidade e quando tentaram fa-
lar à população foram surpreendidos
por uma música sacra que vinha do
serviço de som da igreja, que abafou
suas palavras.

De acordo com sua avaliação, os
"progressistas" da Igreja que traba-
lharam com maior intensidade pela
Frente Brasil Popular foram os pa-
dres Justino, da Comissão Pastoral
da Terra, e João Batista Libânio, que
defende a Teologia da Libertação,
além dos Bispos de Juazeiro, Dom
José Rodrigues, e de Duque de Ca-
xias, Dom Mauro Morelli, que publi-
camente manifestaram seu apoio a
Lula.

the envi-
pulations.
Conable
xpansion
ff, which
ill not be
United
ive lots of
go awry.
ed we give
Editor-
resident
rmation,

26-11-89 J662

REVISTA/Dom José Carlos de Lima Vaz

Os progressistas, na verdade, são os mais conservadores'

O GLOBO — Qual o papel da Igreja num momento como este, quando os brasileiros vão eleger o novo Presidente?

DOM VAZ — A Igreja não pode ser um ator político, envolver-se diretamente na vida política. Isso seria um retrocesso histórico e uma forma de clericalismo. Houve épocas em que a Igreja, como instituição, esteve muito diretamente envolvida na vida política. Foi típico da época medieval, do Brasil imperial. O clericalismo, por sua vez, significa o clérigo pretender exercer uma função que não lhe é própria e para a qual não tem autoridade e competência.

O GLOBO — O distanciamento entre a Igreja e a política é uma obrigação determinada por Roma ou uma interpretação de cada padre?

DOM VAZ — Os documentos da Igreja são bem claros nesse sentido, não só os do magistério pontifício como os da CNBB, mostrando que o sacerdote não pode envolver-se na atividade político-partidária, porque divide as pessoas e tira a eficácia do trabalho evangelizador.

O GLOBO — Neste trabalho evangelizador está incluída a conscientização dos pobres?

DOM VAZ — Sim, mas a conscientização deve ser no sentido da formação da moral religiosa, que dará a ela a liberdade de fazer sua opção política, e não induzir o pobre a uma posição dirigida pela Igreja. Não cabe à Igreja mostrar caminhos concretos, apontar em quem votar. Isso cabe aos partidos.

Foto de Júlio César Guimarães



“conservadores” são realmente os progressistas, porque querem a Igreja na pureza de sua missão de converter as pessoas, trazer-lhes a esperança e respeitar-lhes a liberdade.

O GLOBO — Mas vários Bispos já declararam publicamente seu apoio a candidatos.

DOM VAZ — É um desserviço à Igreja e um desrespeito aos fiéis. Agora, a Igreja deve criticar, nos programas políticos que aparecem, aqueles pontos que são conflitantes com a doutrina da Igreja.

O GLOBO — Se um candidato fizer propostas contrárias aos princípios da Igreja, ela pode protestar?

DOM VAZ — Aí não seria intromissão política, mas direito de orientar os cristãos. É como a liberdade de educação.

O GLOBO — Em sua interpretação, o que é a Teologia da Libertação?

DOM VAZ — Eu tenho até um trabalho sobre isso. Para mim, a Teologia da Libertação não é uma teologia, mas uma ideologia da praxis do cristão. O que é ideologia? É a interpretação de uma realidade dentro de uma ótica exclusiva. Neste caso, a pessoa vai perdendo sua identidade de cristão para se transformar cada vez mais em agente político. As virtudes cristãs cedem lugar às buscas de estratégias acertadas para realizar um objetivo sócio-político.

“A Igreja não pode ser um ator político”

O GLOBO — Existe uma divisão na Igreja entre ala “progressista” e ala “conservadora”?

DOM VAZ — Não, esta divisão é puramente uma ótica de pessoas que não conhecem a Igreja por dentro. Na verdade, os assim chamados “progressistas” são mais conservadores do que pensam, e os chamados

Responsável pelos vicariatos dos subúrbios da Zona da Leopoldina e da Zona Sul do Rio, além de Coordenador da Pastoral da Catequese e das Pastorais da Igreja no Mundo, como a Pastoral do Trabalhador, das Favelas, dos Presídios e da Saúde, entre outras, o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Dom José Carlos de Lima Vaz, tem opiniões incisivas sobre a participação da Igreja nos movimentos políticos. Para ele, a Igreja não pode ser um ator político, sob risco de afastar-se de sua missão evangelizadora e retroceder na História, voltando aos tempos da influência do clérigo nas decisões da comunidade. Ele não acredita em divisões na Igreja e chega a afirmar que os chamados "progressistas" são, na verdade, os mais "conservadores".

Prestes a iniciar as visitas natalinas aos presídios do Rio, Dom Vaz nega que tivesse um dia declarado em quem votaria no primeiro turno — um jornal do Rio publicou que ele votaria no candidato do PL, Afif Domingos. Garantiu ter afirmado ao jornalista que não declararia seu voto nem mesmo a seu confessor.

Bispos debatem em Brasília a próxima conferência do Celam em São Domingos

Agora, uma comissão especial vai redigir o documento definitivo, para discussão, em 1990

Reuniram-se, de 9 a 13 de outubro em Brasília, 20 bispos do Cone Sul (Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile) e a presidência do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) para estudar a primeira redação do Documento de Consulta, que será "trabalhado" pelos bispos do continente na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, a se realizar em São Domingos (República Dominicana).

A realização da conferência foi recentemente anunciada pelo Papa João Paulo II, em mensagem dirigida ao cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação para os Bispos e presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. Escreveu o Papa ao cardeal: "De-sejo que seja incluída, como acontecimento fundamental entre as celebrações comemorativas do V Centenário a Evangelização da América Latina, a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, na cidade de São Domingos, para ressaltar assim o papel que essa arquidiocese teve no início da evangelização do continente recém-descoberto" e acrescentou que, no momento adequado, ele mesmo convocará a conferência, que já está sendo preparada.

Sobre a reunião em Brasília, disse dom Oscar A. Rodriguez Maradiaga, bispo auxiliar de Tegucigalpa (Honduras) e secretário geral do Celam, que ela tinha cumprido seu objetivo: estudar a primeira redação do Documento de Consulta, e que outras reuniões com o mesmo ob-

jetivo serão realizados em outros países da América Latina. Depois deste estudo dos bispos será criada uma comissão especial que redigirá o documento de Consulta definitivo, o qual será entregue a todas as Conferências Episcopais, que o farão chegar às "bases" durante o ano de 1990. Disse que sobre ele se pronunciarão sacerdotes, religiosos, leigos de movimentos apostólicos, universidades católicas, centros de estudos etc. Também estão previstos, disse, outros eventos para essa preparação, como o Congresso Latino-Americano de Caridade e o Encontro Continental sobre Doutrina Social da Igreja.

Falando dos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América, dom Oscar Maradiaga afirmou que o continente está diante de um fato que aconteceu há 500 anos, e que a conferência não vai entrar nos aspectos discutíveis ou polêmicos desse acontecimento, evitando por isso falar em descobrimento ou encontro de dois mundos, preferindo falar do V Centenário de Evangelização do Continente, pois é esse o

motivo da reunião de São Domingos. E, continuou, se for feita uma reconstituição histórica de todos estes anos, é evidente que serão encontradas luzes e sombras, aspectos negativos e positivos, mas o que importa é olhar o futuro e o papel da Igreja no próximo milênio.

Libertação

Outro tema abordado pelo secretário geral do Celam, em sua entrevista, foi a Teologia da Libertação (TL). Disse ser difícil falar da TL, porque há várias teologias da libertação, e que os critérios para se saber se determinada teologia é aceitável ou não pela Igreja Católica são os apontados pelas Instruções da Congregação para a Doutrina da Fé. Sobre os aspectos não aceitáveis, falou dom Nicolás de Jesus López Rodriguez, arcebispo de São Domingos e vice-presidente do Celam, que referiu que são todos aqueles aspectos que aceitam a inspiração marxista na TL, o que a Igreja não pode aceitar, porque o processo teológico não pode ser desviado desde a sua origem. Pode existir, acrescentou, uma sociologia da Igreja, mas para a teologia católica é inaceitável um embasamento marxista. Talvez, continuou, a Teologia da Libertação seja um dos pontos que a Igreja da América Latina possa oferecer ao terceiro milênio que se aproxima, pois quando ela se tornar uma teologia em perfeita identidade com o magistério da Congregação para a Doutrina da Fé e do Episcopado Latino-Americano ela deixará de ser clandestina e proibida. Ela vai tornar um tema a ser desenvolvido por causa das suas consequências pastorais positivas e vai tornar-se um tema do dia-a-dia, não só de intelectuais e entendidos, mas

um espírito que impregna toda a pastoral da América Latina, tendo como consequência algumas opções: a opção pelos jovens e a opção preferencial pelos pobres, que é caminho de acompanhamento e promoção humana dos aspectos da evangelização. Pois como afirma a "Evangelii Nuntiandi", a fé não pode seguir separada da promoção humana. E esta, conclui, é uma das grandes conquistas de Puebla que fez desenvolver muito o trabalho pastoral em todas as dioceses do continente.

A "Nova Evangelização", que vai ser o centro da IV Conferência Geral, também foi abordada por dom Oscar Maradiaga, que disse ser ela uma necessidade, pois embora a cultura dos povos latino-americanos tenha uma "alma cristã" até agora, com o encontro das culturas e o impacto da secularização corre-se o risco de vir a ser produzida uma cultura à margem de Deus e do Evangelho. Então, o grande desafio, disse, é usar novos métodos e criatividade para se continuar a produzir cultura de alma cristã e de valores cristãos para o terceiro milênio.

Projeto debate o Estado brasileiro

"O Lula corre o mesmo risco de Allende, se for eleito presidente da República, mas o PT tem as lições da história a seu favor", disse o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) no terceiro debate do Projeto Opinião, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) e JORNAL DE OPINIÃO, em Belo Horizonte, no último dia 20. Segundo ele, Salvador Allende (presidente do Chile morto pelo golpe de Estado que tomou o poder naquele país em 1973) tinha um programa de governo impecável em médio e longo prazos, mas falhou no curto prazo, quando foi dado o golpe.

O deputado afirmou que toda a comissão executiva da campanha presidencial do PT já leu o livro de Sérgio Bittar, ministro da Economia de Allende, sobre as ações programadas do governo. Disse que o programa do partido prevê um choque imediato, contendo, entre outras coisas, "a desapropriação de mi-

lhões de hectares de terra". Em seguida, a estratégia armada é a de segurar todas as atividades, até que as mudanças estruturais de curto prazo comecem a provocar efeitos.

O risco a que se referiu Arruda Sampaio está relacionado com a união do capital multinacional com o capital nacional que floresceu durante a ditadura, que tem o amparo dos militares. "Não se sabe, hoje, quem tem mais força no Brasil, se a direita ou a esquerda. É necessário se fazer o braço-de-ferro", opinou. A relação com os militares, em um governo do PT, "é o ponto mais tranquilo de nosso programa", explicou. Para ele, esta relação está escrita na Constituição: os militares são subordinados ao presidente da República, chefe das Forças Armadas. "Será um presidente de uma estrela só", brincou o deputado estadual Nilmário Miranda, referindo-se aos generais presidentes, que pela antiga Constituição tinham de ter quatro estrelas, no mínimo.

O que é

O Projeto Opinião tem como objetivo abrir espaço na universidade para o debate de temas de interesse, numa análise mais profunda dos assuntos importantes para a nação. O primeiro ciclo de debates está recebendo convidados para analisar "O Estado Brasileiro". Já participaram das conferências o sociólogo Darcy Ribeiro, o médico Sérgio Arouca, o deputado federal (PT-SP), Plínio Arruda Sampaio e o candidato a vice-presidente pelo PSDB, Almir Gabriel. Já está confirmada para o dia 30 de outubro a presença do deputado federal Fernando Henrique Cardoso. Os organizadores do projeto convidaram outras pessoas de renome nacional, que não puderam comparecer nas datas previamente combinadas.

O projeto foi concebido pela Pró-reitoria de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e está sendo executado pela PUC e JORNAL DE OPINIÃO. De acordo com a proposta original, "as exigências do momento histórico brasileiro, marcado pelo aprofundamento da crise institucional justificam a implantação de um projeto de tal natureza". Os organizadores do projeto afirmam ainda que "num

processo de eleições presidenciais, em que o exercício lúcido da cidadania constitui-se em peça chave para a consolidação democrática e para o encaminhamento de solução dos problemas que atingem nossa sociedade", o debate torna-se um mecanismo de fundamental importância. Os ciclos de debate evidenciam ainda a dimensão propriamente educativa e política da Universidade "protagonista indispensável da construção da novidade histórica, tendo na discussão das idéias, no debate dos problemas, na reflexão atenta sobre o mundo, as sociedades e os indivíduos, uma via fecunda e produtiva das transformações desejadas".

Os organizadores destacam três objetivos básicos na realização do projeto: a) promover o crescimento da consciência de cidadania por parte de seu público; b) estimular a compreensão crítica da realidade brasileira e de suas questões; c) oportunizar uma eficaz ação política. Para atingir esses objetivos estão sendo convidados representantes de diferentes correntes de pensamento, que possam expressar suas idéias sobre o Estado brasileiro.



O deputado Plínio Arruda mostrou para o auditório, na PUC, porque o PT não teme os militares: "isto é coisa tranquila".

Mary Lana

Arquivo JQ

8/12/89

Im Gespräch: Luciano Mendes de Almeida

FR

Nur zum Essen in die Schule

Auch wenn der Blick heute vor allem „nach Osten“ heute gerichtet sei, dürfe bundesdeutschen Katholiken das „Hemd nicht nur näher als der Rock sein — Wir sind reich genug, um überall in der Welt helfen zu können“. So bestimmt Elisabeth Pregardier von Adveniat die Ziele der katholischen Adveniat-Spendenaktion, in der seit 29 Jahren für die Arbeit der Kirchen Südamerikas gesammelt wird. In diesem Jahr ist der Informationsschwerpunkt der Aktion Brasilien. Der Vorsitzende der katholischen Bischofskonferenz in Brasilien, Erzbischof Luciano Mendes de Almeida, berichtete in Frankfurt über die Lebenssituation der Brasilianer und Aufgaben seiner Kirche in dem lateinamerikanischen Land.

„70 Prozent der Menschen in unserem Land sind arm“, sagt Almeida. Was das bedeutet, beschreibt der Erzbischof am Beispiel der Wohnsituation. Die Landflucht sei noch immer ungebremst. Die Städte aber könnten die Vielzahl der Menschen, die in den Metropolen Arbeit und Brot suchen, kaum noch verkraften. Allein in Sao Paulo leben heute 17 Millionen Einwohner. Vier Millionen Menschen davon seien in gigantische Häuserblocks gepfercht, in denen ganze Familien nicht mehr als ein „winziges Zimmer ohne Wasser und elektrischen Strom“ bewohnten. „Und die Mieten, die sie dafür zahlen, sind horrend.“

Als „wichtigste Herausforderung“ für die Entwicklung des Landes beschreibt Almeida den Aufbau eines Bildungs- und Erziehungssystems und die Alphabetisierung der Brasilianer. Die Verbesserung von Bildung und Ausbildung soll auch Schwerpunkt der nächsten Bischofskonferenz in Brasilien sein.

Während in der Bundesrepublik 98 Prozent aller Kinder einen Schulabschluß erreichten, seien es in Brasilien nur 18 Prozent. Selbst im Nachbarland Argentinien erzielten bereits 70 von hundert Schülerinnen und Schülern einen Abschluß. „Viele unserer Kinder kommen nur zu den Schulen, um an der Schulspeisung teilzunehmen.“

Auch wenn die verfassungsgebende Versammlung Brasiliens jüngst ein Viertel des Haushaltes für ein Bildungsprogramm eingesetzt habe, verdient Lehrer oftmals noch immer weniger als ein Arbeiter. Das sei ein Zustand, den die katholische Kirche verändert wissen will und für dessen Beseitigung auch ein großer Teil der Adveniat-Spende verwendet werden soll.

Weitere Probleme in Brasilien sind Bevölkerungszahl und Geburtenkontrolle. Bereits heute zählt das Land 170 Millionen Einwohner. Schon 2000 sollen es bereits 200 Millionen Brasilianer sein. „Das verkraftet das Land nicht mehr“, meint Almeida. Dennoch erlaubt die katholische Kirche allein die „natürliche Empfängnisverhütung“. Die aber setze immer die „Mitarbeit von Frau und Mann“ voraus.

Sorge bereitet dem Erzbischof, daß heute schon 35 Prozent aller Brasilianerinnen sterilisiert seien. Vor allem „ausländische Gruppen“ — vorwiegend aus den USA — initiierten Programme, in denen aber immer nur Frauen unfruchtbar gemacht würden. Arme Mütter würden nicht selten schon bei der Geburt ihres ersten Kindes sterilisiert. Die wenigsten von ihnen wüßten, welcher Eingriff da vorgenommen wird. „Der geringe Bildungsgrad wird ausgenutzt“, sagt Almeida. Politiker organisierten auf dem Land sogar Wahlkampagnen, auf denen „kostenlose Sterilisationen angeboten“ würden. Almeida kennt Kleinstädte, in denen heute bereits mehr als die Hälfte aller Einwohnerinnen unfruchtbar seien.

Almeida, der erst im Frühjahr auf Anweisung des Vatikans von Sao Paulo in eine Diözese Mariana tief in der Provinz abkommandiert worden ist, hält fest an dem sozialen Engagement seiner Kirche, das in Rom ein politisches genannt und damit schon häufig gescholten wurde.

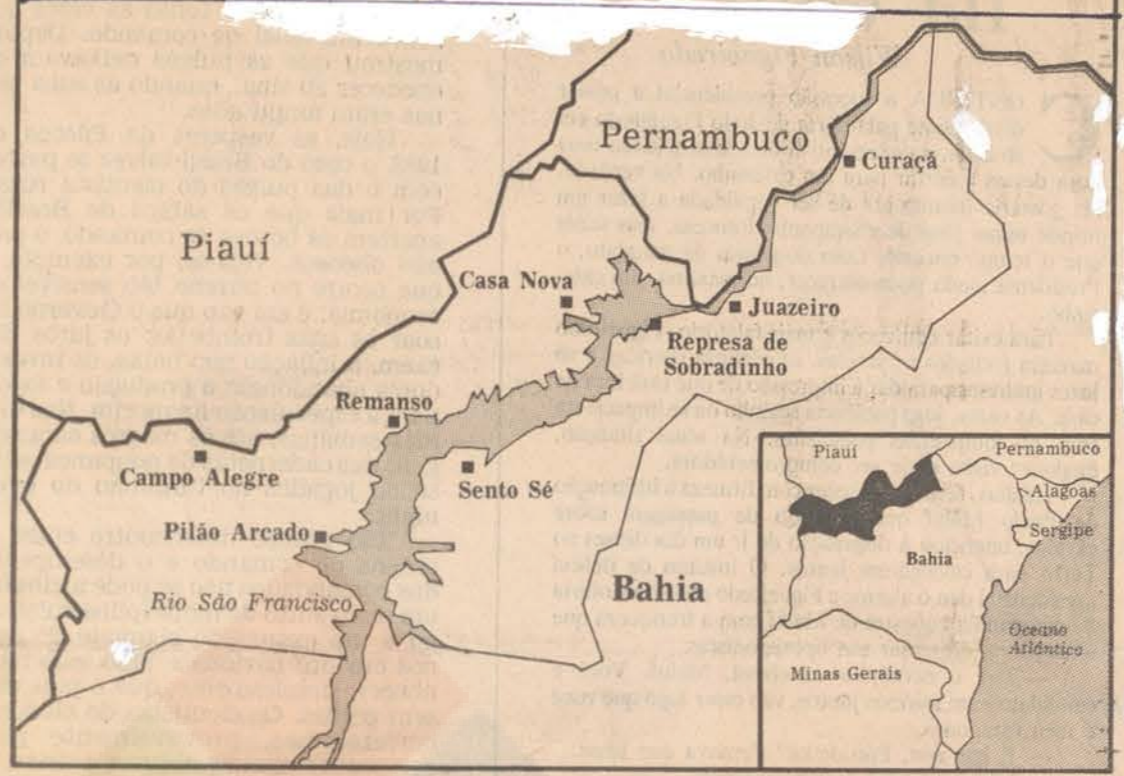
Pflicht der Kirche sei, „die Menschen besser verstehen zu lernen und ihnen einen Raum zu bieten“, in dem sie Ideen für die Verbesserung ihrer Lebenssituation entwickeln können. Almeida beharrt darauf, daß sich seine Kirche auch weiterhin für das Programm der Arbeiterpartei einsetzen wird. In dem Programm werde eine dringend notwendige Landreform und die Verbesserung der Lebensbedingungen der Armen, Arbeiter und Bauern eingeklagt: „Gute Antworten auf die Wünsche des Volkes“, sagt Almeida. Die Kirche wolle sich mit ihrer Aussage nicht für eine bestimmte politische Partei einsetzen, könne aber auf der anderen Seite auch das Elend im Land nicht übersehen.

Almeida besteht auf der „Selbständigkeit der Kirche gegenüber der Regierung“. Es könne nicht darum gehen, Privilegien für die Kirche zu erhalten, sondern „um die Verbesserung der Lebenssituation des Volkes“. Denn „das Volk ist nicht nur Empfänger, sondern auch Subjekt“ christlicher Verkündigung.

KATHARINA SPERBER

A diocese de Dom José Rodrigues

Manfredo



10/1190 P. 000

Bispo critica a proposta de governo paralelo

Salvador, São Paulo — O bispo da Diocese de Feira de Santana, segundo maior município da Bahia, com quase 500 mil habitantes, Dom Silvério Albuquerque, condenou ontem a proposta do candidato derrotado nas eleições presidenciais, Luís Inácio Lula da Silva, de criar um Governo paralelo. "Fazer um Governo paralelo é uma atitude condenável, e falta de patriotismo", declarou, salientando que o Presidente eleito, Fernando Collor de Mello, também mereceria sua crítica se, na condição de derrotado, lançasse idéia semelhante. A proposta de Lula, a seu ver, revela que o petista não estava preparado para exercer a Presidência.

O bispo também reprovou a postura de "oposição sistemática" adotada pelo PMDB. Sua visão é a de que o Presidente eleito tem que ser aceito por todos, na mesma medida em que terá que aceitar e conviver com todos. "Acima dos interesses pessoais, estão os interesses da pátria" — conclamou Dom Silvério, um dos integrantes da Igreja que criticaram a posição do bispo de Juazeiro, Dom José Rodrigues, em favor de Luís Inácio Lula da Silva. Ele acredita que a relação do Presidente eleito com a Igreja será "a mais natural possível", apesar de a maioria das bases ter se colocado contra a sua candidatura.

EDUCAÇÃO

Uma consulta nacional sobre a situação educacional do País está sendo feita junto ao episcopado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Os resultados dessa consulta servirão como subsídio para a 28ª Assembléia Geral dos Bispos Brasileiros, de 25 de abril a 4 de maio deste ano, em Itaiçi, município de Indaiatuba, interior paulista. A Igreja Católica está muito preocupada com a precária financeira das universidades e outras escolas católicas em todo o País.

3-2-90 F6

Hora da solidariedade

Luciano Mendes de Almeida

Em 1980, quando o santo padre desceu no aeroporto de Teresina, encontrou centenas de milhares de fiéis à sua espera. Vinham vê-lo e saudá-lo com afeto. Entre as faixas havia uma, larga e bem visível, com os dizeres: "O povo passa fome". Isso impressionou a todos e, principalmente, ao santo padre. Quando terminou sua exortação, convidou a multidão para rezar o pai-nosso. Com voz firme e clara introduziu na prece as palavras da faixa, dizendo com fé a Deus: "Pai nosso, este povo passa fome, o pão de cada dia dai-nos hoje". Passaram-se dez anos. Apesar do crescimento econômico do país, de seu parque industrial e da agricultura, somos vítimas da inflação, da dívida externa e da desigualdade social. A comida tem diminuído na mesa do pobre. A fome vai se fazendo sentir nos bolsões de miséria.

Em janeiro, as creches entraram em férias. Num bairro pobre de Rio Casca, MG, as crianças pequeninas vinham, em grupos, ao portão do centro comunitário para gritar, pedindo sopa. A cena era de cortar o coração. Reabriu-se logo a creche para atender os menores.

A verdade todos a conhecemos. Nos últimos meses a vida encareceu demais para o pobre. O salário não acompanha o preço dos alimentos. Aumentou a desproporção entre a retribuição do trabalho e seu valor aquisitivo. A conhecida cesta básica, embora insuficiente, torna-se inatingível para a maioria dos operários. Isso sem falar de outros gastos indispensáveis como aluguel, luz, gás, água, transporte e remédios. O que fazer?

Aqui ficam algumas sugestões e o apelo à sociedade, enquanto se promovem estudos e medidas mais justas em relação ao mercado de trabalho e à política de salário.

Para as crianças está de volta o ano letivo. É preciso garantir uma adequada merenda escolar. O mesmo vale para creches e centros comunitários, governamentais e não-governamentais, incluindo as obras filantrópicas e religiosas que necessitam de convênios para cumprir sua missão. Em nível municipal, principalmente na área rural, há iniciativas que podem ajudar, a curto prazo, para o alimento infantil. São as hortas comunitárias. Elas têm um duplo valor, além de reforçar a merenda escolar, ensinam a criança a fazer a própria horta.

Como medida de emergência, é chegado o momento de multiplicar cestas básicas que suplementem o salário, e, em especial, socorram famílias no desemprego, doenças e extrema necessidade. As comunidades cristãs procurem dar o exemplo não só em iniciativas para transformar as estruturas injustas, mas nas atitudes pessoais e familiares procurem diminuir a desigualdade social. É hora da verdadeira solidariedade evangélica, que seja exemplo para a sociedade brasileira.

É claro que a situação só poderá ser devidamente superada por um programa nacional voltado para as classes desfavorecidas. Nosso problema não é propriamente econômico. É de distribuição equitativa de recursos e benefícios. Cresceu o egoísmo que desconhece a necessidade dos outros. Aí vem o Carnaval. Além dos gastos enormes, os meios de comunicação social contribuem, infelizmente, para alienar por semanas o povo com a péssima colaboração do chamariz para desmandos morais ao vivo pela TV. É um desserviço à causa pública que só atrasa as medidas de justiça social.

Enquanto aguardamos as decisões políticas do novo governo, vamos acionando as instâncias da solidariedade. Que o exemplo comece pelos mais favorecidos e pelos governantes, renunciando voluntariamente a gastos e comodidades supérfluas para readquirir a credibilidade diante do povo.

A verdade cruel permanece como faixa aberta diante da consciência nacional e cristã. O povo está com fome. Qual a resposta da nossa solidariedade com os mais pobres?

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

Arcebispo melhora e já

Da Sucursal de Belo Horizonte

27-2-90
O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Mariana (MG), d. Luciano Mendes de Almeida, 59, começou ontem a respirar sem aparelhos e continua apresentando melhora em seu quadro clínico, segundo boletim do hospital Felício Rocho, divulgado ontem às 16h em Belo Horizonte (MG). Mendes de Almeida foi vítima de um acidente de carro na sexta-feira passada, na BR-356, que liga Belo Horizonte a Mariana.

Amanhã, às 7h30, o arcebispo será submetido a uma cirurgia ortopédica para corrigir as fraturas nos fêmures. Serão colocadas hastes de platina para uma melhor

imobilização. Ainda esta semana, ele deverá sofrer outra operação para colocação de outra peça de platina no antebraço direito. Com esta, ele completará sete cirurgias desde o acidente.

O estado de saúde do arcebispo continua crítico e ele necessita de muitos cuidados, informou o chefe da equipe médica do hospital, Cláudio Drummond. "De uma hora para outra, ele pode contrair uma embolia gordurosa (liberação de partículas gordurosas no sangue) ou uma infecção e nosso trabalho estará reduzido a zero. O importante é superar a fase crítica, de 72 horas depois da operação."

O aparelho de ventilação artificial foi desligado periodicamente, para que o arcebispo recebesse

respira sem aparelhos

70% de oxigênio artificial e 30% de oxigênio do meio ambiente. Ele continua recebendo alimentação balanceada (vitamina, lipídios e proteínas) via parenteral (através da veia). Os médicos acreditam que, no prazo de 48 horas, Mendes de Almeida tenha condições de receber alimentação via oral. O presidente da CNBB continua na UTI, apresenta pequenos pontos hemorrágicos nos olhos —nada significativo, segundo o boletim—, suas funções vitais permanentes estão estáveis e "está muito confiante".

A saúde do presidente da CNBB é acompanhada de perto pelos irmãos que se revezam na UTI. Eles estão instalados num apartamento do hospital. "Nós acompanhamos todos os seus mo-

vimentos. A nossa intenção é deixar, principalmente à noite, os médicos informados de tudo", afirmou o irmão mais velho do arcebispo, Cândido Mendes (presidente do conjunto universitário Cândido Mendes, do Rio). Cândido Mendes ficou ontem na UTI das 3h às 6h. Segundo ele, o arcebispo rezou três terços antes de dormir pela alma do padre Ângelo Mósena, que morreu no acidente.

Voltaram a telefonar ontem o presidente eleito, Fernando Collor; seu vice, Itamar Franco; Sarney e o ministro Leonidas Pires Gonçalves. A CNBB criou uma central de informações sobre seu estado de saúde para "evitar que os telefonemas atrapalhem a tranquilidade do hospital".

D. Luciano é submetido a mais três operações e reage "bem"

Da Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Mariana (MG), d. Luciano Mendes de Almeida, 59, permanece internado em estado grave no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) do hospital Felício Rocho, em Belo Horizonte (MG). Ele ainda corre risco de vida. Ontem, durante 4,5 horas, ele foi submetido a mais três cirurgias para fixar as fraturas nos fêmures e no antebraço direito. Também foi feita uma imobilização maxilo-mandibular (amarração da mandíbula).

Segundo o chefe da equipe médica que atende Mendes de Almeida, Cláudio Drummond, o risco de vida é inerente ao aparecimento de complicações infec-

osas ou tromboembólicas. "Isso é o que mais nos preocupa no momento", diz Drummond. Ele explicou que o surgimento de infecções (decorrentes das cirurgias ou das fraturas) ou de uma embolia gordura (liberação de partículas de gordura no sangue) são frequentes em pacientes politraumatizados. "Tudo o que os médicos puderam fazer foi feito."

Drummond disse que o presidente da CNBB reagiu "bem" às cirurgias. Elas começaram às 8h15 e terminaram às 13h. Foram colocadas ainda hastes de platina no fêmur esquerdo e no antebraço direito. No fêmur direito foi fixada com 30 parafusos uma placa angular. O arcebispo só poderá andar e fazer peso com as pernas num prazo mínimo de três meses,

mas poderá movimentá-las e dobrá-las nos próximos dias. A informação é do ortopedista Antônio Carlos de Castro, que o operou.

O boletim médico divulgado às 15h informou que as funções cardíacas e renais de Mendes de Almeida estão estáveis. A respiração ainda é feita com ajuda de aparelhos e a alimentação (gorduras, proteínas, glicose e vitaminas) ainda é feita de forma parenteral (através da veia). O arcebispo foi submetido a um total de oito cirurgias (ossotemporal, traquéia, aorta, mandíbula, duas nos fêmures e duas no antebraço direito). Ele também foi submetido a uma tração transesquelética dos membros inferiores (imobilização através de um fio metálico). No total, o presidente da CNBB recebeu 5,5 litros de sangue (praticamente o total de sangue que circula normalmente no corpo humano).

Luiz Fernando, um dos cinco irmãos do arcebispo, disse que a família está "apreensiva" e "cansada fisicamente". "Mas se Deus permitiu que meu irmão sobrevivesse até agora, as orações vão continuar até que ele volte às suas atividades normais." Ele disse que confia na recuperação do arcebispo: "A fé do meu irmão nunca nos permitirá ser pessimistas".

Luiz Fernando disse que, por volta das 6h, seu irmão conseguiu comungar. Anteontem, o arcebispo e o padre Jacques Zwaanenburg —que se recupera do acidente no mesmo hospital— trocaram bilhetes.

3-3-98 KRP

Deus é bom

Candido Mendes

“Deus é bom” foi a primeira frase de d. Luciano escrita em ‘pilot’ azul, ao acordar da segunda série de operações, na quarta-feira de Cinzas. Quem vier, este sábado, ao canto do bispo, encontra sua mensagem: a palavra na doação toda do corpo politraumatizado. D. Luciano sempre viu o recado semanal da **Folha** como essencial ao seu apostolado. Estava redigindo o texto da última semana, quando foi colhido pelo desastre. Sentara-se ao fundo do carro para melhor fixar a caneta, o que lhe salvou de um choque ainda maior. A massa de lesões não lhe privou da consciência desde a derrapagem em Itabirito. Pediu a absolvição a d. Serafim e ofereceu a vida pela Igreja, sem que se soubesse ainda da aorta aberta, segura pelo próprio coágulo do sangue derramado. A lucidez continuou no hospital Felício Rocho, com o dedo polegar esquerdo para cima, o desenho de letras na palma dos irmãos, a grafia em prancheta, domesticando a mão esquerda, destro que sempre foi.

“Que se avise a família de padre Angelo.” “Como está o padre Jacques?” Jorravam os bilhetes, nesta vida para o próximo, que deixa cada um tocado pelo acidente diante do “seu” d. Luciano. No seu olhar e no seu sorriso atam-se d. Pedro Casaldáliga e d. Sigaud, os rabinos e as confissões luteranas, a Maçonaria e os superiores de tantas ordens religiosas, os delegados de polícia e os padres que deixaram o celibato, os governantes e os irmãos no episcopado e na sua Companhia de Jesus.

“A noite é longa”. O bilhete vinha com o desenho de um crescente, na vigília que d. Luciano viveu tantas vezes, no aguardo desmesurado dos nossos prontos-socorros. As macas ensanguentadas esperando internação, antes de chegar às UTIs. A angústia e o descalabro da falta de recursos e da morte dos pobres por descarte barato. A **Folha** chamou d. Luciano de “pastor dos desesperados”. A paz irradiada pelo bispo encontrou a sua torna. A mocidade de Belo Horizonte de Mariana ofereceu-se para transplante de órgãos. Vigiavam em torno do ferido os pais dos excepcionais, os ébrios, o apostolado da “Pastoral de Choque” de Belenzinho e da periferia de São Paulo, as crianças que tirou da rua e do nada, os presidiários e doentes terminais.

“Ofereço com amor minha sede por vocês”. A palavra-chave de sua vida está aí, na lição que se faz e não se diz, no amor que é tão completo quanto não se impõe. Minucioso no planejamento de sua agenda, a letra tão miúda quanto clara, d. Luciano sabe quebrar os seus horários diante do socorro espiritual urgente que se lhe depare. O sono sempre adiado dá conta do cumprimento da faina diária, que não lhe franquia mais de quatro horas pobres de descanso.

“Frio, mas bom” respondeu à dedicação dos médicos. Não enjeitava a temperatura ambiente necessária à sua recuperação na UTI. Mas deixava a equipe à vontade diante de qualquer desconforto que lhe impusessem. A alegria feita desta paz interior permitiu distribuir-se em todos os rincões da arquidiocese geograficamente mais extensa do nosso centro-sul. Devorava as estradas de terra do coração de Minas, por maiores que fossem o peso do trabalho em Brasília, das missões junto à Santa Sé e das tarefas a serviço da Igreja, na Lituânia como no Líbano, tão chegado a seu coração. De há muito entregara a Deus o risco e o atropelo de um dia macerado, no tempo morto da corrida para os aeroportos, no eterno ônibus entre Mariana, São Paulo e Rio, nas estações rodoviárias da madrugada e nos orelhões que não falham em nos levar a palavra e o ânimo certos.

A Igreja Católica — dizem as estatísticas — é de longe a instituição hoje mais confiável aos olhos do povo brasileiro. Esse laço profundo e único passa — e o vemos com d. Luciano — por uma esperança que sabe se fazer entrega, mesmo antes de se dizer anúncio.

O sociólogo **Candido Mendes** escreve excepcionalmente hoje esta coluna seguindo orientação de d. **Luciano Mendes de Almeida**, seu irmão, que está hospitalizado.

Estado de d. Luciano é estável, mas ainda há risco de infecção

Paulo A.

Da Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, 59, apresentou estabilidade em seu quadro de saúde. Mas ainda corre o risco de contrair uma septicemia (disseminação da infecção detectada no pulmão direito do arcebispo para as demais partes do organismo), segundo boletim do hospital Felício Rocho, divulgado ontem às 10h em Belo Horizonte.

D. Luciano apresentou queda de temperatura de 39 para 37 graus. A febre baixou quando o quadro clínico geral está estável (pressão, respiração, trocas gasosas). Segundo os médicos, os antibióticos utilizados para combater a pneumonia detectada na base do pulmão direito do arcebispo estão surtindo efeito.

Os médicos conseguiram isolar a bactéria que provocou a pneumonia, o que indica provavelmente que d. Luciano tenha se submetido a uma punção (retirada de líquidos do pulmão). Os médicos não quiseram divulgar o nome da bactéria. "Isso podia gerar especulações e informações incorretas e todo mundo ia querer dar palpite", afirmou Cláudio Drommont, chefe da equipe médica.

O arcebispo trocou ontem a alimentação balanceada parenteral (através das veias) pela enteral (por meio de um tubo colocado no nariz até o esôfago). Ele continua se alimentando de sucos e sopa de carnes e de legumes, com um canudo. D. Luciano passou a respirar apenas 20% com a ajuda de aparelhos.



Cândido Mendes (à esq.), irmão de d. Luciano, e d. Paulo Pontes no hospital Felício Rocho, em Minas

Arcebispo se confessa com d. Ponte

Da Sucursal de Belo Horizonte

“Absolva-me dos meus pecados”, pediu ontem d. Luciano Mendes de Almeida, em confissão através de um bilhete, ao arcebispo de São Luís, d. Paulo Andrade Ponte, que esteve no hospital Felício Rocho para visitar o presidente da CNBB. “Tenho certeza de que a CNBB estará em boas mãos com você”, acrescentou d. Luciano logo em seguida.

Segundo o arcebispo de São Luís, “ao contrário do que vem sendo divulgado”, d. Luciano continua na presidência da CNBB. “Ele não chegou a se desligar da entidade e nem passar

a presidência para mim”, disse. “D Luciano apenas me designou como seu representante na CNBB”, afirmou. No entanto, Andrade Ponte disse que tem toda a autonomia para dirigir a entidade. Definindo-se como um “progressista”, Ponte assinou ontem, “como primeira medida na frente da CNBB”, um requerimento solicitando a uma entidade alemã recursos para os projetos agropecuários da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

O presidente da CNBB tem enfrentado o tratamento médico com otimismo e humor, segundo seu irmão Cândido Mendes que passou a madrugada de ontem na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). “Bom dia a todos, gosto

muito de água mineral, porque a gente vai tomando até a última gotinha” brincou de manhã com o irmão, o arcebispo. Num outro bilhete, o presidente da CNBB se dirige aos médicos, “por causa do grande esforço, sugiro um banho depois da ginástica”.

Sábado à noite, o arcebispo recebeu o ministro da Cultura José Aparecido, que esteve no hospital representando o presidente José Sarney. Segundo Aparecido, Sarney deve comparecer amanhã ao hospital. Voltaram a enviar telegramas o ministro da Justiça, Saulo Ramos, e o presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Eduardo Matarazzo.



D. Luciano Mendes, que corre risco de uma infecção generalizada

D. Luciano continua com risco de infecção

Da Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Mariana, d. Luciano Mendes de Almeida, 59, corre risco de contrair uma septicemia (infecção generalizada). A informação é do chefe da equipe de Clínica Médica do Hospital Felício Rocha, em Belo Horizonte, Cláudio Drummond. “O risco é muito grande. Estamos fazendo de tudo para manter sob controle o processo pneumônico, mas a qualquer momento pode ocorrer uma disseminação infecciosa”, disse Drummond.

D. Luciano permanece internado em estado grave no Centro de Tratamento Intensivo (CTI). Há

11 dias ele sofreu um acidente de carro na BR-356 que liga Belo Horizonte a Mariana (MG). Desde então, já sofreu oito cirurgias (duas no antebraço direito, duas na mandíbula e uma na aorta, nos fêmures além de uma traqueostomia). O quadro de saúde do arcebispo se agravou na sexta-feira passada com o aparecimento de uma pneumonia bacteriana.

Exames realizados ontem revelaram que o processo infeccioso pulmonar permanece estável e localizado, segundo o boletim médico divulgado às 16h. Durante o dia, d. Luciano apresentou temperatura entre os 37°C e 38°C. Ele continua respirando através de aparelhos e se alimentando via oral e enteral.

D. Luciano melhora e pode ter alta do CTI

Da Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Mariana, d. Luciano Mendes de Almeida, 59, deverá ter alta ainda hoje do Centro de Tratamento Intensivo (CTI). A informação é do chefe da equipe de clínica médica do hospital Felício Rocho, em Belo Horizonte (MG), Claudio Drummond.

Segundo Drummond, d. Luciano ainda é um paciente em estado "grave, mas estável" e que seu risco de vida está "praticamente afastado". "Passou a ser remotíssima a possibilidade de ele contrair uma septicemia (infecção generalizada)", afirmou.

O arcebispo se recupera de um acidente de carro ocorrido há 13 dias na BR-356, que liga Belo Horizonte a Mariana (MG). Nesse período ele já sofreu oito

cirurgias (duas na mandíbula, duas no antebraço direito, uma na aorta, fêmures e na traquéia), recebeu 5,5 litros de sangue (praticamente o total existente no ser humano) e contraiu uma infecção pulmonar.

"Ele é um indivíduo fora do comum", disse Drummond, depois de dizer que d. Luciano chegou "praticamente morto" ao hospital Felício Rocho.

Ontem, o presidente da CNBB continuou apresentando melhora progressiva da infecção pulmonar, o que permitiu a retirada do respirador artificial, segundo o boletim médico divulgado pelo hospital às 10h.

A temperatura máxima do arcebispo não ultrapassou os 37,4 graus. A previsão feita pelos médicos é de poder retirar a cânula (instrumento cirúrgico de metal introduzido na traquéia) nas próximas 48 horas.

Exército recebe seis veículos da Avibrás

Da Sucursal de Brasília

O Exército recebeu ontem seis veículos para lançamento de foguetes e remuniamento adquiridos da Avibrás — empresa privada com sede em São José do4 Campos — por um preço simbólico de NCz\$ 20 milhões. A demonstração pública do funcionamento do equipamento, feita em Formosa (GO), serviu de propaganda para a venda de material bélico no exterior.

A "bateria" formada pelos seis veículos não tem mercado no exterior, onde só é aceita uma versão formada por 12 veículos, que custam hoje cerca de US\$ 10 milhões (NCz\$ 750 milhões). Es-

se sistema de veículos é denominado Astros II. O custo real da "bateria" vendida no Brasil não foi fornecido pela Avibrás.

O maior interesse da empresa ao fazer propaganda de seus equipamentos é conseguir recursos para pagar uma dívida de cerca de US\$ 200 milhões (NCz\$ 15 bilhões) de dólares, que provocou um pedido de concordata preventiva em janeiro deste ano.

"A venda desse equipamento ao Exército é um cartão de visitas para a Avibrás no Exterior", admitiu ontem Pedro Vial, diretor de vendas da empresa. Na apresentação do sistema, estavam presentes representantes da Venezuela e Paquistão.



D. Luciano Mendes de Almeida, que ontem apresentou melhoras

No hospital, Dom Luciano faz prece para novo Governo

14/13/60
Ribeiro

BELO HORIZONTE — Já com alta médica, mas ainda internado no Hospital Felício Rocho, o Presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, divulgou na tarde de ontem uma mensagem e uma prece pelo Brasil, pedindo a todos que tenham fé e a bênção de Deus aos novos governantes. Ele agradece a todos que o visitaram, aos médicos, enfermeiras, amigos padres e jesuítas, aos jornalistas e aqueles que rezaram pela sua recuperação: "Ofereço a todos o que tenho — sofrimento, falta de saúde, oração — em união com toda a Igreja do Brasil, e todos que têm fé, para pedir a Deus que abençoe o nosso povo".

Segundo o ortopedista Márcio Inrain, Dom Luciano será submetido à nova cirurgia no ante-brço para fixação final da fratura que sofreu. O médico garantiu que não há mais risco de infecções e provavelmente ele não apresentará sequelas. Ontem ele recebeu a visita do Gran-rabino da Congregação Israelita Paulista e Coordenador da Comissão de Diálogo Religioso Católico-Judaico da CNBB, Henry Sobel, que o presenteou com um livro de Salmos.

15-3-90 K40

Aureliano Chaves faz visita a d. Luciano

Da Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Mariana, d. Luciano Mendes de Almeida, 59, sentiu-se ontem "muito feliz" por ter conseguido pela primeira vez, após 19 dias de internação e dez cirurgias, sentar numa poltrona por uma hora. A informação foi dada por Luiz Fernando Mendes de Almeida, um de seus irmãos. "Ele sentiu muito cansaço, mas ao mesmo tempo apresentou-se bem disposto", disse.

O arcebispo se recupera no Hospital Felício Rocho, em Belo Horizonte (MG), de um poli-

traumatismo provocado por um acidente de carro no dia 23 de fevereiro na BR-356, que liga a capital mineira a Mariana (MG). Ele deverá deixar o hospital no começo da próxima semana. Até domingo, os médicos decidirão a data da nova cirurgia (osteosíntese) no antebraço direito.

D. Luciano passa bem, com estabilidade clínica, e faz fisioterapia motora e respiratória. Permanece com bom humor e se alimenta por via oral, segundo o boletim divulgado às 16h. À tarde o presidente da CNBB recebeu a visita do ex-ministro das Minas e Energia Aureliano Chaves.

17-3-90 PVP

Experiência de fé

Luciano Mendes de Almeida

Ainda não posso escrever. Não é um artigo, é, apenas, comunicação de uma experiência de vida. Estes dias tornaram-se para mim dias de especial graça de Deus. Há muito tempo que minha vida não tinha uma experiência tão profunda de Deus. É uma presença que se estende no dia e na noite inteira e faz tocar o limite da vida.

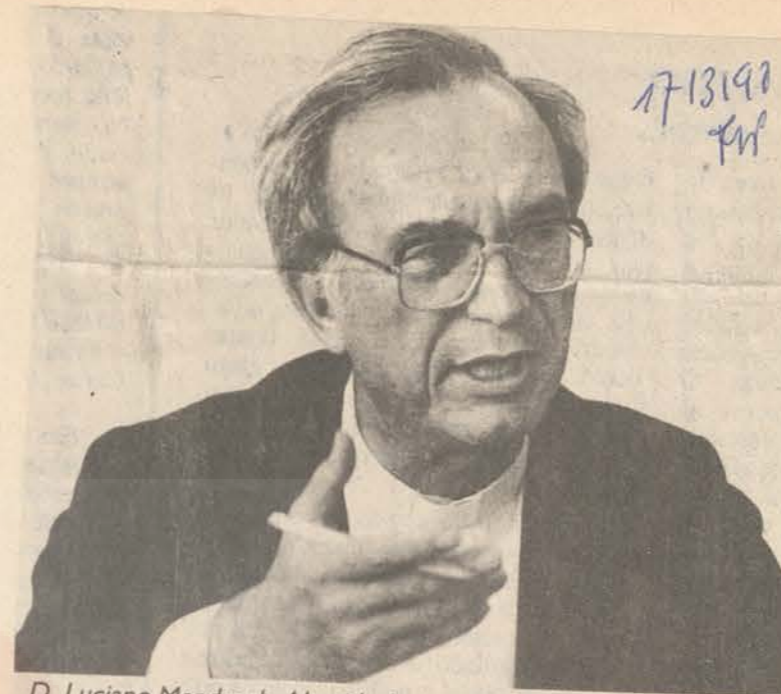
No meio dos sofrimentos a fé cresceu e me fazia rezar por todos, pela paz no mundo, especialmente no Líbano, pela justiça social no Brasil, pela liberdade religiosa concreta no Leste europeu, pela fraternidade entre todos, pela aproximação dos povos.

Compreendo melhor que o sofrimento não é apenas uma prova ou a purificação do pecado, mas, a exemplo de Jesus Cristo, é a grande experiência de solidariedade com os que sofrem. Nestes dias fiquei mais perto dos doentes, dos excepcionais, dos acidentados. É uma grande graça.

Sinto o dever de agradecer sempre aos que rezam por mim, a prece das comunidades, dos amigos, dos membros de outros credos, das crianças, de todos. Esta oração que me tem dado força e aumentado a esperança. Deus aceite, pelo bem de nosso Brasil, especialmente do novo governo, a prece e o sofrimento destes dias. Acredito numa pátria mais unida pela fé, mais concreta nos sinais de fraternidade, de modo a que o nosso povo pobre possa, brevemente, encontrar condições dignas.

Gostaria de contribuir, trabalhando na Igreja, para que a mensagem de amor do Cristo se divulgue mais em nosso Brasil.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.



D. Luciano Mendes de Almeida deve ser submetido a nova cirurgia

D. Luciano vai sofrer hoje nova cirurgia

Da Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Mariana, d. Luciano Mendes de Almeida, 59, deverá ser submetido hoje a uma nova cirurgia — a terceira — no antebraço direito (osteosintese). Esta será a 11ª operação que o arcebispo sofre desde que se internou há 22 dias no Hospital Felício Rocho, em Belo Horizonte (MG). Ele se recupera de um acidente de carro ocorrido no dia 23 de fevereiro, na BR-356, que liga a capital mineira a Mariana (MG).

Mendes de Almeida sofreu politraumatismo e já operou três

vezes os fêmures, duas vezes a mandíbula e uma vez a aorta, o crânio e a traquéia. No dia seguinte à realização da osteosintese no antebraço direito, ele receberá alta hospitalar e será transferido para o Palácio Episcopal (residência oficial do arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, d. Serafim Fernandes de Araújo), onde permanecerá durante a fase de convalescência.

O arcebispo abençoou o novo governo brasileiro e chegou a pensar em mandar um telegrama ao presidente Fernando Collor, segundo informou ontem o seu irmão mais novo, Antonio Luiz.



“Investir contra esta dança erótica é justo e reflete uma preocupação pastoral”
DOM EUGÊNIO SALES



“O pecado é algo muito maior do que uma dança de corpos colados”
FREI BETTO

A lambada no Vaticano

Três arcebispos latino-americanos pedem à Santa Sé que condene a dança da moda. O papa não pretende entrar na briga

A América Latina tira o sono do Vaticano devido ao avanço das seitas evangélicas entre o rebanho católico e também pela estridência com que o clero esquerdista prega suas idéias. Se depender de três arcebispos católicos, o rol de preocupações da Santa Sé com seus fiéis latino-americanos será engrossado por uma dança: a lambada. Na semana passada, o cardeal de Medellín, Colômbia, dom Alfonso López Trujillo, pediu ao papa João Paulo II que o Vaticano divulgue um documento condenando a lambada. “A Igreja Católica tem de se pronunciar de forma clara e inequívoca para impedir a propagação dessa manifestação do demônio”, disse Trujillo, que forma no grupo dos bispos conservadores da Igreja e é membro da Congregação para a Doutrina da Fé, o antigo Santo Ofício. A preocupação do religioso colombiano, surpreendente num bispo que vive num país esraçalhado pelo terrorismo da droga e pelos assassinatos diários promovidos pelo cartel da cocaína, decorre da sensualidade da lambada. Ele julga que a dança é uma manifestação grotesca do pecado.

Trujillo não está sozinho em sua pregação. Também os arcebispos dom Carlos Gonzalez, presidente da Conferência Episcopal do Chile, e dom Prospero Penados del Barrio, da Guatemala, encaminharam

queixas de teor semelhante à Santa Sé. Da iniciativa dos arcebispos dificilmente surtirá algum efeito. O Vaticano sempre evitou condenar as liberalidades de seus fiéis, até para manter unido o rebanho. Preceitos morais variam de país para país e de geração para geração, enquanto a Igreja deve reinar igualmente sobre todos e atravessar os séculos. Nos países africanos, por exemplo, os padres são obrigados a fazer vista grossa para a poligamia dos nativos, um costume incorporado à cultura local.

“Acho bastante positivo o pedido de dom Trujillo, pois isso serve para orientar o comportamento dos fiéis”, diz o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales, que no ano passado tentou impedir que o carnavalesco Joãozinho Trinta levasse ao desfile de Carnaval do Sambódromo,



Os papas Pio X e João Paulo II: danças

no Rio de Janeiro, uma réplica estilizada e esfarrapada do Cristo Redentor. É verdade que um dos motivos do avanço das seitas evangélicas é justamente o rigor com que elas tratam os costumes entre os seguidores, e isso poderia justificar a cruzada moralista de dom Trujillo.

TANGO — Se a história recente da Igreja Católica tem algo a ensinar, no entanto, é que ela tem suficiente sensibilidade para ficar acima das discussões sobre modismos. A Igreja não fez nenhum estardalhaço contra o rock, os hippies e outras manifestações semelhantes da juventude, mesmo que muitos de seus integrantes volta e meia condenassem essas manifestações. Há até um caso clássico nesse terreno. No início do século, um bispo argentino pediu ao papa Pio X uma condenação formal ao tango, com o mesmo pretexto de que se tratava de uma dança erótica. O papa, que não conhecia o tango, convocou ao Vaticano um casal de bailarinos. Pediu que eles dançassem naquele ritmo para ver como era. Ao final da apresentação, Pio X absolveu o tango e até gostou da mostra. Uma coisa é dizer que a lambada é um ritmo carregado de erotismo. Outra, bem diferente, é condená-la como expressão do demônio. “Basta ler o Evangelho para perceber que o pecado é algo muito mais grave e importante do que dançar colado a alguém”, diz Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, um dos representantes da Teologia da Libertação. O mais provável é que o papa João Paulo II fique com essa interpretação da lambada.

O sal da vida

FÁBIO KONDER COMPARATO

16/6/90 FCS

Sou muito grato a d. Luciano Cabral Duarte, não tanto pelas palavras amáveis que me dirigiu em seu recente artigo nesta seção, quanto pelo fato de ter assentido em discutir publicamente um problema da maior importância para a humanidade atual: a progressiva transformação da Igreja Católica, de fraternidade universal em isolada corporação romana.

Ficamos sabendo que, para S. Reverência, a Igreja não é democrática nem oligárquica nem tirânica. Ela é, simplesmente, hierárquica. Sob o aspecto conceitual, a idéia não deixa de surpreender, pois nenhum dos regimes políticos citados dispensa a superposição de poderes. Mas o que se quer saber é outra coisa: a hierarquia eclesiástica é normativa ou pessoal? Os membros da Igreja obedecem a regras objetivas ou à vontade arbitrária dos chefes? O papa, que tem o poder legislativo supremo, cumpre as leis que edita?

Considere o leitor os seguintes fatos.

1º — De acordo com o cânon 377, parágrafo 3º, nas nomeações de bispos diocesanos ou coadjutores, o Núncio Apostólico é obrigado a comunicar a Roma, "junto com o seu voto, o que sugerirem o Metropolita e os Sufragâneos da província, à qual pertence ou está unida a diocese a ser provida, como também o presidente da Conferência dos Bispos."

Há pelo menos dez anos o Núncio Apostólico no Brasil vem descumprindo hierarquicamente essa norma, com o tácito assentimento do Vaticano. Todos os bispos das dioceses desmembradas de São Paulo foram nomeados sem consulta ao cardeal Arns ou ao presidente da CNBB. Na sucessão do arcebispo de Manaus, 16 dos 17 bispos da região tomaram a iniciativa de escrever ao Núncio, sugerindo o nome de eminente prelado, para a sé vacante. Respondeu o Núncio de imediato que já havia indicado a Roma o sucessor: era, coincidentemente, o único bispo que se recusara a assinar a carta. Fatos análogos poderiam ser citados em profusão.

2º — A Áustria e o Estado de Renânia-Vestfália, na Alemanha Federal, mantêm concordata com o Vaticano, pela qual gozam do direito de aprovar os candidatos à nomeação episcopal. Além disso, o cabido de várias catedrais européias, entre as quais as de Viena e Colônia, têm há séculos o direito de escolha dos respectivos Metropolitas. O atual papa, porém, nomeou os arcebispos dessas duas dioceses sem consulta aos respectivos Estados e sem levar em consideração o voto dos cabidos. No caso de Colônia, teve ainda o refinamento de mudar as regras de eleição durante o seu processamento.



Como se vê, em matéria de tradições, Roma parece respeitar tão só as que lhe convêm. Por outro lado, se o papa se considera chefe de um Estado, escusa lembrar que ele não pode se pretender acima dos demais chefes de Estado, para descumprir a seu talante os tratados internacionais que o Vaticano assinou.

O arcebispo de Aracaju considera protestantismo minha opinião de que a transformação da antiga liderança papal na Igreja em um poder monárquico sobre a Igreja foi substancialmente antievangélica. Para dizer a verdade, não vejo agravo nenhum em ser equiparado aos nossos caros irmãos protestantes, que comungam na mesma fé em Jesus Cristo Salvador. Permitto-me apenas lembrar que a soberania absoluta do papa (a suprema potestas do cânon 331) somente começou a formar-se a partir do 4º Concílio de Latrão, em 1215; pois até então, ou seja, durante os 11 primeiros séculos de cristianismo, a autoridade papal não se sobrepunha à dos representantes da comunidade, reunidos em concílio. Aquele dogma jurídico, portanto, para usar a expressão de S. Reverência, é menos velho que a sé de Braga.

Mas enfim, o que significa essa aparente tertúlia jurídica, ou querela de campanário? O que ela envolve são concepções radicalmente diferentes do sentido e da missão da Igreja, como comunidade dos que crêem em Jesus Cristo e em sua mensagem de vida. Para mim e o rebotinho de que fala d. Luciano, a Igreja existe para realizar o Reino de Deus; e este pertence aos pobres e oprimidos, não aos ricos e poderosos. A Casa dos fiéis em Jesus, como ele próprio disse — para escândalo dos chefes religiosos da época — abre as portas, em primeiro lugar, às prostitutas, aos publicanos e aos pecadores. Enquanto não convertermos nossa vida ao serviço integral aos verdadeiros donos do Reino (que ignoram soberanamente sua realeza), estaremos construindo, com todo o aparato hierárquico e a unção religiosa, uma máscara horripilante de cristianismo: ritualista, auto-suficiente e farisaico.

Pois se o sal da vida perder sua força, sr. arcebispo, de que servirá conservá-lo?

30/6/90 Pmp

Teólogos e pastores da Igreja

Luciano Mendes de Almeida

Em data de 26 de junho, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou instrução sobre a vocação eclesial do teólogo. O texto tem quatro partes. Inicia lembrando o desígnio de amor do Pai que chama a pessoa humana à verdade plena e à verdadeira liberdade. O povo de Deus recebe, na fé, a missão profética de anunciar ao mundo o Deus vivo e a salvação revelada em Jesus Cristo, procurando, sob a ação do Espírito Santo, dar razão de sua esperança àqueles que a pedem.

A segunda e terceira partes descrevem, de modo conciso, a função dos teólogos e dos pastores que, com vocações e carismas diversos, estão a serviço do dom da verdade e dela devem dar testemunho. O texto coloca em relevo o trabalho do teólogo, mostrando que corresponde ao dinamismo da própria fé. A ele compete, em comunhão com o magistério, buscar uma compreensão sempre mais profunda da palavra de Deus, contida na Escritura inspirada e transmitida pela tradição viva da Igreja. A teologia nasce do amor. A pessoa humana, ao conhecer a bondade de Deus, começa a amá-lo, e pelo amor deseja conhecer sempre melhor Aquele a quem ama. Não só. A teologia oferece sua contribuição para que o conteúdo da fé se torne comunicável àqueles que não conhecem Jesus Cristo. O teólogo é chamado, portanto, a intensificar sua vida de fé, unindo pesquisa científica e oração. Usa das aquisições filosóficas, das ciências históricas e humanas, das exigências epistemológicas, mas deve ter sempre presente que, no interior do saber racional, o objeto é dado pela revelação, acolhido na fé, transmitido e interpretado pela Igreja, sob a autoridade do magistério.

A missão do magistério dos pastores é de guardar e expor a revelação divina, garantindo ao povo de Deus a possibilidade objetiva de professar, sem erro, a fé autêntica. No exercício dessa missão conta com a assistência do Espírito Santo e, em especial, com o carisma da infalibilidade no que se refere à fé e costumes. O documento descreve a doutrina comum sobre as diversas modalidades em que se exerce o carisma, indicando a resposta dos fiéis que vai, conforme a matéria proposta, desde o ato de fé teologal até a submissão religiosa da vontade e da inteligência.

A quarta parte, mais ampla, trata diretamente das relações de colaboração entre o magistério vivo da Igreja e os teólogos e das tensões que podem surgir. Afastado qualquer sentimento de hostilidade e oposição, estas tensões devem impelir o magistério e os teólogos ao diálogo construtivo, que há de levar ao serviço comum de "conservar o povo de Deus na verdade".

O texto focaliza o caso da dificuldade pessoal do teólogo diante de ensinamentos do magistério em matéria não irreformável. Neste caso, pertence ao teólogo, em espírito evangélico, dar a conhecer suas objeções à autoridade magisterial. Suas objeções poderão colaborar para que o magistério encontre modo mais aprofundado e melhor argumentado de propor seu ensinamento. No entanto, devem-se evitar pressões sobre opinião pública que podem prejudicar o esclarecimento da verdade. No caso em que as objeções pessoais, após exame sério do magistério, pareçam ao teólogo prevalecer, procure, em espírito de fé, dispor-se a analisar melhor a questão e aguardar, na oração e no silêncio, o momento em que a verdade se manifestar plenamente.

O problema da dissensão, isto é, o comportamento público de oposição ao magistério da Igreja, é analisado e refutado nas páginas finais do documento. Suas aparentes justificativas, suas causas remotas ou próximas precisam ser solucionadas à luz da compreensão, da liberdade própria ao ato de fé, que não significa a liberdade em relação à verdade, mas o livre autodeterminar-se da pessoa em conformidade com o dever moral de acolher a verdade.

Algumas interpretações intempestivas da grande imprensa insistiram em sublinhar aspectos restritivos ou conflitantes do documento. No entanto, a leitura serena do texto coloca em evidência as relações de colaboração e confiança que devem existir entre teólogos e pastores e a força do diálogo para que, na difícil tarefa de investigação e anúncio da verdade, seja assegurada ao povo de Deus a alegria de expressar, sem falhas e erros, a fé autêntica no desígnio de amor do Pai.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

CED



João Paulo II chega ao Vale d'Aosta para uma temporada de férias: estafa

RELIGIÃO

A força que une o clero

Uma centena de bispos brasileiros jura obediência ao papa numa reunião com o cardeal Joseph Ratzinger, no Rio de Janeiro

O clero brasileiro aprendeu a respeitar e a temer o cardeal alemão Joseph Ratzinger, de 63 anos, há nove o poderoso prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, o antigo Santo Ofício. Sua função é fustigar e punir desvios teológicos. Ratzinger tem tido muito trabalho. Na semana passada, um grupo de 102 bispos brasileiros enfrentou uma acareação com o cardeal. Ele esteve no Rio de Janeiro a convite de dom Eugênio Sales e testemunhou uma rara demonstração de união da Igreja Católica no país. "Vim ao encontro num exercício de humildade, fé e respeito", disse dom Hélder Câmara, arcebispo resignatário de Olinda e Recife.

Dom Hélder, um religioso de formação esquerdista, formava ao lado de conservadores, como o bispo de Novo Hamburgo, dom Boaventura Kloppenburg, e o cardeal primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves. Nem a ausência do cardeal arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns — que no ano passado perdeu três quartos de sua arquidiocese numa manobra de diminuição de sua força atribuída a Ratzinger —, azedou o clima da reunião. Dom Arns viajou para os Estados Unidos — e mandou uma carta respeitosa a

Ratzinger justificando a falta. "A carta de dom Arns é repleta de irmandade", disse o cardeal alemão. Ratzinger, que já defendeu teses liberalizantes, como o fim do celibato clerical, tornou-se fervoroso guardião da ortodoxia. Nesse terreno, é o braço executivo do pontificado conservador de João Paulo II. Ele deixou o Brasil com um trunfo nas mãos. Levou



Ratzinger (à esq.) chega ao Rio: curso

para o Vaticano um documento assinado pelos 102 bispos reunidos, no qual os preladados reafirmam "os laços de comunhão afetiva e efetiva" com o papa João Paulo II e juram "obediência, respeito e veneração" ao pontífice.

CLAUSURA — A unidade dos bispos nem de longe significa que estão aparadas as arestas entre eles e o Vaticano. Pode-se explicar o comportamento dos preladados por uma espécie de diplomacia que permeia suas atitudes em público. Um exemplo: dom Hélder Câmara sempre tratou respeitosamente seu sucessor na arquidiocese de Olinda e Recife, o conservador dom José Cardoso Sobrinho. Já os leigos e religiosos ligados a dom Hélder, incrustados nas comunidades eclesiais de base da região, desafiam cotidianamente a orientação de dom Cardoso. A unidade forjada pelos bispos brasileiros mostra, isso sim, como foi eficiente a estratégia de Ratzinger em combater os desvios teológicos no clero católico. Há um ano, Ratzinger mandou fechar dois seminários que funcionavam no Recife. O motivo oficial para a extinção dos seminários não foi a pregação política e ideológica na formação dos futuros padres, mas sim o fato de que eles se formavam longe da clausura, o que desafia o código canônico. Ratzinger pouco falou de política, mas atacou frontalmente os desvios teológicos. "As teses marxistas da Teologia da Libertação podem destruir a fé e ter conseqüências explosivas para o futuro da Igreja", reiterou Ratzinger aos bispos. "Queremos dialogar com esses setores do clero e chamá-los à realidade pastoral."

A vinda de Ratzinger ao Brasil serviu, também, para desfazer um boato que vinha agitando o clero de todo o mundo nas últimas semanas — o de que a saúde do papa João Paulo II é precária. Ratzinger disse a um interlocutor no Rio de Janeiro que João Paulo II esteve mesmo doente. O pontífice teve uma estafa há dois meses, quando voltou de uma viagem ao México. "Nunca vi o papa tão abatido fisicamente como naquela ocasião", disse Ratzinger. "Agora, sua aparência está bem melhor", disse o cardeal alemão. Aos 70 anos, o papa sente o peso da idade. Em sua viagem de férias ao Vale d'Aosta, há duas semanas, ele não quis levar, pela primeira vez, seu equipamento de esqui — esporte de inverno que ele pratica desde a juventude na Polônia. ■

Segredos da sacristia

A Igreja admite o escândalo amoroso do arcebispo negro de Atlanta, dom Eugene Marino, que manteve um romance com uma fiel

Os católicos da Arquidiocese de Atlanta, capital do Estado americano da Geórgia, se surpreenderam quando, em maio passado, o arcebispo Eugene Marino, 57 anos, tomou a decisão de abreviar sua brilhante carreira eclesiástica e se aposentar precocemente. Ao ser escolhido, há dois anos, ele foi o primeiro arcebispo negro da Igreja americana. Gozava da reputação de pastor culto e fervoroso entre o clero e o povo, formado na maioria por negros. Sua popularidade rivalizava com a de outras estrelas da cidade, como o ex-embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas Andrew Young, que também é negro. Na ocasião de seu afastamento, Marino alegou que estava estressado e precisava de tratamento médico e psicológico — o que destoava da disposição e da forma física que o jovem arcebispo sempre demonstrou. Na semana passada, veio à tona a verdade sobre a aposentadoria de Marino. O arcebispo se afastou depois de seus superiores em Roma descobrirem que ele não respeitava o celibato clerical — tinha um romance com uma de suas fiéis, Vicki Long, de 27 anos, recepcionista de um hospital na Geórgia.

Além de manter encontros regulares com Vicki, Marino a sustentava com o dinheiro da Arquidiocese. Ele a ajudou a comprar uma casa em Atlanta, dava-lhe todos os meses 1 500 dólares para as despesas pessoais e também nomeou a namorada como



Marino e Vicki (alto): escândalo

sua beneficiária no seguro de vida. Para tê-la sempre por perto, indicou-a como diaconisa da arquidiocese. "O arcebispo Marino se envolveu com Vicki logo depois de ser consagrado como arcebispo de Atlanta", revelou James Lyke, bispo auxiliar de Cleveland, no Estado de Ohio, que responde interinamente pela Arquidiocese de

Atlanta. O caso do ex-arcebispo não é propriamente uma novidade para o Vaticano. Segundo um estudo conduzido durante 25 anos por teólogos católicos, pelo menos um terço do clero não respeita o celibato. Um dos efeitos dessa realidade é que muitos padres largam a batina para casar.

No Brasil, o contingente de religiosos casados soma 5 000 pessoas. A novidade é que o Vaticano, que não aceita discutir o fim do celibato, mas sempre fez vista grossa quando o clero caía em tentação, desta vez resolveu admitir em público o escândalo.

FASCÍNIO — O caso do arcebispo se tornou ainda mais curioso quando se descobriu a biografia amorosa da recepcionista Vicki — e o fascínio que uma batina exerce sobre ela. Há três anos, ela acusou um padre da mesma Arquidiocese de Atlanta de ser o pai de sua filha, LaDonna — e moveu um processo de investigação de paternidade contra o religioso. Na época, ela pediu à Igreja uma indenização de 2,3 milhões de dólares. Nada foi comprovado no processo, mas a arquidiocese mesmo assim se comprometeu a custear a educação da menina. Também se soube, na semana passada, que um terceiro padre, reverendo Michael Woods, recebia a atenção de Vicki. "Confesso que tinha um relacionamento íntimo com ela", admitiu o padre. Enquanto Vicki ameaça novamente pedir indenização à Igreja, os fiéis do ex-arcebispo não guardam mágoas do episódio. "Apesar de sua fraqueza, estou certa de que ele é uma grande figura humana", diz Jeanne Mosley, uma fiel da Arquidiocese de Atlanta. ■

Guerra santa no estádio

As Testemunhas de Jeová, religião cristã fundada há pouco mais de 100 anos e conhecida por proibir as transfusões de sangue e o serviço militar a seus fiéis, prepararam-se para organizar a maior manifestação da força de sua fé no Brasil. Entre 17 e 19 de agosto, 500 000 seguidores irão se reunir em uma centena de congressos religiosos que se

realizarão nas principais cidades brasileiras. Chegarão fiéis de todas as partes do mundo. Todos os anos acontecem reuniões desse tipo, que se destinam a batizar os recém-convertidos. O tamanho do congresso deste ano, contudo, não tem precedentes. Em São Paulo, os organizadores do congresso alugaram os estádios de futebol do Pacaembu e do

Morumbi, com capacidade para abrigar cerca de 200 000 pessoas — um feito inédito.

Do lado de fora do congresso, está prevista uma guerra santa entre as testemunhas e os ativistas evangélicos do Instituto Cristão de Pesquisas, uma organização que reúne seguidores de diversas religiões evangélicas. "Vamos distribuir folhetos alertando os fiéis sobre esta seita assassina", diz

o ministro evangélico Paulo Romeiro, diretor do instituto. "Eles impedem que as crianças tomem vacinas e que os doentes recebam transfusões de sangue. Isso não está escrito na Bíblia. É apenas fruto da ignorância e do fanatismo." Não se espera reação das Testemunhas de Jeová. Um dos dogmas da religião condena a violência, e é por isso que eles se recusam a servir o Exército ou pegar em armas.

■ RELIGIÃO

O lugar dos religiosos

Dom Boaventura Kloppenburg *

No discurso que fez no dia 21 de maio de 1990 aos bispos do Regional I da CNBB, por ocasião de sua *visitatio ad Petri sedem*, o papa João Paulo II falou sobre os Religiosos enquanto testemunho específico da santidade da Igreja.

Em virtude de sua vocação e de sua entrega total unicamente a Deus por amor, são os Religiosos testemunho qualificado da santidade da Igreja. Santidade quer dizer união com Deus mediante a graça santificante. Para que possa haver Igreja evangelizada, deve haver santidade pessoal na Igreja evangelizadora. Pois apenas na medida em que a Esposa de Cristo se deixa amar por Ele e O ama, se tornará também mãe fecunda no Espírito Santo. A primeira e fundamental missão de cada Religioso ou Religiosa está precisamente nesta permanente busca da santidade pessoal.

O constante esforço de crescer na santidade recebida confere à Vida Religiosa sua identidade própria e lhe dá um lugar bem definido na Igreja. Ensinava por isso o Concílio Vaticano II que o estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não seja elemento constitutivo da estrutura hierárquica da Igreja, pertence contudo incondicionalmente à sua vida e santidade (cf. LG 44d). Como carisma, a Vida Consagrada faz parte do dinamismo daquela santidade que é a vocação primordial da Igreja. Sem esta santidade a Igreja simplesmente perderia sua razão de ser. E, na medida em que os Religiosos e as Religiosas de fato cultivarem a santidade pessoal, são a parte mais excelente da Igreja, declarava o Concílio (PO n° 6c).

Feitas estas considerações no mencionado discurso, pede o papa aos bispos do Brasil de cuidar de modo particular desse carisma fundante da Vida Religiosa, de promovê-lo e de protegê-lo. E, neste contexto, propôs Sua Santidade a seguinte doutrina:

"O primeiro dever do Religioso e da Religiosa é o de não esquecer a originalidade peculiar do carisma de cada família religiosa. Não pretendendo, portanto, reduzi-las todas a um único modelo de vida comunitária, a saber, a inserção nos meios populares. Para a Igreja é igualmente importante a vida contemplativa e o trabalho dos Religiosos e das Religiosas na educação, no atendimento dos doentes, ou em outras formas de ação apostólica."

Há um tom polêmico neste texto. A "inserção nos meios populares" vinha sendo proposta como ideal para Religiosos e Religiosas no Brasil. O projeto Palavra-Vida, para o quinquênio 1988-1993, que a Conferência dos Religiosos do Brasil difundiu generosamente em nossas comunidades (até junho de 1989 já fizera imprimir 28.000 exemplares) propunha no final da página 29:

"Muitas comunidades religiosas já se encontram num processo 'conversão-inserção' no meio dos oprimidos. Outras precisam ser ajudadas e estimuladas a dar este passo. Todas precisam se inspirar e se recriar a partir desta fonte nova que o Senhor faz jorrar na Vida Religiosa e na Igreja da América Latina."

Já em 1980, na mensagem aos Religiosos em São Paulo, alertara o papa João Paulo II: "Não é irreal nem remota em Religiosos e Religiosas a tentação de abandonar os traços característicos da própria família religiosa para se confundir com os outros e de deixar as obras que realizavam para dar-se ao que se convencionou chamar a 'pastoral direta'. Os fatos parece que já começam a mostrar que a riqueza espiritual da Igreja e de seu serviço ao homem reside na variedade. Há empobrecimento e depauperamento cada vez que todos, sob pretexto de unidade ou impressionados por uma certa prioridade, se põem a fazer a mesma coisa. Oxalá os Religiosos pudessem ajudar a Igreja a continuar presente nos mais variados campos da sua missão pastoral: educação, assistência, cuidado dos doentes, atendimento aos órfãos, exercício da caridade etc."

Não nega o papa que possa haver situações de urgência pastoral que pedem o apostolado de inserção nos meios populares. Mas a opção para uma vida de inserção nos ambientes pobres tem produzido efeitos negativos quando faltam a madurez pessoal, a preparação adequada, a motivação evangélica, a oração comunitária, a integração no próprio instituto e na diocese. Com o peso de sua autoridade afirma-nos agora o papa que, para a Igreja, "é igualmente importante" a vida contemplativa e a atividade dos Religiosos e das Religiosas nos colégios, nos hospitais e em outras formas de ação apostólica.

Por serem os testemunhos vivos dos conselhos evangélicos, não se pode reduzir a missão profética dos Religiosos a um empenhamento exclusivo em projetos de promoção puramente social.

Pede por isso o papa aos bispos do Brasil de acompanhar as iniciativas apostólicas dos Religiosos, apontando-lhes os possíveis desvios, orientando-as esclarecidamente no sentido de se recuperar e promover sempre a genuína natureza da Vida Religiosa como entrega total unicamente a Deus por amor. Auxiliem os bispos os Religiosos e as Religiosas a manterem corajosamente a fidelidade ao carisma dos Fundadores. Desta maneira ajudarão a Igreja a enriquecer-se com a beleza e a variedade dos carismas.

* Bispo de Novo Hamburgo (RS), doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé

^{17-8 90 1530} K Bispos definem texto para Sínodo

WALTER FALCETA JR

BRASÍLIA — Os 13 bispos reunidos na Casa de Retiros Assunção desde terça-feira definiram ontem as propostas que servirão de subsídios ao trabalho dos delegados brasileiros ao Sínodo sobre Formação Sacerdotal. As conclusões foram arroladas em um texto de oito páginas, dividido em 34 tópicos. Antes de transformar-se em documento oficial o texto deverá ser referendado pelo conselho permanente da CNBB, que se reunirá no final do mês. A Assembléia do Sínodo será realizada em Roma, de 3 a 28 de outubro.

As propostas resultaram de um estudo "instrumentum laboris" (instrumento de trabalho) denominado "A Formação dos Sacerdotes nas Circunstâncias Atuais", ela-

borado pela Secretaria-Geral do Sínodo. A análise do documento foi efetuada com o auxílio de representantes da Comissão Regional do Clero e institutos do Brasil. Os bispos querem estimular o "aspecto comunitário" da atividade dos padres e aproximá-los dos problemas que "afligem o povo". "Não é possível que os padres desconheçam problemas como o da defesa do meio ambiente", disse o arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, para quem os seminaristas deviam ter disciplinas que os atualizassem no campo da ciência e da tecnologia. "Também precisamos conhecer melhor as novas mídias", assinalou. "Hoje somos péssimos comunicadores".

Os bispos recomendam ainda que se estude com maior atenção a possibilidade

da ordenação de homens casados. A justificativa é a grande quantidade de comunidades privadas da Eucaristia pela falta de um sacerdote. Entre as propostas, pede-se também que a Igreja reveja os rescritos (autorizações) de laicização dos padres que se casam. "A idéia é diminuir as restrições e reincorporá-las ao trabalho pastoral, mesmo com a determinação de que não rezem missas e ouçam confissões", disse dom Aloísio. "Com esse estudo, vamos melhorar a qualidade dos padres", disse o presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, que é secretário do sínodo. "O sacerdote deve aprender a trabalhar em equipe, ter um contato íntimo com seu povo e entender a dimensão comunitária do trabalho."



As fiéis da Irmandade da Boa Morte: igrejas trancadas na hora da procissão

Discórdia na fé

Dom Lucas rompe com fiéis no nó do sincretismo

Todos os anos, um grupo de mulheres negras e idosas toma as ruas de Cachoeira, cidade baiana de 30 000 habitantes, carregando a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, numa procissão que se repete há 200 anos e que mistura elementos do catolicismo e do candomblé. Manda a tradição que a imagem deve fazer um périplo pelas oito igrejas da cidade. Mais tarde, a irmandade se reúne numa cerimônia secreta — onde os dogmas católicos cedem lugar para o mais puro candomblé. No domingo dia 19, a tradição de dois séculos se rompeu por ordem do cardeal-arcebispo de Salvador, dom Lucas Moreira Neves. Os templos fecharam as portas para a procissão depois de uma briga entre um padre da cidade, Hélio Villas-Boas, de 30 anos, e as fiéis. O padre tentou intervir na irmandade e proibir os rituais africanos em seus cultos. "O padre quer desfigurar nossa irmandade", reclama Estelita Souza Santana, uma das fiéis. Dom Lucas intercedeu em favor do padre Hélio.

Na procissão, as fiéis se sentaram nas escadarias da Igreja de São Cosme e Damião, cujas portas estavam trancadas, e começaram a chorar. Dali, o cortejo seguiu para o templo da Igreja Católica Brasileira, uma dissidência da Santa Sé conhecida por celebrar casamentos entre divorciados. O fato é que a Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte rompeu definitivamente com a Igreja Católica Romana — e continuará a

honrar a tradição popular à distância de dom Lucas. Refregas entre padres e fiéis não são novidade na história da Santa Sé. O caso de Cachoeira, contudo, evidencia a rota de colisão em que se encontram o cardeal primaz dom Lucas Moreira Neves e parte de seu rebanho. A Bahia já teve cardeais como dom Avelar Brandão Vilela, que fazia vista grossa ao sincretismo. Dom Lucas tem o perfil oposto. Ele já tentou proibir o ritual profano da lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim — mas voltou atrás depois que os fiéis reagiram.

BUROCRACIA — Por causa dos tropeços do arcebispo, é praticamente certa sua remoção para um cargo burocrático no Vaticano. Dom Lucas deverá substituir o cardeal italiano Antonio Innocenti à frente da Congregação para o Clero, a repartição da Santa Sé que coordena a formação de sacerdotes. Dom Antonio completou 75 anos na semana passada e deve pedir em breve sua aposentadoria. "Se os fiéis apelam para o sincretismo religioso, isso é culpa do pastor, não deles", disse a J.A. Dias Lopes, correspondente de VEJA em Roma, um bispo do Vaticano que acompanha os descompassos de dom Lucas. O arcebispo fez carreira brilhante em Roma e chegou a secretário da Congregação para os Bispos. Caso se confirme seu retorno para o Vaticano, a história terá final feliz para todos. O papa João Paulo II terá a seu lado um fiel colaborador. Dom Lucas voltará a fazer aquilo de que gosta — trabalhar na burocracia da Santa Sé. E o rebanho da Bahia se livrará de um arcebispo com quem até hoje não tem intimidade. ■



Dom Lucas: intimidade

A verdadeira política

■ RELIGIÃO

8-9-90 M

Dom Eugenio de Araujo Sales *

Reina confusão entre Política, em sua nobre expressão, e a degenerescência dessa atividade. Como tudo que é humano, o joio se infiltra no campo e, às vezes, sufoca o trigo. Essa deficiência não justifica a reprovação do todo como tal. Pelo contrário, há, da parte de muitos, um desejo de purificação para o bem da própria sociedade.



O Concílio Vaticano II, em *Gaudium et Spes* nº 75, chama-se de "a difícil e muito nobre arte da Política". No entanto, seu exercício, repetidas vezes, se distancia da perspectiva que o Concílio nos apresenta. Em consequência, surge o triste quadro que tanto nos envergonha, com pessoas revestidas de mandato popular, utilizando-o no chamado "fisiologismo" ou na prática do enriquecimento ilícito. Entretanto, não se pode condenar a Instituição pelas falhas de alguns de seus membros.

A Igreja tem algo a dizer para corrigir tais distorções. Ao falar, por vezes, é mal compreendida. Muitos confundem com frequência os aspectos negativos das opções partidárias com o elevado conceito de que nos fala o Vaticano II. O pastor tem o dever de orientar seus fiéis para o bem comum. Sem dúvida, no plano eleitoral, constitui abuso aproveitar-se da cátedra do ensino evangélico para indicar nomes a cargos eletivos. Essa atribuição escapa a qualquer sacerdote. Bem diverso, no entanto, é alertar o eleitor para as qualidades exigidas pela consciência cristã na preferência de candidatos ao mandato popular.

Devemos votar. Trata-se de um dever cívico, de um direito pessoal, intransferível que é preciso exercer obedecendo aos princípios morais. Isto significa reagir a simpatias ou antipatias e seguir normas éticas.

Estamos às vésperas de uma eleição que tem sua importância própria. Além da escolha do Chefe do Executivo Estadual, faremos chegar à Câmara Federal e às Assembleias Estaduais os que vão elaborar as leis.

Por isso, há critérios gerais e específicos para o pleito do próximo dia 3 de outubro.

Entre os primeiros, convém relembrar que é indiscutível o candidato ter um passado limpo, uma vida privada e pública realmente dignas. Significa que ele seja, para a comunidade, um testemunho vivo de coerência com os valores cristãos. Evidentemente, em igualdade de condições, a preferência recai sobre o católico que pratica sua Fé. Contudo, o simples fato de ser membro ativo da Igreja não supre os requisitos indispensáveis

ao exercício eficaz do mandato. O Concílio se refere a essas exigências com as seguintes palavras: "Os que são aptos ou podem tornar-se aptos" (*Gaudium et Spes* nº 75). A capacidade para o desempenho da função legislativa é essencial.

Em segundo lugar, todo e qualquer candidato deve ser dotado de acentuada sensibilidade social. A profunda diferença entre ricos e pobres, no Brasil, com a

Não se deve esquecer o papel preponderante que eles poderão ser chamados a desempenhar, em decorrência do plebiscito de 1993. Neles, será definida a opção entre o regime presidencialista e o parlamentarista. Na segunda hipótese, aos eleitos em 3 de outubro caberá a decisão histórica de influir na escolha do primeiro-ministro e na formação de todo o Ministério. Em outras palavras, colaborarão, intimamente, nos rumos do Executivo. O presidente da República representará a nação, liberado dos problemas da administração pública.

Diante disso, emergem algumas conclusões. Ir votar, não se abster é uma delas. Podemos contribuir para um homem de bem ocupar um lugar, no Governo do estado ou no Poder Legislativo estadual e federal. Os exemplos que possam ser deprimentes nesse campo, não nos liberam de lutar em favor de pessoas honestas em substituição aos relapsos.

Como católicos, temos a obrigação de seguir nossa consciência, que nos orienta na escolha, diante dos requisitos impostos pelo Evangelho.

A Igreja, como tal, não se envolve no processo eleitoral. Mas seus filhos, como cidadãos, com liberdade e responsabilidade, cooperam com o bem comum, exercendo seus deveres no próximo pleito.

Essas observações não devem ser consideradas como intromissão indebita. Simplesmente são o cumprimento da missão pastoral, em razão do bem espiritual e material de nossos fiéis.

Evidentemente, a eficácia do que fazemos depende da ajuda divina. Rezemos para que sejam eleitos homens dignos, que sirvam a Deus e a seus irmãos.

* Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro

miséria assolando parte ponderável de nossa população, clama aos céus. O recente relatório do Banco Mundial sobre a pobreza, nos países em desenvolvimento, revela um baixo nível econômico-social de elevada taxa de nossa população. Trata-se de uma constatação de suma gravidade, de anomalia que salta aos olhos. São irmãos nossos, filhos do mesmo Deus, que se encontram em situação deplorável, neste país de grande riqueza. O povo confere aos seus representantes uma delegação, pelo voto, para que colaborem na

solução desse importante problema. Não é digno de nosso sufrágio o parlamentar que, uma vez eleito, se esquece dos compromissos sociais assumidos. O Vaticano II, falando da política, diz: "Preparem-se para ela e procurem exercê-la, sem pensar no interesse próprio ou em vantagens materiais" (idem).

Em terceiro lugar, além de critérios gerais, há os específicos para esta próxima eleição. A nova Constituição prevê atribui-

ções decisivas ao Poder Legislativo, no processo político brasileiro. Será incumbência dos deputados federais, completar a Carta Magna. Esta deixou inúmeros assuntos, da maior significação, para serem regulamentados por leis complementares ou ordinárias. É necessário terminar a obra inacabada e isso será um encargo dos futuros congressistas. A opção dos eleitores deverá tomar em consideração essa exigência.

A Igreja não se envolve no processo eleitoral. Mas seus filhos, como cidadãos, devem exercer seus deveres no próximo pleito

6-10-90 Pm

Sínodo episcopal

Luciano Mendes de Almeida

Realiza-se em Roma, durante o mês de outubro, a 8ª Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos para aprofundar o tema da formação sacerdotal.

A palavra sínodo, derivada dos termos gregos "syn", que significa "juntos", e "hodos", que se traduz por "caminho", expressa a idéia de "caminhar juntos". Um sínodo é, pois, a assembléia na qual bispos, reunidos com o santo padre, têm a oportunidade de colocar em comum informações, partilhar experiências com a finalidade de encontrar soluções pastorais para o bem da Igreja Universal.

O papa Paulo 6º, na sessão final do Concílio Vaticano 2º, comunicou a sua intenção de instituir o sínodo episcopal para assegurar a contínua colaboração do episcopado com o papa na vida da Igreja. É de natureza consultiva e, de modo ordinário, realiza-se a cada três anos. A última assembléia geral ordinária, em 1987, tratou da "Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo".

Integram o sínodo bispos escolhidos pelas conferências episcopais, outros designados pelo direito e ainda os nomeados diretamente pelo romano pontífice.

O regulamento assegura às conferências o direito de eleger representantes proporcionais ao número de bispos. Ao Brasil coube escolher quatro bispos: d. Jaime Chemello, cardeal Aloisio Lorscheider, d. Valfredo Tepe e o presidente da CNBB. O santo padre nomeou o cardeal Lucas Neves para o relator oficial do sínodo. O cardeal José Falcão é membro de escolha pontifícia.

Estão presentes ao sínodo 154 bispos representantes das conferências episcopais, 38 de indicação pontifícia, 19

cardeais dos dicastérios da Cúria Romana e dez superiores gerais de institutos religiosos. São 221 membros com direito à voz e voto. Há ainda 31 presbíteros, convidados especiais, quatro leigos e sete mulheres que terão oportunidade de falar em plenário e nos grupos de estudo. O santo padre comparece a todas as sessões.

O tema sinodal sobre a formação sacerdotal nas circunstâncias atuais resulta de ampla consulta feita, com antecedência de dois anos, às conferências episcopais. Um esquema de estudo serviu para colher as colaborações dos episcopados. Elaborou-se então um instrumento de trabalho que serve de base para as atividades iniciais da Assembléia Sinodal.

Nesta primeira semana houve apresentação sobre a história dos sínodos, e testemunhos sobre a experiência desses 25 anos nos cinco continentes. D. Aloisio Lorscheider analisou a influência dos sínodos em toda a América. Coube a d. Lucas Neves fazer a exposição sobre o tema principal, que mereceu especiais elogios do santo padre.

Seguiu-se a fase de palavra livre: cada membro sinodal tem direito a apresentar sua contribuição durante oito minutos no plenário e a publicar nos anais o texto integral. Houve, até o momento, 62 intervenções comentando a identidade do presbítero à luz do ministério de Jesus Cristo, as dificuldades e desafios que enfrentam, a formação inicial e permanente. Esta fase se estenderá até 12 de outubro. A seguir, até 28 de outubro, o trabalho será feito em círculos para elaboração de propostas que serão amplamente examinadas, discutidas e votadas pelos membros sinodais.

O elenco final será entregue ao santo padre como contribuição consultiva do sínodo. As comunidades cristãs estão convidadas durante este mês a acompanhar com oração a realização do sínodo, mostrando seu interesse pelas vocações sacerdotais, sua formação e a vida e ministério dos presbíteros.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

8/11/90 Globo

Sínodo: brasileiro criou a polêmica

EDUARDO TESSLER
Especial para O GLOBO

CIDADE DO VATICANO — Na primeira fase do Sínodo dos Bispos, a proposta do brasileiro Valfredo Bernardo Tepe, de Ilhéus, de revisão do princípio do celibato sacerdotal foi o item mais surpreendente de uma semana cheia de discussões sobre a formação do padre nos dias de hoje. Dom Valfredo acha que a Igreja deve permitir que homens casados também sejam padres. Complementando a idéia, o cardeal francês Albert Decourtray, acredita que a função da mulher também deve ser repensada.

Se a proposta de Tepe chocou os bispos mais tradicionais e conservadores, encontrou aceitação entre os mais jovens e continuou a ser discutida até sexta-feira, quando a segunda fase começou. Mas logo apareceu o bispo escocês Vincent Logan, que foi duro:

— Um certo liberalismo difuso na Igreja faz com que o celibato seja posto em discussão. Mas não deve ser assim. O celibato é um valor indiscutível — afirmou.

A réplica do bispo escocês ganhou apoio de um casal de especialistas que acompanha o Sínodo, os psicólogos franceses Jacques e Anne Gagey,

que têm dois filhos padres. Para eles, a psicanálise não tem nada contra o celibato, como chegou a ser dito, e acham mesmo que a família deva ver desdecido a tendência do jovem para seguir a função de sacerdote, aconselhando-o a seguir os princípios da Igreja.

Proposta original foi a do Bispo da Ucrânia, Stephen Sulyk, radicado nos EUA. Ele acha que é preciso criar um "banco teológico", da mesma maneira que existe banco de dados e banco de sangue. A idéia é ter sempre um grupo de professores qualificados nas disciplinas eclesiológicas, para transmiti-las aos países do Leste europeu, que ficaram muito tempo sem a religião católica.

Os trabalhos se desenvolvem em grupos, de acordo com o idioma desejado. O Papa João Paulo II fez um apelo para que se use mais o latim, porém apenas três dos 238 padres sinodais optaram por este grupo. Os outros preferiram uma língua de maior conhecimento para discutirem a primeira pauta coletiva: a função da mulher na formação dos novos sacerdotes. E pela tendência dos debates, ela deve ganhar mais espaço nos seminários, podendo mesmo ensinar teologia. Isso deve ser o primeiro passo para permitir a ordenação de sacerdotes casados.

13-10-90 P11

Sínodo episcopal (2)

Luciano Mendes de Almeida

A semana de trabalhos, em Roma, foi dedicada às intervenções dos membros do sínodo. Usaram da palavra, até o momento, 212 bispos e superiores maiores. Três sessões foram destinadas a ouvir convidados especiais. Trataram de temas como a experiência de pais na vocação dos filhos, o testemunho do trabalho paroquial e grupos de jovens no acompanhamento vocacional, a contribuição dos leigos, a formação filosófica e teológica. O ambiente do sínodo é de cordialidade e de grande abertura nas intervenções. A língua oficial continua sendo o latim, mas, graças ao serviço de tradução simultânea, são muito usadas a língua inglesa, francesa, italiana e o espanhol.

Uma característica deste sínodo é a presença dos representantes do Leste europeu. Quando falam são aplaudidos. Referem-se ao clima novo de liberdade religiosa. Descrevem os esforços feitos pela formação do clero nos tempos de restrição. Nesses países aumentam as vocações. Pela primeira vez está presente o bispo de Minsk, da União Soviética. Até o momento não puderam comparecer os prelados da China, Vietnã, Laos e Camboja.

Outro aspecto marcante é a intensa participação dos 43 bispos africanos. Descrevem a atividade pastoral das igrejas jovens. As vocações crescem. Um dos problemas que enfrentam é o número insuficiente de formadores.

Quanto à temática, sobressai a afirmação da identidade do padre, na sua relação peculiar a Cristo, de quem é ministro, servidor. O presbítero é chamado a tornar visível em sua vida a missão de Cristo, profeta, sacerdote e pastor. A exemplo dos apóstolos, deve haver um vínculo de amizade entre o discípulo e o Mestre. É esta experiência de união entre o presbítero e Cristo que explica a dedicação pastoral na variedade dos serviços.

Entre os desafios maiores para o ministério sacerdotal encontramos a urgência de anunciar os valores transcendentais a um mundo marcado pelo agnosticismo, materialismo e permissividade moral. É preciso pregar a boa nova de Jesus Cristo, estendendo-a às necessidades do momento: a paz para o Líbano, o Oriente Médio e outros países, a consolidação da liberdade religiosa nas regiões sob regime ateu, a justiça social em bem do Terceiro Mundo e grupos de migrantes e profugos, o combate aos tóxicos. Torna-se cada vez mais indispensável o diálogo entre cristãos e membros das grandes religiões.

Quanto à formação nos seminários, vários bispos insistiram na necessidade de oferecer aos candidatos melhores condições de crescimento espiritual na oração, no discernimento da própria vocação que permita uma escolha livre e consciente da missão e das obrigações do presbítero. O celibato requer uma opção madura à luz da fé. Além dos estudos de filosofia e teologia, é preciso que haja o testemunho de formadores, o apoio do presbitério, a colaboração dos leigos e um respeito às exigências da inculturação. Terminado o seminário, não acaba o empenho com a própria formação. O sínodo realça que o padre deve continuar, através da vida, o esforço de renovação permanente.

O sínodo, ao focalizar a pessoa e a vida do padre, pretende não só reconhecer o mérito dos pastores de comunidade, mas preocupa-se com a inteira comunhão eclesial. O padre não existe para si. Ele é chamado, a exemplo de Jesus Cristo, a dedicar-se ao bem de seus irmãos. A próxima fase do sínodo terá como tema de estudo em grupos o segundo relatório apresentado por d. Lucas Moreira Neves. Serão elaboradas propostas para debate e aprovação na última semana. Pedimos às comunidades que acompanhem o sínodo com suas orações.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

Arcebispo defende maior diálogo entre o judaísmo e o catolicismo

Da Reportagem Local

O arcebispo australiano Edward Cassidy, 66, presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos e da Comissão Vaticana para as Relações Religiosas com o Judaísmo, disse ontem que espera que o diálogo entre católicos e judeus "não fique só entre líderes religiosos, mas tenha efeitos sobre os povos". Cassidy veio ao Brasil para comemorar os 25 anos de divulgação do documento do Concílio Vaticano 2º "Nostra Aetate" (Nossa Época), que incentiva o diálogo entre o catolicismo e religiões não cristãs.

O arcebispo terá hoje encontros com lideranças judaicas para discutir propostas sobre o diálogo religioso. Temas polêmicos serão debatidos, como o ressurgimento de focos de anti-semitismo no Brasil e o reconhecimento do Estado de Israel pelo Vaticano.

Cassidy participou ontem à noite de um culto em ação de graças no Colégio Sion, em Higienópolis (região central de São Paulo), promovido pela Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A Comissão de Diálogo foi criada pela CNBB em 1981. É composta de cinco membros católicos e cinco representantes da comunidade judaica.

Para Cassidy, o reconhecimento do Estado de Israel é um problema do Secretariado de Estado do Vaticano e deve ser discutido entre os dois governos.



O arcebispo australiano Cassidy (à esq.) e o rabino Henry Sobel

Segundo ele, houve "progressos" nas relações entre judeus e católicos nos últimos 25 anos. Cassidy diz que o exemplo de diálogo obtido entre judeus e católicos no Brasil "deve ser repetido em outros países".

Ele afirmou que a Santa Sé, às vésperas do Concílio Vaticano 2º, eliminou da liturgia expressões que poderiam fortalecer "aspectos negativos" na relação entre judeus e católicos. Conforme o arcebispo, o avanço obtido no diálogo entre as comunidades judaica e católica no Brasil e também em países como os Estados Unidos e Alemanha pode representar "um fim nas manifestações anti-semitas".

"Vamos tentar superar alguns problemas do passado, que eram caracterizados pela falta de compreensão e por suspeitas entre as duas partes." Segundo o arcebis-

po, a Santa Sé se empenha para fortalecer essas relações. Ele citou, como exemplo, a visita do papa João Paulo 2º à Grande Sinagoga de Roma, em 85. "Nesses anos, João Paulo 2º fez mais de 30 discursos e manifestações sobre o relacionamento entre judeus e católicos." O diálogo, segundo Cassidy, "é um grande passo para a maior compreensão entre todos os povos".

Henry Sobel, 46, rabino da Congregação Israelita Paulista e um dos coordenadores da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, afirmou que a maior ameaça à paz mundial "é o fundamentalismo religioso e o resultante radicalismo político". Segundo ele, "não pode haver paz se não houver a disposição de se escutar um ao outro". Em sua opinião, não há paz sem diálogo "e isso é uma verdade no Golfo Pérsico e no Oriente Médio".

Igreja não quer o

FOLHA DE S. PAULO

Quarta-feira, 28 de novembro de 1990 cidades C

Cristo em anúncio de maiô

Da Sucursal do Rio

A Arquidiocese do Rio de Janeiro solicitou ao Conar (Comitê Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária) a suspensão de um anúncio que utiliza a imagem do monumento do Cristo Redentor. Produzido pela agência Lage Stabel & Magy, de São Paulo, para a confecção Del Sol, o anúncio mostra o Cristo com uma das mãos sobre o rosto, com os dizeres: "Ai, meu Deus. Chegaram os maiôs Del Sol."

O monumento do Cristo Redentor (zona do sul do Rio) é propriedade da Arquidiocese. Após sete meses em reforma, o Cristo será reaberto dia 10 de dezembro. As obras já estão concluídas e custaram US\$ 2 milhões. O assessor de imprensa da Arquidiocese, Adionel Carlos da Cunha, 49, disse que o anúncio é um "abuso da utilização de símbolos

religiosos". Ele afirmou que também será tentado um acordo com a confecção, sediada em Fortaleza (CE).

A presidenta da Lage Stabel & Magy, Magy Imoberdorf, 43, disse ter ficado surpresa com a reclamação. "Nossa intenção não foi ofender a Igreja. É apenas um anúncio de maiô". Segundo ela, a campanha foi iniciada dia 15 e termina sexta-feira, sem previsão de renovação. Magy disse que a campanha utiliza 1.200 outdoors em todo o Brasil, com cerca de 200 no Rio.

O diretor-executivo do Conar, Ednei Narchi, 41, disse que não há previsão de quando será julgado o pedido. A agência e o anunciante serão convocados para prestar esclarecimentos. Segundo Narchi, a Arquidiocese se baseou em dois artigos do Código Brasileiro de Auto-Regulamentação Publicitária. O artigo 19 diz que

"toda atividade publicitária deve caracterizar-se pelo respeito à dignidade da pessoa humana, à intimidade, ao interesse social, às instituições e símbolos nacionais, às autoridades constituídas e ao núcleo familiar". O artigo 20 afirma que "nenhum anúncio deve favorecer ou estimular qualquer espécie de ofensa ou discriminação racial, social, política, religiosa ou de nacionalidade". Narchi disse que, há cerca de três anos, dois anúncios foram suspensos por motivos religiosos.

No ano passado, a Arquidiocese conseguiu liminar proibindo o uso de símbolos religiosos por escolas de samba, como o "Cristo Mendigo", que abria o desfile da Beija-Flor. A liminar foi revogada na véspera do desfile. A Arquidiocese alegou que o Carnaval, uma "festa pagã" não poderia ter símbolos religiosos.

(Luiz Carlos Mansur)



Outdoor que provocou a reação da Arquidiocese do RJ e o monumento do Cristo Redentor ao fundo

Governo decide antecipar reunião do "entendimento" para o dia 3

Da Sucursal de Brasília

A próxima reunião do "entendimento nacional" será realizada na segunda-feira, dia 3 de dezembro. A data foi acertada ontem em encontro entre os ministros da Justiça, Jarbas Passarinho, 70, e da Economia, Zélia Cardoso de Mello, 37. A reunião estava prevista inicialmente para hoje, mas foi adiada a pedido dos empresários e trabalhadores.

Ela foi transferida a princípio para 6 de dezembro, conforme anunciou Passarinho na segunda-feira, para permitir que as lideranças empresariais e trabalhistas tenham tempo para encontrar uma saída de consenso para a questão salarial. Ontem, Zélia pediu ao ministro da Justiça a realização do encontro no dia 3.

A antecipação permitirá que o encontro aconteça antes do "esforço concentrado" do Congresso, que irá dos dias 4 a 15 de dezembro. A idéia é apressar as discussões para que haja prazo suficiente para o governo negociar com as lideranças dos partidos no Congresso, caso as conversações com empresários e trabalhadores tenham êxito.

Dois outros motivos pesaram na decisão: a informação passada ao governo sobre a possibilidade de empresários e trabalhadores chegarem a um acordo até domingo; e o desejo de Zélia de restabelecer o quanto antes as conversas com os interlocutores do "entendimento" para acalmar o mercado e tentar reverter as expectativas inflacionárias para os próximos meses.

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, esteve ontem com o presidente Fernando Collor, 41, para reafirmar o apoio da Igreja Católica ao "entendimento nacional", nome dado pelo governo à atual tentativa de pacto social. "Cada parte tem que dar o melhor de si, nesta ocasião tão importante para o país", disse d. Luciano, após a audiência com o presidente.



D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, no Planalto

Dom Luciano defende maiores concessões dos empresários "em favor dos necessitados e daqueles que sofrem com o desemprego". Ele também é favorável à prefixação dos salários, desde que ela seja estendida aos preços. Passarinho disse ontem que o governo não deve apresentar qualquer proposta salarial na reunião de segunda-feira.

CEED

S
a
c
i-
d
o
r
i-
o
r
i-
o
r
i-
o

Dom Fer

Santo Amaro

O clero e os fiéis da diocese de Santo Amaro estão convidados para a comemoração do aniversário de dom Fernando Antonio Figueiredo. No próximo dia 1º, ele completa 51 anos. A comemoração será em dois momentos. Primeiramente o presbitério se reúne com dom Fernando às 11h, no seminário diocesano. Depois, às 16h, será celebrada missa de ação de graças na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, com a presença de todas as comunidades.

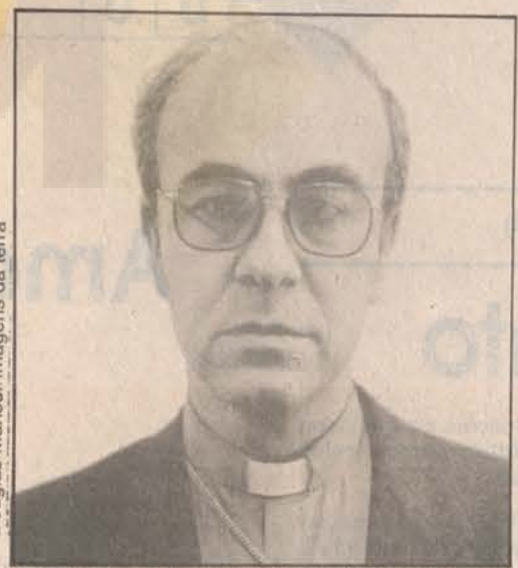
Mineiro de Muzambinho, dom Fernando ordenou-se sacerdote franciscano em 1967. Estudou ciências econômicas na Universidade Católica do Paraná e Filosofia e Teologia nas casas de formação da sua Ordem. Fez também estudos de Teologia no Instituto Católico de Lyon, França, licenciando-se em 1969. Em Roma doutorou-se em Teologia em 1972.

Dom Fernando foi professor durante 12 anos no Instituto Teológico da Ordem Franciscana em Petrópolis, lecionando Teologia Dogmática e Patrística. Em 1964, assumiu o cargo de mestre de formação e orientação pastoral dos jovens franciscanos. Lecionou também em cursos intensivos em institutos teológicos de todo o Brasil. Foi ainda pároco de final de semana em Piabetá, na Baixada Fluminense.

Antes de assumir a Diocese de Santo Amaro, dom Fernando foi bispo da Diocese de

Dioceses 291 111 91 150

nando aniversaria



Douglas Mansur/Imagens da Terra

Dom Fernando é mineiro de Muzambinho

Teófilo Otoni, local onde foi sagrado bispo em 1984, pelas mãos de dom Paulo Evaristo. Para dom Fernando, a Diocese de Santo Amaro, com cerca de 2 milhões de habitantes, está se organizando pastoral e administrativamente. No campo da pastoral toda ênfase é dada às diversas atividades de evangelização, fortalecendo as comunidades e paróquias. "Sentimos a necessidade de criarmos novas comunidades e paróquias", diz. No campo da administração se trabalha para obter a infra-estrutura básica visando o bom desenvolvimento da diocese. Exemplo disso é a construção do novo seminário, da

cúria e de igrejas. "Posso asseverar — diz dom Fernando — que há uma comunhão verdadeira no presbitério da diocese e está se tornando sempre mais realidade a comunhão com os religiosos que atuam na diocese".

Dom Fernando continua: "Vejo grandes desafios a enfrentar num futuro bastante próximo. Por exemplo, o número diminuto de padres e paróquias. Ainda poderíamos dizer que estamos alcançando uma visão mais harmônica do conjunto da Diocese, de modo que um posicionamento de confronto, em que os antagonismos prevaleçam começa a ser menos acentuada. Em suma, busca-se mais intensamente que outrora a unidade, fazendo emergir conceitos que realçam a convergência e experiências que nos levem a uma maior comunhão".

Para dom Fernando a realidade social da periferia é um desafio. Trata-se de uma realidade triste e angustiante. "São tantas as crianças abandonadas, adolescentes de rua, famílias sem lar e jovens sem futuro". Outros desafios são o desenvolvimento de Comunidades Eclesiais de Base, das diversas pastorais — família, juventude — e a coordenação de todos os movimentos existentes na diocese.

Dom Fernando além de bispo da diocese de Santo Amaro, é membro da Comissão Episcopal de doutrina da CNBB e responsável pelo Secretariado de Cultura e da Seção do Diálogo com os Não Crentes da Comissão Episcopal Latino-Americana (CELAM).

Diocese prepara o seu

São Miguel

Nesta sexta-feira, 30, na Casa de Encontros, o Secretariado Diocesano de Pastoral, as coordenações setoriais e as equipes diocesanas de pastoral se reúnem para o estudo e a aprovação do calendário de atividades pastorais para o próximo ano.

Novena de Natal — As comunidades e grupos da diocese já estão, com animação e fé, encontrando-se para celebrar a Novena de Natal que, neste ano, tem como tema "Vem, ó imagem de Deus!". O subsídio da novena já foi distribuído às comunidades e grupos e tem como eixo a "esperança que nos compromete com a nova evangelização", ajudando os participantes a celebrarem a

calendário de atividades

presença do Deus da vida, que sempre vem ao nosso encontro, levando-nos a assumir um compromisso de vida uns com os outros.

Retiro setorial — Um grupo de agentes de pastoral do Itaim estará em retiro neste final de semana, em Solemar, para uma revisão de vida e do trabalho pastoral, e para buscar luzes para a caminhada do próximo ano.

Cotidiano da mulher — "Por todas as mulheres que tecem o miúdo da vida" é o nome da fita cassete produzida pelo Cemi — Rádio do Povo, com poesias, músicas e programas sobre a mulher. Na fita duas mulheres de fé e luta da diocese contam experiências do seu cotidiano. Para adquirir a fita é só entrar em contato com o Cemi, telefone 297-6388. O valor da fita é Cr\$ 400,00.

Bispo revela que evangélico quis comprar catedral

30-1-1980 CFP

PORTO ALEGRE — Dom Boaventura Kloppenburg, bispo de Novo Hamburgo, afirmou ontem que a Igreja Universal do Reino de Deus tentou comprar, em setembro, a catedral da cidade. "Não me recordo do nome do pastor, mas ele disse que sua igreja precisava adquirir um grande espaço do centro de Novo Hamburgo", disse o padre Laerte Vieira, administrador da diocese. "Eu deveria fazer um preço a escolher a moeda em que receberia o pagamento."

Dom Kloppenburg classificou a proposta de "petulante" e disse que não estava na cidade quando ela foi feita. "Nossa vontade seria de pedir uma soma que desse para pagar a dívida externa do Brasil", brincou. A Igreja Universal pertence ao pastor Edir Macedo, radicado em Nova York.

Dom Boaventura Kloppenburg divulgou ontem para os 300 bispos brasileiros um documento de 50 páginas acerca do avanço das seitas pentecostais no País. Denominado "Terra de Missão", o texto propõe aos católicos uma cruzada de catequese e reservem posição secundária a questões sociais, como a dos sem-terras.

"Temos problemas religiosos de primeira ordem para tratar, mas os problemas sociais cabem ao governo", disse o bispo. "Daqui a pouco vamos ter sem-lojas e sem-fábricas."

O vírus da imoralidade

1-12-90 W

Dom Eugenio de Araujo Sales*

Na recente Feira da Providência foi montado um stand denominado *Luta pela vida*. Uma iniciativa do Banco da Providência, através do setor que cuida do problema de Aids. Esse ambulatório promoveu, durante os quatro dias do evento, uma pesquisa para avaliar o grau de informação sobre a mortífera doença entre a população do Rio de Janeiro. Foi cuidadosamente preparado um questionário com 23 itens e entrevistadas 7.760 pessoas de todas as camadas sociais, idades e níveis de instrução.



A aceitação foi excelente, o que levou a estendê-lo, em semana posterior, quando da realização, no subsolo da catedral, da chamada "Feirinha da Providência". O total geral subiu a 8.287 respostas.

A primeira conclusão, deduzida pelas filas na barraca *Luta pela vida*, foi a existência de grande preocupação em buscar conhecimento em fontes fidedignas sobre a enfermidade.

Do total de entrevistados, 39,3% possuíam curso superior, completo ou não. E 36,9% com o 2º grau. Somente 24,6% tinham conhecimento da doença e apenas 2,8% responderam corretamente a todo o inquérito. Portanto, ampla maioria está mal informada.

Em consequência de falsas idéias sobre a transmissão (50%), alta é a discriminação dos aidéticos.

Outro aspecto perigoso da realidade é que 68,3% acreditam erradamente que estão protegidos do contágio por via sexual, mediante o uso de preservativos.

O resultado do inquérito chegará às mãos das autoridades e interessados como uma contribuição desta Arquidiocese

se ao Dia Mundial da Aids, que ocorre a 1º de dezembro.

A informação sobre a enfermidade faz parte da estratégia para combatê-la.

Qual a situação no mundo e no Brasil?

Conforme dados da Organização Mundial de Saúde (*In the point of fact*, Genebra, junho de 1990), o quadro é inquietador. Até o primeiro semestre de 1990, havia mais de 250.000 pessoas doentes, em 150 países. Esta era a cifra de aidéticos, notificada à Organização Mundial de Saúde. Dadas as deficiências das comunicações, calcula a entidade que devem ser acrescentados mais 700.000. E a previsão para o ano 2000 é de 5 a 6 milhões.

Os infectados pelo vírus, sem ainda se manifestar a doença, estimam-se em 6 a 8 milhões de pessoas, hoje. Até o ano 2000, um total de 15 a 20 milhões.

No Brasil, o número de casos comunicados, até junho último, é de 11.897, sendo que 7.802 por transmissão sexual. Importa lembrar que esta informação está muito aquém da realidade e se refere somente aos já enfermos. O número de apenas portadores do vírus calcula-se ser, aproximadamente, 100 vezes maior.

Das 11.897 pessoas oficialmente registradas como aidéticas, cerca de 5.957 já morreram.

É bastane inquietador que, nas próximas décadas, seja muito pouco provável a estabilização ou redução do mal. Igualmente assustador é saber que nenhuma droga experimentada até o momento se constituiu em terapêutica curativa de Aids. Apesar das pesquisas, as perspectivas de uma vacina contra o vírus, eficaz e disponível em larga escala, são ainda remotas.

Que fazer?

O Dia Mundial da Aids nos chama a atenção para a gravidade desse flagelo que se assemelha, pelos danos provocados na antiguidade e em tempos mais recentes, ao da peste.

A consciência de ser ela incurável e de as perspectivas de descoberta de medicação estarem ainda remotas fica acobertada por um silêncio compromete-

dor. Parece incrível em muitas campanhas não se fazer alusão aos perigos do homossexualismo, da mudança de parceiros etc. Para as pessoas de Fé, há necessidade urgente e inadiável de uma profunda mudança no comportamento sexual, um retorno à moral cristã, que, no caso, também é a lei inscrita no coração de todo homem.

Há o dever de reforçar o acolhimento fraterno aos necessitados. O aidético se inclui, de pleno direito, entre aqueles que merecem ser objeto da caridade no seu conceito mais elevado. Importa preservar sua dignidade de cidadãos e filhos de Deus. Perniciosa na busca desse objetivo é qualquer atitude alarmista, fruto de falsas notícias sobre a transmissão. Esta é bem restrita e pode facilmente ser evitada.

O grande fator de desenvolvimento da Aids é não ir à raiz do problema e a propaganda de meios que, na realidade, mais promovem do que evitam essa moléstia.

A transmissão da enfermidade se dá através do sêmen em homossexuais e, nos heterossexuais, também pela secreção vaginal, além da contaminação pelo sangue (as transfusões e, no caso de usuários de drogas endovenosas, as seringas). A luta contra o perigo deve-se concentrar, em grande parte, no comportamento sexual.

Insiste-se nos preservativos. Como sua eficácia não é integral, ao estimular seu uso, multiplicam-se os atos sexuais promiscuos. Assim, resulta no aumento da transmissão. Muitos, confiados na falsa propaganda, em vez de buscarem coibir seus instintos, alimentam-nos e, com isto, cresce o risco da Aids.

O combate ao uso das drogas injetáveis e a severidade no exame de sangue são elementos valiosos nessa batalha.

Neste Dia Mundial da Aids continuamos a ouvir falar desse mal, de seus perigos, mas paira um silêncio criminoso sobre o principal fator de sua propagação: a imoralidade, estimulada pelos mais variados e eficazes meios. "São cegos guiando cegos e ambos caem no precipício" (Mt 15, 14).

* Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro

Silêncio nos lugares sagrados

8-12-90 JC
DOM EUGENIO DE ARAUJO SALES

CARDEAL ARCEBISPO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Diz a Sagrada Escritura: "Há tempo de calar e tempo de falar" (Sirácida 3,7). A muitos cristãos se aplica essa advertência bíblica. Ao entrar em certos templos, o modo como alguns procedem revela falta de Fé na presença eucarística e desconhecimento das exigências de um lugar sagrado. Dentro, continuam o entretenimento iniciado fora, na rua, como se tudo fosse banal. Outras vezes, a palestra, mesmo a meia voz, serve de passatempo, enquanto aguardam o ato litúrgico. A casa de oração é transformada em lugar de conversação. E isso acontece também entre pessoas que deveriam servir de exemplo.

Mais grave ainda, quando esse comportamento ocorre durante celebrações religiosas. Importa valorizar o silêncio nessas ocasiões e lugares. Ele também significa nossa condição de pecador. É o que se deduz dessa passagem de São Paulo, na Epístola aos Romanos (3,19): "Toda a boca se cale e o mundo inteiro se reconheça réu em face de Deus".

O Senhor no Sacrário das igrejas pede o recolhimento pessoal e da comunidade. Há muitas outras oportunidades de os homens se encontrarem. No templo o relacionamento é com Deus. Manifesta-se de vários modos, pela genuflexão bem feita diante do Santíssimo, pela postura corporal, aproveitamento do tempo com a oração e, em particular, com a homenagem que a criatura presta ao Criador guardando o silêncio respeitoso nos atos religiosos ou fora deles. Lemos no Evangelho de São Lucas (9,36) que, ao ser revelada a divindade de Cristo na transfiguração do Tabor, "os discípulos mantiveram silêncio".

O profeta Habacuc (2,20) nos adverte: "O Senhor reside na sua santa morada. Cale-se toda a terra diante dele". Sofonias (1,7) insiste no mesmo sentido: "Silêncio na presença do Senhor". Em outras passagens a Sagrada Escritura insiste nesse tema.

Um fator que induz à infração de tal dever diante de Deus nos lugares sagrados — e, principalmente, na ocasião das cerimônias — é o esforço por promover uma vivência comunitária. Como a prática religiosa, antes do Concílio Vaticano II se ressentia de uma forte influência individualista, busca-se expandir uma visão mais conforme à própria natureza da Igreja. Formamos um só corpo, cuja cabeça é Cristo. Nossas ações devem refletir essa perspectiva, não ficando, assim, reduzidas a atitudes isoladas. Para alcançar esse objetivo recomenda-se, exageradamente o que diz respeito ao próximo. Não se excluiu dessas atitudes o templo e o que nele ocorre. Com boa vontade, embora mal disciplinada, foram sugeridas ruidosas manifestações estranhas às justas aclamações, aliás previstas pelas normas litúrgicas. Nesse campo é fácil passar do correto ou razoável para o excesso. Este impede o clima de oração e ofende a santidade do lugar, o que é bem diverso de uma entusiástica participação, no júbilo coletivo, por razões pias. Essa matéria, evidentemente, não se mede pelo ruído, mas pelos motivos que o provocam. A glória de Deus merece calorosos aplausos, como exige a supressão

até de murmúrios, quando profanos.

Esas considerações nos levam a especificar algumas circunstâncias para melhor compreensão. Na Santa Missa, o momento da paz por vezes se converte em balbúrdia inaceitável. Pelas diretrizes litúrgicas essa saudação é feita aos mais próximos. Em algumas igrejas, os excessos levam a uma agitação generalizada entre os participantes. O ambiente sagrado, imediatamente antes da Santa Comunhão, é prejudicado.

Certos cânticos podem ser classificados como oportunos, em festejos e outros lugares que não o templo sagrado. O Santo Sacrifício não é ocasião para protestos político-ideológicos, através de canções. Igualmente, a "Oração dos fiéis" não se destina a um momento de criticar ou de difundir determinadas posições, à margem da sacralidade do ato que se realiza.

Os batizados e, principalmente, a celebração do casamento são, não raras vezes, uma real profanação do lugar sagrado. Qualquer pessoa que possua mediana educação doméstica — nem direi religiosa — jamais terá um comportamento não condizente com o ato e a Casa de Deus. Mesmo desprovido de Fé, possuindo bom senso e respeito aos sentimentos do próximo assumirá uma atitude respeitosa ao lugar onde se encontra. Ninguém é obrigado a ir, mas se, livremente, ali está, subentende-se que aceita as regras comezinhas da boa convivência humana.

Esses exemplos e outras circunstâncias sugerem a necessidade de inculcar a importância do sagrado, neste mundo que desconhece cada vez mais os valores religiosos.

Qual a metodologia a ser utilizada na preservação de um ambiente verdadeiramente adequado à santidade de nossos templos? A primeira medida seria fortalecer o espírito de Fé. A crença bem viva na infinita grandeza de Deus é que nos leva a respeitá-lo. E o silêncio é uma manifestação desses nossos sentimentos. Ao penetrar nos umbrais da Casa do Senhor, por mais humilde e pobre que seja, tenhamos presente a grandeza espiritual do lugar..

Um outro recurso é ter bem viva a responsabilidade de dar um exemplo cristão ao próximo, principalmente às crianças e pessoas afastadas da Fé ou alheias a ela. Esse trabalho educativo cabe, de modo especial, aos que se acham naturalmente vinculados à Igreja. Esse comportamento é mais eloqüente que uma exortação ou apelo.

Muitos poderiam perguntar por que tratar desse assunto, quando há outros, aparentemente de maior gravidade e importância. A resposta é simples: tudo o que se refere a Deus é valioso e oportuno. Além disso, o cuidado com as necessidades materiais do nosso próximo será mais eficaz quando elas estão vinculadas ao seu progresso espiritual. Este é um alicerce sólido sobre o qual se possibilita a edificação de uma obra social duradoura e eficaz.

Louvemos ao Senhor com os lábios e também com o coração na Casa de Deus. Esta é uma eloqüente manifestação de nossa Fé.

Campos terá ho

Dom João Corso assume diocese em que bispo

Borges Neto

Algo mais marcante que o rito da missa distingue, estes dias, as igrejas católicas de Campos, 272 quilômetros ao norte da cidade do Rio de Janeiro. Desde terça-feira, boa parte dessas igrejas, onde a missa é rezada em português e os padres seguem as orientações do Concílio Vaticano II, tem faixas que assinalam, "com fé e alegria", a chegada, hoje, de seu novo bispo, dom João Corso.

Nas igrejas dos tradicionalistas, porém, é como se nada acontecesse. Seus 25 padres, também convidados para sagração e posse de dom João, decidiram não comparecer à cerimônia e ainda enviar a ele uma exposição dos motivos que, segundo alegam, os obrigam a rezar a missa em latim e os impedem de aderir à Igreja pós-conciliar.

As divergências, em verdade, deixam os padres de Campos bem longe de uma reconciliação. Os que apoiam o papa entendem que seria um absurdo renegar a doutrina do Vaticano II — a essência está na abertura da Igreja às outras religiões e ao mundo moderno; os tradicionalistas partem do princípio de que fora da Igreja não há salvação e, por isso, exigem a revogação de grande parte das normas conciliares.

Só num propósito as duas alas aparentam união: construir o maior número possível de templos, para abrigar seus fiéis. Mas, até nesse ponto, os padres de Campos não parecem muito afinados. Para o porta-voz dos tradicionalistas, padre Fernando Arêas Rifan, de 40 anos, o melhor argumento para afirmar a superioridade de sua força está na construção de igrejas.

Só na diocese campista — considerada a capital do tradicionalismo católico brasileiro —, ele lembra que, nos últimos anos, foram construídos cinco templos (igrejas do Terço, de São José, de Nossa Senhora de Fátima e de São Geraldo e Centro Catequético Nossa Senhora do Rosário de Fátima) e outro deverá ser iniciado no próximo ano, junto com um colégio de quatro pavimentos e uma casa de retiros. "As igrejas que temos não bastam para atender aos católicos que preferem a missa tridentina", explica.

Padre Rifan diz ainda que nos outros municípios da diocese de Campos (11.901 quilômetros quadrados de área e limites que vão da arquidiocese de Juiz de Fora às dioceses de Cachoeiro do Itapemirim (ES), Caratinga e Leopoldina (MG) a Nova Friburgo) é onde cresce mais o número de adeptos e se constroem mais igrejas.

Entre as maiores, concluídas ou em fase final de construção, estão duas dedicadas a Nossa Senhora das Graças (uma em Natividade e outra em Varre-Sai); a de Santo Antônio, em Santo Antônio de Pádua; a de Nossa Senhora Aparecida, em Porciúncula; a do Imaculado Coração de Maria, em Bom Jesus do Itabapoana; a de São Fidélis, em São Fidélis; e a do Imaculado Coração de Maria, em Cardoso Moreira.

O administrador diocesano de Campos, monsenhor Joaquim Ferreira Sobrinho, de 54 anos (ele responde pela diocese desde julho, quando dom Carlos Alberto Navarro assumiu a arquidiocese de Niterói), também fala de algumas igrejas que os padres conciliares construíram, ou começaram a construir, nos últimos anos: uma na paróquia de São Mateus, outra no Conjunto Residencial do INPS, uma terceira no Colégio Dom Bosco, outra ainda no município de Miracema e mais três no de Guarus.

Monsenhor Joaquim Ferreira Sobrinho, no entanto, não cita esses números com grande entusiasmo. "Uma igreja a mais ou a menos, isso pouco acrescenta", diz. Segundo ele, "para a causa de Deus e o bem maior das pessoas, o mais importante mesmo é construir a Igreja-gente".

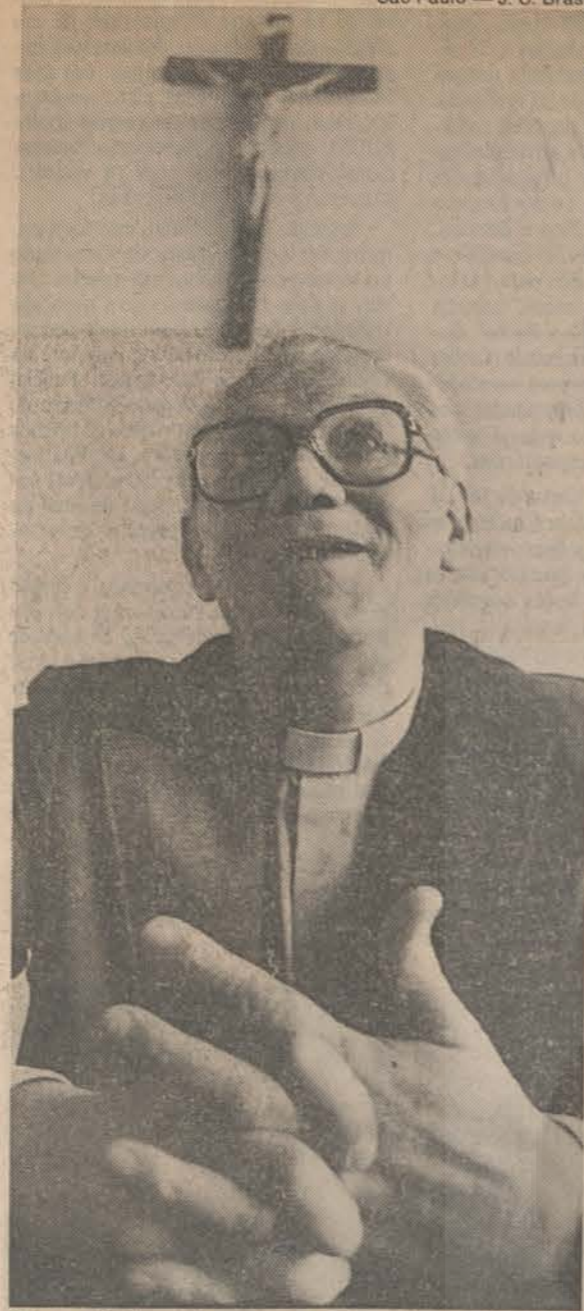
E é seguramente na construção dessa Igreja que reside a causa de maior desgaste e conflito entre as duas correntes. Padre Rifan gosta de falar de sua obra social nas favelas Baleeira e Oriente — onde, segundo diz, distribui diariamente um litro de leite a cada uma das 150 famílias assistidas — e do trabalho de evangelização que desenvolve na zona rural, através de 20 centros de catequese. Fala também, com grande esperança, do que significam para a Igreja tradicionalista os 12 seminaristas que estudam no Centro de Maria Imaculada e seis outros que cursam Filosofia e Teologia, na Argentina.

Para o monsenhor Fernando — ele não esconde a satisfação com a ordenação, ainda este ano, de dois padres conciliares e mais dois no final do próximo ano, além de contar com os 45 que estão a serviço, enquanto os tradicionalistas não passam de 25 —, o grande desafio é a salvação do homem todo e de todos os homens. E, para isso, segundo diz, aí está o Vaticano II: "Quem entender e viver o espírito do Concílio certamente estará mais em condições de viver melhor o catolicismo, com todos os seus ritos e a vivência do dia-a-dia, do que se não houvesse o Concílio."

JORNAL DO BRASIL

je um novo bispo

foi excomungado e 25 padres divergem do papa



Dom João: abertura e busca do diálogo

A busca do diálogo sem trair princípios

SÃO PAULO — “Minha postura”, disse ontem dom João Corso, “é de abertura e de busca do diálogo”. Mas, para ele, estar aberto ao diálogo não significa abrir mão de seus princípios e de suas convicções e a principal delas é exatamente a obediência ao Vaticano. O primeiro sinal de que não pretende ignorar nem abertura nem diálogo, dom João Corso fez questão de anunciar logo na primeira entrevista: os 25 padres tradicionalistas, que se recusam a obedecer ao papa, e o ex-bispo excomungado, dom Antônio — 86 anos e acamado há três meses, com “o coração enfraquecido”, segundo o enfermeiro e padre Licínio Rangel — receberam convite para assistir à ordenação e posse.

“Se dom Antônio me receber, é claro que vou visitá-lo”, adiantou dom João Corso. Aos cinco anos, quando ainda morava na pequena Mirassol, 463 quilômetros a noroeste da cidade de São Paulo, ele revelou o primeiro indicio da vocação: ao avistar o bispo de São José do Rio Preto, rodeado de coroinhas, concluiu que “também queria ser *bispinho*”. O desejo se realizou de uma forma que nem ele mesmo esperava — aos 62 anos, dom João Corso se prepara para executar uma tarefa que, no mínimo, exigirá muita habilidade. Hoje, será ordenado bispo e assumirá a diocese de Campos, onde está concentrado o maior número de padres tradicionalista do país.

Sem nunca ter sequer visitado Campos, dom João Corso chegará lá sem preconceitos. Como bom salesiano, pretende seguir à risca um ensinamento de Dom Bosco, fundador da ordem: “Empenhe-se para se fazer amado.” Com esse pensamento, tentará unificar a diocese e promover a reconciliação entre o Vaticano e os 25 padres que se afastaram do papa e apóiam o ex-bispo — dom Antônio de Castro Mayer foi excomungado em meados de 1988, quando participou da sacração de quatro bispos tradicionalistas, junto com o ultra-conservador dom Marcel Lefèbvre, em Écone, na Suíça.

Cauteloso, dom João Corso se esquivava de responder a perguntas que possam comprometer seu relacionamento com os tradicionalistas, alegando o desconhecimento da realidade da diocese. “Hoje se fala muito de ecumenismo (diálogo com adeptos de diferentes religiões). Por que então não praticar o ecumenismo com esses padres?”, questiona.

Dom João Corso é considerado um mestre em Direito Canônico, além de ter-se formado em Sociologia. Há nove anos e meio, este paulista de Cajobi, a 417 quilômetros da cidade de São Paulo, transferiu-se para Roma, onde lecionava Direito Penal, Processual e Civil Comparado na Universidade Pontifícia Salesiana. Há cinco anos, tornou-se juiz do Tribunal Papal da Rota Romana — o supremo tribunal da Igreja, que julga causas judiciais.

■ RELIGIÃO

9-12-90 FW

Dom Eugenio de Araujo Sales*

Diz a Sagrada Escritura: “Há tempo de calar e tempo de falar” (Sirácida 3,7). A muitos cristãos se aplica essa advertência bíblica. Ao entrar em certos templos, o modo como alguns procedem revela falta de Fé na presença eucarística e desconhecimento das exigências de um lugar sagrado. Dentro, continuam o entretenimento iniciado fora, na rua, como se tudo fosse banal. Outras vezes, a paleta, mesmo a meia voz, serve de passatempo, enquanto aguardam o ato litúrgico. A casa de oração é transformada em lugar de conversação. E isso acontece também entre pessoas que deveriam servir de exemplo.



Mais grave ainda, quando esse comportamento ocorre durante celebrações religiosas. Importa valorizar o silêncio nessas ocasiões e lugares. Ele também significa nossa condição de pecador. É o que se deduz dessa passagem de São Paulo, na Epístola aos Romanos (3,19): “Toda a boca se cale e o mundo inteiro se reconheça réu em face de Deus”.

O Senhor no Sacrário das igrejas pede o recolhimento pessoal e da comunidade. Há muitas outras oportunidades de os homens se encontrarem. No templo o relacionamento é com Deus. Manifesta-se de vários modos, pela genuflexão bem-feita diante do Santíssimo, pela postura corporal, aproveitamento do tempo com a oração e, em particular, com a homenagem que a criatura presta ao Criador, guardando o silêncio respeitoso nos atos religiosos ou fora deles. Lemos no Evangelho de São Lucas

(9,36) que, ao ser revelada a divindade de Cristo na transfiguração do Tabor, “os discípulos mantiveram silêncio”.

O profeta Habacuc (2,20) nos adverte: “O Senhor reside na sua santa morada. Cale-se toda a terra diante dele”. Sofonias (1,7) insiste no mesmo sentido: “Silêncio na presença do Senhor”. Em outras passagens a Sagrada Escritura insiste nesse tema.

Um fator que induz à infração de tal dever diante de Deus nos lugares sagrados — e, principalmente, na ocasião das cerimônias — é o esforço por promover uma vivência comunitária. Como a prática religiosa, antes do Concílio Vaticano II, se ressentia de uma forte influência individualista, busca-se expandir uma visão mais conforme à própria natureza da Igreja. Formamos um só corpo, cuja cabeça é Cristo. Nossas ações devem refletir essa perspectiva, não ficando, assim, reduzidas a atitudes isoladas.

Para alcançar esse objetivo recomenda-se, exageradamente, o que diz respeito ao próximo. Não se excluiu dessas atitudes o templo e o que nele ocorre. Com boa vontade, embora mal disciplinada, foram sugeridas ruidosas manifestações estranhas às justas aclamações, aliás previstas pelas normas litúrgicas. Nesse campo é fácil passar do correto ou razoável para o excesso. Este impede o clima de oração e ofende a santidade do lugar, o que é bem diverso de uma entusiástica participação, no júbilo coletivo, por razões piás. Essa matéria, evidente-

mente, não se mede pelo ruído, mas pelos motivos que provocam. A glória de Deus merece calorosos aplausos, como exige a supressão até de murmúrios, quando profanos.

Essas considerações nos levam a especificar algumas circunstâncias para melhor compreensão. Na Santa Missa, o momento da paz por vezes se converte em balbúrdia inaceitável. Pelas diretrizes litúrgicas, essa saudação é feita aos mais próximos. Em algumas igrejas, os excessos levam a uma agitação generalizada entre os participantes. O ambiente sagrado, imediatamente antes da Santa Comunhão, é prejudicado.

Certos cânticos podem ser classificados como oportunos, em festejos e outros lugares que não o templo sagrado. O Santo Sacrifício não é ocasião para protestos político-ideológicos, através de canções. Igualmente, a “Oração dos Fiéis” não se destina a um momento de crítica ou

de difundir determinadas posições, à margem da sacralidade do ato que se realiza.

Os batizados e, principalmente, a celebração do casamento são, não raras vezes, uma real profanação do lugar sagrado. Qualquer pessoa que possua mediana educação doméstica — nem direi religiosa — jamais terá um comportamento não condizente com o ato e a Casa de Deus. Mesmo desprovido de Fé, possuindo bom senso e respeito aos sentimentos do próximo, assumirá uma atitude respeitosa ao lugar onde se en-

A hora de calar

Ao penetrar nos umbrais da Casa do Senhor, por mais humilde e pobre que seja, tenhamos presente a grandeza espiritual do lugar

Ao penetrar nos umbrais da Casa do Senhor, por mais humilde e pobre que seja, tenhamos presente a grandeza espiritual do lugar.

Um outro recurso é ter bem viva a responsabilidade de dar um exemplo cristão ao próximo, principalmente às crianças e pessoas afastadas da Fé ou alheias a ela. Esse trabalho educativo cabe, de modo especial, aos que se acham naturalmente vinculados à Igreja. Esse comportamento é mais eloquente que uma exortação ou apelo.

Muitos poderiam perguntar por que tratar desse assunto, quando há outros, aparentemente, de maior gravidade e importância. A resposta é simples: tudo o que se refere a Deus é valioso e oportuno. Além disso, o cuidado com as necessidades materiais do nosso próximo será mais eficaz quando elas estão vinculadas ao seu progresso espiritual. Este é um alicerce sólido sobre o qual se possibilita a edificação de uma obra social duradoura e eficaz.

Louvemos ao Senhor com os lábios e também com o coração na Casa de Deus. Esta é uma eloquente manifestação de nossa Fé.

* Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro



sachsen

sachsen

sachsen

ristine Langenbach

ional

sachsen

r Sport

sachsen
sell

sachsen

s

Hbg

15/12/90 #48

Mensagem de vida

Luciano Mendes de Almeida

Nesta semana a Comissão Especial da Câmara dos Deputados analisou a proposta de plebiscito para a pena de morte, aprovando-a por sete votos a cinco. O presidente da Comissão tinha solicitado mais 40 sessões para ampliar a discussão de tema tão grave. A votação interrompeu o debate e causou surpresa. A questão da pena de morte deve ser avaliada com objetividade e à luz dos princípios maiores da dignidade da pessoa humana. Estamos, sem dúvida, concordes quanto à necessidade de frear a violência e salvaguardar a justiça e a segurança da sociedade, e estabelecer penas adequadas aos que desrespeitam a vida. No entanto, o dispositivo legal da pena de morte não é solução. Menos ainda é questão que se resolva por meio de plebiscito.

Desejamos a convivência justa e pacífica na sociedade, baseada na afirmação da dignidade da pessoa humana, cujo último fundamento está na relação ao próprio Deus. Deve-se, portanto, investir sempre mais no alicerce da vida familiar, na garantia de condições honestas para o desenvolvimento de cada cidadão. Trata-se de educar para o exercício da liberdade com pleno apreço à vida, respeito dos direitos dos outros e cumprimento dos próprios deveres.

Infelizmente, difunde-se sempre mais o materialismo prático, destituído de horizontes éticos, que destrói, aos poucos, o reconhecimento da dignidade da pessoa. Segue-se daí a supervalorização da dimensão econômica que leva à prática da violência e a sistemas de injustiças, que, com frieza, subordinam a vida a interesses egoístas e de lucro.

O importante é reconhecer a verdadeira causa da violência e dos desatinos na sociedade e não agravá-los com recurso a novas formas de violência.

A história recente demonstra que a introdução legal da pena de morte em nada diminuiu a multiplicação dos crimes. Pelo contrário, agravou-os. Além disso, a administração da Justiça torna-se difícil e com graves riscos de condenações falhas. O clima de aprovação da morte gera no seio da sociedade o recurso a formas desregradadas de aplicação da justiça pelas próprias mãos, instaurando a facilidade da vingança e a anomia em relação ao direito de viver.

A decisão deste problema não tem no plebiscito o instrumento adequado. Com efeito, na área do direito, valem a verdade e a força das razões. No plebiscito, o voto da maioria pode, como é sabido, ficar prejudicado pelo clima de emotividade, pelas influências do momento e sucumbir à falácia dos pseudo-argumentos. Pouco a pouco, veio crescendo em meio à população a permissividade diante do aborto, da atuação dos justiceiros, assassinos de menores e adolescentes, e a propensão ao linchamento. Daí, a necessidade premente de uma profunda ação educativa que ofereça a todos condições de redescobrir o apreço à dignidade da pessoa e a fidelidade às exigências éticas que pautam a convivência humana.

Acreditamos que os membros da Câmara dos Deputados serão os primeiros a reconsiderar a votação prematura da Comissão Especial e não de levar adiante a análise serena das razões que colocam a pena de morte entre as pseudo-soluções. A sociedade, que é formada no respeito aos valores morais, encontrará meios adequados para garantir a observância da lei e a segurança social, sem recorrer à destruição da vida.

O Natal de Jesus Cristo é mensagem de vida, que nos ensina a superar os mecanismos da morte e acreditar, com o auxílio de Deus, na força maior da justiça e da fraternidade.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

Igreja deve relembrar a importância da 'Rerum Novarum'

DOM EUGENIO SALLES

O Pontifício Conselho para a Justiça e a Paz, a pedido do Santo Padre, enviou com data de 15 de maio último uma Carta circular às Conferências Episcopais de todo o Mundo. Exatamente um ano antes do centenário da "Rerum Novarum", convidava as Igrejas particulares e se prepararem para tão importante evento. Merece destaque especial nesse pedido, a perenidade da Doutrina Social da Igreja que teve na Encíclica seu grande impulso, nos tempos modernos.

A referida Carta anunciava que nos dias 14 e 15 de maio de 1991 ocorrerá um Colóquio Internacional sobre aspectos do ensinamento do Magistério quanto à matéria.

Dentro dessas diretrizes, na última semana tratamos aqui do contexto histórico no qual surgiu o documento de Leão XIII e sua influência nos dias atuais.

Hoje, vamos respingar alguns temas que o caracterizam, isto é, seus fundamentos doutrinários.

Neles, Leão XIII retrata inicialmente "a situação de infortúnio e de miséria merecida" da classe operária: "O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada" (n. 5 e 6). Na sua densidade e concisão, essas linhas são talvez o melhor resumo da situação social do século XIX.

Responsabilizando o liberalismo individualista pela destruição das estruturas corporativas que protegiam os operários, Leão XIII repudia com vigor a proposta do coletivismo socialista, que só pode levar a consequências mais funestas (n. 22).

O Santo Padre não se limita a descartar os extremos inaceitáveis. Poucos se dão conta do fato de que a "Rerum Novarum" é pioneira em defesa da necessidade de uma política social, como dever do Estado e como direito dos operários. Para escândalo de muitos na época, o Papa exige a intervenção do Estado como responsável pelo bem-comum para garantir os legítimos interesses dos mais fracos: "A classe rica faz das suas riquezas uma espécie de baluarte e tem menos necessidade de tutela pública. A classe indigente, ao contrário, sem riquezas que a ponham a coberto das injustiças, conta principalmente com a proteção do Estado. Que o Estado se faça, pois, sob um particularíssimo título, a providência dos trabalhadores, que em geral pertencem à classe pobre" (n. 63-64).

Entretanto, o meio mais eficaz para a realização de uma política social é, segundo a Encíclica, a liberdade de organização das associações e dos sindicatos dos próprios interessados. O Po-

der público não pode persegui-los, dificultar seu funcionamento, mas, ao contrário, deve protegê-los e incentivá-los (n. 72).

O Pontífice traça depois um programa audacioso para a época, abrindo caminho para a fecunda evolução de uma legislação trabalhista. Ele abrange o acesso e a proteção da propriedade para todos, o direito de greve, o repouso dominical, a limitação da jor-

nada de trabalho, a justiça do salário para atender às necessidades pessoais, da família e até mesmo para constituir uma poupança. Tudo isto era profundamente inovador no final do século passado, em que a economia era sujeita à mecânica das leis do mercado e era quase impensável admitir uma ética a reger esse campo.

Por essas idéias a "Rerum Novarum" foi considerada, então, uma encíclica revolucionária. Era a Carta Magna do operariado, vítima das mais iníquas espoliações do chamado capitalismo selvagem. Se hoje a legislação social e trabalhista já fez consideráveis progressos, é preciso não esquecer que para tanto foi necessário que, há cem anos, um Papa escrevesse uma encíclica "sobre a condição do operário".

Hoje, não fazemos uma idéia adequada da enorme apreensão provocada pela Encíclica "Rerum Novarum". Até então, esses documentos se ocupavam de temas devocionais, de assuntos internos da disciplina da Igreja ou da defesa do dogma, dos direitos da Igreja ameaçados pelos movimentos crescentes do laicismo, do secularismo e do cientificismo triunfalista.

E neste contexto que literalmente explode uma encíclica cujo título é "Sobre a condição dos operários". Visivelmente diverso do socialismo marxista, dá diretrizes à correção das injustiças sociais reinantes. Foi um pronunciamento da mais alta autoridade moral e espiritual do Mundo. Sem sair de seu campo específico, traz aos homens a luz do Evangelho para iluminá-los em matéria tão relevante.

A "Rerum Novarum" foi inspiradora de todas as grandes encíclicas sociais que prolongaram e atualizaram sua mensagem: a "quadragésimo Anno", em 1931; a "Mater et Magistra", em 1961; a "Populorum Progressio", em 1967; a Carta Apostólica "Octogésima Adveniens", em 1971; a "Laborem Exercens", em 1981; a "Sollicitudo Rei Socialis", em 1987.

Ela foi a fonte de onde se alimentou uma imensa variedade de movimentos sociais. O próprio "Tratado de Versailles", no seu capítulo 20 sobre o trabalho, de nove dos princípios enunciados, seis procedem diretamente da "Rerum Novarum".

O cerne da preparação ao centenário desta Encíclica, em 15 de maio do próximo ano, consiste na difusão das idéias nela contidas. E, ainda mais, o esforço em aplicá-las, devidamente atualizadas pelos documentos que seguiram sua esteira. O direito de greve, por exemplo, que é reconhecido como meio último de legítima defesa ("Octogésima Adveniens", n. 14). Aliás, nessa matéria há abusos, entre nós, que não podem ser creditados ao ensinamento da Igreja.

Os problemas sociais, para nós cristãos, sejam tratados como uma decorrência da ordem espiritual. Aí está o divisor de águas: uns subordinam o sobrenatural ao temporal, outros, motivados pelo Evangelho, lutam pela implantação do Reino à realidade presente, observada uma hierarquia de valores. Não são esses os conservadores, mas os verdadeiros promotores do progresso conforme Jesus Cristo.

CEDE

IM

Institut für Brasilienkunde
KI-BR 101.7
Bibliothek

03.10.10

Bibliothek
18 248
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

Institut für Brasilienkunde

